

Relatório de Análise Paisagística



2ª FASE – IDENTIFICAÇÃO DAS SUBUNIDADES DE PAISAGEM



Elaborado por:



CEAA/ESAP



Financiado por:





Apresentação

O presente relatório, elaborado no âmbito da 2ª fase do Plano de Paisagem das Terras de Coura, analisa a evolução das diversas componentes da *paisagem*, visando a identificação das Subunidades de Paisagem que constituem o território municipal de Paredes de Coura.



Índice

Capítulo 1 – Introdução	15
Capítulo 2 – Análise dos componentes da paisagem	21
2.1 - A paisagem minhota	22
2.2 - Estrutura funcional e planeamentoterritorial.....	24
2.3 – Componentes abióticos e bióticos	32
2.4 - Componente cultural	88
2.4.1 – Evolução da ocupação humana e da paisagem	89
2.4.2 – Formas de povoamento e ocupação humana actual	106
2.4.3 - Perfil económico do território.....	127
2.4.4 - Formas de habitar	146
Capítulo 3 – Percepção e valorização da paisagem	171
3.1 – Análise visual da paisagem	171
3.2 - Frequência de utilização e acessibilidade	219
3.3 – Representação artística da paisagem	241
Capitulo 4 – Esboço das Subunidades de Paisagem	255
Bibliografia	269
Equipa técnica	280
Anexo – Cartografia temática	281

Índice de Figuras

Figura 1 - Divisão administrativa por freguesias e respectiva área	26
Figura 2 - Hipsometria	34
Figura 3 - Festos e Talvegues	35
Figura 4 – Sequencia de fotografias referentes à largura dos canais da bacia hidrográfica do rio Coura	38
Figura 5 – Unidades Geomorfológicas de Paredes de Coura	40
Figura 6 – Processo de quantificação da geodiversidade, aplicado ao sector proximal a Chavião	42
Figura 7 – Carta da Geodiversidade de Paredes de Coura	43
Figura 8 - Temperatura	46
Figura 9 - Precipitação	46
Figura 10 - Zonas Climáticas Homogéneas em Paredes de Coura	47
Figura 11 - Rede Natura em Paredes de Coura	51
Figura 12 - Plantas invasoras – Avistamentos	52
Figura 13 - Rede Natura 2000 e Paisagem Protegida do Corno de Bico	57
Figura 14 - Exemplo Teórico de uma Série de Vegetação (Costa et al. 1999)	59
Figura 15 - Vegetação Actual de Paredes de Coura (baseado na COS'07)	66
Figura 16 - Esboço da Vegetação Natural Potencial de Paredes de Coura	67
Figura 17 - COS2007 – Nível de desagregação 1 e 2	84
Figura 18 - Matos densos	86
Figura 19 - Florestas puras de folhosas	86
Figura 20 - Sistemas culturais e parcelares complexos	86
Figura 21 - Florestas mistas de resinosas com folhosas	86
Figura 22 - Culturas temporárias de sequeiro	87
Figura 23 - Tecido urbano	87
Figura 24 - Pré-História	98
Figura 25 - Proto-História	98
Figura 26 - Época Romana	98
Figura 27 - Idade Média (com Caminho Santiago)	98
Figura 28 - <i>Mapa da Província D'entre Douro E Minho... De Par Com As Indicações Economico-Políticas Tudo Para Servir À Regulação Das Comarcas Da Mesma Província, E Outros Objectos De Utilidade Publica / Por Costodio Jozé Gomes De Villas-Boas – 1794 a 1795</i>	103
Figura 29 - Densidade populacional por sub-secção estatística	107
Figura 30 - Distribuição do povoamento	111
Figura 31 - Vilares (CNIG 1995)	114
Figura 32 - Vilares (Bing 2012)	114
Figura 33 - Chavião (CNIG 1995)	114
Figura 34 - Chavião (Bing 2012)	114
Figura 35 - Formariz (CNIG 1995)	115
Figura 36 - Formariz (Bing 2012)	115
Figura 37 - População Residente nas principais vias	116
Figura 38 - População Residente fora das principais vias	117
Figura 39 - Vila de Paredes de Coura, 2012	122
Figura 40 - <i>Planta de uma porção de terreno comprador a António Pereira da Cunha, em 1883</i>	123
Figura 41 - Evolução urbana da Vila entre 1949 e 2016 (ARU, 2015)	125
Figura 42 - Exportações por município - 2013 a 2015	128
Figura 43 - Mapa de pormenor - Sub-parque de Picoto-São Silvestre	131
Figura 44 - Pedreira do Fojo em Ferreira	131
Figura 45 - Distribuição espacial e temporal de áreas ardidas (2005 a 2014*)	133
Figura 46 - Percurso da IV Via, localização actual dos miliários e seus locais de origem	143
Figura 47 - <i>Mapa Tipológico</i> do Entre Douro e Minho	148
Figura 48 - Planta da Torre do Outeiro	149
Figura 49 - Localização das Igrejas e Capelas	158
Figura 50 - Moinhos, Azenhas, Engenhos em Paredes de Coura	162
Figura 51 - Serração associada à moagem e casa do proprietário - S Martinho do Coura	163
Figura 52 - Planta de uma unidade hidráulica com engenho de serração de duas serras e duas moendas - Rubiães	163
Figura 53 - Dois casais de mós - Rubiães	163
Figura 54 - Aspecto geral de um engenho em Padornelo	163
Figura 55 - Localização dos miradouros	173
Figura 56 - Localização dos parques de merendas	174
Figura 57 - Localização dos percursos automóveis	175
Figura 58 - Localização dos percursos pedestres	175
Figura 59 - Visibilidades a partir da A3	177

Figura 60 - Visibilidades a partir da EN201.....	177
Figura 61 - Visibilidades a partir da EN301.....	178
Figura 62 - Visibilidades a partir da EN303.....	178
Figura 63 - Visibilidades a partir da EN306.....	179
Figura 64 - Visibilidades a partir da EM514.....	179
Figura 65 - Visibilidades a partir da EM509.....	180
Figura 66 - Visibilidades a partir da EM519.....	180
Figura 67 - Visibilidades a partir do percurso pedestre - Travessia Alto Coura.....	182
Figura 68 - Perfil altimétrico da Grande Rota - Travessia do Alto Coura.....	182
Figura 69 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Corno de Bico.....	183
Figura 70 - Perfil altimétrico do trilho de Corno do Bico.....	183
Figura 71 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho do Alto dos Morrões.....	184
Figura 72 - Perfil altimétrico do trilho do Alto dos Morrões.....	184
Figura 73 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Varanda do Coura.....	185
Figura 74 - Perfil altimétrico do trilho do Varanda do Coura.....	185
Figura 75 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho dos Moinhos.....	186
Figura 76 - Perfil altimétrico do trilho dos Moinhos.....	186
Figura 77 - Trilho do Megalítico.....	187
Figura 78 - Perfil altimétrico do trilho do Megalítico de Vascões.....	187
Figura 79 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Aquilino.....	188
Figura 80 - Perfil altimétrico do trilho de Aquilino.....	188
Figura 81 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho dos Miliários.....	189
Figura 82 - Perfil altimétrico do trilho dos Miliários.....	189
Figura 83 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho dos Combatentes da Travanca.....	190
Figura 84 - Perfil altimétrico do trilho dos Combatentes da Travanca.....	190
Figura 85 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Pastor.....	191
Figura 86 - Perfil altimétrico do trilho Pastor.....	191
Figura 87 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Pia dos 4 Abades.....	192
Figura 88 - Perfil altimétrico do trilho Pia dos 4 Abades.....	192
Figura 89 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Chã da Burra.....	193
Figura 90 - Perfil altimétrico do trilho Chã da Burra.....	193
Figura 91 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho do Vale Escuro.....	194
Figura 92 - Perfil altimétrico do trilho Chã do Vale Escuro.....	194
Figura 93 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho das Lages Altas.....	195
Figura 94 - Perfil altimétrico do trilho das Lages Altas.....	195
Figura 95 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho das Garças.....	196
Figura 96 - Perfil altimétrico do trilho das Garças.....	196
Figura 97 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho da Boalhosa.....	197
Figura 98 - Perfil altimétrico do trilho da Boalhosa.....	197
Figura 99 - Visibilidades a partir do Miradouro – Chã do Bento.....	199
Figura 100 - Visibilidades a partir do Miradouro – Giesteira.....	200
Figura 101 - Visibilidades a partir do Miradouro – Senhora da Pena.....	201
Figura 102 - Visibilidades a partir do Miradouro – S. Silvestre.....	202
Figura 103 - Visibilidades a partir do Miradouro – Alto do Castro.....	203
Figura 104 - Visibilidades a partir do Miradouro – Corno de Bico.....	204
Figura 105 - Visibilidades a partir do Miradouro – Penedo das Vistas.....	205
Figura 106 - Visibilidades a partir do Miradouro – Penedo do Rebolinho.....	206
Figura 107 - Visibilidades a partir do Miradouro – Santa Rita.....	207
Figura 108 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Alto de Castro.....	209
Figura 109 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Penedo Rebolinho.....	210
Figura 110 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Chã do Bento.....	210
Figura 111 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Angústias.....	211
Figura 112 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Casal.....	211
Figura 113 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Castanheira.....	212
Figura 114 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – CEIA.....	212
Figura 115 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Corno de Bico.....	213
Figura 116 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Cristelo.....	213
Figura 117 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Lagoa Salgueirinha.....	214
Figura 118 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – EN306.....	214
Figura 119 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Sequeira.....	215
Figura 120 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Sr. de Irijó.....	215
Figura 121 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Senhora da Pena.....	216
Figura 122 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – S. Silvestre.....	216
Figura 123 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Vascões.....	217
Figura 124 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Capela de Chavião.....	217

Figura 125 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Santa Rita (Santa Cristina).....	218
Figura 126 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Largo da Chão (Rubiães).....	218
Figura 127 - Análise de acessibilidades.....	223
Figura 128 - Separador dedicado ao Plano de Paisagem das Terras do Coura, na página de internet do município.....	226
Figura 129 – Bloco de questões 0 - relacionadas com a caracterização dos participantes.....	228
Figura 130 – Bloco de questões 1 – emoção provocada e percepção geral da paisagem.....	231
Figura 131 – Bloco de questões 2 - Percepção sobre o estado de paisagens e utilização.....	232
Figura 132 – Bloco de questões 3 - importância atribuída e impacte de certas actividades na qualidade da paisagem.....	237
Figura 133 - Unidades de Paisagem da Região Norte.....	258
Figura 134 - Limites da Unidades de Paisagem 2.....	259
Figura 135 - Carta das Unidades de Paisagem do POPPCB.....	260
Figura 136 - Subunidades de Paisagem.....	262

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Valores padrão relativos à largura dos canais analisados.....	38
Tabela 2 – Relação da VNP vs. Características Bioclimáticas e Metodologia Aplicada na Cartografia..	59
Tabela 3 – Séries de Carvalhais Mesófilos já Referenciadas na Bibliografia para os Territórios Courenses.....	68
Tabela 4 – Comunidades Aquático-Turfófilas Presentes em Paredes de Coura.....	74
Tabela 5 - Variação populacional por freguesia 2001/2011.....	108
Tabela 6 - Listagem dos Alojamentos Locais.....	139
Tabela 7 - Listagem dos Empreendimentos Turísticos.....	139
Tabela 8 - Zona de Caça em Paredes de Coura.....	140
Tabela 9 - Percursos Pedestres no concelho.....	143
Tabela 10: Classes de ocupação do solo e respectivos incrementos de cota.....	172
Tabela 11 - Percurso automóvel: síntese das visibilidades.....	176
Tabela 12 - Percurso pedestre: síntese das visibilidades.....	181
Tabela 13 - Miradouros: síntese das visibilidades.....	198
Tabela 14 - Parques de merendas: síntese das visibilidades.....	209
Tabela 15 - Usos do solo e frequência em Paredes de Coura.....	220
Tabela 16 - Momentos de divulgação e sensibilização.....	225
Tabela 17 - Síntese das sessões de participação.....	228
Tabela 18 - Respostas no campo “Outros”.....	239
Tabela 19 - Grelha de Factores Caracterizadores da Paisagem.....	266

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - COS2007 – Nível de desagregação 4.....	85
Gráfico 2 - Evolução da distribuição das diferentes categorias de ocupação do solo entre 1990 e 2007.....	87
Gráfico 3 - Evolução do número de habitantes em Paredes de Coura.....	109
Gráfico 4 - População empregada por sector de actividade.....	128
Gráfico 5 - Variação da composição da SAU.....	129
Gráfico 6 - Evolução do efectivo animal da exploração agrícola.....	130
Gráfico 7 - Evolução do peso das despesas dos municípios na protecção da Biodiversidade e Paisagem no total das despesas com a Protecção do Ambiente.....	136
Gráfico 8 - Caracterização dos participantes segundo o município de residência por acção de participação.....	229
Gráfico 9 - Participantes por freguesia de Paredes de Coura.....	229
Gráfico 10 - % Participação por grande grupo etário.....	230
Gráfico 11 - % Participação por grupo etário.....	230
Gráfico 12 - % de participação por sexo.....	230
Gráfico 13 - Resultados à questão 1 - <i>As paisagens quando são visitadas ou contempladas provocam emoções. O que lhe sugere a paisagem de Paredes de Coura?</i>	231
Gráfico 14 - Questão 1 - Resultados por público-alvo.....	232
Gráfico 15 - Questão 2.1 - Percepção sobre o estado de paisagens.....	233
Gráfico 16 - Questão 2.1 – Resultados por público-alvo.....	234
Gráfico 17 - Questão 2.2 – Frequência de utilização das paisagens.....	234
Gráfico 18 - Questão 2.2 – Tipologia e frequência de actividades por tipo de paisagem.....	235

Gráfico 19 - Questão 2.2 – Atividades múltiplas por tipologia de paisagem.....	236
Gráfico 20 - Questão 2 - Relação entre estado de paisagem e actividades desenvolvidas.....	236
Gráfico 21 - Q3 – Número de respostas por questão	238
Gráfico 22 - Questão 3.....	239

Índice de Fotografias

Foto 1 - Cães de blocos graníticos	32
Foto 2 - Afloramentos rochosos	32
Foto 3 - Paisagem Courense	33
Foto 4 - Orla de bosque caducifólio, com carvalhos e azevinhos	49
Foto 5 - Povoado de Cristelo	95
Foto 6 - Povoado de Cossourado	95
Foto 7 - Miliários da Quinta do Crasto	97
Foto 8 - Via Romana XIX	97
Foto 9 - Ponte de Rubiães	99
Foto 10 - Ocupação do território a partir do miradouro do Corno do Bico	112
Foto 11 - Ocupação de linha de feito, perspectiva geral.....	113
Foto 12 - Ocupação de linha de feito, Lugar de Gaviães	113
Foto 13 - Campos	118
Foto 14 - Campos	118
Foto 15 - Paisagem florestal, agrícola e “urbana”	119
Foto 16 - Paisagem agro-florestal.....	120
Foto 17 - Vista da Rua Conselheiro Miguel Dantas	126
Foto 18 - Vista do Largo Hintze Ribeiro	126
Foto 19 - Incêndio em área de pinhal	134
Foto 20 - CEIA - Edifício principal	136
Foto 21 - Área destinada a pesca desportiva no Rio Coura.....	137
Foto 22 - Parque de Pesca "Casa de Xisto"	138
Foto 23 - Sinalética da Via Romana XIX.....	143
Foto 24 - Festival de Paredes de Coura	144
Foto 25 - Torre do Outeiro, Linhares, 1951.....	149
Foto 26 - Casa de Santa Ana de Seara de Quintão.....	149
Foto 27 - Solar das Antas	149
Foto 28 - Casa do Outeiro.....	149
Foto 29 - Casa do Outeiro.....	149
Foto 30 - Casa Grande de Romarigães	150
Foto 31 - Casa Grande de Romarigães Capela da Sr ^a do Amparo	150
Foto 32 - Casa da Quinta de Vermoim	150
Foto 33 - Casa da Quinta de Vermoim	150
Foto 34 - Casa do Brandão.....	150
Foto 35 - Casa do Brandão.....	150
Foto 36 - Casa de Lavoura, em Rubiães	151
Foto 37 - Casa de Lavoura, em Castanheira	151
Foto 38 - Habitação popular, em Parada	151
Foto 39 - Habitação popular, em Insalde	151
Foto 40 - Casa de Gonta, em Castanheira	153
Foto 41 - Casa de Gonta, em Castanheira	153
Foto 42 - Capela de São Gonçalo, Parada	154
Foto 43 - Capela de São Gonçalo, Parada	154
Foto 44 - Igreja Paroquial de Cristelo	155
Foto 45 - Igreja Paroquial de Vascões.....	155
Foto 46 - Capela de São Bento da Porta Aberta.....	156
Foto 47 - Capela de Nossa Senhora Livramento	156
Foto 48 - Capela do 'Ecce-Homo'	156
Foto 49 - Igreja de Agualonga.....	156
Foto 50 - Capela da Casa do Crasto	157
Foto 51 - Igreja Paroquial de Formariz	157
Foto 52 - Igreja Paroquial de Infesta.....	157
Foto 53 - Igreja Paroquial de Bico.....	159
Foto 54 - Igreja paroquial de Bico	159
Foto 55 - Edifício da Antiga Cadeia	160
Foto 56 - Espigueiro de granito e madeira	161
Foto 57 - Espigueiro de madeira	161

Foto 58 - Moinho em ruínas com duas moendas - Rubiães.....	164
Foto 59 - Moinho em Castanheira.....	164
Foto 60 - Moinho em Ruínas, entre Castanheira e Bico.....	165
Foto 61 - Moinho em Cristelo.....	165
Foto 62 - Muros de suporte.....	165
Foto 63 - Muro divisório - Floresta.....	165
Foto 64 - Muro divisório - Leiras.....	165
Foto 65 - Meda de palha milha.....	166
Foto 66 - Ramada envolvente à Casa.....	166
Foto 67 - Leiras.....	167
Foto 68 - Leiras.....	167
Foto 69 - Levadas.....	167
Foto 70 - Ponte.....	167
Foto 71 - Tanque em Largo, Giesteira.....	168
Foto 72 - Largo de S. Francisco.....	168
Foto 73 - Tanque comunitário.....	168
Foto 74 - Tanque comunitário.....	168
Foto 75 - Eira Comunitária de Porreiras.....	168
Foto 76 - Exemplo de percurso automóvel – EN301.....	176
Foto 77 - Carvalho (associação <i>Quercus robur</i>) em Corno do Bico.....	181
Foto 78 - Sinalética – Grande Rota Travessia do Alto Coura.....	182
Foto 79 - Perspectiva a partir do trilho do Corno de Bico.....	183
Foto 80 - Gado no trilho Alto dos Morrões.....	184
Foto 81 - Perspectiva a partir do trilho Varanda do Coura.....	185
Foto 82 - Perspectiva a partir do trilho dos Moinhos.....	186
Foto 83 - Campos – Trilho do Megalítico de Vascões.....	187
Foto 84 - Bouças e matos – Trilho de Aquilino.....	188
Foto 85 - Associação <i>Quercus robur</i> – Trilho dos Miliários.....	189
Foto 86 - Caminho em terra batida - Trilho dos Combatentes da Travanca.....	190
Foto 87 - Núcleo rural – Trilho do Pastor.....	191
Foto 88 - Caminho rural – Trilho Pia dos 4 Abades.....	192
Foto 89 - Casas com telhado em colmo – Trilho Chã da Burra.....	193
Foto 90 - Perspectiva a partir do Trilho Vale Escuro.....	194
Foto 91 - Cascata – Trilho das Lages Altas.....	195
Foto 92 - Perspectiva a partir do Trilho das Garças.....	196
Foto 93 - Pastagens – Trilho da Boalhosa.....	197
Foto 94 - Exemplo de perspectiva panorâmica a partir do miradouro do Alto do Castro.....	198
Foto 95 - Exemplo de Miradouro - Alto do Castro.....	198
Foto 96 - Miradouro Chã do Bento.....	199
Foto 97 - Miradouro Giesteira.....	200
Foto 98 - Miradouro Senhora da Pena.....	201
Foto 99 - Miradouro S. Silvestre.....	202
Foto 100 - Miradouro Alto de Castro.....	203
Foto 101 - Miradouro Corno de Bico.....	204
Foto 102 - Miradouro Penedo das Vistas.....	205
Foto 103 - Miradouro Penedo do Rebolinho.....	206
Foto 104 - Miradouro Santa Rita.....	207
Foto 105 - Exemplo de Parque de Merendas – Alto do Castro.....	208
Foto 106 - Exemplo de Parque de Merendas – Alto do Castro – Perspectiva a partir do miradouro.....	208

Índice de Postais

Postal 1 - Vista geral da Villa de Paredes de Coura, 1910?.....	124
Postal 2 - Entrada da rua do Conselheiro Miguel Dantas, 1910?.....	124
Postal 3 - Largo do Conselheiro Hintze Ribeiro, 1910?.....	124
Postal 4 - Paredes de Coura, 1910?.....	124
Postal 5 - Ponte de Mantelães.....	160
Postal 6 - Nova Igreja Matriz da Vila de Paredes de Coura.....	250
Postal 7 - Rua Dr. Albano Barreiros- Paredes de Coura.....	251
Postal 8 - Uma lavrada.....	251
Postal 9 - Sanatório Presidente Carmona.....	252
Postal 10 - Cadeia Civil de Paredes de Coura.....	252
Postal 11 - Paços do Concelho e mais repartições públicas, 1910?.....	252
Postal 12 - Paços do Concelho, 1932.....	252

Postal 13 - Paredes de Coura, meados dos anos 80.....	252
Postal 14 - Paços do Concelho, 2014.....	252

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - “Paredes de Coura”.....	248
Ilustração 2 - “Uma beçada em Coura”.....	249
Ilustração 3 - “Carro de bois usado no Alto Minho”.....	249
Ilustração 4 - “Espigueiro ou Caniço”.....	249
Ilustração 5 - “Medas de palha milha”.....	249
Ilustração 6 – “Paisagem do Alto do Corno do Bico”.....	254
Ilustração 7 – “Igreja Românica S. Pedro de Rubiães”.....	254
Ilustração 8 – “Eira Comunitária e Espigueiros de Porreiras”.....	254
Ilustração 9 – “O Terreno Montanhoso é propício à prática da pastorícia”.....	254

Capítulo 1 – Introdução





Capítulo 1 – Introdução



Entrada da vila Paredes de Coura 1
Mudam-se os tempos, mudam-se as sociedades e, com elas, as paisagens 2.

O Plano de Paisagem das Terras de Coura foi desenvolvido no quadro da Convenção Europeia da Paisagem (CEP, 2000), ratificada pelo Estado Português em 2005, e pretende operacionalizar a estratégia nacional para a paisagem, preconizada na Política Nacional da Arquitectura e da Paisagem (PNAP), aprovada em Julho de 2015.

De acordo com os princípios basilares da Convenção Europeia da Paisagem – que a define como *“uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e humanos”*³ –, a paisagem é, em toda a parte, um elemento importante da qualidade de vida das populações, seja nas áreas urbanas ou rurais, nas áreas degradadas ou de grande qualidade ou, ainda, nas áreas consideradas notáveis ou naquelas que, simplesmente, integram espaços da vida quotidiana⁴.

Na sequência directa desta Convenção e da sua aplicação ao território nacional, o governo português definiu a Política Nacional da Arquitectura e da Paisagem, a qual estabelece as linhas orientadoras para a adopção de medidas específicas de protecção, gestão e ordenamento da paisagem a nível local, que a autarquia de Paredes de Coura, pretende implementar, a partir da elaboração de um Plano de Paisagem - motivo pelo qual levou a cabo a candidatura do *Plano de Paisagem das*

¹ Arquivo Municipal de Paredes de Coura: PT-MPCR-CPPCR-000035.

² Álvaro DOMINGUES, “A Paisagem revisitada”, *Finisterra*, XXXVI, 72, 2001, p. 65.

³ Artigo 1º da Convenção Europeia da Paisagem (CEP).

⁴ Preâmbulo da CEP.

Terras de Coura ao Norte 2020, Património Natural – Programa de valorização económica de recursos Endógenos.

Tal como refere Cancela de Abreu, consideramos que o primeiro passo para o desenvolvimento de políticas de paisagem é, sem dúvida, a identificação e caracterização das mesmas. E, de facto, têm vindo a ser desenvolvidas, em diversos países, metodologias para levar a cabo tal desiderato e para definir métodos de monitorização, bem como para formular medidas de gestão que assegurem a utilização racional dos recursos naturais e a multifuncionalidade da própria paisagem⁵.

Por esse motivo, foram, aqui, seguidos de perto, a produção dos estudos efectuados, fundamentalmente na última década, que vão ao encontro do que determina a Convenção Europeia da Paisagem. Incluem-se, aqui, os Planos de Paisagem desenvolvidos a nível local em França, Itália e, mais recentemente, em Espanha. Assim, neste projecto, feito, conjuntamente, com a Autarquia, os estudos de caracterização e identificação das subunidades do território de Paredes de Coura têm, como referências metodológicas, os planos já realizados ou em curso, em Espanha, quer na Região Autónoma da Galiza quer na Região Autónoma da Catalunha.

Não sendo nosso objectivo dissertar sobre a evolução do conceito nas suas diversas representações, como sejam as literárias, pictóricas ou as interpretações paisagísticas, consideramos, contudo, importante, desenvolver, nesta fase, a abrangência actual do conceito da paisagem. Recorremos, para o efeito, às palavras, sábias e simples, do Professor Gonçalo Ribeiro Telles⁶, para quem:

“A Paisagem é tudo. É um diagnóstico da organização humana do território. A paisagem não é natural. É construída com elementos naturais. É do Homem, como uma casa. O Homem faz a paisagem com materiais vivos e com solo duro. É uma construção artificial, baseada nas leis da natureza. Os seus elementos estão sujeitos

⁵DGOTDU – “Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental”, Volume I, 2004, p. 25.

⁶Luís CHAVES e Maria do Rosário ARANHA, “Pessoas e Lugares”, *in* *Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, Direcção de Cristina Cavaco, II série, nº 16, janeiro/Fevereiro 2004, pp. 4-5.

à Lei da Vida”. Portanto, há uma dinâmica e lógica da paisagem, da parte essencial da paisagem. Não podemos separar a paisagem e tratá-la como uma “coisa” para o turismo ou como um valor apenas de cenário”.

Partindo desta noção de paisagem e, tal como prevê a CEP, a elaboração do Plano de Paisagem das Terras de Coura *incide sobre as áreas naturais, rurais, urbanas e periurbanas, aplicando-se, tanto a paisagens que possam ser consideradas excepcionais, como a paisagens da vida quotidiana e a paisagens degradadas.*

No que se refere aos procedimentos necessários para o desenvolvimento do plano, estão previstos na CEP –e na metodologia implementada pela equipa, nas suas diversas fases-, actos de participação pública, tanto da população em geral e das autoridades locais, como de outros intervenientes interessados. Por esse motivo, para além da análise efectuada no capítulo 3, relativa à percepção e valorização da paisagem pela população, elaborou-se, nesta fase, um relatório autónomo referente à participação pública.

O presente relatório constitui, conforme referido anteriormente, um documento de sistematização, da análise relativa à evolução geral da paisagem no território de Paredes de Coura. Análise essa que fundamenta a identificação das dez subunidades de paisagem criadas, as quais serão, em sede de participação pública, discutidas quanto aos seus limites e designação - entre outros aspectos -, tendo em vista uma maior identificação das populações locais com as mesmas.

A cartografia que serviu para o estudo do território e para o esboço das subunidades de paisagem, corresponde ao Anexo 1 deste relatório, do qual faz parte integrante.

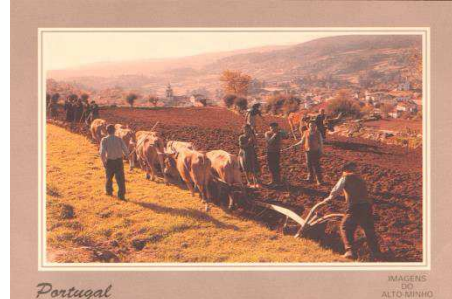


Capítulo 2 – Análise dos componentes da paisagem





Capítulo 2 – Análise dos componentes da paisagem



*Grande parte da identidade do país e da sua independência resultam da identidade cultural, tendo por factor fundamental a agricultura. A agricultura condiciona totalmente, é a matriz da paisagem total, da paisagem global.*⁸

O presente capítulo aborda diversos componentes da paisagem, como sejam os abióticos, bióticos, sociais, históricos, culturais e simbólicos, com o objectivo de estruturar o conhecimento do território, em elementos escritos e desenhados, capazes de sintetizar a informação e auxiliar na interpretação da paisagem, fundamentalmente, no que concerne à sua evolução, em função das transformações operadas.

O objectivo principal é, assim, perceber qual a transformação operada e a evolução ocorrida, nos solos rurais e urbanos, ou seja, nas paisagens agrícolas e florestais e, também, nas paisagens urbanas do concelho de Paredes de Coura.

⁷Arquivo Municipal de Paredes de Coura. PT-MPCR-CPPCR-000041.

⁸Luís CHAVES e Maria do Rosário ARANHA, "Pessoas e Lugares", *in* *Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, Direcção de Cristina Cavaco, II série, nº 16, janeiro/Fevereiro 2004, pp. 4-5.

2.1 - A paisagem minhota



*O Minho! O jardim de Portugal!*¹⁰

A paisagem tradicional dos vales minhotos e os seus traços de referência foram, até muito recentemente, conservados e responsáveis pela manutenção de valiosos recursos biofísicos. Na verdade, as *“práticas agrícolas tradicionais desenvolviam-se num ambiente de escassez, de ausência de tecnologias e de pleno aproveitamento e renovação dos recursos naturais em que tudo se aproveitava, tudo se reciclava em complexos sistemas de policultura que atingiram, frequentemente, um grau de complexidade e de equilíbrios notáveis”*¹¹.

Orlando Ribeiro¹², numa das muitas obras notáveis que escreveu, refere sobre esta região que: *“Nas terras altas a realidade altera-se à medida que a altitude aumenta. A paisagem vai-se transformando: a 600 ou 700 metros o milho deixa de ser o cereal dominante, dando lugar ao centeio ou ao milho-alvo; o pinheiro começa a rarear, substituído por manchas de carvalhos, castanheiros e vidoeiros brancos. A montanha do Minho revela uma existência biofísica e uma ocupação humana mais próximas das da região Transmontana do que propriamente ao clássico “Minho dos vales”, podendo a caracterização do Norte interior aplicar-se em grande parte às serras minhotas”*.

De facto, como refere Gonçalo Ribeiro Telles¹³, *“A paisagem é a herança do trabalho criativo de sucessivas gerações que criaram espaços de formas de*

⁹Leiras do Carvalhal, Ld.ª 2016.

¹⁰José Augusto VIEIRA, *O Minho Pitoresco*, Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1886. p12

¹¹Álvaro DOMINGUES, “Paisagens rurais em Portugal: algumas razões da polémica”, *in Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série*, vol. XIX, Porto, 2003, p. 115.

¹² Orlando RIBEIRO, *Geografia de Portugal - IV. A Vida Económica e Social*. 1ª Edição. Edições João Sá da Costa. Lisboa, 1991.

¹³Gonçalo Ribeiro TELLES, “A perdida Complexidade da Paisagem Portuguesa”, *in Jornal dos Arquitectos*. Nº 206, Maio/Junho de 2002, pp. 73-78.

Natureza indispensáveis à permanência da fertilidade, ao equilíbrio ecológico e à estabilidade física”.

No território de Paredes de Coura, tal como em muitos outros territórios rurais de Portugal, as actividades humanas de exploração dos matos, das pastagens e da madeira, proveniente dos baldios, a par da construção de complexos sistemas de captação e distribuição de água (rega de lima) para os lameiros (ou prados de lima) e para as regas de Verão, o arroteamento das encostas e a manutenção de pequenas parcelas de socalcos, a relação entre a estabulação e a produção de fertilizantes orgânicos, a mistura de espécies vegetais ou animais ou a escolha cuidadosa dos terrenos segundo a sua aptidão (humidade, sombreamento, característica edáficas, etc.), entre outras, compunham um sistema de saberes partilhados e de práticas onde se misturavam restos de comunitarismo (compartes nos baldios, consortes na distribuição das águas, vezeiros do gado, ...), de entreajuda e de sobrevivência familiar¹⁴.

Contudo, como refere Álvaro Domingues, *“A verdade é que, ignorados os dramas sociais da pobreza, da insalubridade, do analfabetismo, da emigração, da subnutrição (...), estes sistemas e modos de culturas garantiam a identidade das paisagens e elevados níveis de biodiversidade e qualidade, quer do que se produzia, quer dos recursos naturais mobilizados para essa produção”*¹⁵.

Aliás, é ainda possível reconhecer, em algumas das paisagens courenses, traços e memórias desses tempos. Nos lameiros, ainda é visível a rega de lima, nos cursos de água, ainda se avistam açudes (ou motas, como são conhecidos localmente) e, nas suas proximidades, jazem algumas ruínas de moinhos e engenhos de serração e de linho.

Tal como refere Pacheco, numa das suas crónicas, intitulada *Poça de Rande*¹⁶, aplicava-se à dita poça o direito determinado por usos e costumes (consuetudinário),

¹⁴ Álvaro DOMINGUES, “Paisagens rurais em Portugal: algumas razões da polémica” *in Revista da Faculdade de Letras – Geografia I*, série vol. XIX, Porto, 2003, pp. 115.

¹⁵ *Idem...*

¹⁶ José Augusto PACHECO, *Crónicas com Coura Dentro. Paredes de Coura*: Edição Azevinho, 2012, p. 105.

religiosamente respeitado por todos. O “tapar a poça”, o “destapar a poça”, “quando o homem está na tola”, nos dias certos da semana, distribuídos pelas pessoas (...), o “limpar a poça”.

Gonçalo Ribeiro Telles refere que *“As paisagens tradicionais portuguesas assentam nas “formas” culturais que promovem a fertilidade da região e a sua manutenção ao longo do tempo”*¹⁷.

2.2 - Estrutura Funcional e Planeamento Territorial



*“a formulação pelas autoridades públicas competentes para uma paisagem específica, das aspirações das populações relativamente às características paisagísticas do seu quadro de vida”*¹⁹

O território incluído no Plano de Paisagem das Terras de Coura abrange a totalidade do Município de Paredes de Coura. Este concelho corresponde a uma área de 138,2 km², repartidos por 16 freguesias. Localiza-se na Região Norte de Portugal (NUT II), na sub-região Minho-Lima (NUT III) e na Região Agrária de Entre Douro e Minho. A Norte faz fronteira com Valença (NO) e Monção, a Sul com o concelho de Ponte de Lima, a Este com Arcos de Valdevez e, a Oeste, confronta com Vila Nova de Cerveira.

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN), como serviço integrado no Ministério do Planeamento e das Infra-estruturas e tutelado em conjunto pelo Ministro do Ambiente, executa as políticas nacionais

¹⁷ Gonçalo Ribeiro TELLES, “A perda da Complexidade da Paisagem Portuguesa” *in* *Jornal dos Arquitectos*. Nº 206, Maio/Junho de 2002, pp. 74.

¹⁸ José Fernando Coelho de MOURA, “Anteplano de Urbanização de Paredes de Coura – Aditamento”; 1951

¹⁹ Convenção Europeia da Paisagem.

nestes domínios e procede à gestão dos programas comunitários provenientes de fundos da União Europeia para a Região Norte. A nível regional, o concelho de Paredes de Coura integra a Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho) conjuntamente com os municípios que correspondem à NUT III do Minho-Lima: Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo e Vila Nova de Cerveira.

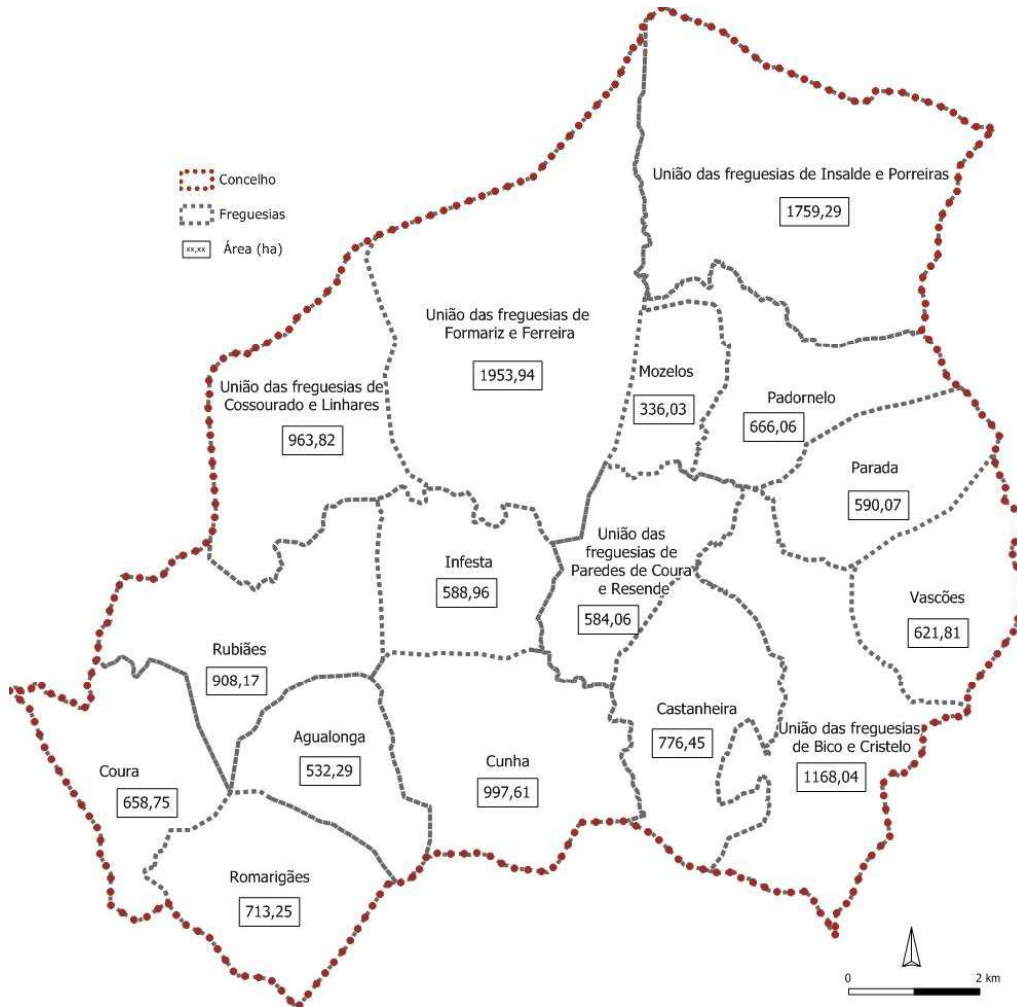
A *Terra de Coura*, administrativamente criada em 1515, recebeu, a 15 de Setembro, de 1875, de acordo com o decreto de formação da Comarca, a designação de Paredes de Coura. *“Como refere J. Caldas da Costa, passados estes séculos, o concelho de Coura permaneceu igual, nos mesmos limites e autonomias, ao contrário de muitos outros”*²⁰.

Ao nível das paróquias, continuam a substituir as antigas 21 freguesias (freguesias prévias à reforma administrativa de 2013), nomeadamente: Agualonga, Bico, Castanheira, Cossourado, Coura, Cristelo, Cunha, Ferreira, Formariz, Infesta, Insalde, Linhares, Mozelos, Padornelo, Parada, Paredes de Coura, Porreiras, Resende, Romarigães, Rubiães e Vascões, cada uma com a sua igreja ou capela - importante elemento identitário para as populações locais, sobretudo as rurais – as quais, ocupando áreas elevadas no terreno, constituem-se como elemento distintivo na paisagem.

Actualmente, a divisão administrativa do concelho corresponde a 16 freguesias, como resultado da união de algumas freguesias, conforme se ilustra na figura seguinte.

²⁰José Augusto PACHECO, *Crónicas com Coura Dentro. Paredes de Coura*: Edição Azevinho, 2012, p.174.

Figura 1 - Divisão administrativa por freguesias e respectiva área



A vila de Paredes de Coura, sede de concelho, integra a freguesia com mais população e concentra o maior número de equipamentos de utilização colectiva, serviços e comércio, funcionando, por essa razão, como pólo atractivo das populações locais, que aí afluem diariamente. As freguesias que beneficiam da sua proximidade, da proximidade do mercado de trabalho e/ou das melhores acessibilidades a uma e outros, constituem um segundo nível da rede urbana concelhia. A restante rede integra, sobretudo, freguesias mais serranas, não só da periferia do território concelho, mas, também, do seu interior.

Ordenamento do Território

O ordenamento do território municipal iniciou-se em Paredes de Coura, tal como no restante território nacional, a partir da década 90, aquando da publicação da primeira Reserva Agrícola Nacional,²¹ em 1991 e do primeiro Plano Director Municipal, em 1995²².

Este novo instrumento de gestão territorial procurou definir a estratégia de desenvolvimento concelhio, para a década seguinte, assentando num conjunto de objectivos que procuraram reequilibrar o sistema produtivo local, quer da agricultura, quer da floresta e do turismo. Tendo em vista o ordenamento do território, o melhoramento da rede de infra-estruturas e a racionalização da rede de equipamentos, o PDM de 1995 procurou reforçar o papel polarizador da sede de concelho – assim controlando a dispersão populacional- e proteger as principais áreas de salvaguarda identificadas no território Courense.

Para além do PDM - que constitui um plano territorial de escala local -, também outros instrumentos de gestão territorial (planos e programas) de escala nacional e/ou regional têm influência a nível local, actuando, fatalmente, sobre a paisagem.

Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT)²³

Todas as políticas nacionais, sectoriais, regionais ou locais, implementadas no âmbito do PNPOT, pretendem contribuir para a definição de um território sustentável e bem ordenado, idóneo para a promoção da qualidade de vida e do bem-estar das populações.

Para tanto, o PNPOT define três pilares do modelo territorial, a saber: as áreas de riscos naturais e tecnológicos, a localização dos sistemas naturais e agro-florestais e

²¹ Portaria nº 435-F/91, de 27 de maio.

²² Resolução do Conselho de Ministros nº 82/95, de 25 de agosto.

²³ Aprovado pela Lei n.º 58/2007, de 4 de Setembro, rectificada pelas Declarações de Rectificação n.º 80-A/2007, de 7 de Setembro e n.º 103-A/2007, de 23 de Novembro.

o sistema urbano, os quais terão que ser, obrigatoriamente, levados em linha de conta, aquando da elaboração de quaisquer planos e programas, quer sejam de nível regional ou de nível local.

Plano Sectorial da Rede Natura 2000²⁴

O Plano Sectorial da Rede Natura 2000 (PSRN 2000) identifica os valores naturais, que ocorrem em território nacional e integram uma rede ecológica para o espaço da União Europeia. No que a Paredes de Coura diz respeito, este Plano referencia uma zona especial de conservação, sob a designação de Sítio de Interesse Comunitário do Corno do Bico (PTCON0040), o qual é assinalado em função da sua qualidade ecológica e paisagística.

Dada a sua integração no PSRN 2000, o Sítio de Interesse Comunitário do Corno do Bico foi transposto para os elementos, desenhados e escritos, que integram o Plano Director Municipal de Paredes de Coura, de modo a garantir a protecção dos valores faunísticos, florísticos e dos *habitats* identificados. Nele estão definidas as regras e normas, aplicáveis às principais espécies faunísticas e florísticas, e respectivos *habitats*, destinadas a assegurar a sua protecção e a manutenção da biodiversidade tão característica da paisagem local.

PROF do Alto Minho

O Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alto Minho (PROF-AM)²⁵ estabelece as orientações para o ordenamento e gestão dos espaços florestais, através, nomeadamente, da definição das funções prioritárias para as sub-regiões homogéneas. Para o efeito define: por um lado, as espécies arbóreas a proteger e, por outro lado, as espécies mais adequadas às condições naturais do território de Paredes de Coura. O conteúdo desta orientação - importa aqui dizer -, defende e, conseqüentemente, contribui, para a manutenção e salvaguarda do bosque caducifólio característico da paisagem minhota.

²⁴Resolução Conselho de Ministros nº 115-A/2008, de 21 de Julho.

²⁵Decreto Regulamentar nº 16/2007, de 28 de Março,

Plano Director Municipal, 2016

Duas décadas depois da implementação do primeiro PDM, com nova legislação a nível nacional e um novo enquadramento jurídico em vigor, houve a necessidade de rever esse Plano Municipal de Ordenamento do Território. Essa revisão, publicada em Janeiro de 2016, veio estabelecer o modelo de estrutura espacial do território municipal para a década seguinte: definiu o ordenamento do território municipal, a partir da classificação e da qualificação do solo, definindo as estratégias de localização, distribuição e desenvolvimento das actividades económicas.

Tais objectivos consubstanciaram-se nos seguintes aspectos: valorização e protecção dos recursos ambientais, paisagísticos e culturais; valorização agrícola e florestal; fixação da população local nas freguesias de origem; controle da dispersão do povoamento no território municipal; atracção de investimentos turísticos de alojamento e de animação turística; dotação de meios e equipamentos sociais de apoio à população jovem e aos idosos; servir de enquadramento à elaboração de planos de actividades do município.

De acordo com o previsto na lei em vigor, considerando as aptidões do território concelhio, o PDM qualificou o solo urbano e o solo rural, nas seguintes classes e categorias de uso do solo:

Solo RURAL:

- a) Aglomerados Rurais;
- b) Áreas de Edificação Dispersa;
- c) Espaço Agrícola;
- d) Espaços Florestais:
 - i) Espaço Florestal de Conservação;
 - ii) Espaço Florestal de Produção;
 - iii) Espaço de Uso Múltiplo Agrícola e Florestal;
- e) Espaço de Ocupação Turística;
- f) Espaço Natural;
- g) Espaço Cultural;
- h) Espaço de Exploração dos Recursos Geológicos.

Solo URBANO:

- a) Solo Urbanizado:
 - i) Espaços Centrais;
 - ii) Espaços Residenciais;
 - iii) Espaços Urbanos de Baixa Densidade;
 - iv) Espaços Urbanos de Utilização Colectiva;
 - v) Espaços Verdes de Utilização Colectiva;
 - vi) Espaço de Actividades Económicas;
 - vii) Espaços de Uso Especial.
- b) Solo Urbanizável:
 - i) Espaços Centrais;
 - ii) Espaços Residenciais;
 - iii) Espaços Urbanos de Baixa Densidade;
 - iv) Espaços Verdes de Utilização Colectiva;
 - v) Espaço de Actividades Económicas;
 - iv) Espaços de Uso Especial.

Na elaboração deste novo PDM - e com base no conhecimento efectivo do território de Paredes de Coura -, esteve sempre presente a ideia de que o solo, enquanto recurso natural limitado, é o principal fazedor de paisagem: é-o, desde logo, por natureza e, ainda, porque será sempre sobre ele, que a acção da comunidade humana local pode agir, acrescentando-lhe carácter, qualidade e valor.

Ao longo do processo de elaboração do PDM foram identificados os diversos recursos territoriais presentes no concelho, tais como os paisagísticos e naturais, as áreas agrícolas e florestais e os valores culturais, arquitectónicos e arqueológicos.

Neste contexto, importa referir a Reserva Agrícola Nacional (RAN) e a Reserva Ecológica Nacional (REN). A RAN em Paredes de Coura, corresponde a cerca de 4000 ha - aproximadamente, um terço da área total do concelho -, ao procurar “...defender e proteger as áreas de maior aptidão agrícola e garantir a sua afectação à agricultura...”²⁶, configura um factor que condiciona toda a leitura do território e da paisagem, associados aos terrenos marginais das linhas de água e, em sentido mais lato, dos vales.

No território de Paredes de Coura, como em outros, a REN é “essencial na manutenção e salvaguarda das condições naturais que possibilitam assegurar o ciclo da água e a estrutura e características do solo”²⁷, garantindo “um “continuum” ecológico e o estabelecimento de redes de conservação e valorização da paisagem e dos recursos naturais que possibilitem os fluxos de materiais, energia e seres vivos, fundamentais para uma estratégia de conservação da natureza e da paisagem”²⁸.

Em conformidade, foi classificada como REN, no concelho, uma área de 4214 ha, os quais correspondem, fundamentalmente, a sistemas de cabeceiras de linhas de água e a áreas com risco de erosão.

²⁶ Decreto-Lei nº 196/89, de 14 de Junho.

²⁷ Graça Neto SARAIVA, *O rio como paisagem – Gestão de Corredores Fluviais no quadro do Ordenamento do Território*. Fundação Calouste Gulbenkian/FCT/MCT, 1999, p.155.

²⁸ *idem*,... p. 157.



2.3 – Componentes abióticos e bióticos



29

“Do pinhão, que um pé-de-vento arrancou ao dormitório da pinha-mãe, e da bolota, que a ave deixou cair no solo, repetido o acto mil vezes gerou-se a floresta”³⁰

O Relevo

O concelho de Paredes de Coura insere-se na mais extensa e antiga das unidades geomorfológicas da península ibérica, o denominado Maciço Antigo (ou Hespérico). Este maciço caracteriza-se por um relevo bastante acentuado, resultante de sucessivos levantamentos tectónicos, dobras e falhas transversais e, ainda, pelas rochas deformadas e metaformizadas, de elevado grau de dureza. De entre estas destacam-se as rochas eruptivas (granitos) e metamórficas (xistos), as quais, marcadas pela erosão, dão origem a cães de blocos, enormes penedos isolados e outras geoformas, constituindo-se como áreas com interesse geomorfológico, como é o caso do alvéolo do rio Coura em Rubiães, o qual, juntamente com os extensos afloramentos graníticos, constituem um elemento típico da paisagem local.

Foto 1 - Cães de blocos graníticos

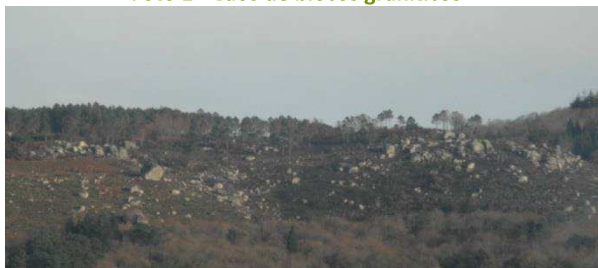


Foto 2 - Afloramentos rochosos



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.^a 2016.

²⁹ Leiras do Carvalho, Ld.^a 2016.

³⁰ Aquilino RIBEIRO, *A Casa Grande de Romarigães*. 1957, p. 10.

Em conclusão, no que à geologia respeita, predominam, em grande parte do território no concelho, as referidas rochas eruptivas, nomeadamente, o granito calcoalcalino porfiróide, de grão grosseiro e, com menor expressão, sobretudo a norte, o granito alcalino de grão médio, o granodiorito e o granito gnaissico. O complexo xisto-migmático, por sua vez, ocupa uma área considerável, principalmente, a sudoeste do concelho.

São estas características litológicas da metade ocidental do Minho, bem como a sua tectónica complexa, que influenciaram a morfologia local e foram guiando, numa orientação ENE-OSO, os principais cursos de água, onde se inclui o Rio Coura.

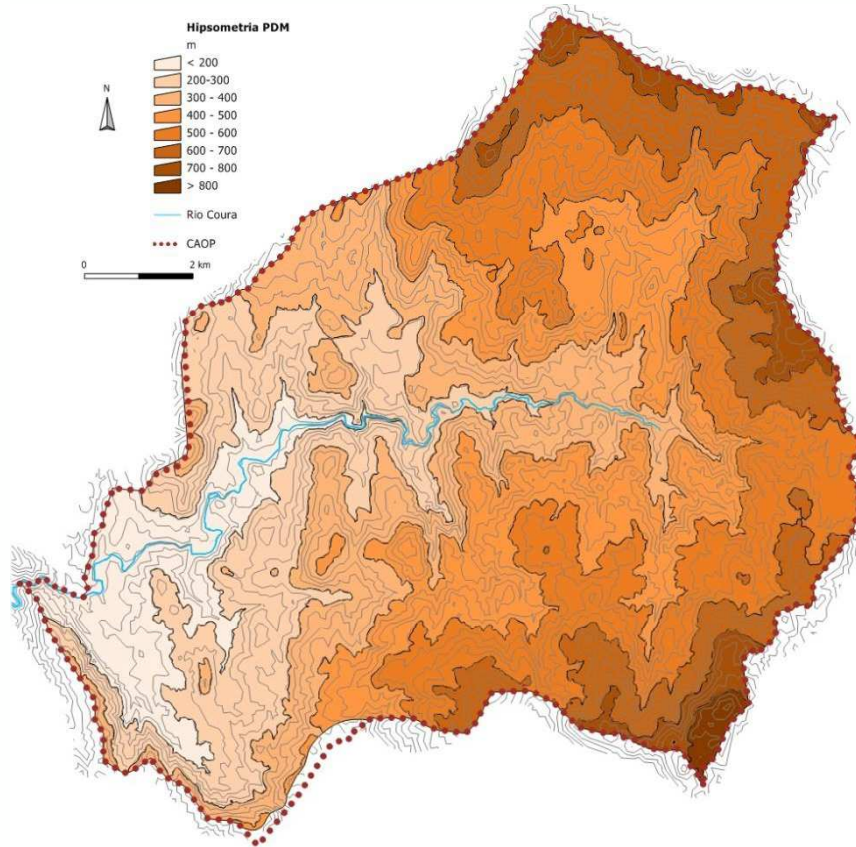
Foto 3 - Paisagem Courense



Fonte: Vastus, Lda. 2002

O território courense é recortado no seu interior por diversos acidentes topográficos, que desenham uma paisagem extremamente variada e de grande vigor, no que toca ao seu relevo, sobretudo nas áreas graníticas do concelho. Estas últimas, localizadas nos seus extremos norte e sul, que correspondem à linha de cumeada que delimita e contorna a bacia hidrográfica do rio Coura, partindo da Serra de Lousado, a Sul/Poente, acompanhando o limite do concelho pela Portela (433 m), Monte das Lages (676 m), Altos do Crasto e do Cabeço/Cruz Vermelha (753 m e 834 m, respectivamente) e Corno do Bico (871 m), continuando, a Nascente, pelo Monte de S. Mamede até Vale Escuro (768 m) e Fonte da Queimada (Serra da Boalhosa), desviando depois para Norte até ao Paiol das Minas. Estes locais assumem grande interesse paisagístico, uma vez que, a partir deles, se pode abarcar visualmente todo o território concelhio, bem como outras porções do território minhoto.

Figura 2 - Hipsometria



Embora sem apresentar oscilações altimétricas acentuadas (o ponto mais alto de Paredes de Coura situa-se nos 871 m do Corno do Bico), a característica dominante do concelho, do ponto de vista morfológico, é a irregularidade do seu relevo, à qual está associada uma grande abundância de linhas de água, que alimentam o rio Coura, correndo pela zona central do concelho e formando o vale agrícola mais importante do território concelhio.

Rede Hidrográfica

O concelho de Paredes de Coura coincide, na sua quase totalidade, com a bacia hidrográfica do rio Coura, na sua metade montante, o que lhe confere a forma de “concha”, delimitada pelas “paredes do coura”, as quais são, por sua vez, constituídas pela extensa linha de cumeada da Bacia Hidrográfica do Rio Coura, correspondendo às maiores altitudes verificadas no concelho, atingindo valores máximos no Corno do Bico, cabeceira de três rios: o Rio Coura, o Rio Vez e o Rio Labrujo.

Esta bacia hidrográfica é delimitada, a Norte, pela bacia hidrográfica do rio Minho e a Nascente, pela do Rio Vez, tendo início, a sul do concelho, a bacia hidrográfica do Rio Lima.

Estrutura-se no seu interior um conjunto de linhas de festo com a direcção Norte - Sul, apenas interrompidas pelo vale do rio Coura, que corre no sentido Nascente-Poente, e para onde afluem diversos cursos de água, correspondendo a um conjunto equilibrado de sub-bacias existente em ambas as margens.

Figura 3 - Festos e Talvegues



A rede hidrográfica é densa, situação que decorre, naturalmente, de um relevo extremamente recortado por diversos acidentes orográficos e da declividade das encostas, os quais dão lugar à existência de numerosos vales e a uma abundância generalizada de água. É uma rede que se distribui de forma homogénea pelo território concelhio, com um conjunto de cursos de água oriundos dos pontos de maior altitude do concelho, que correm pelos vales formados entre as linhas de festo Norte-Sul, até atingirem o vale situado no centro do concelho, que serve de leito ao

principal curso de água: o Rio Coura, cuja nascente tem lugar na freguesia de Parada, correndo até altitudes próximas dos 200 metros, já no extremo oeste do concelho. O vale onde circula o Coura tanto corre encaixado (Monte de Chã da Burra, em Linhares), como se abre para espaços mais abertos e menos acidentados (freguesia de Rubiães). Os principais afluentes do Rio Coura são: o Regueiro das Corredouras, o Ribeiro de Borzendes, o Regueiro do Lamariço, o Regueiro das Cruzes, o Rio das Porreiras, o Regueiro de Cabanelas, o Rio de Codecede, o Regueiro do Fojo, o Ribeiro de Pantanhas e a Ribeira de Reiriz, na sua margem direita, enquanto, na margem esquerda, se destacam: o Rio dos Cavaleiros, a Ribeira do Fundão, a Ribeira das Poldras, a Ribeira de Codeceira e o Regato do Outeiral, constituindo-se como sub-bacias hidrográficas do rio Coura.

Após esta análise à morfologia do terreno e à rede hidrográfica local, apresenta-se de seguida uma decomposição mais específica à geodiversidade do território courense.

Geodiversidade

O conceito de geodiversidade é ainda pouco conhecido, tendo apenas surgido há duas décadas. Contudo, a geodiversidade é algo que nos acompanha no nosso dia-a-dia, resultante da utilização de materiais geológicos nos mais variados instrumentos e ferramentas que utilizamos. Através da participação pública, realizada no âmbito deste plano, podemos observar essa realidade. Também aqui surgiram referências a aspectos que dizem respeito a esta temática, demonstrando que a geodiversidade faz parte do dia-a-dia dos cidadãos. No território de Paredes de Coura é significativo o número de topónimos relacionados com alguns dos elementos da geodiversidade (ex. Penedos Negros; Cascalhal; Alto; Agualonga; Vale; Portela; Chã; Penedos Maiores; Monte; Penedo do Macaco; Cumieira; Portelinha; Alto dos Vales; Encosta do Penedo; Lama das Covas; Pedras Bolidas; Várzea; Covinha; Riomau), demonstrando bem o quanto enraizado está o conhecimento sobre alguns destes elementos da geodiversidade.

A introdução do conceito de geodiversidade, na década de 90, foi inicialmente direccionada para a gestão e ordenamento territorial e, posteriormente para escolas e público em geral. O conceito de geodiversidade definido pela *Royal Society for*

Nature Conservation, do Reino Unido, considera que: «A geodiversidade consiste na variedade de ambientes geológicos, fenómenos e processos activos do território que dão origem a paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que são o suporte para a vida na Terra».

A geodiversidade tem uma primordial importância no domínio da gestão territorial, nomeadamente ao nível da paisagem, motivo pelo qual elaborámos, no âmbito do presente plano, uma Carta de Geodiversidade que servirá de suporte ao reconhecimento e caracterização de cada uma das áreas com um nível elevado de geodiversidade (*hotspots*) identificados.

A Carta de Geodiversidade³¹, indica as áreas de maior ou menor geodiversidade deste município e, com isso, possibilita a sua futura introdução nos planos de ordenamento e gestão do território, assumindo-se igualmente como uma potencial ferramenta de investigação e dinamização do geoturismo neste território.

No contexto do plano de paisagem das Terras de Coura, permite igualmente fazer uma análise ao nível das subunidades de paisagem. Foram utilizadas as cartas militares (7, 8, 15 e 16, - escala 1: 25 000), a rede hidrográfica em formato vectorial, a carta geológica (cartas 01-C e 01-D, escala 1: 50 000), e ainda a cartografia relativa aos solos à escala 1: 100 000. No que se refere à cartografia de base geomorfológica, e tendo em conta a sua inexistência, foi elaborada uma carta de unidades geomorfológicas à escala 1: 25000, que se apresenta seguidamente.

Relativamente à rede hidrográfica, procedeu-se a uma classificação dos cursos de água³², classificando e hierarquizando todos eles, de montante para jusante, começando pelos de Ordem 1 e prosseguindo para os de Ordem 2 e, assim, sucessivamente. Deste modo, no território de Paredes de Coura, o troço do curso de água, de maior Ordem, situa-se a jusante do lugar do Ribeirinho (Oeste). Trata-se de um troço do rio Coura, com a Ordem 6 de *Strahler* (tabela seguinte). A cada linha de água, e de acordo com a Ordem respectiva, foi atribuída uma largura ao canal.

³¹ Elaborada tendo como base num índice numérico decorrente do método de quantificação da geodiversidade, desenvolvido por Forte (2014).

³² Através do método Strahler (2002).

No caso de um curso de água com a Ordem 6, atribui-se um afastamento de 11 metros (5,5 metros para cada lado do curso de água), enquanto que, para um troço de Ordem 1, esse afastamento tem apenas 1 metro (0,5 metros para cada lado).

Tabela 1 – Valores padrão relativos à largura dos canais analisados

Hierarquia (Strahler)	Largura do canal (metros)
1	0,5
2	1
3	2,5
4	3,5
5	7
6	11

Figura 4 – Sequencia de fotografias referentes à largura dos canais da bacia hidrográfica do rio Coura



Os números presentes em cada uma das imagens referem-se à Ordem de *Strahler*. (L6 – Ribeirinho; L5 – Padornelo; L4 – Romarigães; L3 – Porreiras; L2 – Cossourado; L1 – S. Martinho de Vascões).

Apesar de o intuito desta carta de geodiversidade não ser comparativo, optámos por elaborar a Carta de Unidades Geomorfológicas³³.

Assim, tendo por base o 4º nível taxonómico, considerando, ainda a análise de campo, definiram-se as seguintes categorias para a elaboração da Carta de Unidades Geomorfológicas:

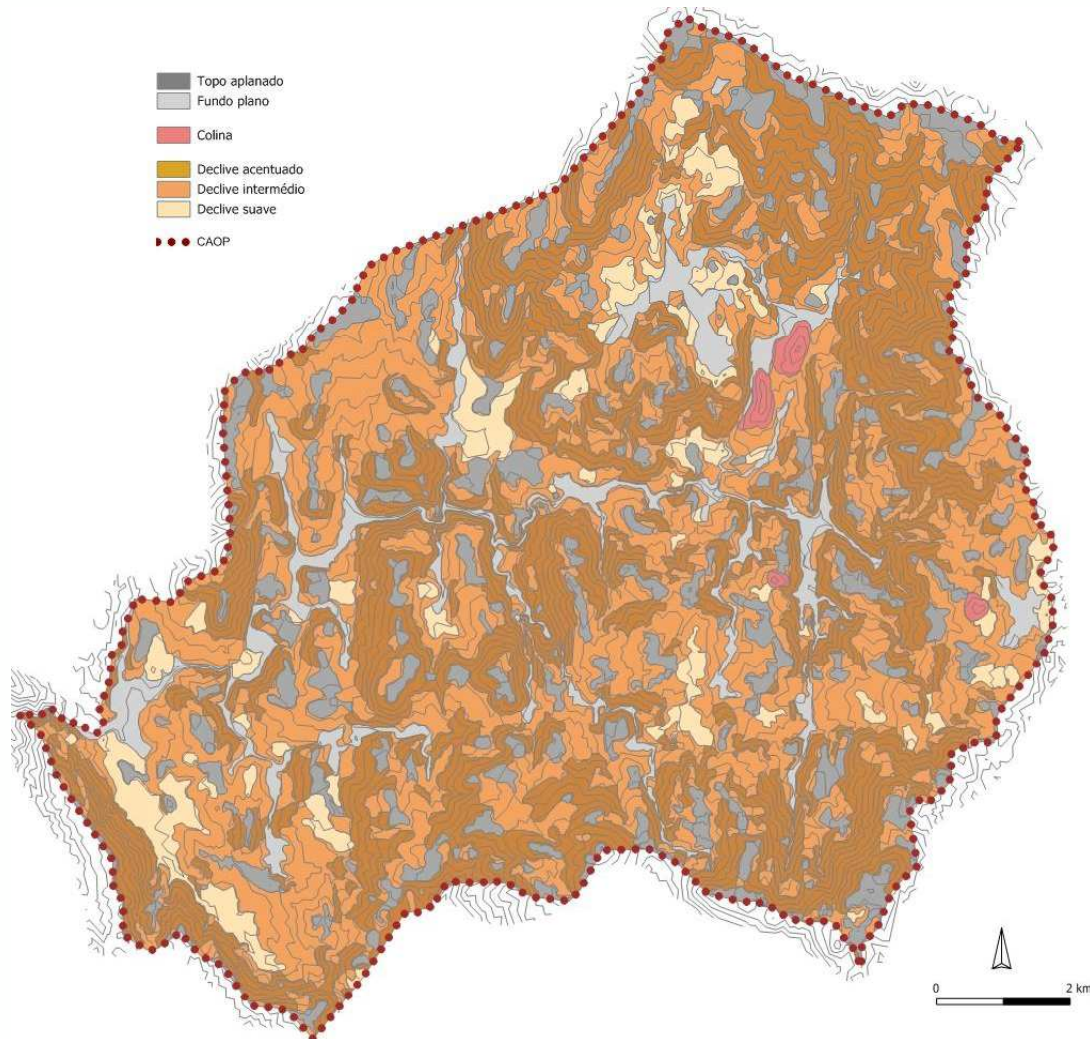
- Colina;
- Fundo plano;
- Topo aplanado;
- Vertente de declive suave (5-10 graus);
- Vertente de declive intermédio (10-25 graus);
- Vertente de declive acentuado (>25 graus).

Importa referir que, relativamente à categoria “topo aplanado”, esta inclui as rechãs e portelas. A categoria “vertentes” – aqui designadas por “declives”, foram consideradas num nível intermédio, entre o 4º e o 5º taxon³⁴.

³³ Seguindo, tal como Forte (2014), o método de Ross (1992).

³⁴ Seguindo Ross (1992).

Figura 5 – Unidades Geomorfológicas de Paredes de Coura



Fazendo uma análise do resultado da Carta de Unidades Geomorfológicas, volta a destacar-se, em primeiro lugar, o facto do concelho de Paredes de Coura se circunscrever globalmente à bacia hidrográfica do rio Coura. Trata-se, portanto, de uma unidade principal, caracterizada por uma heterogeneidade do relevo, onde os declives acentuados a intermédios representam parte significativa de toda a área. O encaixe da rede hidrográfica é também marcado, destacando-se, ainda algumas áreas de fundo plano bem marcado, como acontece em Fonte do Olho, em Porreiras ou na Várzea. São notórios os vários níveis de aplanamento um pouco por todo o território. As cotas mais elevadas ocorrem a Este, destacando-se os 736 metros de S. Silvestre, os 768 metros, do Vale Escuro e os 871 metros, do Corno do Bico. Estes vão decrescendo para Oeste, sendo que em Ribeirinho, as cotas situam-se na ordem dos 120 metros.

Procedeu-se, seguidamente, à elaboração da Carta da Geodiversidade do concelho³⁵, tendo por base a sobreposição de quatro variáveis - rede hidrográfica, solos, geologia, e estas unidades geomorfológicas -, com a análise da distribuição dos pontos daí resultantes, que permite a leitura sobre a maior ou menor geodiversidade presente nos diferentes locais do concelho de Paredes de Coura.

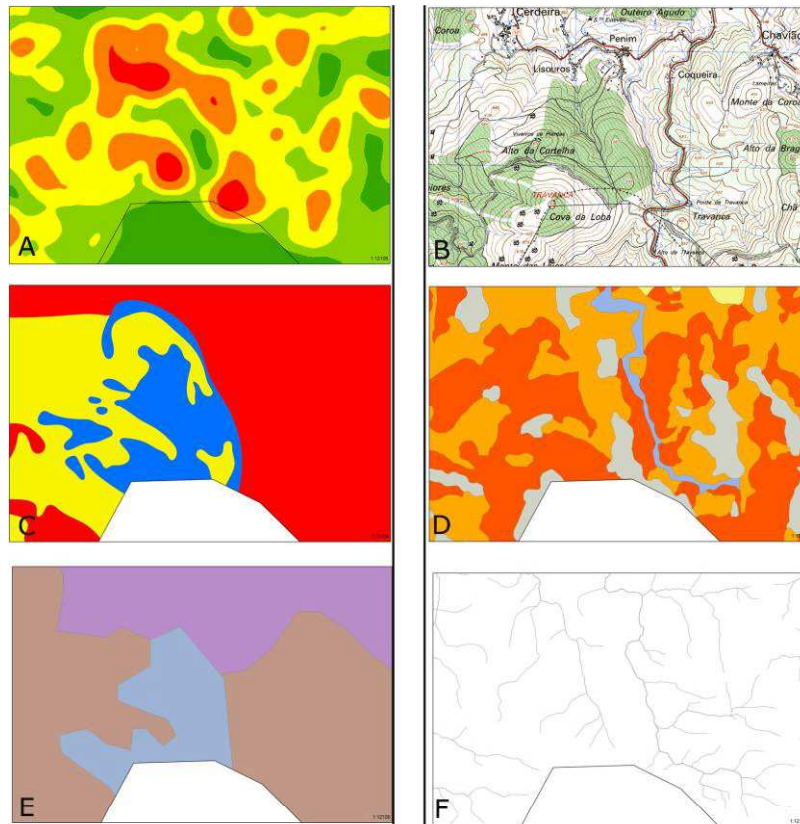
Assim, a densidade de pontos presente neste território corresponde a um determinado índice de geodiversidade, sendo que a um maior número/densidade de pontos numa determinada área, corresponde um índice de geodiversidade maior e, a um menor número de pontos, corresponde um índice de geodiversidade menor. Este método tem, assim, em conta não só o número de elementos presentes, bem como a sua frequência e distribuição, facto que possibilita uma análise mais completa sobre a distribuição da geodiversidade em Paredes de Coura.

Análise da Carta de Geodiversidade

De modo a facilitar a compreensão do método, aplicado para a elaboração da Carta de Geodiversidade, apresenta-se uma figura que ilustra o processo de quantificação, aplicado na proximidade de Chavião (figura seguinte). Nesta figura constam as imagens C, D, E e F, relativas as variáveis - geologia, unidades geomorfológicas, solos e rede hidrográfica -, respectivamente, as imagens A e B, que correspondem à análise da densidade de pontos e um extrato da Carta Militar, na área de Chavião/Cova da Loba.

³⁵ Com a aplicação do método de Forte (2014).

Figura 6 – Processo de quantificação da geodiversidade, aplicado ao sector proximal a Chavião

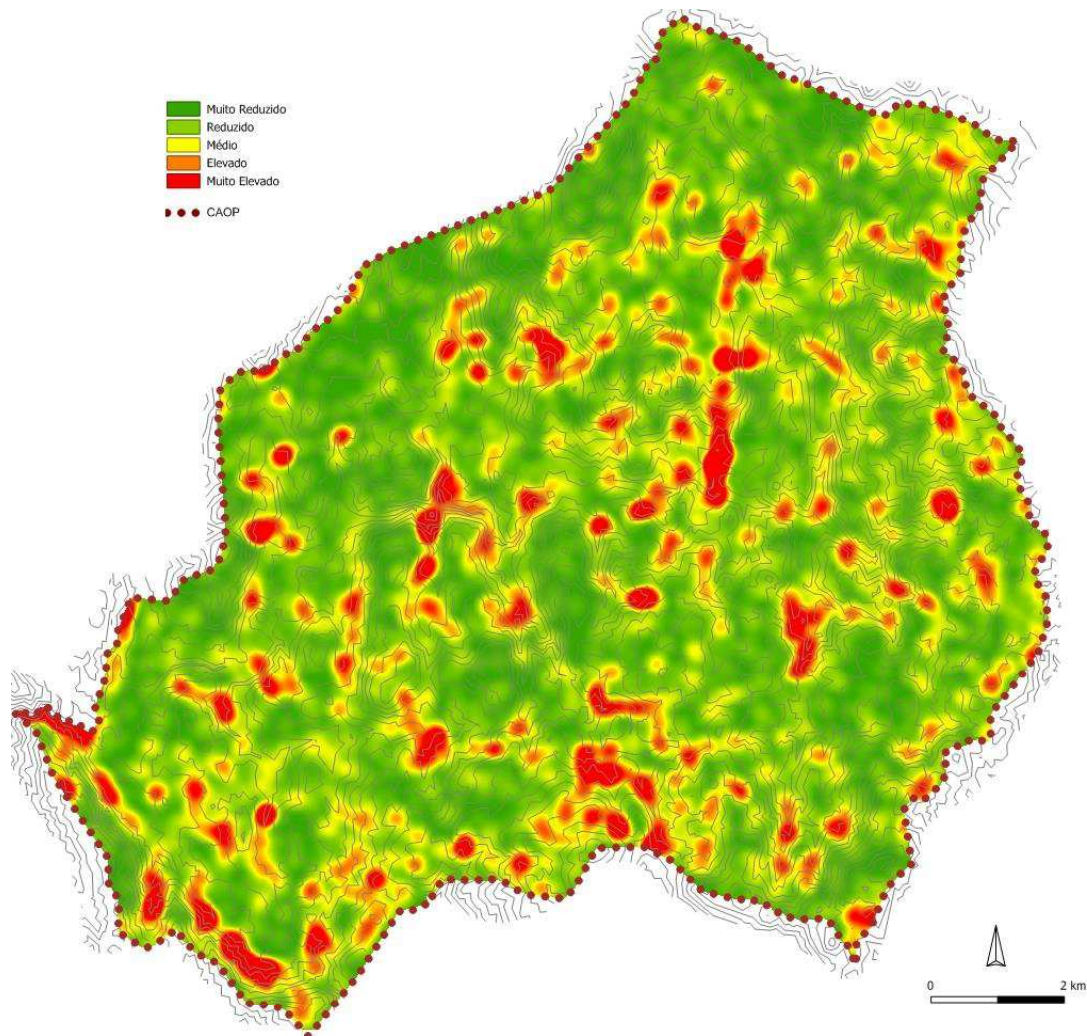


A – Análise da densidade de pontos; B – Carta Militar; C – Geologia; D – Unidades geomorfológicas; E – Solos; F – Rede hidrográfica.

Numa análise mais simplista, e tendo por base a figura 7, constata-se que a área com maior índice de geodiversidade se situa (1) numa área de declives intermédios a acentuados, (2) com uma maior variedade geológica e (3) maior diversidade de solos. Relativamente à rede hidrográfica, esta não tem grande influência no índice, algo de expectável, tendo em conta que, ao contrário da geologia e geomorfologia, esta não é uma variável estruturante.

Na análise geral da Carta de Geodiversidade, destacam-se algumas áreas onde o índice de geodiversidade é maior do que na área circundante. Estas áreas identificam-se como *hotspots*.

Figura 7 – Carta da Geodiversidade de Paredes de Coura



Nomeiam-se, seguidamente, algumas destas áreas onde se verifica uma elevada geodiversidade:

- Padornelo/Vilarinho;
- Corredoura;
- Tarrío/Bogalheira;
- Vilares;
- Alto da Madorra/Alto do Malhado;
- Costa/Vale Longo;
- Lisouros/Travanca;
- Sabariz/ Codeçosa;
- Telheira;
- Crestelo/Penagate;
- Vilarinho/Insalde.

Constata-se que os limites norte do concelho correspondem, genericamente, a áreas com o menor índice de geodiversidade, devendo-se este facto à reduzida diversidade geológica, conjugada com a existência de apenas um tipo de solo. Em sentido inverso, quer a área que se estende a norte do rio Coura, quer o sudeste do concelho, correspondem a territórios com o maior índice de geodiversidade, uma vez que a uma maior diversidade de solos e diversidade geológica, conjugadas com uma maior variedade das unidades geomorfológicas, corresponde um índice de geodiversidade mais elevado.

A Carta de Geodiversidade possibilita uma visualização da distribuição da geodiversidade, de modo a que, avaliando as áreas de maior ou menor geodiversidade, se promovam medidas que visem a preservação e valorização dos valores associados a essa geodiversidade, nomeadamente os valores culturais, estéticos, económicos, funcionais e científicos.

Sendo dois conceitos diferenciados, geodiversidade e paisagem estão intrinsecamente ligados.

Clima

O clima de Paredes de Coura é determinado pela sua localização, pelas presenças do Rio Coura e da Serra da Arga, situada a Sudoeste do concelho e pelas características internas do seu relevo. Estas e outras condicionantes, morfológicas e fisiográficas, originam um clima marcadamente atlântico, com uma temperatura média máxima, ao longo do ano, de 14°C e com uma média mínima de 9°C. As amplitudes térmicas anuais rondam os 12°C, agudizando-se nas áreas serranas.

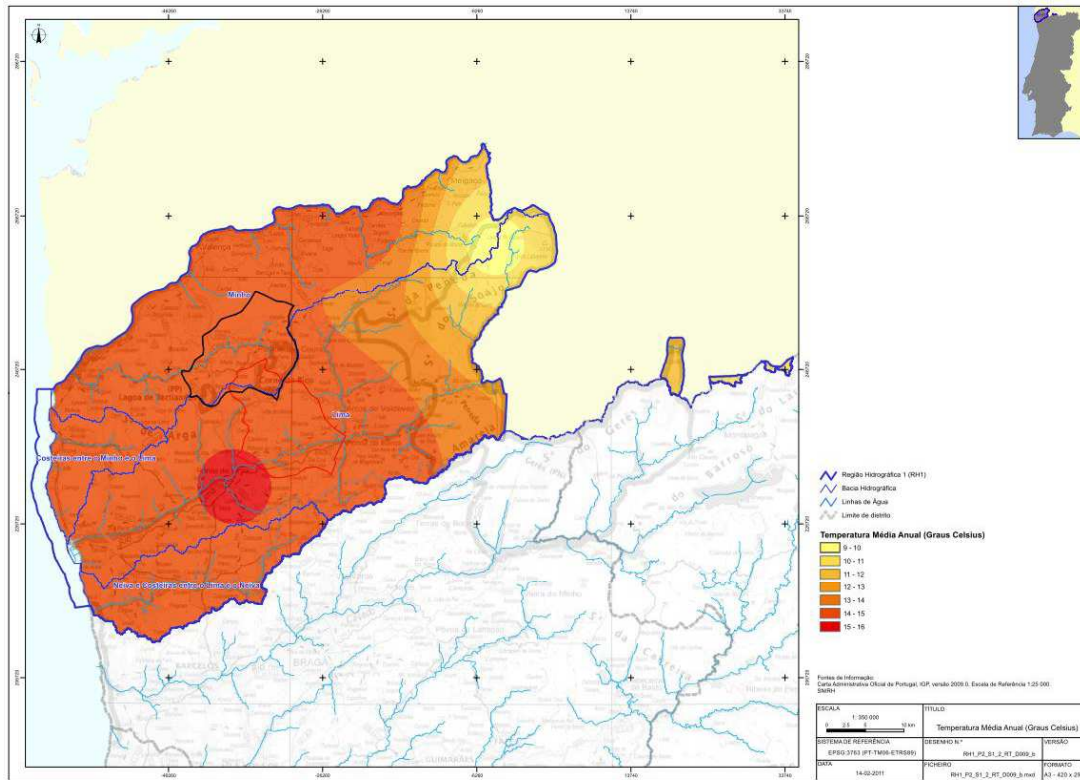
De acordo com o Plano de Gestão da Região Hidrográfica Minho Lima (PGRH1) a temperatura máxima média anual no concelho situa-se num intervalo de 19 a 20 graus Celsius e uma temperatura mínima média anual de 8°C a 9°C. Em termos médios anuais, os valores de temperatura situam-se na classe de temperatura dos 14 a 15 graus Celsius, variando de poente para nascente. O mesmo Plano atribui ao concelho uma precipitação média anual entre os 2000 e os 2500 mm, variando de noroeste para sudeste, sobretudo devido á morfologia local, que faz com que os ventos oceânicos húmidos, á medida que vão subindo pelas encostas das áreas

serranas, atinjam valores mais elevados. Estes valores são muito superiores à média registada para o Continente- que se situa nos 900 mm-, sendo a precipitação um dos factores climatológicos mais significativos e constantes do concelho, com mais de 100 dias de precipitação por ano.

De referir, ainda, que:

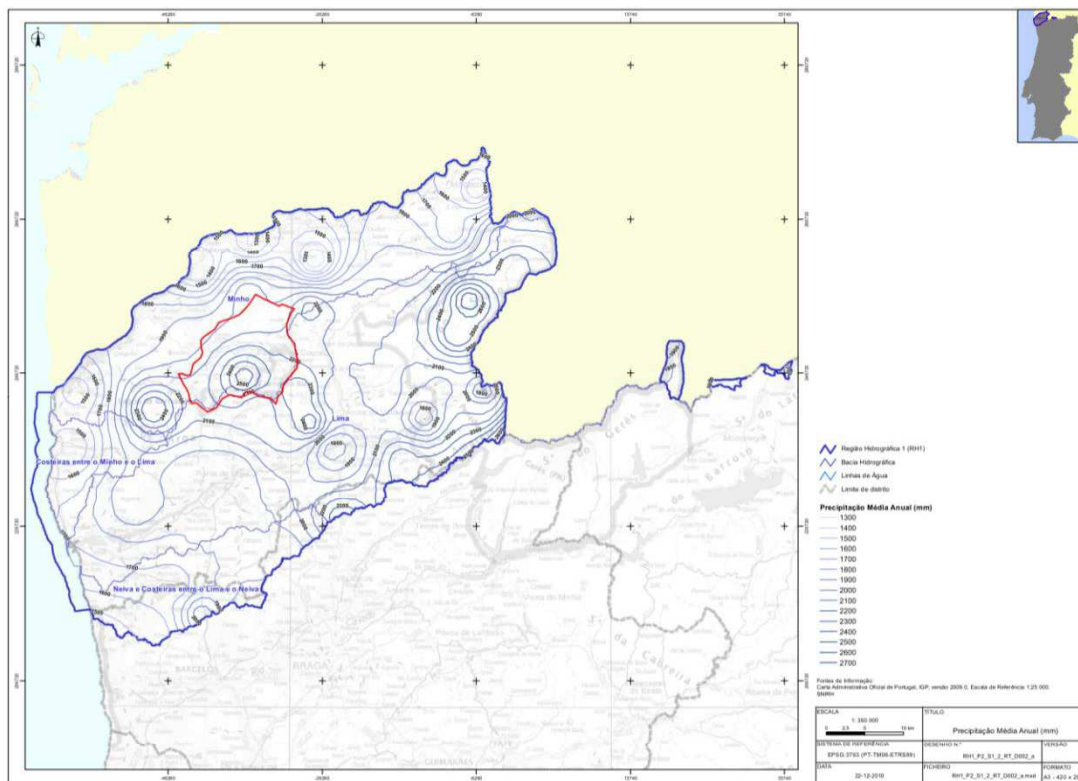
- a humidade relativa do ar varia, ao longo do ano, entre os 80% e os 70%, registados, respectivamente, durante a manhã e pelas 18 h; nos meses de Verão os valores são inferiores a esta média, uma vez que variam na ordem directa da variação da precipitação. Variam, também, com a altitude, atingindo na metade sudeste do concelho valores superiores a 85%;
- os valores médios anuais de insolação (número de horas de sol) variam entre as 2100 e as 2200 horas;
- as trovoadas ocorrem cerca de 11 dias por ano e em qualquer altura do ano;
- as geadas ocorrem, em média, entre 30 a 40 dias no ano, aumentando com a altitude;
- os nevoeiros ocorrem, principalmente, nos meses de Outono e Inverno, em cerca de 13 dias por ano;
- o vento apresenta no concelho uma velocidade média anual de 3.5 a 7.5 km/h, com uma direcção dos quadrantes norte e oeste no verão e sul sudeste no inverno.

Figura 8 - Temperatura



Plano de Gestão da Região Hidrográfica Minho Lima, (2012). Relatório de Base - Anexo III; Desenho N° RH1_P2_S1_2_RT_D009_b

Figura 9 - Precipitação

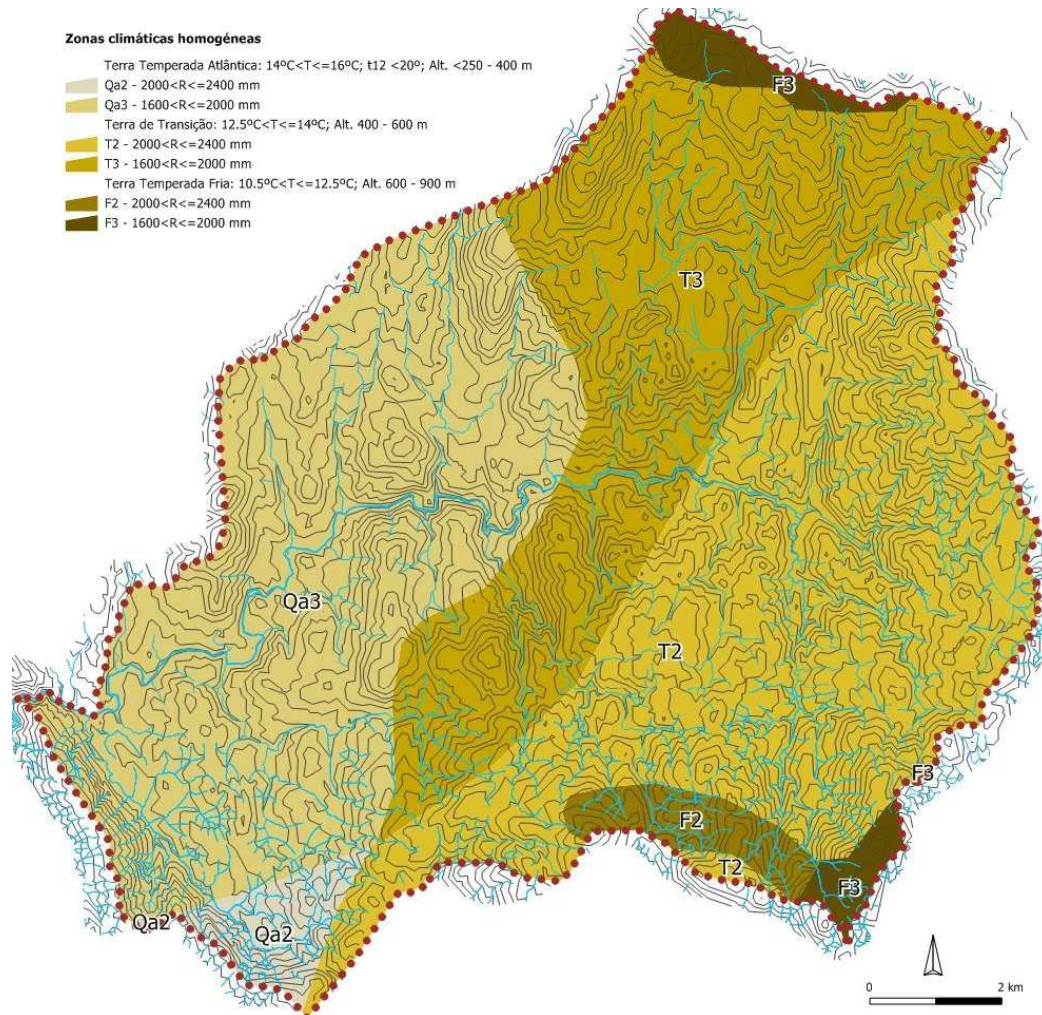


Plano de Gestão da Região Hidrográfica Minho Lima, (2012). Relatório de Base - Anexo III; Desenho N° RH1_P2_S1_2_RT_D002_a

Aquando da realização da Carta de Solos e Aptidão da Terra para a Agricultura (1999), as equipas técnicas³⁶ prospectaram um zonamento climático homogéneo para a região do Entre Douro e Minho.

Com base nos valores de temperatura anuais (T), consideram 8 zonas aproximadamente homogéneas, três delas com representatividade no concelho de paredes de Coura, subdivididas em classes de acordo com os valores de precipitação média anual (R), conforme se pode observar na figura seguinte.

Figura 10 - Zonas Climáticas Homogéneas em Paredes de Coura



Fonte: alterado a partir da Carta de Solos e Aptidão da Terra para a Agricultura

³⁶ Geometral e Agroconsultores para a ex-Direcção Regional de Agricultura do Entre Douro e Minho.

A Terra Temperada Fria (F) é definida pela temperatura média anual, que se situa entre os $10,5^{\circ}\text{C} < T \leq 12,5^{\circ}\text{C}$, em função das plataformas planálticas e montanhosas, com cotas entre os 600m e os 900 m, geadas de Outubro a Maio e precipitações médias em F2, na ordem dos $2000 < R \leq 2400$ mm ano e, em F3, dos $1600 < R \leq 2000$ mm.

A Terra de Transição (T) corresponde a zonas climáticas situadas entre os 400m e os 600 m de altitude, com temperaturas entre os $12,5^{\circ}\text{C}$ e os 14°C . Nesta zona distinguem-se duas subzonas, sendo que T2 apresenta precipitações entre os 2000 mm e os 2400 mm e T3 entre os 1600 e os 2000 mm de precipitação.

A Terra Temperada Atlântica (Qa) é de influência atlântica e corresponde a cotas entre os 250 m e os 400 m de altitude, com precipitações em Qa2 entre $2000 < R \leq 2400$ mm e em Qa3 entre $1600 < R \leq 2000$ mm. Caracteriza-se pela diminuição da amplitude térmica anual, cujos valores oscilam entre os 14°C e os 16°C , sendo a temperatura média do mês mais quente inferior a 20°C .

Flora e Fauna

A vegetação tem uma grande influência na paisagem, uma vez que se constitui como elemento diferenciador, dando uma coerência visual, quer nas paisagens fortemente humanizadas, quer naquelas que, mais silvestres, resultam das condições e diferenças abióticas, como o mosaico litológico, o relevo, a altimetria, etc.

Uma das imagens de marca de Paredes de Coura é a sua, relativamente bem preservada, floresta de carvalhos-roble, com destaque para a área afectada à Paisagem Protegida do Corno do Bico, onde se observam restos daquela que terá sido a floresta mais representativa do concelho, cobrindo a maior parte do seu território, ou seja, em todas as áreas cujas condições o permitissem.

O clima atlântico, com invernos chuvosos e verões amenos, permitiram o desenvolvimento de bosques mistos de carvalho-alvarinho e outras espécies, como o carvalho negral, o vidoeiro, o teixo, os sobreiros e os castanheiros (estes em cotas

inferiores), para além dos azevinhos. Existem, ainda, outras comunidades vegetais relevantes, situados nas margens das linhas de água, como os amieiros, os freixos e os salgueiros, entre outros. No estrato arbustivo destes bosques húmidos, associam-se fetos, gilbardeiras, troviscos, silvas, heras, madressilva, loureiro e alguns exemplares de escalheiro e arando, sobretudo nas orlas. No estrato herbáceo são comuns várias gramíneas: pascoas, urtigas, hipericão-do-gerês, flor-das-viúvas, dedaleiras e outras e, ainda, uma vasta comunidade de briófitas colonizadoras como os musgos, para além diversos líquenes.

Foto 4 - Orla de bosque caducifólio, com carvalhos e azevinhos



Fonte: Leiras do Carvalhal, Ld.º 2016.

O pinheiro bravo é a espécie florestal que ocupa a maior extensão, quer em povoamentos puros quer em povoamentos mistos, surgindo, também com frequência, áreas ocupados por eucaliptos (reflorestação de áreas de pinhal), ambas estas áreas estão localizadas, sobretudo, a sudeste do concelho. Aqui e em antigas áreas dominadas por carvalhos, são também frequentes os densos e altos matos de giestas, tojos e alguns fetos-comuns, encontrando-se os codessos em solos mais grosseiros, colonizados também por musgos e líquenes, muito comuns, ainda, nos afloramentos rochosos.

O mosaico policultural, também muito característico deste concelho, é composto por lameiros localizados a média altitude em zona de vale, ocupando antigas áreas de carvalhais e onde, para além da erva, feno ou pasto, coexistem bosquetes de carvalhos, castanheiros e outras espécies, que muitas vezes delimitam as leiras. Estes bosquetes são de elevado valor botânico e ecológico pois, além de

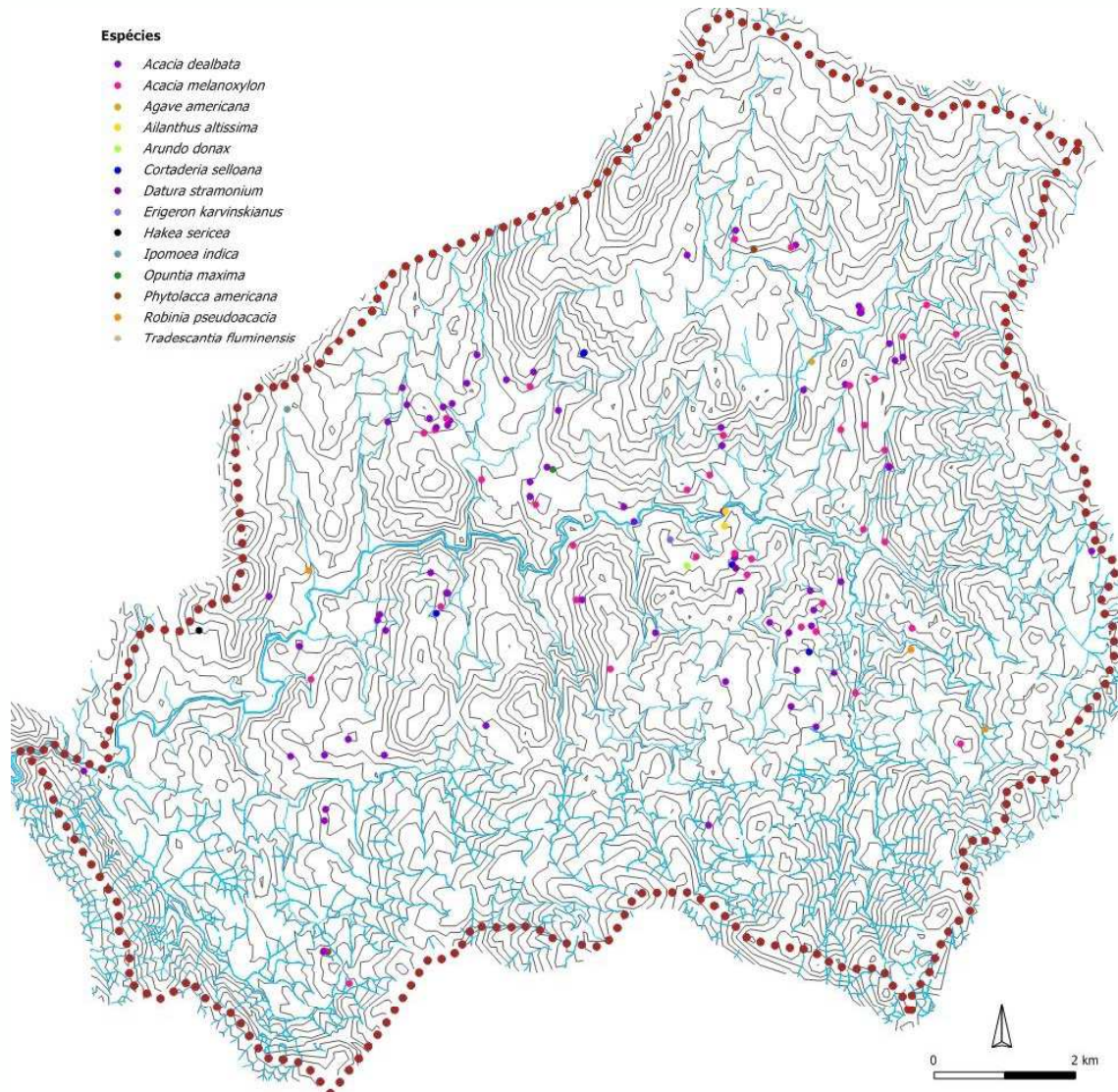
constituírem reservas genéticas, permitem a manutenção da diversidade dos habitats e são refúgio para grande número de aves e animais silvestres.

Sendo um concelho com uma rede hidrográfica densa deveriam as galerias ripícolas ser mais representativas mas, a pressão das actividades agrícolas, fez com que desperecessem ou recuassem, até uma estreita faixa, situada ao longo das linhas de água. Estas são compostas, dependendo da altitude, de videiros, salgueiros, aveleiras, fetos, silvas, junças e juncos, para além de outras espécies que colonizam os leitos.

Das várias espécies da flora existentes no concelho, destacam-se as que tem um estatuto de protecção, enquadradas no Sítio de Interesse Comunitário Corno do Bico, da Rede Natura 2000, nomeadamente a *Bruchia vogesiaca*, a *Festuca elegans*, a *Festuca summilusitana*, o *Narcissus cyclamineus* e o *Bryoerythrophyllum campylocarpum*, sendo esta última classificada como prioritária. O *Narcissus cyclamineus* (Martelinhos/Machadinhos) são frequentes em toda a extensão do rio Coura, sob coberto arbóreo.

(mimosa e austrália, respectivamente) são as espécies de flora infestante mais representativas, ocupando quer áreas incultas, quer áreas florestais (também em carvalhais) e áreas agrícolas³⁸, distribuindo-se, sobretudo, em zonas de meia encosta, correspondentes às cotas mais baixas no concelho.

Figura 12 - Plantas invasoras – Avistamentos



Fonte dos dados: www.invasoras.pt

De grande interesse para a pesca desportiva mas, ainda assim, considerada uma espécie piscícola invasora, destaca-se, sobretudo no rio Coura, a truta arco-íris,

³⁸www.invasoras.pt

espécie que se terá propagado no rio a partir de uma fuga de um viveiro a montante, servindo de presa ao também invasor *Mustela vison* (visão-americano), carnívoro cuja população tem vindo a aumentar na região.

Os serviços técnicos da autarquia confirmaram a presença de algumas espécies autóctones, associadas ao rio Coura, com destaque para o corvo-marinho-de-faces-brancas (*Phalacrocorax carbo*), a garça-real (*Ardea cinérea*), a garça-branca (*Egretta garzetta*), a galinha-de-água (*Gallinula chloropus*), a franga-de-água, o melro-de-água; (*Cinclus cinclus*), guarda-rios (*Alcedo atthis*), e a lavandisca-amarela (*Motacilla flava*); assinalando-se, porém, uma regressão progressiva destas quatro últimas espécies. Ocorrem, ainda, avistamentos ocasionais da narceja (*Gallinago gallinago*) e da galinhola (*Scolopax rusticola*). No que diz respeito aos anfíbios, foram identificados a rela-comum (*Hyla Arborea*), a rã-ibérica (*Rana Iberica*) e a rã-verde (*Rana perezzi*), sendo esta última muito comum. Junto às margens e um pouco por todo o concelho, observam-se, regularmente, para além dos ouriços-cacheiros, a gineta (*Genetta genetta*) e indícios do toirão (*Mustela putorius*).

Habitats e espécies protegidas.

Como vimos, o concelho de Paredes de Coura concentra uma grande diversidade de elementos florísticos, o que lhe confere uma elevada importância biofísica, no contexto nacional. Esta mais-valia natural constitui a razão primeira para a classificação de uma parte do concelho como Paisagem Protegida, sendo o objectivo específico da integração da Paisagem Protegida do Corno de Bico na Rede Nacional de Áreas Protegidas a conservação e valorização do património natural dessa porção do concelho.

Esta área foi, também, “seleccionada como Mata Modelo a Paisagem Protegida do Corno de Bico, sito no concelho de Paredes de Coura, pois é representativa, em termos de diversidade e gestão, de manchas florestais com elevado interesse do ponto de vista da diversidade florestal, conservação e protecção.” (Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alto Minho - PROF AM). Acresce que, uma vasta área do território municipal, está incluído na Rede Natura 2000, que tem como objectivo primordial o estabelecimento de uma rede ecológica europeia coerente, de zonas especiais de conservação. O Sítio de Interesse Comunitário do Corno do Bico

(PTCON0040) localiza-se a este e sudeste do concelho e ocupa uma área de 5139 hectares, que se destaca, reitere-se, pela sua qualidade ecológica e paisagística.

Os *habitats* naturais e semi-naturais presentes no SIC Corno do Bico³⁹ e que integram essa rede são:

3130 - Águas estagnadas, oligotróficas a mesotróficas, com vegetação da *Littorelletea uniflorae* e ou da *Isoëto-Nanojuncetea* (3130pt2 [Águas oligotróficas paradas com vegetação de *Hypericoelodis-Sparganion*): Vegetação anfíbia em charcas ou lagoas pobres em nutrientes.

3260 - Cursos de água dos pisos basal a montano, com vegetação da *Ranunculion fluitantise* da *Callitricho-Batrachion*: *habitats* dulciaquícolas em correntes pouco turbulentas.

4020 - Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix* (4020pt1 [Urzais-tojais orófilos]): Correspondem a formações higrófilas, dominadas por urzes que se desenvolvem sobre solos húmidos, localizados a meia encosta, ocupando depressões e áreas onde se acumula água.

4030 - Charnecas secas europeias (4030pt2 [Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais]; 4030pt3 [Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais]): formações densas de matos baixos, constituídas por urzes e tojos como o *Ulex europaeus*, que se desenvolvem sobre solos duros, ácidos e moderadamente secos. São, frequentemente, atingidas pelo fogo.

6160 - Prados oro-ibéricos de *Festuca indigest* (6160pt4 [Matos rasteiros de leitos de cheias rochosos de grandes rios]): prados abertos com vegetação irregular e homogénea.

³⁹ CIBIO - O Plano Sectorial da Rede "Natura 2000" e os PDM no Vale do Minho. Centro de Investigação em Biodiversidades e Recursos Genéticos, Porto, 2007.

6230 - Formações herbáceas de *Nardus*, ricas em espécies, em substratos silíceos das zonas montanas (e das zonas submontanas da Europa continental) e, geralmente, associadas a outras espécies e habitats.

6410 - Pradarias com *Molinia* em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (*Molinion caeruleae*) (6410pt2 [Juncais acidófilos de *Juncus acutiflorus*, *J. conglomeratus* e/ou *J. effusus*]): ocupam solos profundos, mais ou menos húmidos e baixos em nutrientes.

6430 - Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano a alpino (6430pt1 [Vegetação megafórbica meso-higrófila escionitrófila perene de solos frescos]; 6430pt2 [Vegetação higrófila megafórbica perene de solos permanentemente húmidos]): comunidades presentes nas margens de cursos de água.

6510 - Prados de feno pobres de baixa altitude (*Alopecurus pratensis*, *sanguisorba officinalis*): ocupando pisos basais, desenvolve-se sobre solos profundos, fortemente alterados pelo homem, servindo as gramíneas e outras herbáceas de alimento ao gado.

7140 - Turfeiras de transição e turfeiras ondulantes (7140pt2 [Turfeiras atlânticas]): pequena e exclusiva área de turfeiras, fortemente ameaçada, localizada em áreas propícias à acumulação de água.

7150 - Depressões em substratos turfosos da *Rhynchosporion*: formação herbácea pioneira, fortemente ameaçada, associada também a áreas de acumulação de água.

8220 - Vertentes rochosas silíceas com vegetação casmofítica (8220pt3 [Biótopos de comunidades comofíticas esciófilas ou de comunidades epifíticas]): vegetação pouco densa que ocupa fissuras de afloramentos rochosos.

8230 - Rochas silíceas com vegetação pioneira da *Sedo-Scleranthion* ou da *Sedo albi-Veroniciondillenii* (8230pt1 [Tomilhões galaico-portugueses]): Formações que ocupam encostas declivosas e solos esqueléticos.

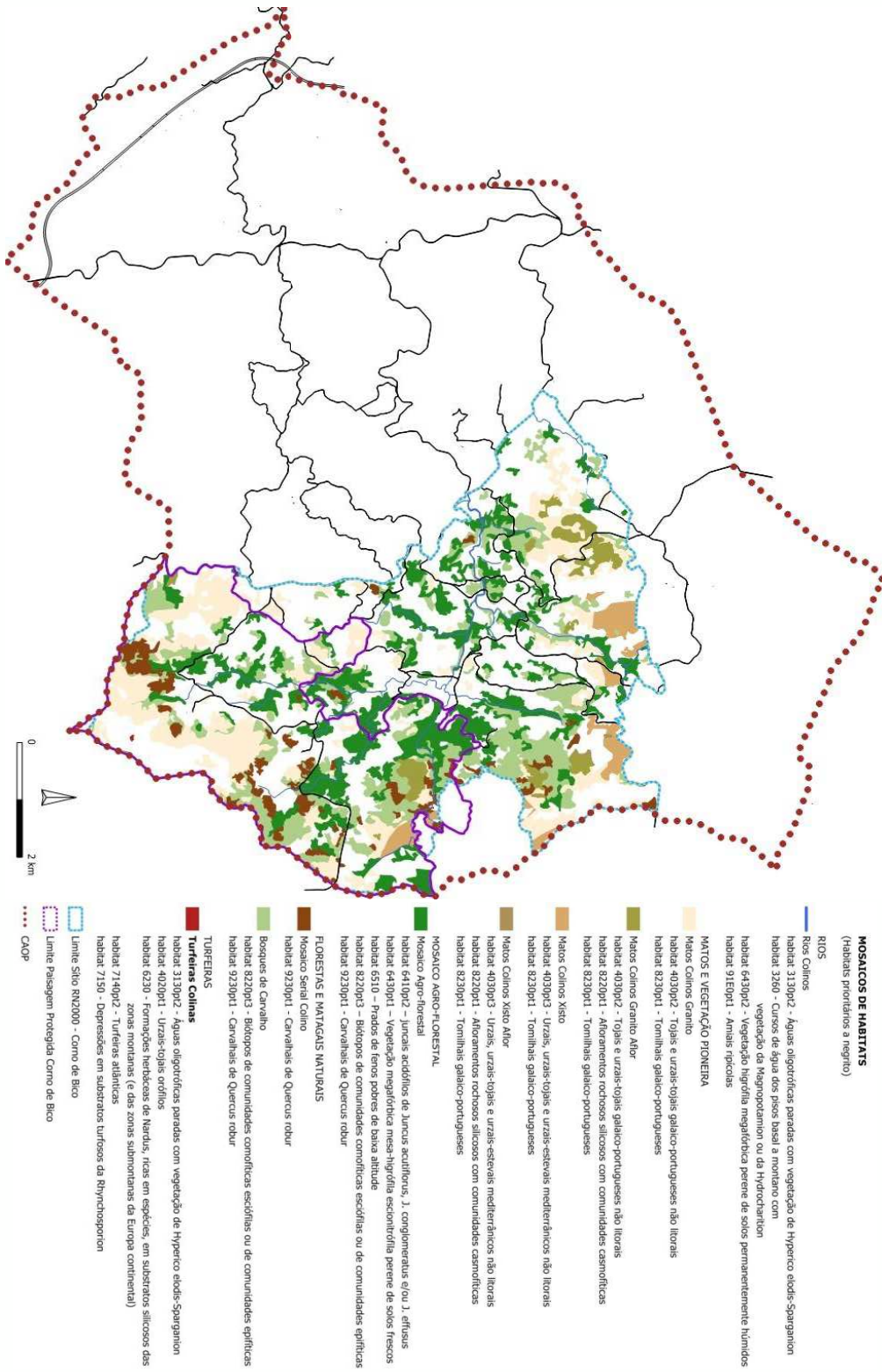
9160 - Carvalhais pedunculados ou florestas mistas de carvalhos e carpas subatlânticas e médio-europeias da *Carpinion betuli* (9160pt1 [Carvalhais mesotróficos de *Quercus robur*]).

91E0 - Florestas Aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (*Alno-Padion*, *Alnion incanae*, *Salicion albae*) (91E0pt1 [Amiais ripícolas]): estes bosques ripários aparecem, geralmente, sobre solos bem drenados em período secos, mas inundados, periodicamente, pelas cheias das linhas de água a que estão associados. São normalmente frondosos, cobrindo uma variedade significativa de espécies arbustivas, o que leva, com frequência, a que sejam podados, ou mesmo destruídos, pelos agricultores. O rio Coura, na sua parte montante, bem como alguns dos seus principais afluentes, são um bom exemplo deste habitat.

9230 - Carvalhais galaico-portugueses de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica* (9230pt1 [Carvalhais de *Quercus robur*]): Estes carvalhais (naturais) apresentam uma mancha considerável no concelho, sobretudo em lugares mais inacessíveis, existindo, no entanto, também, pequenos bosquetes junto a áreas agrícolas, que dado o facto de não apresentarem condições atractivas para a agricultura, mantiveram a sua presença mais ou menos isolada.

Os mosaicos de *habitat*, apresentados de seguida, resultaram da agregação que o CIBIO fez dos diferentes *habitats* naturais identificados no PSRN2000. O estudo denominado “O Plano Sectorial da Rede Natura 2000 e os Planos Directores Municipais no Vale do Minho” aprofundou o levantamento local no terreno e verificou, não só a existência de algumas espécies não referenciadas no PSRN 2000, como confirmou a inexistência de espécies nele referidas. Partindo dos novos dados obtidos, os mosaicos de *habitat* foram (re)agrupados considerando a sua coerência ecológica.

Figura 13 - Rede Natura 2000 e Paisagem Protegida do Corno de Bico



Estes *habitats* abrigam um variado número de espécies da fauna que beneficiam da sua riqueza. Importa salientar que, de entre elas, algumas são endémicas e outras encontram-se sob ameaça.

O Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida do Corno do Bico identifica, nesta parcela do território, com 2069 hectares e gerida pela Camara Municipal de Paredes de Coura: 7 espécies de peixes dulciaquícolas, 13 espécies de anfíbios, 17 espécies de répteis, 70 espécies de aves nidificantes (num total de 104 aves identificadas) e 47 espécies de mamíferos. As espécies faunísticas de maior interesse são o lobo (*Canis lupus*) - a espécie prioritária, a boga (*Chondrostoma polylepis*), a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitânica*), o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), a lontra (*Lutra lutra*), e a toupeira-d'água (*Galemys pyrenaicus*). Dignas de destaque são, ainda, as várias espécies de morcegos como o morcego-rato-grande e o morcego-de-ferradura-pequeno, entre outros, o tataranhão-caçador, o açor, a cobra-lisa-europeia, a víbora-cornuda e a víbora de Seoane, o tritão-palmado, a rã-de-focinho-pontiagudo a rã-ibérica, a enguia, a panjorca (POPPCB) e muitos outros que, aqui, não serão listados.

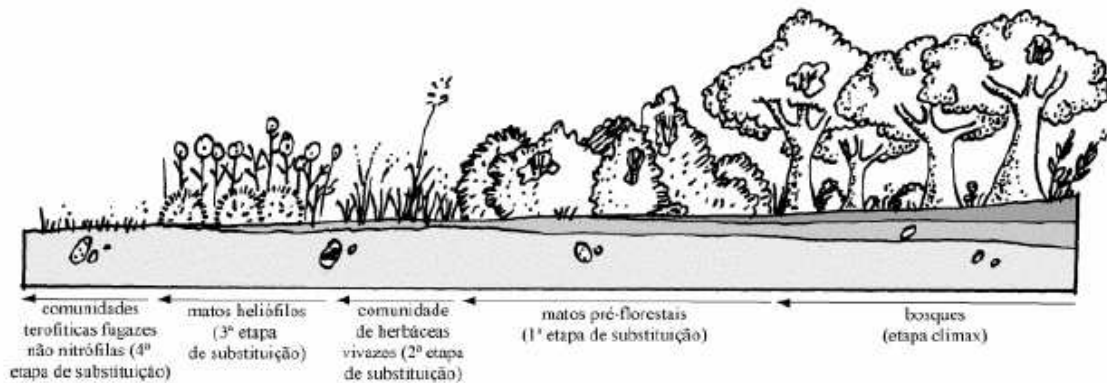
Vegetação Potencial Natural

O estudo genérico da vegetação de Paredes de Coura tem por objectivo a obtenção de um primeiro esboço do mapa de Vegetação Natural Potencial (VNP) do município. O conceito de VNP tem por base uma concepção fitossociológica da vegetação, em que, num determinado *habitat*, a vegetação nativa evolui⁴⁰ até atingir um estágio máximo de desenvolvimento, de acordo com as características edafoclimáticas desse *habitat*. A vegetação natural potencial, materializa-se, assim, com base na comunidade vegetal que representa a evolução máxima possível da biomassa (a etapa clímax, chamada 'cabeça de série'), que apenas será alcançada, caso não haja uma intervenção humana perturbadora ou se verifique uma catástrofe natural no território. Às nossas latitudes, e em condições mesófilas (i.e. médias) de *habitat*, esse estágio máximo da vegetação corresponde a um bosque,

⁴⁰ Segundo uma determinada sucessão ecológica de comunidades vegetais - i.e. uma 'série de vegetação'.

representante máximo de uma edafossérie⁴¹ que inclui várias etapas (comunidades vegetais) de sucessão (ou de degradação), consoante o grau de evolução (ou degradação) da biomassa e do solo (essencialmente) (Figura seguinte).

Figura 14 - Exemplo Teórico de uma Série de Vegetação (Costa et al. 1999)
(i.e. evolução temporal/sucessional da vegetação num mesmo local)



Deste modo, a elaboração da carta de VNP baseia-se num paradigma em que se relaciona, de forma mais ou menos determinística, uma série de vegetação com uma determinada combinação de factores bioclimáticos e hidrogeomorfológicos, num dado contexto biogeográfico⁴². Para a obtenção de um modelo ecológico, que permita construir este tipo de "cartografia preditiva", é necessário que a vegetação do território esteja devidamente estudada e as séries de vegetação sejam bem conhecidas⁴³.

Obviamente que na construção de um modelo ecológico deste tipo há sempre uma interpretação mais ou menos subjectiva entre a vegetação actual, potencial e os factores ambientais. No entanto, essa subjectividade será tanto menor quanto melhor conhecida (cientificamente) for a vegetação do território⁴⁴. Até porque existem territórios em que a artificialização dos *habitats* já não permite inferir directamente no terreno qual a etapa e/ou série de vegetação presente, e.g. áreas

⁴¹ Desenvolvem-se em territórios com períodos de perturbação natural curto ou muito curto com solos desenvolvidos em profundidade que permitem o domínio de fanerófitos arbóreos.

⁴² Carlos NETO, et al., *Carta da Vegetação Natural Potencial de Caldas da Rainha. Finisterra*, 43, , 2008, 31–51.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem.

construídas, áreas densamente cultivadas ou áreas invadidas por espécies exóticas. Nesses casos as séries são inferidas, a partir de áreas com *habitat* semelhante, e que ainda detêm vegetação nativa.

Importa salientar que VNP não é necessariamente sinónimo de 'vegetação primitiva ou pristina', (i.e. vegetação ainda não alterada pelas actividades humanas). Por vezes, as condições de *habitat* pristinas foram de tal forma alteradas por essas intervenções que a VNP já será diferente da evolução máxima da vegetação primitiva que em tempos existiu. Constituem exemplos, a alteração dos regimes dos cursos de água⁴⁵, a alteração das características do solo provocadas pela agricultura⁴⁶ ou, como acontece nos lameiros courenses, a alteração da morfologia e a drenagem das encostas, que promove o alargamento dos solos irrigados.

Caracterização Geobotânica das Terras de Coura

O município de Paredes de Coura encontra-se, biogeograficamente, totalmente incluído no "superdistrito" Miniense Litoral⁴⁷, do qual autores mais recentes esboçam uma divisão, correspondendo a parte N, onde se incluem as Terras de Coura, ao distrito "Bracarense"⁴⁸. Incluídos no sector Galaico-Português (Subprovincia Cantabro-Atlântica) estes territórios são caracterizados por uma VNP mesófila zonal (i.e. vegetação cuja evolução depende sobretudo das características climáticas da zona climática em que o território se insere), constituída por bosques de carvalho-alvarinho (*Quercus robur* L.), localmente designados por carvalhais ou reboredos.

A grande diferenciação natural, no município, faz-se ao nível climático, marcadamente, dependente das características orográficas do território. Constituindo-se como um anfiteatro virado ao Atlântico, as características bioclimáticas do município são claramente reflexo de um gradiente O-E. Com um

⁴⁵ Estevão PORTELA-PEREIRA, *Análise Geobotânica dos Bosques e Galerias Ripícolas da Bacia Hidrográfica do Tejo em Portugal. PhD Thesis.* Univ. de Lisboa, IGOT, Lisboa, 2013.

⁴⁶ Carlos NETO, et al., *Os Sobreirais da Bacia Ceno-Antropozóica do Tejo (Província Lusitano-Andaluza Litoral), Portugal. Acta Botanica Malacitana*, 32, 2007, 201–210.

⁴⁷ J.C. COSTA, et al., *Biogeografia de Portugal Continental. Quercetea*, 0, 1999, 5–56.

⁴⁸ S. RIVAS-MARTÍNEZ et al., *Biogeography of Spain and Portugal. Preliminary Typological Synopsis. International Journal of Geobotanical Research*, 4, 2014, 1–64.

clima temperado oceânico submediterrânico⁴⁹, as características térmicas do território evoluem do tipo termotemperado superior (ou termocolino), nas cotas mais baixas a oeste, que alcança a Vila, até ao tipo mesotemperado superior (ou submontano), no topo das serras acima dos 650 m de altitude. As áreas intermédias estão no tipo mesotemperado inferior (ou colino)⁵⁰. Quanto à humidade atmosférica, tendo por base também, a Classificação Bioclimática da Terra de Rivas-Martínez⁵¹, os ombrótipos (relação entre temperatura e precipitação), no concelho são também três, desde o húmido superior (a O, grosso modo apenas nas freguesias de Coura, metade O de Rubiães e uma pequena parte de Romarigães), passando pelo hiper-húmido inferior até ao hiper-húmido superior (grosso modo acima dos 500 m de altitude)⁵².

Os terrenos courenses de cariz acidófilo (granitos e xistos), drenados, na sua quase totalidade, pela variada rede hidrográfica da sub-bacia do (Alto) Rio Coura, têm um escoamento permanente, e são marcados pelo uso ancestral do território, que se traduz nas leiras tão características. Esta ancestral utilização com a domesticação dos cursos de água, produziu uma ligação através de uma rede de (re)presas ('motas'), poças e levadas (regueiros), que modelaram a paisagem das encostas das serras do Coura, às necessidades agrárias dos povoados courenses ao longo da história.

No que respeita à flora, o município courense foi um dos primeiros a ter um levantamento detalhado da sua flora vascular - lista de 432 espécies⁵³, das quais cerca de 370 serão nativas espontâneas, a que acresce ainda uma listagem de musgos e líquenes⁵⁴.

⁴⁹ Com verão pelo menos com um mês seco - apenas o topo do Corno do Bico será verdadeiramente temperado.

⁵⁰ T. MONTEIRO-HENRIQUES, *Fitossociologia e Paisagem da Bacia Hidrográfica do Rio Paiva e das Bacias Contíguas da Margem Esquerda do Rio Douro, desde o Paiva ao Rio Tedo (Portugal)*. PhD Thesis, Univ. Tecn. de Lisboa, ISA, Lisboa, 2010.

⁵¹ S. RIVAS-MARTÍNEZ et al., *Biogeography of Spain and Portugal. Preliminary Typological Synopsis. International Journal of Geobotanical Research*, 1, 2011, 1–634.

⁵² T. MONTEIRO-HENRIQUES, et al., *Bioclimatological Mapping Tackling Uncertainty Propagation: Application to Mainland Portugal. International Journal of Climatology*, 36, 2016, 400–411.

⁵³ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura. Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920, 33–70.

⁵⁴ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura. Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920, 33–70; G. SAMPAIO, "Líquenes" das Regiões de Paredes de Coura. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920, 91–94.

O Padre Clemente Lourenço Pereira destacava, então, que pela sua altitude este território estava inserido na *zona de planícies e colinas*, manifestando a sua vegetação esse carácter, apesar de conter algumas plantas próprias das grandes altitudes⁵⁵. [No fundo retratava muito fielmente o que acima se descreveu em termos bioclimáticos]. Referindo que o carvalho (*Quercus robur* L.) e o pinheiro (*Pinus pinaster* Aiton) eram as principais essências florestais, predominando o primeiro, sendo que na freguesia de Insalde eram frequentes o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica* Willd.) e o bidoeiro ("*Betula verrucosa*" = *B. pubescens* Ehrh., cf.). Fora desta freguesia (e o autor acrescenta que as terras entre os montes de S. Silvestre, Cotão [Boulhosa] e Corno de Bico foram cuidadosamente exploradas), o carvalho-negral não era tão frequente e os raríssimos exemplares que se encontravam de bidoeiro teriam sido plantados. O mesmo autor salientava que na freguesia de S. Martinho de Coura «o terreno árido e íngreme [Serra do Lousado, por certo] demonstrava uma fácies diferente do resto do concelho, devendo conter algumas novidades», tal como a *Sedum pruina* Brot. e o rosmaninho *Lavandula stoechas* L.

Esta descrição da paisagem vegetal é importante para o estudo da VNP, sobretudo porque descreve o concelho antes das grandes plantações e arroteamentos promovidos, a partir dos anos 40, pelo Estado Novo e a ação da Junta de Colonização Interna.

Apesar deste anterior conhecimento florístico precoce e detalhado do município, as atuais interpretações sobre as comunidades vegetais e séries de vegetação, que ocorrem no seu território, não são consensuais entre os autores consultados⁵⁶.

De salientar que, tal como a Botânica classifica as diferentes plantas em espécies, que podem ser subdivididas em subespécies, variedades ou formas, ou superiormente agrupadas, em géneros, famílias, etc., atribuindo uma designação

⁵⁵ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura*. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920, 33–70.

⁵⁶ Cfr. J.C. COSTA, *et al.*, Biogeografia de Portugal Continental. *Quercetea*, 0, 1999, 5–56; J. HONRADO, *et al.*, *Aspectos Geobotânicos do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. *Quercetea*, 3, 2002b, 65–80; J. HONRADO, *Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. PhD Thesis, Univ. do Porto, FCUP, Porto, 2003; J. HONRADO, *et al.*, *A Vegetação do Alto Minho*. *Quercetea*, 5, 2004, 3–102; J. CAPELO, *et al.*, *A Methodological Approach to Potential Vegetation Modeling Using GIS Techniques and Phytosociological Expert-Knowledge: Application to Mainland Portugal*. *Phytocoenologia*, 37, 2007, 399–415; P. BEJA, *et al.*, *Reinterpretación del Robledal Termófilo Galaico-Portugués: Rusco aculeati-Quercetum roboris*. *Lazaroa*, 19, 2008, 85–98.

científica, a Fitossociologia procede de igual modo para as comunidades vegetais, classificando-as, com base nas espécies dominantes e bioindicadoras presentes, como associações, que se podem subdividir em subassociações, variantes e faciações, e agrupar noutros níveis taxonómicos superiores.

Materiais e Métodos

Foram elaboradas duas cartas, uma de Vegetação Actual (VA) e outras que efectua uma primeira aproximação à Carta da Vegetação Natural Potencial (VNP). O Carta da Vegetação Actual (VA) foi organizada tendo por base a actualização da COS 2007 (Nível 5), actualizada pelos serviços da CMPC na última década. A esta acrescentou-se, na parte oriental do concelho, o carta de *Habitats* do SIC Corno de Bico⁵⁷. Esta carta serviu para ter uma ideia inicial das condições actuais gerais da vegetação do concelho, e sobretudo para se efectuar a comparação visual da carta de vegetação actual com o esboço produzido da vegetação potencial. Esta carta representa os complexos e mosaicos de vegetação que foi possível realizar, tendo em conta a informação disponível.

Quanto à elaboração da Carta de VNP de Paredes de Coura, esta passou por diferentes fases; desde o levantamento de toda a informação disponível, ao nível da flora, vegetação, *habitat* e informação abiótica de base, incluindo bioclimática, do concelho e séries de vegetação conhecidas para o território biogeográfico em que este está inserido; a construção de uma matriz onde se relacionou a VNP passível de ocorrer no território vs. as características florísticas (bioindicadores) e abióticas (*habitat* + bioclima), que segundo a bibliografia, lhe estão associadas. Para se completar esse conhecimento procurou-se obter o máximo de informação disponível sobre a distribuição das espécies bioindicadoras das diferentes séries de vegetação. Para isso foi crucial a reunião com o técnico da Paisagem Protegida do Corno do Bico (PPCB), Mário Pedro Sousa, que nos indicou várias localizações de espécies,

⁵⁷ CIBIO, *O Plano Sectorial da Rede "Natura 2000" e os Planos Directores Municipais no Vale do Minho*. Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Univ. do Porto, Porto, 2007.

assim como o desconhecimento actual de outras espécies, assinaladas em 1920⁵⁸. Foi também consultada a base de dados da flora portuguesa (Flora-On, online).

Foram efectuadas saídas de campo para a realização dos inventários paisagísticos (com anotação das principais comunidades vegetais observadas, nomeadamente das espécies dominantes), dos inventários florísticos gerais (através de pequenas incursões por entre a vegetação, nomeadamente florestal, onde se apontava as principais espécies presentes) e, dos inventários fitossociológicos (apenas pontualmente, nos carvalhais do Corno de Bico).

Dessas saídas e com as indicações de Mário Pedro Sousa (PPCB) foi possível aferir a ocorrência da série de carvalho com aveleiras no Vale do Borzendes, junto à Zona Industrial de Formariz, onde estão representados também, e sobretudo, os seus bosques secundários de aveleiras. Foram delimitados os limites do carvalho termotemperado (procura de espécies mediterrânicas, nomeadamente, o sobreiro) e efectuada prospecção das séries de vegetação higrófilas e aquáticas, nos cursos de água a baixa altitude, tendo ainda sido aferido o carvalho que ocorre nos territórios submontanos, mesotemperados superior, e efectuada prospecção dos ambientes paludosos.

Considerando que a disponibilidade para a realização do trabalhos de campo se restringiu ao início da Primavera, tornou-se mais difícil a identificação de determinadas espécies, uma que os elementos arbóreos se encontravam em dormência (nas serras) ou na saída da mesma (nos vales a jusante). Contudo, foi possível sistematizar toda a informação, onde para além das espécies que se identificaram, se indicou também, a comunidade vegetal presente, o respectivo *habitat* Rede Natura 2000 (nos casos em que esta existe) e a presença ou não de aluviões ou coluviões higrófilos (nos pontos de observação direccionados para esta vegetação), totalizando cerca de 1108 plantas identificadas e georreferenciadas.

⁵⁸ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura. Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920.

Procedeu-se, seguidamente, à revisão da matriz inicial da VNP e à construção da Carta de VNP seguindo, grosso modo, uma metodologia semelhante a outros mapas de VNP já elaborados por outros autores⁵⁹.

Tabela 2 – Relação da VNP vs. Características Bioclimáticas e Metodologia Aplicada na Cartografia

VNP	Tipo de série	Termótipos (vrs. 2011) (Monteiro-Henriques et al., 2016)	Ombrotipos (Monteiro-Henriques et al., 2016)
<p>Carvalho com sobreiro (Termocolino)</p> <p>(Subsérie do <i>Rusco aculeati-Quercetum roboris</i> Br.-Bl., P.Silva & Rozeira 1956 subass. <i>quercetosum suberis</i> Amigo, Izco, Guitián & Romero 1998)</p>	Edafossérie mesófila	Termotemperado Submediterrânico superior (Mesotemperado inferior)	Húmido superior e Hiper-Húmido inferior
<p>Metodologia aplicada na cartografia: Áreas termotemperadas + mesotemperadas inferiores até à cota de 400 m de altitude, a que se adicionou 2 cabeços acima desta (Mourela em Cunha, 409 m) e Portela Pequena, Romarigães (442 m).</p>			
<p>Carvalho Colino</p> <p>(Subsérie do <i>Rusco aculeati-Quercetum roboris</i> Br.-Bl., P.Silva & Rozeira 1956 subass. <i>violetosum riviniana</i> Br.-Bl., P.Silva & Rozeira 1956)</p>	Edafossérie mesófila	Mesotemperado Submediterrânico (Eutemperado)	Hiper-Húmido
<p>Metodologia aplicada na cartografia: Restantes áreas mesotemperadas do município.</p>			
<p>Carvalho com aveleira (Mesotrófico)</p> <p>(Série do <i>Hyperico androsaemi-Quercetum roboris</i> J.Honrado, I.Rocha, P.Alves & F.B.Caldas 2002)</p>	Edafossérie tempori-higrófila	Termotemperado Submediterrânico superior a Mesotemperado inferior (superior)	Húmido superior a Hiper-Húmido superior
<p>Metodologia aplicada na cartografia: Classes de declive >25%, e de risco de erosão da REN; cruzamento destas com a rede hidrográfica de forma a retirar as áreas de cumeada. Correção manual das áreas assinaladas e vectorização de outras áreas com potencial teórico.</p>			
<p>VNP Aquático-Ribeirinha</p> <p>(Complexo de Geosséries Aquáticas e Ribeirinhas: Geosséries Aquáticas e Turfófilas, e Geossérie Ribeirinha de <i>Narcisso cyclaminei-Alnetum glutinosae</i> J.Honrado, P.Alves, R.Pereira & F.B.Caldas 2002)</p>	Permasséries aquáticas, turfófilas e Edafosséries tempori- e higrófilas	Termotemperado Submediterrânico superior a Mesotemperado superior	Húmido superior a Hiper-Húmido superior
<p>Metodologia aplicada na cartografia: Classes de declive <5% cruzado com a rede hidrográfica (até ordem 2 (Strahler, 1957)) à qual foi adicionado um <i>buffer</i> de 1 m para cada lado. Correção das áreas assinaladas através, primeiro, da eliminação de áreas <1000 m²; posteriormente, efectuada uma correção geral de áreas "estranhas" (as classes de declive criam "quebras de declive" artificiais) com base nos ortofotos, curvas de nível com equidistância de 5 m e os levantamentos de</p>			

⁵⁹ Cfr. J. CAPELO, et al., *A Methodological Approach to Potential Vegetation Modeling Using GIS Techniques and Phytosociological Expert-Knowledge: Application to Mainland Portugal*. *Phytocoenologia*, 37, 2007, 399–415; Carlos NETO, et al., *Carta da Vegetação Natural Potencial de Caldas da Rainha*. *Finisterra*, 43, , 2008, 31–51; T. MONTEIRO-HENRIQUES, *Fitossociologia e Paisagem da Bacia Hidrográfica do Rio Paiva e das Bacias Contíguas da Margem Esquerda do Rio Douro, desde o Paiva ao Rio Têdo (Portugal)*. PhD Thesis, Univ. Tecn. de Lisboa, ISA, Lisboa, 2010.

campo. Esta correcção incidu sobre as áreas maiores (corrigidas também com os fluvissois da carta de solos) em detrimento das menores, às quais se aplicou uma simplificação de vértices a 5 m, para amenizar a *pixelização*.

Figura 15 - Vegetação Actual de Paredes de Coura (baseado na COS'07)

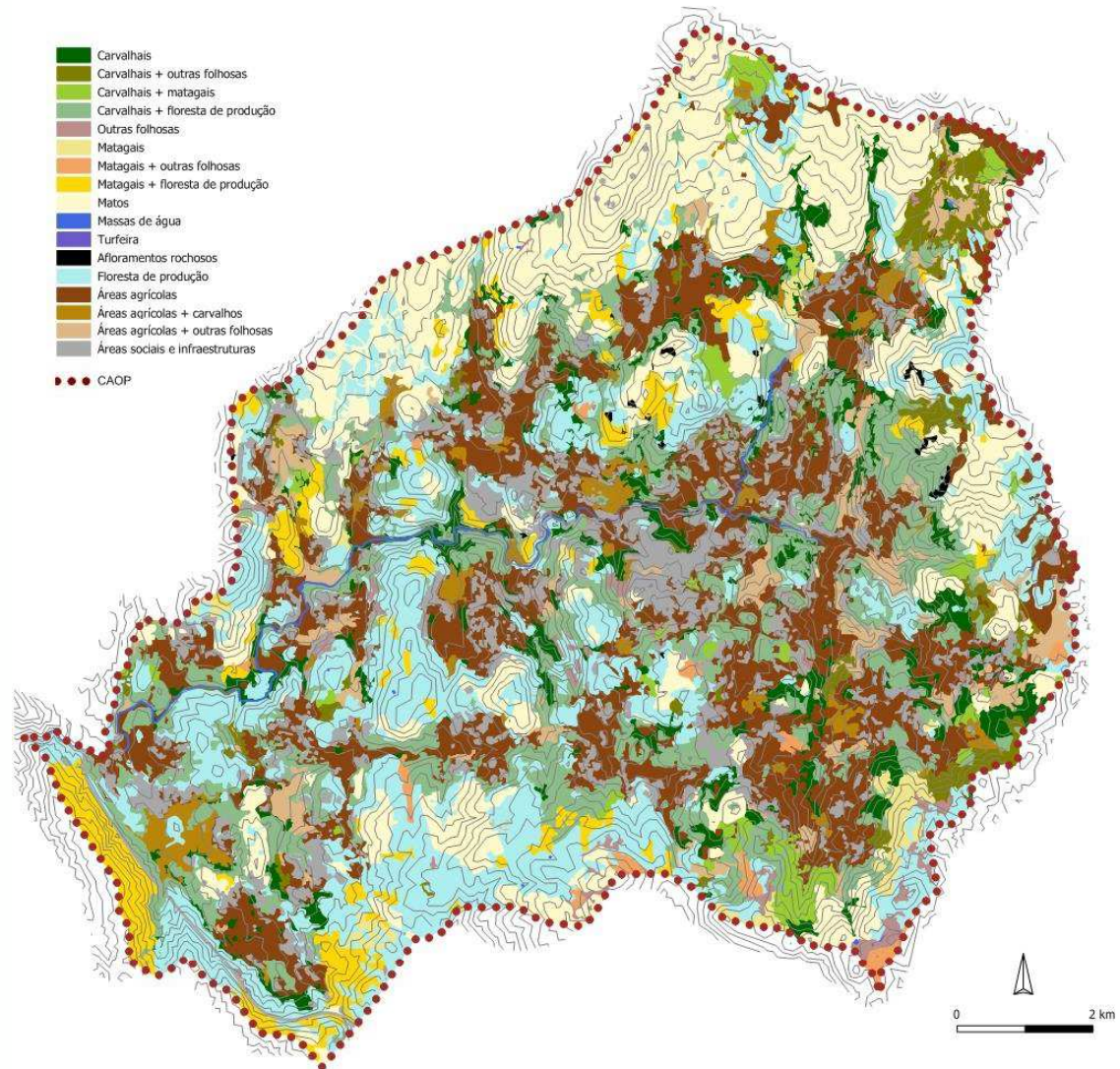
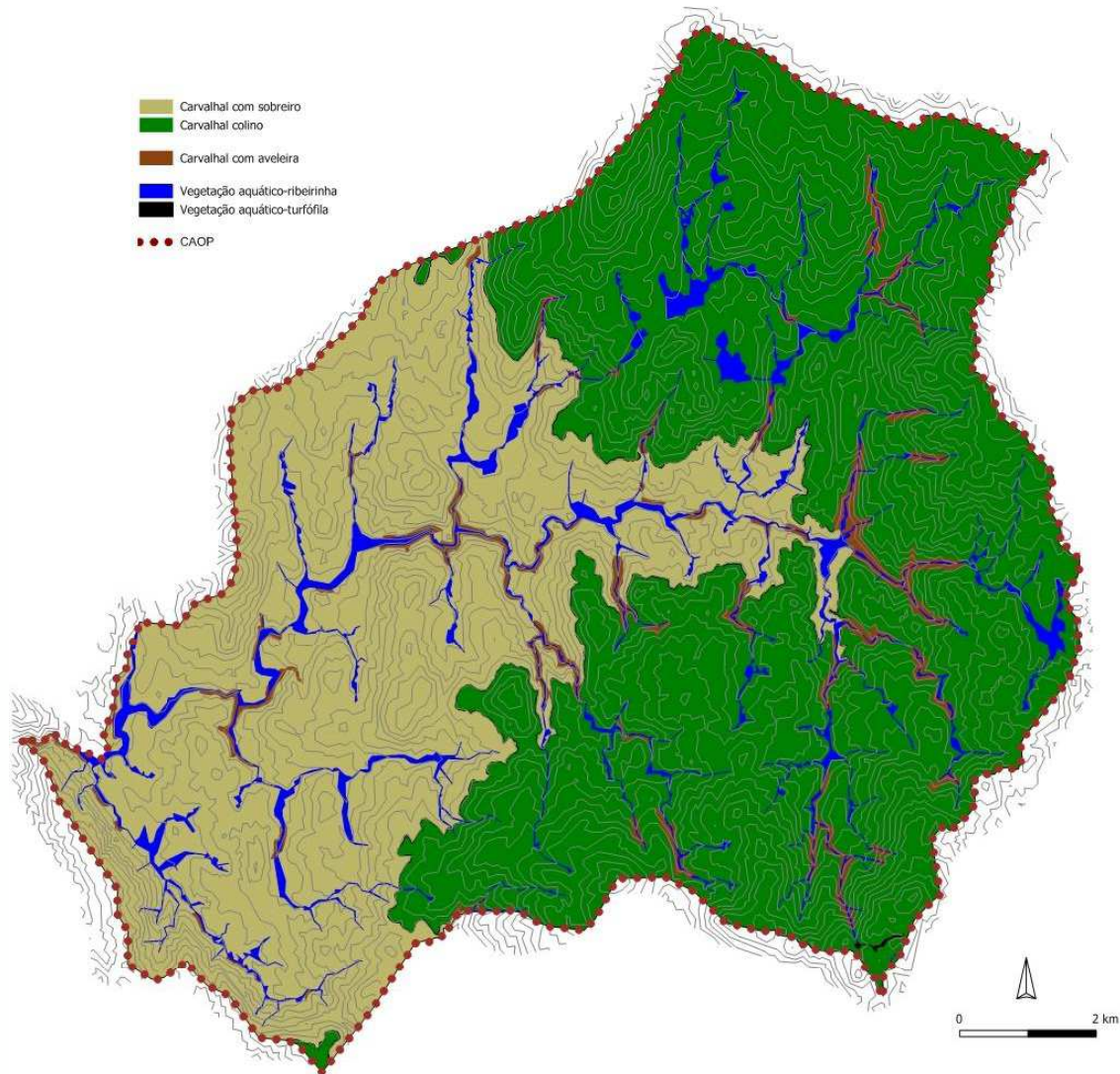


Figura 16 - Esboço da Vegetação Natural Potencial de Paredes de Coura



Da Paisagem Vegetal Actual à VNP Mesófila Zonal - Dois Tipos de Carvalhais, que ainda persistem na Paisagem Agrária

Como se referiu, a principal vegetação potencial dos territórios courenses são os carvalhais (figura anterior). No entanto, a paisagem vegetal actual tem uma imagem bem diferente desta potencialidade (Figura com a vegetação actual), uma vez que os carvalhais com alguma extensão são raros. Ainda assim, ao contrário de outros municípios minhotos, os carvalhais surgem, neste território, como marca da paisagem agrária courense, intercalados quer com culturas agrícolas e pastagens semi-naturais, quer com as suas etapas de substituição mais evoluídas, e.g. tojal-alto (de *Ulex europaeus* subsp. *latebracteatus* (Mariz) Rothm.) e giestais (de *Cytisus*

striatus (Hill) Rothm.) ou codessais (de *Adenocarpus lainzii* (Castrov.) Castrov.) onde os solos com aptidão florestal ainda persistem (sobretudo nas encostas da parte E do concelho e alguns núcleos a O). Nas áreas de cabeceira encontram-se ainda extensas áreas de matos baixos (urzais-tojais da classe *Calluno-Ulicetea*, que representam uma etapa de substituição mais degradada, destacando-se nas serras a N, em solos já bastante erodidos onde no passado recente se propagaram pinhais-bravos e onde, actualmente, ocorrem incêndios ou se propagam espécies exóticas, nomeadamente *Eucalyptus* spp.. De resto as áreas de floresta de produção ocupam também uma parte significativa do concelho, chegando a dominar, em grandes manchas, na sua metade oeste.

Sobre os carvalhais mesófilos que correspondem ao *Habitat* 9230pt1 da Rede Natura, a bibliografia de referência, apesar de não consensual, quanto à classificação dos carvalhais presentes, parece concordar que nas terras courenses ocorrerão duas edafosséries (ou edafo-subséries) de carvalho: uma mais termófila, que inclui elementos florísticos mediterrânicos, e.g. sobreiro (*Quercus suber* L.), e outra sem esses elementos (tabela seguinte).

Tabela 3 – Séries de Carvalhais Mesófilos já Referenciadas na Bibliografia para os Territórios Courenses

Carvalho c/ elementos mediterrânicos e sua distribuição no município	Carvalho s/ elementos mediterrânicos e sua distribuição no município	Referências bibliográficas
Subsérie do <i>Rusco aculeati-Quercetum roboris</i> Br.-Bl., P.Silva & Rozeira 1956 subass. <i>quercetosum suberis</i> Amigo, Izco, Guitián & Romero 1998 - sobretudo no andar termotemperado superior	Subsérie do <i>Rusco aculeati-Quercetum roboris</i> Br.-Bl., P.Silva & Rozeira 1956 subass. <i>violetosum riviniana</i> Br.-Bl., P.Silva & Rozeira 1956 sobretudo no andar mesotemperado	Mapa da VNP do PNP-G e enquadramento geobotânico do dos concelhos do Alto Minho (Honrado, 2003; Honrado <i>et al.</i> , 2004)
Série do <i>Viburno tini-Quercetum roboris</i> (Br.-Bl., P.Silva & Rozeira) J.C.Costa, Capelo, Honrado, Aguiar & Lousã 2002 - grande parte do território	Série do <i>Rusco aculeati-Quercetum roboris</i> Br.-Bl., P.Silva & Rozeira 1956 - restrito aos territórios mesotemperados superior	Mapa da VNP de Portugal Continental (Capelo <i>et al.</i> , 2007), enquadramento geobotânico do PNP-G (Honrado <i>et al.</i> , 2002b)
Carvalho de carácter termófilo geralmente abaixo dos 700 m de altitude	Carvalho de montanha acima dos 700 m	Plano de gestão da PPCB (Beja <i>et al.</i> , 2008)

Seguindo a interpretação mais recente dos carvalhais termófilos de *Quercus robur* no CW lusitano⁶⁰, a interpretação que faz mais sentido é da existência de duas

⁶⁰ J.C. COSTA, et al., Warm-Temperate Forests of Central Portugal: A Mosaic of Syntaxa. *Warm-Temperate Deciduous Forests around the Northern Hemisphere* (ed. by E.O. Box and K. Fujiwara), 2015, pp. 97–117.

subséries dos carvalhais termófilos⁶¹, seguindo a revisão feita por Amigo *et al.* (1998). A bibliografia revista, refere que⁶², «fora do PNP-G, este tipo de carvalho [a subass. *violetosum rivianae*] é particularmente frequente no concelho de Paredes de Coura», algo que já era indicado como possível (mas também não comprovado) nos locais mais elevados (e.g. Vilar do Monte-Bico)⁶³. Contudo, a última interpretação onde se reconhece um carvalho-alvarinho montano, caracterizado pela presença de carvalho-negral, bidoeiro e da pontual, e muito rara, uva-do-monte (*Vaccinium myrtillus* L.)⁶⁴, parece-nos menos parcimoniosa, já que este tipo de carvalho apenas tem comprovada ocorrência no PNP-G⁶⁵, no andar térmico supratemperado (montano), uma vez que nunca foi considerado para as serras de Paredes de Coura⁶⁶. A ocorrência pontual dos elementos considerados montanos, poderá indicar características de transição para tais carvalhais de altitude, que, verdadeiramente, não chegam a ocorrer no município por falta de condições bioclimáticas. Apesar de o carvalho-negral e bidoeiro serem apontados, em 1920, como espontâneos, sendo o primeiro raro, não é exclusivo dos carvalhais montanos⁶⁷, e a maioria dos bidoeiros, segundo informações locais, foram introduzidos com as plantações do Estado Novo.

A delimitação da fronteira entre estes carvalhais que ocorre nos 400 m de altitude (Tabela 3) é consensual, tendo por base o conhecimento desta série no PNP-G⁶⁸ e nos dados recolhidos em Paredes de Coura. No entanto, é possível que nas vertentes expostas a S (e.g. Monte de S. Silvestre - que é bastante percorrida por incêndios - e a encosta N do Vale do Rio Coura/Rib.º de Reiriz) e mais xéricas, devido ao afloramento do substrato rochoso, que a área se alargue, potencialmente,

⁶¹ Cfr. J. HONRADO, *Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. PhD Thesis, Univ. do Porto, FCUP, Porto, 2003; J. HONRADO, *et al.*, *A Vegetação do Alto Minho*. *Quercetea*, 5, 2004, 3–102.

⁶² J. HONRADO, *Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. PhD Thesis, Univ. do Porto, FCUP, Porto, 2003.

⁶³ J.C. COSTA, *et al.*, *Biogeografia de Portugal Continental*. *Quercetea*, 0, 1999, 5–56.

⁶⁴ P. BEJA, *et al.*, *Reinterpretación del Robledal Termófilo Galaico-Portugués: Rusco aculeati-Quercetum roboris*. *Lazaroa*, 19, 1998, 85–98.

⁶⁵ J. HONRADO, *et al.*, *A Vegetação do Alto Minho*. *Quercetea*, 5, 2004, 3–102; J. CAPELO, *et al.*, *A Methodological Approach to Potential Vegetation Modeling Using GIS Techniques and Phytosociological Expert-Knowledge: Application to Mainland Portugal*. *Phytocoenologia*, 37, 2007, 399–415.

⁶⁶ S. MESQUITA, *Modelação Bioclimática de Portugal Continental*. MSc Thesis, IST-UTL, Lisboa, 2005; T. MONTEIRO-HENRIQUES, *et al.*, *Bioclimatological Mapping Tackling Uncertainty Propagation: Application to Mainland Portugal*. *International Journal of Climatology*, 36, 2016, 400–411.

⁶⁷ J. HONRADO, *Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. PhD Thesis, Univ. do Porto, FCUP, Porto, 2003.

⁶⁸ Idem

até aos 600-650 m, i.e. no limite do mesotemperado inferior. De salientar que, na encosta S da Serra do Gerês, este carvalhal alcança os 700 m⁶⁹. A toponímia na encosta N do Vale do Coura, com o lugar de Sobreiro, em Padornelo, num cabeço a ca. 460 m de altitude, e o sítio das "Sobreiras", numa encosta declivosa onde são indicados afloramentos na carta militar, a 550 m, e ainda um sobreiro detectado próximo de Travanca (mas já fora do limite do concelho) a 620 m, exposto a S, constitui um indicador de que a área deste carvalhal *termocolino* possa ser mais alargada, e, muito provavelmente, descontínua.

A delimitação dessa fronteira fica dependente da realização de inventários fitossociológicos nos bosquetes de carvalho, que ainda se podem encontrar no concelho, assim como na prospecção de outras espécies bioindicadoras termófilas mediterrânicas, para além do sobreiro (que surge assinalado em 1920 como cultivado, curiosamente⁷⁰), nomeadamente o trovisco (*Daphne gnidium* L.*), raspalíngua (*Rubia peregrina* L.), cássia-branca (*Osyris alba* L.) ou a murta (*Myrtus communis* L.*), entre outros. As espécies assinaladas (*) são indicadas em 1920, pelo mesmo autor, como muito raras. Dos três inventários fitossociológicos (e outros levantamentos) realizados na PPCB não se detectaram elementos verdadeiramente "montanos" nos carvalhais. A presença da anemona-dos-bosques (*Anemone trifolia* L. subsp. *albida* (Mariz) Ulbr.) por si só não nos parece um bioindicador fiel de carvalhais montanos⁷¹, uma vez que foi detectada a baixa altitude num pinhal (194 m, no Vale do Outeiral, Romarigães, e a menores altitudes em *habitats* higrófilos dos amiais do Rio Coura). Por outro lado, encontrou-se gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.), que constitui um bioindicador de carvalhais termófilos s.l. pelo menos até ca. 650 m de altitude, i.e. até ao andar mesotemperado inferior. Ou seja, nos carvalhais do topo do Corno de Bico, nem se encontram nem elementos termófilos, nem montanos propriamente ditos. São necessários mais estudos no andar mesotemperado superior (ou submontano) nas serras de Paredes de Coura. Contudo, a interpretação dos mesmos será sempre dificultada, não só pelas plantações que foram feitas pelo Estado-Novo, mas sobretudo pela destruição da vegetação devido

⁶⁹ Idem

⁷⁰ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura. Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920.

⁷¹ Idem.

à recorrência de incêndios florestais na parte N do concelho e da recente florestação industrial intensiva com *Eucalyptus nitens* (H.Deane & Maiden) Maiden.

Sobre os carvalhais mesófilos são reconhecidas⁷² diferentes variantes nos dois tipos de carvalho, para além das variantes típicas, estudadas no PN-PG. No mais termófilo reconhece várias:

- variante umbrófila de *Laurus nobilis* L. (loureiro), que se pode observar pontualmente em pequenos valeiros no município (e.g. Costa, Cunha), mas que não é fácil de distinguir de um carvalho com aveleira (mesotrófico) degradado (que será analisado no ponto seguinte);

- variante sucessional de *Quercus suber* L. (que nos parece mais uma faciação) em que se dá o domínio do sobreiro sobre o carvalho, formando-se um sobral – não foi detectado no território, mas os incêndios florestais e a erosão do solo podem-no potenciar;

- variante sucessional de *Quercus pyrenaica* Willd. (carvalho-negral), não ocorrerá em Paredes de Coura. É uma "variante" sobre a qual ainda não há um consenso.

- as variantes edafo-higrófilas de *Fraxinus angustifolia* Vahl. (freixo), para a subsérie termocolina, e de *Betula celtiberica* Rothm. & Vasc. (bidoeiro) para a subsérie colina/submontana discutir-se-ão na vegetação ribeirinha.

VNP Azonal (Tempori-) Higrófila

Carvalhais Tempori-higrófilos

Para além dos carvalhais mesófilos existe um 3.º tipo de carvalho⁷³, actualmente raro para a PPCB, que corresponde ao *habitat* 9160. Trata-se de uma edafossérie tempori-higrófila de carvalho, que não tem uma distribuição zonal, dependendo, sobretudo, das características hidrogeomorfológicas particulares de *habitat*. Desenvolve-se apenas em solos profundos e frescos, de características mesotróficas, no sopé das encostas, termo e mesotemperadas - é um carvalho

⁷² J. HONRADO, *Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. PhD Thesis, Univ. do Porto, FCUP, Porto, 2003.

⁷³ P. BEJA, *et al.*, *Reinterpretación del Robledal Termófilo Galaico-Portugués: Rusco aculeati-Quercetum roboris*. *Lazaroa*, 19, 2008.

misto com aveleira (*Corylus avellana* L.), loureiro (*Laurus nobilis* L.), padreiro (*Acer pseudoplatanus* L.), e outras árvores caducifólias, classificado como *Hyperico androsaemi-Quercetum roboris*⁷⁴.

A maior parte das áreas potenciais deste carvalhal foi convertida em leiras para a agricultura. Dado o seu carácter azonal e dependente de condições particulares de *habitat* não é possível efectuar uma cartografia automática das áreas potenciais. As áreas assinaladas, na Figura 16, são aproximadas e carecem, em grande medida, de verificação no terreno. A dificuldade (e sua raridade) da sua localização cartográfica originou a sua ausência das cartas de vegetação da PPCB estando, também, estranhamente, omissos nos *habitats* do SIC Corno do Bico⁷⁵. Dois locais com ocorrência confirmada, no âmbito do presente plano de paisagem, são o vale terminal do Rib.º de Borzendes (Formariz), e por inerência o restante vale encaixado do Rio Coura, e o Vale do Rib.º de Cavaleiros, pelo menos a jusante dos moinhos, parecendo mais frequentes o bosque secundário de avelanal, do que o carvalhal propriamente dito. Existem outras áreas que apresentam vestígios desta série de carvalhal mesotrófico, e.g. sopé da Serra do Lousado (Regato do Outeiral) ou no vale do Rib.º das Poldras.

A jusante da Ponte Nova de Crasto, Rio Coura, surge uma comunidade de aveleiras, na margem direita, e depois um carvalhal numa várzea, que nos parece uma situação intermédia para um outro tipo de bosques de carvalho ainda mais raros, com freixo e que se desenvolvem em solos aluviais (fluvissois), incluídos e discutidos no complexo de geosséries aquáticas e ribeirinhas.

VNP Aquático-Ribeirinha

Dado o seu carácter mais ou menos linear e com uma distribuição zonal, primeiramente, em relação aos cursos de água ou pequenas represas, e só depois em relação às condições climáticas, ocorrem diferentes séries de vegetação

⁷⁴ J. HONRADO, *et al.*, *Ten New Syntaxa from the Miniensean Biogeographic Subsector (Northwestern Portugal)*. *Silva Lusitana*, 10, 2002a, 247–259.; J. HONRADO, *Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. PhD Thesis, Univ. do Porto, FCUP, Porto, 2003.

⁷⁵ P. BEJA, *et al.*, *Reinterpretación del Robledal Termófilo Galaico-Portugués: Rusco aculeati-Quercetum roboris*. *Lazaroa*, 19, 1998, 85–98; Município de Paredes de Coura (2016), Revisão Plano Director Municipal de Paredes de Coura. *Diário da República*, 2.ª série, 4, 651.

aquáticas e higrófilas que, para serem representadas cartograficamente, a estas escalas, são normalmente organizadas ao nível de uma geossérie (i.e. um zonamento das diferentes séries ligadas a determinado(s) gradiente(s) ambiental(ais), no caso, através da água e da humidade do solo, distribuem-se geossérie aquática + geossérie ribeirinha, formando neste caso um complexo de geosséries). Nos *habitats* aquáticos, já não temos edafosséries, pois não há uma sucessão ecológica de comunidades, mas antes, e de um modo geral, um zonamento de permasséries (i.e. séries constituídas por uma única comunidade vegetal permanente) consoante as diferentes características do *habitat* (e.g. profundidade, velocidade ou características tróficas da água), constituindo uma geopermassérie aquática. Nas áreas turfosas temos uma geopermassérie turfosa, uma vez que as comunidades vegetais são outras (também permasséries, de um modo geral), adaptadas a estes meios muito pobres em nutrientes.

As séries de vegetação destes *habitats* aquáticos e higrófilos, como o leito e margens dos cursos de água e suas várzeas, e de outros *habitats* palustres com características mais ou menos turfófilas, são menos conhecidas, em parte, devido à sua relativa raridade, pois encontram-se em solos com grande aptidão agrícola, cuja actividade levou à sua destruição.

Muito provavelmente haverá uma diferenciação altitudinal deste tipo de vegetação no município, semelhante, em certa medida, à que ocorre ao nível da vegetação mesófila. No entanto, essa diferenciação só poderá ser estruturada com estudos mais aprofundados. No andar mesotemperado superior (ou submontano) foi onde se observaram quase todos os *habitats* turfosos detectados (embora estes ocorram noutros locais a menor altitude), e os bosques ribeirinhos parecem não apresentar evidentes elementos termófilos. No entanto, tais séries de vegetação carecem de uma sistematização que ultrapassa o objectivo deste trabalho.

Dado o menor conhecimento da vegetação e a complexidade espacial das geopermasséries aquáticas e turfosas, agrupámo-la num único complexo de geosséries, conscientes da necessidade de estudos ulteriores. Ainda assim, optou-se pela sua dimensão, por destacar o complexo de geossérie aquático-turfófilo da Lameiras das Cebolas, no Corno de Bico (Figura 16). Para simplificar, para além das comunidades aquáticas e turfófilas que se enquadram nos *Habitats* assinalados no

plano de gestão da PPCB⁷⁶ (códigos: 3130pt2, 3260, 7150, 7140pt2), salientam-se outras comunidades, da classe *Magno-Caricetea*, não enquadráveis em *Habitats* da Rede Natura 2000, quer de águas lentas ou paradas: da frequente comunidade de *Ranunculus omiophyllus* Ten, às mais pontuais de *Sparganium erectum* L. (espadana-de-água), no Rio Coura em S. Martinho de Coura, ou de *Typha latifolia* L. (tabúa-larga) na Lagoa da Salguerinha; como de águas mais rápidas em leitos pedregosos: comunidade de *Carex elata* All. subsp. *reuteriana* (Boiss.) Luceño & Aedo, que surge no Rio Coura (tabela seguinte).

Tabela 4 – Comunidades Aquático-Turfófilas Presentes em Paredes de Coura (Beja et al., 2008; Costa et al., 2012)

Habitats Rede Natura	Comunidades e Caracterização
7140pt2 - Turfeiras Atlânticas 7150 - Depressões em substratos turfosos da <i>Rhynchosporion</i>	Complexos de <i>habitats</i> que incluem comunidades aquáticas e turfófilas da classe <i>SCHEUCHZERIO PALUSTRIS-CARICETEA NIGRAE</i> Tüxen 1937 nom. mut.
3130pt2 - Águas oligotróficas paradas com vegetação de <i>Hyperico-Sparganion</i>	Isoladamente surgem em poças, ou em complexo com comunidades turfófilas, e nas represas do Rio Coura. As comunidades de <i>Potamogeton polygonifolius</i> Pourr., que no mesotemperado superior surge com <i>Baldellia alpestris</i> (Coss.) Vasc. e fava-de-água (<i>Menyanthes trifoliata</i> L.) são enquadráveis na classe <i>LITTORELLETEA UNIFLORAE</i> Br.-Bl. & Tüxen ex Westhoff, Dijk & Passchier 1946
3260 - Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitricho-Batrachion</i>	Incluem comunidades de águas lentas ou paradas dispostas em geossérie aquática ou aquático-turfosa, como as comunidades de <i>Callitriche stagnalis</i> Scop. da classe <i>POTAMETEA</i> Klika in Klika & V. Novák 1941), que surgem também em mosaico com comunidades de <i>Ranunculus omiophyllus</i> Ten. (não enquadrável por si só neste <i>Habitat</i> , enquadram-se, noutra classe de águas frias <i>MONTIO FONTANAE-CARDAMINETEA AMARAE</i> Br.-Bl. & Tüxen ex Br.-Bl. 1948)
-	Comunidades de águas lentas ou paradas, mais ou menos mesoeutróficas, de <i>Sparganium erectum</i> L. ou <i>Typha latifolia</i> L.; e comunidade de <i>Carex elata</i> All. subsp. <i>reuteriana</i> (Boiss.) Luceño & Aedo de águas oligotróficas rápidas. Classe <i>Phragmito-Magnocaricetea</i> Klika in Klika & Novák 1941

No que respeita ao conhecimento da vegetação ribeirinha mais higrófila, nas margens dos cursos de água e represas, tendo por base a distância à água e à profundidade do nível freático, distribuem-se no concelho, pelo menos duas séries de vegetação: um amial ripícola e um amial palustre. A série de amial ripícola do *Narcisso cyclaminei-Alnetum glutinosae* J.Honrado, P.Alves, R.Pereira & F.B.Caldas

⁷⁶ P. BEJA, et al., *Reinterpretación del Robledal Termófilo Galaico-Portugués: Rusco aculeati-Quercetum roboris*. *Lazaroa*, 19, 2008, 85–98.

2002⁷⁷, e nas várzeas que mantêm os seus solos mais ou menos encharcados a série do amial de características paludosas *Carici lusitanicae-Alnetum glutinosae* T.E.Díaz & F.Prieto 1994⁷⁸. Estes bosques correspondem a *Habitats* de conservação prioritária na Rede Natura 2000 (91E0*), encontram-se, actualmente, em recuperação devido ao abandono agrícola. Na maioria dos casos, os bosques com características paludosas, que actualmente se encontram nas várzeas courenses, são sobretudo dominados por salgueiro (*Salix atrocinerea* Brot.) (também de conservação prioritária), que podem ser considerados bosques secundários dos amiais⁷⁹. Uma boa excepção é o amial paludoso que ocorre junto ao Aqueduto da Codeceda (Insalde). Normalmente, encontram-se sebes de salgueiro em mosaicos com culturas agrícolas, juncais de *Juncus effusus* L. e comunidades de *Molinia caerulea* (L.) Moench, nomeadamente, nos paus menos agricultados.

Quanto ao amial ripícola, este é frequente nos principais cursos de água, sendo mais raro nas cabeceiras, onde, normalmente é também substituído por borrazeirais/salgueirais de *Salix atrocinerea* (que, inconsistentemente, não se enquadraram em qualquer tipo de *Habitat* da Rede Natura). A presença de bidoeiro (ainda que muitas vezes fruto da sua introdução) e a falta de elementos mais termófilos poderiam sugerir uma série diferente, nos territórios submontanos, que importaria estudar.

Nas várzeas e chãs temporariamente higrófilas vamos encontrar vestígios de "variantes edafo-higrófilas"⁸⁰ dos carvalhais termófilos s.l., delimitadas no PNP-G. Provavelmente, a melhor interpretação destas "variantes" far-se-ia com a individualização de séries tempori-higrófilas de carvalhais em solos de aluvião ou aluvio-coluvionares. Nas áreas planálticas seria um carvalho com bidoeiros no andar mesotemperado superior, observando-se o melhor exemplo na *lameira* de Curro Pedrinho e outras, na freguesia de Insalde, a N da EN301, ainda que o

⁷⁷ J. HONRADO, et al., *Ten New Syntaxa from the Miniensean Biogeographic Subsector (Northwestern Portugal)*. *Silva Lusitana*, 10, 2002a, 247–259.

⁷⁸ M.D. Espírito-Santo, et al., *Amiais Paludosos de Portugal Continental*. *Quercetea*, 3, 2002, 183–195.

⁷⁹ Estevão PORTELA-PEREIRA, *Análise Geobotânica dos Bosques e Galerias Ripícolas da Bacia Hidrográfica do Tejo em Portugal*. *PhD Thesis*. Univ. de Lisboa, IGOT, Lisboa, 2013.

⁸⁰ J. HONRADO, *Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. *PhD Thesis*, Univ. do Porto, FCUP, Porto, 2003.

bidoeiro seja, em parte, também cultivado⁸¹. Outro exemplo seria a Chã de Lamas (Vascões), onde se cultivam muitos bidoeiros quer nas linhas de água, quer nas bermas de estrada e caminhos, mas esta já se encontra no horizonte inferior do andar mesotemperado⁸². De resto, a ocorrência de possíveis bidoais, ou bosques mistos co-dominados por bidoeiro, com características palustres (i.e. mais higrófilos que os carvalhais com bidoeiro) também se pode projectar para este território submontano. Das áreas turfófilas, dada a sua raridade e fraco estado de conservação, o conhecimento da VNP em Portugal é muito restrito, mas há autores que consideram como potenciais bosques higrófilos mistos de bidoeiro, salgueiros, carvalho-alvarinho e/ou carvalho-negral⁸³.

Já nas veigas termotemperadas do Rio Coura, nomeadamente, nas áreas com aluviões menos encharcados e inundáveis pelas cheias, a jusante da confluência do "regato de Linhares", surgem restos de bosquetes de carvalho com freixo. São tipos de bosques muito pouco conhecidos em Portugal⁸⁴, apesar de listados na Rede Natura 2000, no *habitat* 91F0, uma vez que os solos em que ocorrem têm condições óptimas para a prática agrícola. São sobretudo indicados para as grandes várzeas do sector jusante dos grandes rios, mas também existiriam em cursos de menor importância nas mesmas condições de *habitat*. Neste território, sendo as várzeas são de menor dimensão, a actividade agrícola conduziu mais facilmente a sua quase completa extinção. Por outro lado, existem ainda pequenas linhas de água nas cabeceiras da Chã de Lamas com freixo (*Fraxinus angustifolia* Vahl subsp. *angustifolia*), onde poderiam ser enquadrados noutra comunidade com afinidades semelhantes (um freixial), mas terão provável origem atrópica de meados do século XX, conhecida para este planalto. De salientar que, no início do século XX, o freixo era apontado como um elemento raro no concelho⁸⁵.

⁸¹ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura. Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920.

⁸² T. MONTEIRO-HENRIQUES, et al., *Bioclimatological Mapping Tackling Uncertainty Propagation: Application to Mainland Portugal. International Journal of Climatology*, 36, 2016, 400–411.

⁸³ ICNF, online.

⁸⁴ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura. Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920.

⁸⁵ C.L. PEREIRA, *Flora do Concelho de Paredes de Coura. Boletim da Sociedade Broteriana*, 28, 1920.

VNP Rupestre

Para terminar apenas assinalar que no concelho poderão ocorrer permasséries rupestres xéricas. Contudo, uma vez que os afloramentos rochosos são sobretudo representados por blocos de granito ou pequenos afloramentos xistosos, estas serão muito pontuais e, portanto, consideradas na influência das edafosséries mesófilas. As permasséries rupestres higrófilas, incluem-se, sobretudo nos complexos de geosséries hidro-higrófilos.

Solos e capacidade de uso

Os solos do concelho de Paredes de Coura resultaram de uma longa evolução de acções de erosão na sua litologia, muito influenciada, não só pelo clima e relevo locais, mas também pelo tipo de vegetação e pela acção do homem. Em termos pedológicos, os solos mais representativos do concelho são os regossolos, que cobrem 51% da sua superfície total e os antrossolos, que abrangem 42% da mesma. Os primeiros encontram-se ocupados por diferentes povoamentos florestais autóctones, mas também por matos, pastagens e culturas de sequeiro, ocorrendo sobretudo a altitudes médias ou elevadas; são solos pouco férteis, de materiais não consolidados e maioritariamente úmbricos. Os segundos ocupam áreas com altitudes baixas a médias e são consequência da acção do homem, resultantes de soterramentos, arroteamentos e terraceamentos. Estão integrados nos antrossolos cumulicos e encontram-se ocupados por culturas de regadio ou sequeiro, vinha, árvores de fruto e prados e, também, por edificações, padecendo, actualmente, de maior risco de erodibilidade em função do abandono agrícolas dos solos.

No concelho ocorrem ainda leptossolos (4,5%), distribuídos por pequenas manchas, úmbricos e incipientes, correspondendo a áreas incultas, com matos, pinheiros e prados permanentes e, ainda, pequenas áreas de fluvisolos, derivados de depósitos aluvionares: estão submetidos a inundações cíclicas e localizados a baixa altitude, nas margens do rio Coura, a norte da vila e no troço final do rio no concelho.

Relativamente à aptidão da terra no concelho, predominam as áreas com aptidão para a floresta e/ou silvo-pastorícia, que cobrem 56% do território e coincidem, grosso modo com os regossolos, sendo a classe de aptidão moderada a mais

representativa (34%). A aptidão agrícola é sobretudo moderada (40% do território), coincidindo com os antrossolos e apenas 1,5% do solo concelhio possui aptidão elevada para o uso agrícola, coincidindo com os fluvisolos e com uma faixa situada no extremo oeste da freguesia de Parada.

Ocupação do solo, evolução e estado actual

Tal como aconteceu em Paredes de Coura, no resto do país a introdução, nos séculos XVII e XVIII, de plantas de origem americana como o milho grosso, a batata, o feijão e a abóbora, teve um enorme impacto na agricultura portuguesa e, em particular, nas áreas de regadio, alterando a orografia quer pela preparação do terreno quer pela substituição de algumas culturas. Tal aconteceu com o castanheiro, que foi a principal fonte de amido na Idade Média e devido a problemas sanitários foi substituído. O cultivo generalizado destas espécies acontece depois da Pequena Idade do Gelo, quando as estações foram reduzidas em várias semanas e, ao mesmo tempo que a Europa, recuperada da peste-negra, se encontra em crescimento demográfico⁸⁶.

No alvor do século XX, a europa vive o pesadelo da filoxera⁸⁷, praga surgida em França e que, desde o terceiro quartel do século XIX, dizima as videiras europeias. A esta calamidade acresce a pressão demográfica e a fome, resultante da escassez de cereais, agravada, entre nós, primeiro, pela dificuldade da agricultura nacional em competir com o preço dos cereais produzidos no novo mundo, conforme bem se explica no artigo de Jaime Reis⁸⁸ e, posteriormente, a Campanha do Trigo, implementada pelo Estado Novo. Estas dificuldades, entre outras, que assolavam o país, acabaram num forte movimento emigratório, principalmente para o Brasil e, numa segunda vaga, após a II Guerra Mundial, para vários países da europa.

⁸⁶ Kenneth F. KIPPLE, *Uma História Saborosa do Mundo. Dez Milénios de Globalização Alimentar*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2008.

⁸⁷ M. BAGGIOLINI, *et alli.*, *La Défense des Plantes Cultivées*. Paris: Éditions Payot Lausanne, 1979, pp. 176-179.

⁸⁸ Jaime REIS, *A Lei da Fome: As Origens do Proteccionismo Cerealfero (1889-1914)*. *Análise Social*, Vol. XV, 1997 – 4ª Edição, 1979, pp. 745-793

Com a importação de material do género *Vitis*, de origem americana, para porta enxertos⁸⁹, a viticultura europeia recuperou e, na primeira década do século XX, verificou-se uma quebra abrupta nas exportações de vinho português, com enorme impacto na economia agrária do país, onde a produção de vinho excedia largamente a procura e a qualidade do vinho era muito baixa. No final da I Guerra Mundial dá-se o surto de febre espanhola (1918) e, no domínio político, a crise da I República e a crise económica mundial de 1929, que irão culminar na instauração do Estado Novo.

Alguns autores defendem que terão sido o excesso de produção de vinho e a escassez de cereais, situação que se arrastava desde finais do século XIX, agravada pela manutenção das práticas ancestrais nos territórios de montanha, com o uso do fogo e a pastorícia excessiva, os factores determinantes dos graves problemas de erosão e de torrencialidade⁹⁰ (e uma intensa – e consequente – actividade de correcção torrencial⁹¹) sofridos pelo solo do território português.

Foi deste conjunto de factores que nasceu a necessidade de impor as regras, que marcariam a evolução do uso dado ao solo e, consequentemente, a alteração da paisagem, ao longo de todo o século XX, quer na agricultura quer na floresta.

Veja-se, por exemplo, o Regime Florestal, implementado em 1901, *“que determina um conjunto de disposições destinadas não só à criação, exploração e conservação da riqueza silvícola, sob o ponto de vista da economia nacional, mas também o revestimento florestal dos terrenos cuja arborização seja de utilidade pública, e conveniente ou necessária para o bom regime das águas e defesa das várzeas, para a valorização das planícies áridas e benefício do clima, ou para a fixação e conservação do solo, nas montanhas, ...”*⁹².

⁸⁹ Pinho, A.J. Oliveira PINHO, *Compêndio de Ampelologia*, Vol. I. Lisboa: Figueirinhas, 1993, pp. 265-294

⁹⁰ Filipe Theotonio Pereira Xavier de BASTO, *Torrencialidade. Significado de Torrente*. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Vol, X – Tomo I, 1943, pp 33-47

⁹¹ Eduardo de Campos ANDRADA, *80 Anos de Actividade na Correcção Torrencial – Hidráulica Florestal – (1901-1980)*. Lisboa: Direcção-Geral das Florestas, 1982.

⁹² Citado por <http://www.icnf.pt/portal/florestas/gf/regflo/q-e>. Maria Adelaide GERMANO, “Regime Florestal. Um Século de Existência”. DGRF. Lisboa, 2004.

Relembre-se que, à época, fruto de um longo processo histórico de desarborização - apesar das múltiplas e sistemáticas medidas de protecção e fomento da nossa monarquia -, o País tinha atingido a sua máxima desarborização.

Em meados da década de trinta foi proibida a cultura contínua de vinha, libertando as várzeas para a produção de cereais. Num território como Paredes de Coura, esta medida teve um impacto moderado, uma vez que a vinha apenas era cultivada numa pequena faixa abaixo da cota 500⁹³; contudo, acabou por influenciar a criação de um novo mosaico nas bordaduras das parcelas, nos caminhos e ribeiros cobertos de vinha, libertando a restante área para outras culturas. Ainda nos anos trinta do século XX, através da Junta de Colonização Interna, o estado avança com o inventário dos Baldios, na busca de áreas que possam ser usadas para a produção de alimentos e estabelece medidas de fomento florestal, no seguimento do que já vinha sendo feito desde finais do século XIX.

Como vimos, em relação aos solos, a maior parte da área territorial courense é composta por antrossolos, regossolos, fluvisolos e cambissolos (provenientes quer de rochas eruptivas, quer de xistos), aparecendo ainda solos do grupo *Ranker*, associados às cotas mais elevadas; caracterizam-se por serem solos de textura ligeira ou mediana, permeáveis e facilmente trabalháveis.

O potencial edáfico natural, em Paredes de Coura, dado o predomínio de solos delgados, naturalmente pobres em bases e matéria orgânica, com reacção ácida a muito ácida, é baixo. Contudo, o baixo potencial edáfico foi contrariado, ao longo de séculos, pelas gentes da região, que foram fabricando o seu próprio solo (construção de socalcos, estrumações intensivas, condução das águas abundantes, etc.), conseguindo estender a cultura a zonas que, naturalmente, não tinham qualquer aptidão agrícola. Como afirma Portela⁹⁴, “os agricultores são também produtores de solos”. Constituem excepção as pequenas manchas aluvionares, associadas aos leitos dos rios e ribeiras.

⁹³ Limite aproximado da cota a partir da qual a videira tem dificuldade em vegetar em boas condições. O tipo de solo e a exposição podem elevar esta cota de referência, o que não se verifica em Paredes de Coura.

⁹⁴ José PORTELA, *Dois contributos para um livro branco sobre a agricultura e o meio rural*. Lisboa: Ministério da Agricultura, 1993, p. 142.

Em 1936 é criada a Junta de Colonização Interna, especialmente vocacionada para o aproveitamento dos baldios através de obras de colonização⁹⁵. Com a execução dos Planos de Fomento por ela gizados, em Paredes de Coura são feitas alterações relevantes. Em 1948 inicia-se o projecto da Colónia Agrícola da Boalhosa, em Vascões- onde, em 1957, são instalados os colonos - e a produção de batata de semente, em Insalde e Porreiras. Esta produção manter-se-á até aos anos 90, altura em que será interrompida, por força das alterações climáticas então verificadas. As Primaveras mais quentes antecipam as condições favoráveis para o período de reprodução e o aumento do número de gerações de afídios. Ora, sendo este insecto transmissor do vírus que desqualifica a “batata de semente” no mercado, acabou por desqualificar a zona de Paredes de Coura para esta produção. As áreas restantes foram objecto de intervenção dos Serviços Florestais com campanhas de arborização, predominantemente de pinheiros, na tentativa de iniciar um ciclo de produção de solo que viesse a permitir, mais tarde, a introdução de espécies mais exigentes.

Este período de investimentos na agricultura foi acompanhado por uma introdução, ainda que muito lenta, de meios mecanizados para a realização dos granjeios. A partir dos anos 60 começam, também, a surgir os primeiros milhos híbridos (os HP, os HB e os HV), resultantes do investimento do Estado na investigação agrária.

Se, nesta primeira metade do século passado, em altitude, se voltou a registar uma certa actividade cerealífera, produção de batata, pastoreio e actividade florestal, nas cotas mais baixas expandia-se a cultura do milho grosso e da vinha e, na meia encosta, mantinham-se os lameiros, laboriosamente limados com a abundante água que corre nas ribeiras. É neste cenário que, no final dos anos 50, é decretada a proibição da expansão de vinha, com novas plantações e é criada a obrigação de corte dos híbridos (vulgarmente designados de videiras americanas ou morangueiras e jaqué), o que originou fortes conflitos com os agricultores.

⁹⁵ Jaime GRALHEIRO, *Comentário à Nova Lei dos Baldios (Lei nº 68/93, 4 de Setembro)*. Coimbra: Almedina, 2002, pp. 29-31.

Com a revolução do 25 de Abril de 1974 inicia-se um novo ciclo. Em 1976, os Baldios voltam a passar para o domínio comunal⁹⁶ e assiste-se a uma considerável desarborização, em grande parte consequência dos fogos florestais que, a partir de então, vão assolando, cada vez mais, a floresta courense.

A partir de 1986, com a entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE), novas oportunidades são apresentadas aos proprietários e rendeiros, com os apoios dos fundos comunitários. A mecanização sofre um forte incremento; o gado de trabalho (predominantemente das raças autóctones Minhota e Barrosã) é substituído por vacas aleitantes, em regime de pastoreio livre (mais vagueação, porque não acompanhadas por pastor), subsidiado. Poucos anos depois, em 1990, é demarcada a bacia leiteira do Entre Douro e Minho: deixa de ser feita a recolha de leite dos pequenos produtores individuais, os quais, impossibilitados de escoar o produto, deixam de investir no gado de leite, que desaparece das pequenas explorações.

Durante cerca de 25 anos, com recurso ao financiamento dos fundos comunitários, muitos foram os regadios tradicionais sujeito a beneficiação, nas captações de água e na adução, melhorando a eficiência na utilização da água, na rega e no limar dos lameiros.

Generalizou-se a utilização de milho híbrido e a produção de silagem, intensificou-se e especializou-se a produção agrícola nas áreas mais planas e nas cotas mais baixas. Pontualmente, aparecem áreas de vinha reconvertida e contínua (a nova legislação não permite aumentar a área de vinha no país mas permite usar os direitos de plantação já existentes) e, desta forma, inicia-se um processo de destruição das ramadas, nas bordaduras das parcelas por cima dos caminhos e das linhas de água. A mecanização vai destruindo muros e, a necessidade de facilitar as operações culturais, altera os sistemas de condução da vinha; aparecem novas culturas e o eucalipto começa a conquistar espaço a um ritmo constante e acelerado, ao ponto de se poder afirmar que, se ocorreu uma “pinheirização” no Estado Novo, está, desde então, a acontecer uma “eucaliptização”, não apenas neste território concelhio mas na generalidade do país.

⁹⁶ Decreto-lei n.º 39/76 e Decreto-lei n.º 40/76, ambos de 19 de Janeiro.

É da evolução acima descrita, que resulta a ocupação do solo que, actualmente, o concelho apresenta. A carta de ocupação do solo de 2007 (COS'2007 – DGT) revela um predomínio das áreas afectas à floresta, sobretudo à floresta de produção, e meios naturais e seminaturais, cujo somatório, ocupa cerca de 68% do território Courense; seguindo-se as áreas agrícolas heterogéneas e com culturas temporárias, que cobrem 26% desse mesmo território, constituindo, em conjunto, um mosaico agro-florestal, em que culturas forrageiras alternam com plantações florestais e ou pequenos bosquetes de caducifólias. Recentemente, importa dizer, têm vindo a observar-se outro tipo de alterações espaciais, em consequência do abandono agrícola, que vem permitindo o avanço de áreas incultas e de matagais, ao mesmo tempo que cresce a área de territórios artificializados e diminuem algumas áreas de pinhal, reconvertidas em eucaliptais.

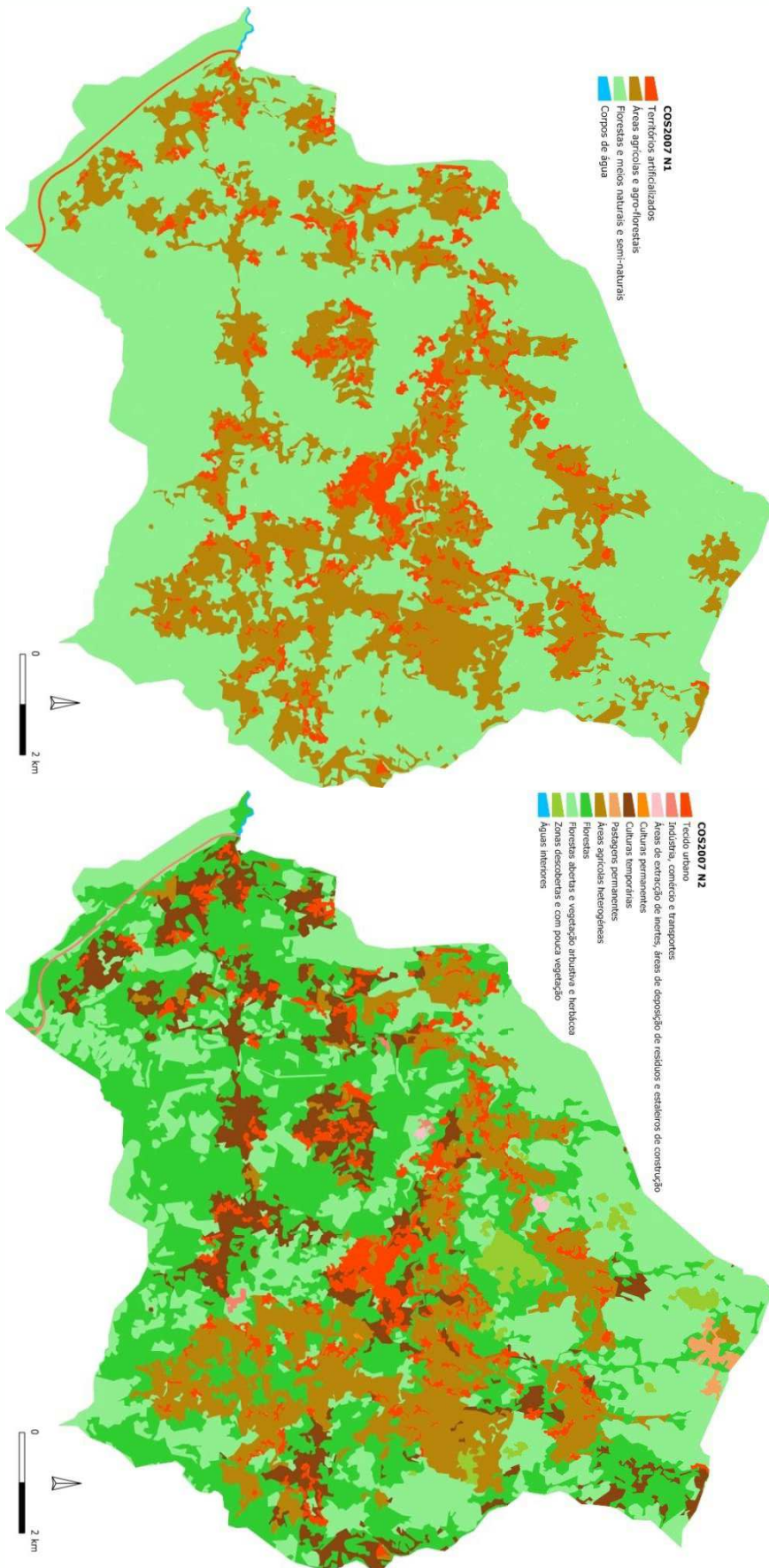
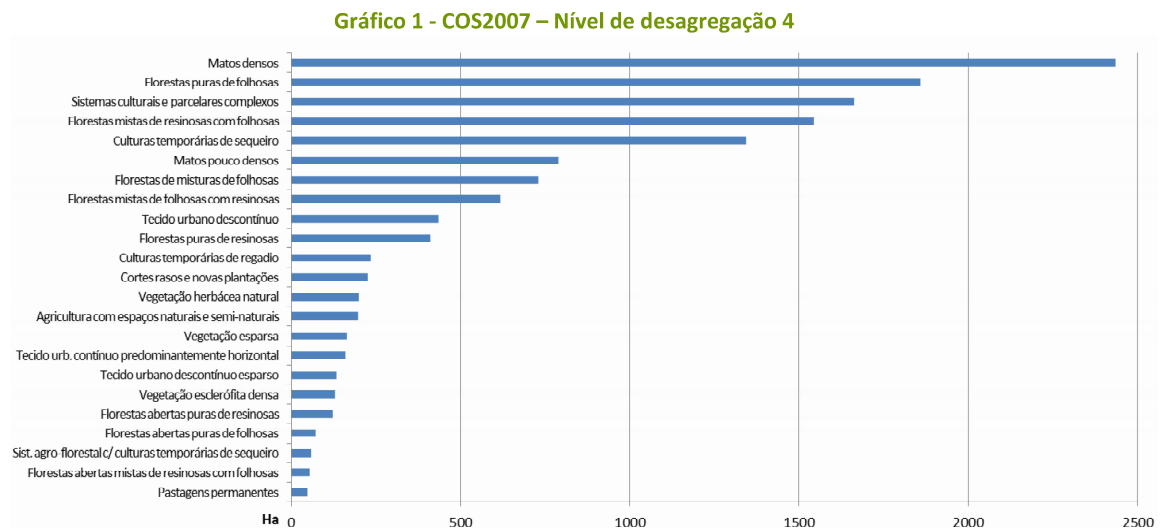


Figura 17 - COS2007 – Nível de desagregação 1 e 2

Num nível de análise mais fina (Nível4 da COS'2007), a desagregação feita permitiu seleccionar os usos do solo mais representativos no concelho (maiores que 50 hectares), destacando-se os matos densos, as florestas puras de folhosas e os sistemas culturais e parcelares complexos, como se pode verificar no gráfico seguinte.



A distribuição desta ocupação do solo não é uniforme no concelho, dependendo de determinadas variáveis abióticas. Analisando as imagens que se seguem, verifica-se que os matos densos dominam numa faixa noroeste do concelho, coincidindo com as cotas mais elevadas e com solos pobres. As florestas puras de folhosas dominam na área do Corno do Bico, sobretudo os carvalhais e outras folhosas que, apesar de serem comuns, um pouco por todo o concelho, são mais significativos na sua metade sul e numa longa faixa que acompanha o trajecto do rio Coura. O denominado sistema cultural e parcelar complexo, ocupa uma área significativa dos antrossolos existentes em áreas de cotas intermédias, a norte e a nascente do rio Coura. As áreas florestais mistas de resinosas com folhosas, compostas, sobretudo, de carvalhos e pinheiros bravos, localizam-se, principalmente, no centro/sudoeste do concelho, ocupando as áreas mais elevadas de locais não agricultados/agricultáveis. Estas últimas, muitas vezes intercalam com áreas afectas a culturas temporárias de sequeiro, existindo áreas significativas deste tipo, nas zonas de planalto do concelho como, por exemplo, na colónia agrícola da Chã de Lamas, em Vascões.

O tecido urbano, com uma estrutura de ocupação equilibrada, encontra-se em cotas mais favoráveis, ainda que ocupando linhas de cumeada, de forma a libertar terrenos mais favoráveis à agricultura, quer em cotas superiores quer inferiores. Sendo muitos destes núcleos aglomerados rurais na sua génese, foi possível observar, nas décadas mais recentes, uma maior dispersão das áreas urbanas, que se foram disseminando, ao longo das vias de comunicação.

Figura 18 - Matos densos

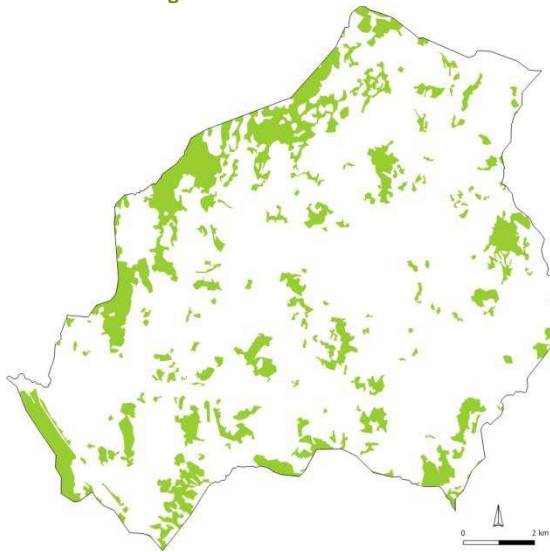


Figura 19 - Florestas puras de folhosas

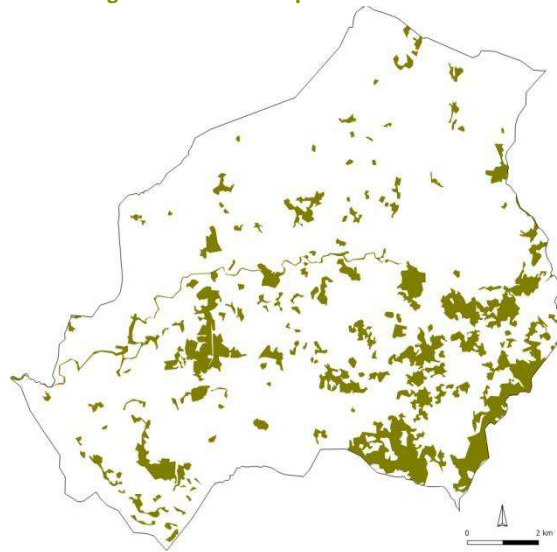


Figura 20 - Sistemas culturais e parcelares complexos

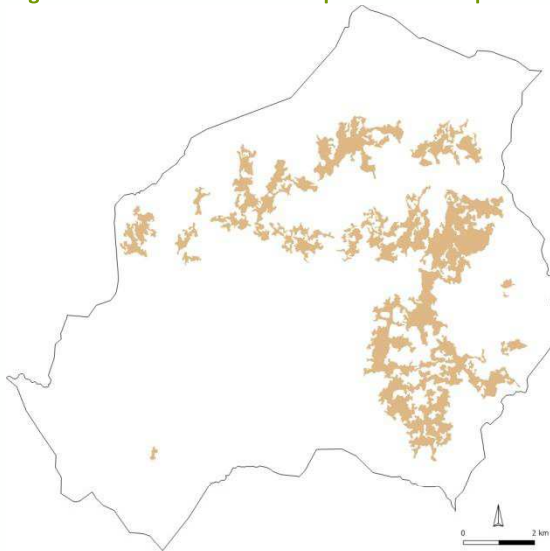


Figura 21 - Florestas mistas de resinosas com folhosas

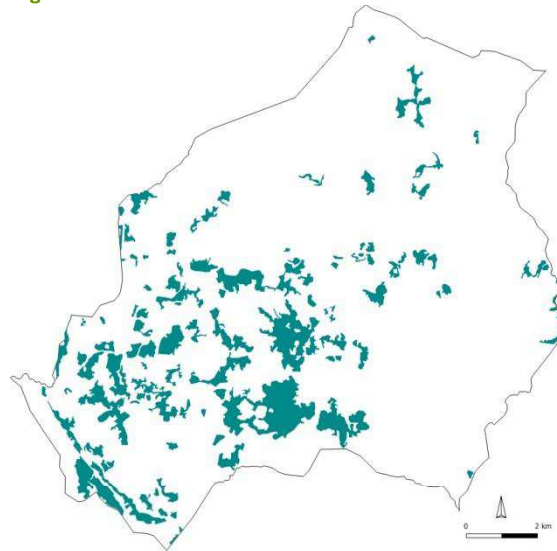


Figura 22 - Culturas temporárias de sequeiro

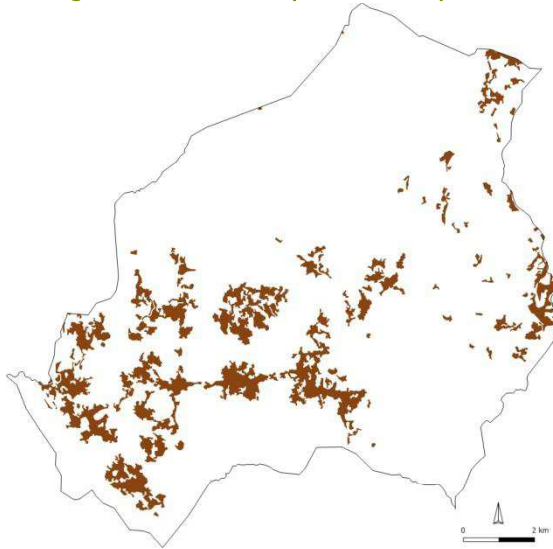
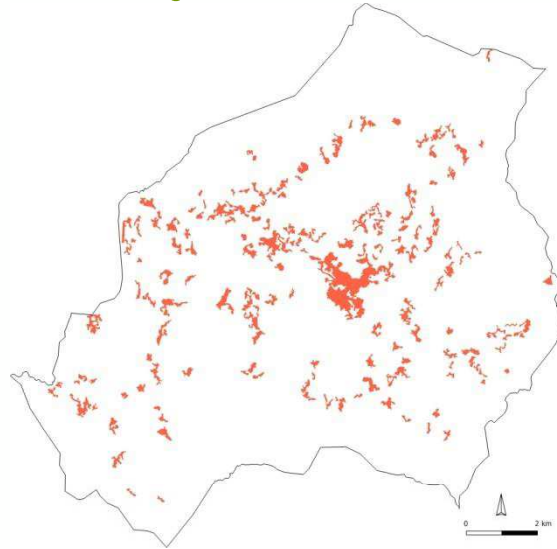


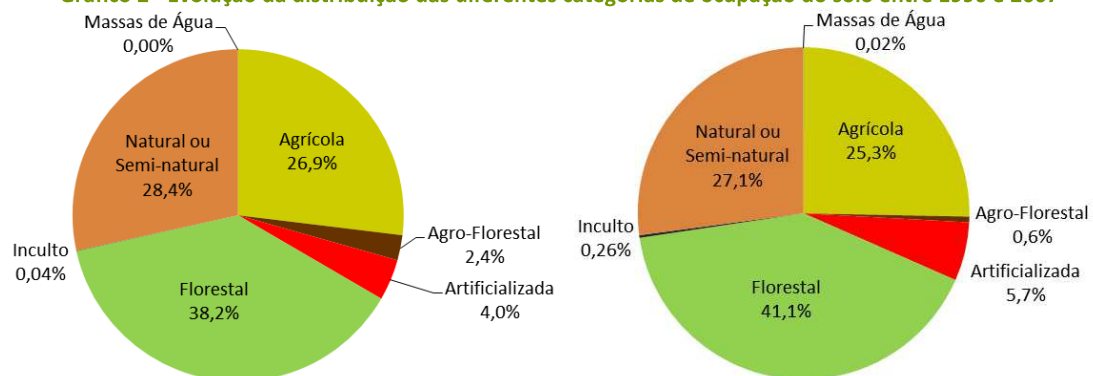
Figura 23 - Tecido urbano



Por forma a analisar a alteração do uso do solo em Paredes de Coura, em função do decurso do tempo e com foco nas décadas mais ou menos recentes, foram seleccionados dois períodos de tempo sobre os quais existem dados temáticos, disponibilizados pela DGT.

Para o efeito, recorreu-se à Carta de Ocupação do Solo de 1990 (COS'90) e à Carta de Ocupação do Solo de 2007 (COS'2007), tendo-se procedido, previamente, a uma reclassificação da nomenclatura original, de cada uma das classes e categorias das áreas identificadas nessas cartas, uniformizando-as com recurso a critérios próprios, que tiveram em conta o coberto identificado nos originais.

Gráfico 2 - Evolução da distribuição das diferentes categorias de ocupação do solo entre 1990 e 2007



Fonte: Direção Geral do Território – COS'90 e COS'2007 (alterado)

Assim, e tendo em conta estes dados, concluiu-se que, em Paredes de Coura, no período entre 1990 e 2007, se assistiu ao aumento de solos ocupados por florestas

e áreas artificializadas e à redução das áreas agrícolas, das áreas naturais ou semi-naturais e, ainda, das áreas agro-florestais. A variação da categoria de ocupação florestal cifrou-se nos 8%, tendo aumentado o seu peso relativo, no contexto concelhio, enquanto nas áreas artificializadas se registou um aumento muito significativo, de cerca de 42%. As áreas naturais ou semi-naturais perderam cerca de 5% da sua dimensão mas, as áreas afectas à categoria de ocupação agro-florestal - apesar de o seu peso relativo ser baixo no contexto global - perderam 77%.

2.4 - Componente cultural



97

“Certos elementos naturais e/ou históricos dos sítios podem ser objecto de uma atenção particular para neles preservar o papel específico que desempenham, o sentido histórico particular, as potencialidades ambientais ou outras...”⁹⁸

Refere-se o presente capítulo aos aspectos da paisagem relacionados com a componente cultural do território. Na sua caracterização abordam-se as características da evolução do povoamento na paisagem e da ocupação do solo, nas suas vertentes rural e urbana; incluindo, nesse campo, as principais actividades humanas, as infra-estruturas implantadas no território, a evolução das formas de edificação e as tipologias correntes nas diferentes formas de habitar. São, também, caracterizadas as componentes etnográficas, no que se refere às estruturas edificadas, essenciais ao mundo rural, como sejam: os moinhos, os engenhos, as pontes e os muros, complementadas com os respectivos materiais de construção.

⁹⁷ Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016.

⁹⁸ DGOTDU, *A Paisagem na Revisão dos PDM*. DGOTDU, 2011, p.49

2.4.1 –Evolução da ocupação humana e da paisagem



99

“Noroeste, onde a população densa cedo se espalhou pelas leiras da terra retalhada”¹⁰⁰

As mais longínquas marcas do passado no território concelhio encontram-se no Lugar de Mó, freguesia de Parada, e ainda em Sigoelos e na Pedreira da Corredoura, ambos lugares da freguesia de Ferreira. Estamos a referir-nos ao período mais antigo da Pré-história, o Paleolítico, que compreende vários milhares de anos e que é reconhecido pela utensilagem de pedra lascada, genericamente relacionada com a caça, e pelas manifestações de arte rupestre. No concelho de Paredes de Coura, foram registados vários destes utensílios líticos como bifaces, lascas e polidores.

Estas comunidades nómadas exploravam os recursos naturais, assentando a sua sobrevivência na recolção de frutos silvestres, na caça e na pesca, sendo que os recursos hídricos seriam muito importantes, não apenas como garantia imediata da sua subsistência, mas, também, enquanto meio de obtenção de matéria-prima para a elaboração da utensilagem lítica.

A matéria-prima utilizada na elaboração dos utensílios líticos, até agora identificados nestes três locais de Paredes de Coura, atesta a importância dos recursos hídricos para obtenção da mesma, já que, dos catorze instrumentos líticos recolhidos, todos são de quartzito de proveniência fluvial. Assim, as primeiras comunidades que aqui se fixaram, terão privilegiado as zonas nas proximidades do rio Coura e das linhas de água que para ele afluem. Com excepção da Pedreira da Corredoura, que se

⁹⁹Vastus, Lda. 2002

¹⁰⁰ Orlando RIBEIRO, *Portugal O Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 7ª Edição. 1998, p.143

localiza numa zona sobranceira ao rio, os outros dois são zonas de vale ou encosta muito suave, bem irrigados, a 300 e 463 m de altitude, respectivamente¹⁰¹.

Para além dos utensílios líticos, até agora identificados no concelho, não se registou a presença de qualquer indício ou vestígio de construção, que pudesse ter servido de abrigo a estas comunidades, facto que poderá ser explicado pelo carácter perecível dos materiais que seriam utilizados na sua construção.

As primeiras construções feitas pelo homem no vale do Coura, das quais chegaram vestígios até nós, poderão situar-se na fase em que se processa a domesticação da terra e dos animais, isto é, no período do Neolítico. Na ausência de dados cronológicos mais fiáveis, a maior parte destas construções são tidas como edificadas ao longo do terceiro milénio a.C. e nos meados do segundo milénio a.C., já no Calcolítico, havendo outras que se poderão enquadrar no período de transição para a Idade do Bronze. É nos planaltos que iremos encontrar grande parte das ruínas dessas construções, materializadas em monumentos *subtumuli*, que popularmente são reconhecidos por mamoadas, as quais, é de crer, deverão corresponder a marcas de apropriação do espaço por grupos humanos.

No concelho de Paredes de Coura estes monumentos ocupam, de uma forma geral, as zonas mais elevadas, com altitudes superiores a 500 m, como é o caso da Chã de Lamas, Corno do Bico, Boulhosa, Chã das Pipas e Chã dos Cubos. Dos sessenta e três monumentos *subtumuli* que a bibliografia nos informa terem existido no concelho - contabilizando-se cerca de duas dezenas destruídos nas últimas décadas -, apenas sete se situam a uma cota inferior aos 500 metros, destacando-se, de entre estas, o núcleo de Antas, composto por três mamoadas, por ser o único que se situa numa zona de vale¹⁰².

Na sua maioria estes monumentos situam-se nas proximidades do filão de microdiorito quartzífero que atravessa Paredes de Coura, sendo uma importante fonte de matéria-prima para a edificação destes monumentos, a par do granito, que

¹⁰¹ M. de F. M. SILVA, C. A. M. G. SILVA, *Carta Arqueológica de Paredes de Coura*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2007, pp. 34-35,89 e 98-105.

¹⁰² *Idem*: pp. 35, 37 e 109-155.

era o material de construção preferencial. A obtenção destas matérias-primas era mais fácil junto dos cursos de água, em especial o granito; não sendo, pois, de estranhar, a presença de linhas de água e lagoas nas suas imediações. Contudo, convém salientar que o rio Coura, apesar de ser o principal curso de água neste território, não exerceu qualquer influência na localização destes monumentos¹⁰³.

Apesar da notoriedade destas tumulações, permanecem desconhecidos os povoados com elas relacionados. Para além da recolha de alguns fragmentos de cerâmica campaniforme, no povoado fortificado de Montuzelo e dos indícios de um *habitat* que surgiram na Boulhosa, numa zona planáltica nas imediações de uma área outrora ocupada por uma necrópole megalítica, onde foram recolhidas algumas cerâmicas manuais e alguns elementos líticos (mós de vaivém e um percutor), pouco se conhece acerca dos povoados desta fase. Correlacionáveis com estes contextos megalíticos, foram recolhidas duas estelas na Boulhosa: uma estela menir e uma outra, insculturada, com motivos esquemáticos e geométricos¹⁰⁴.

Estes dados podem apontar para uma provável convivência das tumulações com os frágeis *habitats*, feitos de materiais perecíveis “adentro de um povoamento provavelmente disperso”¹⁰⁵, temporário e cíclico durante o ano, com uma ocupação em altitude durante o período estival e uma descida às áreas mais abrigadas, de meia encosta e de vale¹⁰⁶, nos períodos mais frios.

Correspondendo a um novo quadro cultural, em que a metalurgia desempenha um papel preponderante, surge, no contexto concelhio, a partir do II milénio a.C., um possível novo modelo de povoamento, o qual poderá ter sido determinado por uma florescente e estabilizada economia agro-pastoril, que parece ter vincado uma crescente antropização da paisagem.

¹⁰³ *Idem*: pp. 38-39.

¹⁰⁴ *Idem*: pp. 36, 40-41, 156-163 e 169-170.

¹⁰⁵ V. O. JORGE, “Arqueologia Social dos Sepulcros Megalíticos Atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais”, in *Revista da Faculdade de Letras – Série de História*, II Série, VI, Porto: FLUP, 1989, p. 403.

¹⁰⁶ C.STOCKLER, “Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral”, Almada: *al-madan*, II série, 9, 2000, p. 90.

Apesar de não existirem evidências seguras acerca de povoamento, na Idade do Bronze Final neste concelho, há a possibilidade terem sido ocupados nesta época: o Alto da Coguluda, o povoado fortificado de Montuzelo, o monte do Castelo, o povoado do monte da Cumieira, o povoado do Monte da Assureira e o povoado dos Vales¹⁰⁷.

Os vestígios mais significativos, da cultura material deste período, são os vinte machados de talão (actualmente só existem catorze) oriundos de três sítios distintos: Cabeludas, Monte do Castelo e Monte de S. Sebastião, sendo que estes dois últimos se localizam nas proximidades do rio Coura e o primeiro numa área com água abundante. São machados de talão, bifaces e com duplo anel, tradicionalmente enquadráveis no período do Bronze Final¹⁰⁸.

No Noroeste Peninsular é, genericamente, a partir do século VII a.C., com o surgimento dos primeiros vestígios da metalurgia do ferro mas, com maior pujança, a partir do século II a.C. e até à segunda metade do século I a.C., que assistimos às grandes transformações operadas pelas comunidades do Bronze Final, que marcam a transição para a Idade do Ferro. Estas mutações resultam da profunda alteração do modo como os povoados passam a relacionar-se com o meio envolvente. A par deste progresso na indústria do ferro e de outros metais, progride a agricultura em redor dos Castros, com pastoreio nos baldios das montanhas.

Durante um largo período de tempo (pelo menos 3000 anos), até ao século X, no centro e norte de Portugal as serras eram nuas, estando as florestas reduzidas aos vales húmidos onde o fogo tinha dificuldade em progredir. Os fogos percorriam as largas áreas da vegetação arbustiva das serras para a manter rasteira e renovar os pastos. Como resultado, a erosão, ao longo dos anos, foi arrastando o solo da serra para os fundos de vale.

Estas comunidades, totalmente dependentes do fogo, deixaram marcas na paisagem, que se mantiveram até à actualidade, como regista Santos (2010) ao

¹⁰⁷ M. de F. M. da SILVA, C. A. M. G. SILVA, *Carta Arqueológica de Paredes de Coura*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2007, p. 42.

¹⁰⁸ *Idem*: pp. 43-44.

afirmar: “compreender o papel do fogo em Portugal e as bases da sua gestão é uma questão central na “crítica da paisagem” e, conseqüentemente, na modelação da paisagem que todos os dias fazemos, consciente ou inconscientemente.”

As comunidades locais, para além dos critérios meramente urbanísticos passam a ser influenciados pela aptidão dos solos, da facilidade de comunicações ou do efectivo controlo territorial¹⁰⁹.

Como consequência destas alterações na percepção do meio, verifica-se uma crescente modelação dos espaços naturais que, mercê da exploração intensiva da agricultura, do pastoreio e, em certos casos, da actividade metalúrgica, acabará por degradar a floresta¹¹⁰.

A escolha de um local para a construção de um povoado era um acto selectivo e vários eram, também, os parâmetros que poderiam condicionar ou favorecer a opção por determinados sítios¹¹¹.

No território de Paredes de Coura, tal como em grande parte do noroeste peninsular, acabará por se impor um tipo de povoamento em *habitats* geralmente fortificados, castros e citânias, implantados em relevos proeminentes e com boas condições de defesa natural e de visibilidade, factores esses que lhes conferiam a valia de poderosas estruturas defensivas.

Os habitantes organizavam-se em grupos hierarquizados, desde a família às *gentilitas*, que se podem considerar idênticas ao *clan*. As *gentilitates*, dentro do mesmo *gens* formavam as tribos, que praticavam a exploração agro-silvo-pastoril nas zonas de altitude e meia encosta das montanhas, deixando particamente intactos os vales, cobertos de pântanos e de densas florestas¹¹².

¹⁰⁹ J. M. M. PINTO, “O povoamento da bacia superior do rio Sousa: Da proto-história à romanização, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*”. *Actas do 1º congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. V, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1995, p. 270.

¹¹⁰ A. P. DINIS, “O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)”, monografias. *Cadernos de Arqueologia da UAUM*, Braga, p. 119.

¹¹¹ Manuela MARTINS, “O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado”, *Cadernos de Arqueologia da UAUM*, Monografias 5), Braga, 1990, p. 206.

¹¹² Eugénio de Castro CALDAS, *A Agricultura na História de Portugal*. Lisboa: E.P.N., Lda, 1998, p 33.

Esta forma de ocupação territorial influenciou, decisivamente, a paisagem agrária, a qual, passando a incluir culturas arbustivas e arbóreas, como a vinha e a oliveira, sofreu uma profunda transformação, acentuada pela completa separação entre as terras de sementeira e as terras de plantação, que reformulam por completo a ocupação dos solos, a partir do momento em que o abandono da itinerância agrícola dá lugar à agricultura permanente, dos povos sedentarizados.

Nessa época, mesmo no norte, as culturas não se apresentavam especializadas em culturas de regadio e culturas de sequeiro: era o clima que ordenava a rega de recurso. Digna de referência é a técnica de regadio, adoptada nos “lameiros”, para os quais, no verão, a água de nascentes era conduzida, em regos, para obter a forragem que complementasse as pastagens secas, e que terá sido introduzida na Península Ibérica, pelos Cartagineses, cerca de 500 a.C..¹¹³

Na área do concelho de Paredes de Coura foram identificados dezanove povoados, com características e dimensões distintas, os quais podem ser integrados em quatro formas de ocupação diversa, quer quanto aos locais de implantação, quer quanto ao seu sistema defensivo¹¹⁴.

O primeiro grupo integra os povoados que se situam em locais de relevo acentuado, acima dos 350 m de altitude. Possuem uma boa área ocupacional, sendo o seu sistema defensivo, em parte natural, complementado por muralhas que chegam a atingir três linhas defensivas. São povoados que se terão fixado na região, no período do Bronze Final e que estiveram continuamente ocupados, até ao início da romanização¹¹⁵. Fazem parte deste grupo os povoados de Cossourado, Cristelo, Montuzelo e Giesteira.

¹¹³ *Idem* pp. 34.

¹¹⁴ M. de F. M. da SILVA, C. A. M. G. SILVA, *Carta Arqueológica de Paredes de Coura*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2007, p. 47.

¹¹⁵ *Idem*: pp. 47-48.

Foto 5 - Povoado de Cristelo



Foto 6 - Povoado de Cossourado



Fonte: Vastus, Lda. 2002

Os povoados do segundo grupo localizam-se em esporões e colinas, entre os 200 m e os 350 m de altitude. Com uma área ocupacional menor, do que os povoados do grupo anterior, possuem um sistema defensivo que pode compreender duas ou três linhas de muralha. Cronologicamente, apresentam sinais evidentes de romanização mas não apresentam indícios de ocupação do período do Bronze Final¹¹⁶. São os povoados de Bustarenga, Madorra e Lousado que integram este grupo.

Os povoados do terceiro grupo, cercados por apenas uma muralha, são *habitats* de vale, que ocupam pequenos cabeços abaixo dos 200 m de altitude e situados nas proximidades do rio Coura. Os povoados de Bruzendes, Crasto, Alto da Madorra e Cidade, que integram este grupo, não apresentando sinais de romanização, facto que poderá ser explicado pela introdução das novas formas de ocupação pelos romanos nas proximidades do vale¹¹⁷.

Em Romarigães, existe também um povoado de vale, numa elevação com cerca de 280 m de altitude, mas que se diferencia dos restantes pelo seu imponente sistema defensivo e pela espécie de torreão, implantado no seu ponto mais elevado. A sua ocupação é, a partir dos séculos VII/VI a.C. até ao século II a.C.¹¹⁸, semelhante à que se verifica em Cossourado,.

¹¹⁶ *Idem*: 52.

¹¹⁷ *Idem*: 52-53.

¹¹⁸ *Idem*: 53.

Esta variedade de povoamentos, no que concerne à sua implantação topográfica, parece denotar preocupações de carácter estratégico e defensivo, ao mesmo tempo que tem bem vincada a índole económica, materializada no aproveitamento agro-pecuário do território e na exploração dos recursos hídricos.

Com o advento da ocupação romana, firmada pelas campanhas vitoriosas de Octávio César Augusto, entre 26 a.C. e 19 a.C. no noroeste peninsular, ocorreu uma nova alteração no quadro do povoamento desta região.

Com a nova economia imposta pelos Romanos, foram desbravadas as terras baixas dos vales – até, então, incultas - e ocupadas por floresta natural; foi desenvolvida a produção artesanal, de vasilhame e de tecidos e as populações dos castros, situados nos altos e de meia encosta, foram-se deslocando, progressivamente, para os vales, até ao completo abandono daqueles.

Uma nova cultura, dotada de novas técnicas e utensílios agrícolas, originou o desenvolvimento da economia agrícola e, com ela, o crescimento da população. Apesar de estarmos num período de ocupação e exploração dos vales, a montanha continua a ter um papel preponderante na economia, sendo importante para a obtenção de matérias-primas, especialmente madeira, para o pastoreio e para a obtenção de mato, de grande utilidade na acomodação dos animais e na produção de estrume para a fertilização das terras.

É no âmbito deste reordenamento territorial, ditado pela *pax romana* e pela aculturação das comunidades indígenas, que se irá desenvolver uma ocupação periférica dos velhos castros. Na área deste concelho foram inventariados cinquenta e sete sítios com ocupação romana, inseridos em diferentes formas de povoamento, como sejam os casais, as *villae* e a rede viária. Os casos paradigmáticos desta ocupação são a *villa* rústica de Sigoelos e a via XIX do itinerário de Antonino. A primeira, situada na freguesia de Ferreira uma construção tipicamente romana, edificada entre os séculos III e IV d.C., dotada de peristilo e demais dependências; construída em tijolo e granito, são de destacar as colunas, bases e capitéis do tipo

toscano provincial. Associado a esta ocupação estarão o tesouro monetário encontrado na mesma freguesia e as eventuais necrópoles aí identificadas¹¹⁹.

Foto 7 - Miliários da Quinta do Crasto



www.paredesdecoura.pt

Foto 8 - Via Romana XIX



www.romarigaes.pt

Os indícios do povoamento romano disseminam-se por áreas com bons solos de aptidão agrícola, propícios à exploração florestal, que marginam o rio Coura e dos seus afluentes de maior caudal¹²⁰. A estratégia militar romana, e a necessidade de exploração dos recursos naturais, terá ditado a construção da referida via XIX, do itinerário de Antonino, que atravessa o concelho a oeste, no sentido norte/sul. Segundo alguns autores, terá sido construída no ano 11 da nossa era, coincidente com a cronologia do miliário de Rubiães (11/12 d.C.), sofrendo várias obras de construção e reparação na governação dos imperadores que se seguiram, a última das quais na época do imperador Valentiano (364-375 d.C.), ao qual são dedicados dois miliários presentes no concelho¹²¹.

¹¹⁹ *Idem*: 67, 72-73.

¹²⁰ *Idem*, p. 82.

¹²¹ *Idem*, pp. 4-76.

Estações e Vestígios Arqueológicos

Figura 24 - Pré-História

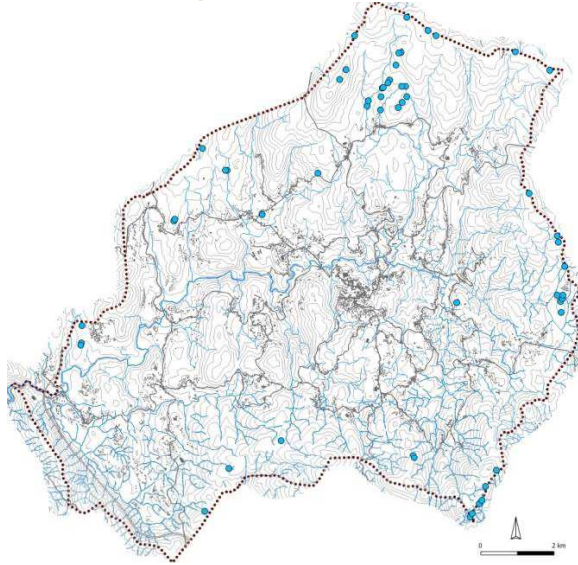


Figura 25 - Proto-História

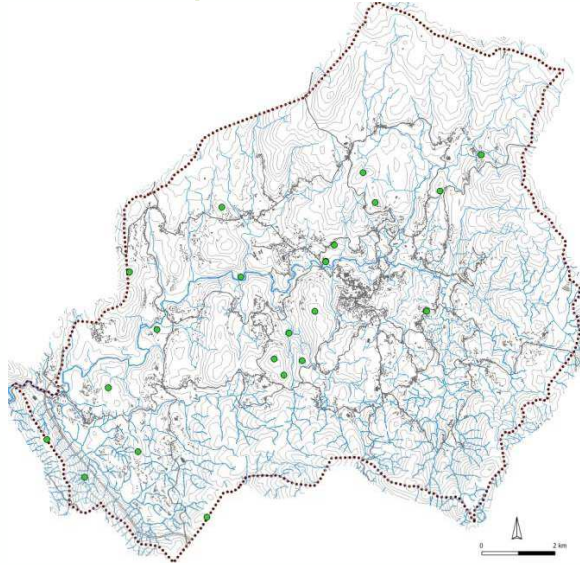


Figura 26 - Época Romana

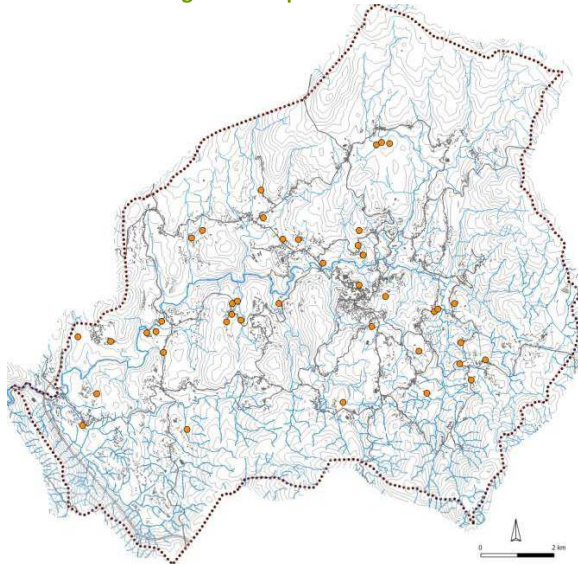
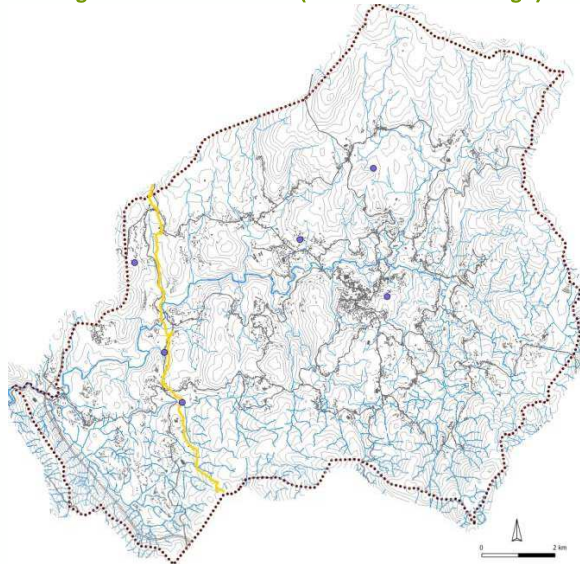


Figura 27 - Idade Média (com Caminho Santiago)



Fonte dos dados: Carta Arqueológica de Paredes de Coura, 2007

Na transição para a Idade Média assiste-se, de uma forma geral, ao aumento da importância da posse da propriedade agrícola, ao crescimento demográfico e ao incremento da cristandade, com a consequente construção e ampliação de edifícios religiosos. No concelho de Paredes de Coura, os indícios mais significativos deste período são a Igreja Românica de S. Pedro de Rubiães, edificada no século XIII, a ponte de Aqualonga e a ponte romano-medieval de Rubiães, sarcófagos, sepulturas

antropomórficas, estelas funerárias e alguns troços do caminho de Santiago de Compostela que, em grande parte do seu traçado, terá reutilizado e decalcado o traçado da via XIX¹²².

Foto 9 - Ponte de Rubiães



<http://www.emi.acer-pt.org/>

Os achados avulsos e muitas vezes descontextualizados, bem como a aparente ausência de indícios de *habitats* deste período, não permitem um estudo mais aprofundado da evolução do povoamento desta região, nesta época.

Na síntese elaborada por Alberto Sampaio¹²³, sobre as vilas do norte de Portugal, as *villae* romanas são consideradas uma parte fundamental da identidade da paisagem do Norte de Portugal, uma vez que, segundo o autor, terão sido elas que deram origem às vilas da reconquista. Como tal, as *villae* romanas são, segundo este autor, a matriz de ocupação territorial do Entre-Douro-e-Minho.

De modo diferente pensa Jorge Alarcão que, rejeita, globalmente, esta visão sobre o mundo rural romano, em Portugal, e propõe uma origem diversa, para as vilas da reconquista¹²⁴.

As origens do município também são nublosas, devido ao facto de rarearem as informações acerca de Paredes de Coura nas fontes referentes aos municípios medievais. Em 1321, a chancelaria de D. Dinis menciona a localidade de Riba Minho que, em documentos posteriores, se confirma corresponder ao julgado de Fraião. E,

¹²² *Idem*, pp. 83-84.

¹²³ A. SAMPAIO, *As vilas do Norte de Portugal*, Documenta Histórica, Lisboa, 1979.

¹²⁴ J. ALARCÃO, *Paisagem Rural Romana e Alto-Medieval em Portugal*, Conimbriga, XXXVII, 1998, p. 91.

em 1361, D. Pedro I confirma, ao concelho de Fraião, os seus foros, bons usos e costumes, que o dispensam da submissão ao concelho de Valença¹²⁵.

O espaço territorial correspondente ao actual concelho de Paredes de Coura encontrava-se, no século XIII, adstrito a uma unidade político-administrativa mais vasta, designada Julgado de Fraião, que incorporava as, então, freguesias, de Valença e Monção. Como referem as inquirições de D. João III, as freguesias de S. Pedro da Torre, St^a Eulália de Cerdal, S. Salvador de Gandra, S. Salvador de Vilar da Lama, Santa Maria de Crastelo, Santa Marinha de Taião, S. Miguel de Fontoura, Mosteiro de S. Salvador de Ganfei, Vila de Valença, Santa Maria da Silva, S. Julião da Silva, o Mosteiro de S. Martinho de Friestas pertencem ao antigo couto - e actual concelho de Valença - e, o Mosteiro de S. Salvador de Mazedo, ao antigo couto e actual concelho de Monção. Da enumeração das freguesias pertencentes a este julgado, encontramos várias, que não levantam qualquer dúvida, quanto à sua actual integração no concelho de Paredes de Coura. São elas: S. Pedro da Castanheira, S. Paio de Mozellos, S. Martinho de Vascões, S. Miguel de Christello, S. João do Bico, St^a Maria de Cossourado, S. Thiago de Infesta, S. Pedro de Formariz. S. Mamede de Ferreira e Insalde, S. Salvador de Rezende, St^a Marinha de Padornello, St^a Marinha de Cunha, S. Pedro de Rubiães, S. Thiago de Romarigães e S. Martinho de Coura. Outras há, porém, cuja pertença a este concelho levanta dúvidas, tais como sejam: S. Miguel de Rabe, St^a Maria de Doadi, S. Fins de Várzea e St^a Maria de Duzães. Por outro lado, são feitas referências a vários locais - que hoje têm o estatuto de freguesia, como é o caso de Porreiras, então identificada como um lugar de S. Miguel de Rabe¹²⁶ - que, correspondendo à circunscrição de actuais freguesias de Paredes de Coura, tudo leva a crer que nele estivessem incorporados.

A paisagem agrária foi sendo moldada, a partir de meados do século XIII, período durante o qual houve um acentuado crescimento de casais que aqui se fixaram, trabalhando os solos aráveis e conquistando novas áreas que foram votadas à actividade silvícola. São mais de uma centena, as referências a casais aqui fixados,

¹²⁵ J. V. CAPELA, *As freguesias do concelho de Paredes de Coura nas Memórias Paroquiais de 1758 – Alto Minho: Memória, História e Património, Separata das Freguesias do distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2005.

¹²⁶ *Portugaliae. Monumenta Historica, Inquisitiones*, vol. III, pp. 356-368.

contabilizados nas inquirições Afonsinas¹²⁷, deixando clara a importância e o papel dinamizador que estas explorações agrícolas assumiam.

Por norma, os casais eram constituídos por um assento de casas, que podiam ser colmadas ou telhadas e que serviam para habitação dos caseiros. Os assentos eram distintos uns dos outros quanto à forma, mas uniformes no que dizia respeito às estruturas relacionadas com a actividade agrícola. Separados por aidos ou quinteiros, todos eles possuíam: celeiro para o armazenamento de cereais, palheiro para o abrigo dos animais e das alfaias agrícolas, lagar e adega para tratamento e armazenamento de vinho e eira para a secagem das colheitas. Em volta dos casais havia um conjunto de terras cultivadas, que lhe eram contíguas; não obstante, a maior parte dos campos de um casal situavam-se, de forma descontínua, ao longo do lugar ou da freguesia a que pertenciam.

A propriedade fundiária que compunha o actual território courense, estava dividida por diversos senhorios, conforme arrolado nas inquirições Afonsinas. O casal, enquanto unidade de exploração agrícola, foi um elemento de importância basilar, na administração agrária, na medida em que configurava um centro de produção permanente e, como tal, uma fonte segura para a cobrança de rendas – em dinheiro e/ou géneros -, pelos senhorios.

Dos dados constantes das inquirições de 1258 é possível inferir que, a cultura de cereais como a aveia e, especialmente, o centeio, era a base da agricultura no território, hoje correspondente ao concelho de Paredes de Coura. Acompanhando esta cultura cerealífera eram produzidos, também, linho, vinho e alguns legumes, conforme referenciado nesse mesmo documento. De entre as culturas arbóreas, a dos castanheiros era a mais expressiva, sendo o seu fruto importante para confeccionar pão e papas. A economia agrícola incluía, ainda, a criação de aves (galinhas e frangos) e a criação de algum gado ovino, caprino e suíno, os quais desempenhavam um papel preponderante na alimentação das populações.¹²⁸

¹²⁷ *Idem*, pp. 356-368.

¹²⁸ *Idem*, pp. 356-368.

A pesca nos rios e seus afluentes era uma actividade também frequente, sendo, não raras vezes, uma obrigação do arrendatário do casal. Inexistem, contudo, nas inquirições, quaisquer referências às espécies existentes que eram pescadas naquela. Da caça, também pouco ou nada nos é dado a saber, através das inquirições, onde apenas aparece se referencia que «os de Castanheira são monteiros do rei entre o Lima e Minho»,¹²⁹ querendo, certamente, com isso dizer, que era a eles que lhes cabiam as tarefas de ordenar e proteger a floresta e os rios e de organizar caçadas às espécies cinegéticas locais.

Como refere Martins,¹³⁰ citando Dantas Pereira, numa nota sobre alguns fragmentos da legislação e cultura de El-Rei D. Dinis, podemos resumir do seguinte modo, como procediam os nossos Reis, no que tocava à colonização das terras: “No Minho dividiam os terrenos em casais distribuídos a grupos de dez, vinte ou trinta povoadores, pagando de ordinário cada casal o seu foro em cereais, galinhas e dinheiro. A cada casal de lavoura correspondia uma porção de bravio para romper e outra para pastos e estrumes vegetais. Morrendo o colono, todos os terrenos lavrados entravam em partilha, sendo cada um dos herdeiros obrigado a pagar ao foreiro encabeçado, ou principal, o seu quinhão de foro. As terras incultas revertiam para o directo Senhor, a Coroa, o Concelho, ou outra.”

O regime individualista, associado à forma de distribuir a terra, franqueava a entrada a todos os que aí quisessem vir construir os seus casais, ao lado dos casais já existentes. Assim, no Minho, o aumento da população, resultante dos limites naturais da procriação, era, ainda, ampliado pela imigração e, com tal êxito, que, no reinado de D. Manuel, foi necessário impedir que se rompessem mais maninhos uma vez que a falta de matos e de charnecas se tinha tornado uma questão preocupante.

¹²⁹ *Idem*, p. 357.

¹³⁰ Oliveira MARTINS, *Fomento Rural e Emigração*. Lisboa: Guimarães Editores, 3ª Edição. 1994, pp. 24-25.

O concelho de Paredes de Coura recebe, em 2 de Junho de 1512, pela pena de D. Manuel I, a Carta de foral, que lhe confere a instituição e constituição municipal de pleno direito¹³¹.

Figura 28 - Mapa da Província D'entre Douro E Minho... De Par Com As Indicações Economico-Políticas Tudo Para Servir À Regulação Das Comarcas Da Mesma Província, E Outros Objectos De Utilidade Publica / Por Custodio José Gomes De Villas-Boas – 1794 a 1795



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital), Cota: D. 94 R.

Em 1758 este concelho integrava já as 21 freguesias que chegariam até aos nossos dias; cinco das quais, com uma dimensão demográfica significativa, que permitia considerá-las, à época, como grandes povoações: Rubiães, Formariz, Paredes de Coura, Insalde e Infesta¹³². A instabilidade que caracterizou a administração pública durante a Baixa Idade Média, vincada pela extrema volatilidade dos limites das circunscrições administrativas, não nos permite, porém, afirmar com segurança, se

¹³¹ J. V. CAPELA, *As freguesias do concelho de Paredes de Coura nas Memórias Paroquiais de 1758, Alto Minho: Memória, História e Património, Separata das Freguesias do distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2005.

¹³² *Idem*.

esta divisão interna do território se terá mantido inalterado entre as inquirições Afonsinas e as inquirições pós-terramoto, de 1758.

Os cerca de dois mil fogos registados nas memórias paroquiais de 1758 indicam-nos um aumento significativo desde o início do século XVI, em 1527, registam-se 866 fogos¹³³ (1), na ocupação deste território.

na ocupação deste território. Estes fogos estendiam-se no território de forma dispersa, em pequenos aglomerados rurais ou isolados no meio de campos agrícolas, não existindo, praticamente, povoamento nas zonas de montanha¹³⁴.

As principais actividades económicas do concelho, em 1758, assentam na produção de cereais (milho grosso, milho miúdo, milho painço, trigo, centeio e aveia), vinho, produtos hortícolas (feijão), frutos (maçã, laranjas, limões, avelãs e peras), produtos silvestres, caça (lebre, coelho, perdiz e javali), pesca (trutas, bogas, escalos, enguias e sável) e criação de gado (vacas, cavalos, éguas, mulas e ovelhas). As culturas arbóreas conhecidas também variam bastante, incluindo espécies tão diversas como: o carvalho, o salgueiro, o sobreiro, o pinheiro, o amieiro, a aveleira, o castanheiro e as oliveiras (das quais não se conseguia apanhar azeitona devido ao clima), para além de outras espécies silvestres. A economia de montanha também desempenha um papel importante, não apenas devido facto de os pastos serem essenciais para a criação de gado, como, também, pela grande valia do tojo e das giestas para estrumar as terras de cultivo. O rio Coura e a restante rede hidrográfica assumem, igualmente, um papel de grande destaque na economia courense: essenciais às actividades piscatórias, são, ainda, o suporte do funcionamento dos inúmeros equipamentos de moagem (moinhos, azenhas e pisões)¹³⁵, existentes no concelho e insubstituíveis enquanto fonte de rega.

A evolução agroflorestal do território, acima descrita, teve um papel incontornável na modelação da paisagem, fruto da introdução de novas espécies agrícolas e florestais, que requeriam novas técnicas agrícolas e interagindo de forma inovadora,

¹³³ Freire, A. B. *Povoação do Entre Douro e Minho do XVI. Seculo*, in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. II. Calçada da Cabra, Lisboa, 1905, p. 246.

¹³⁴ *Idem.*

¹³⁵ *Idem.*

quer como relevo local, quer com o tipo de povoamento pré-existente. A nova economia agrícola permitiu o crescimento da população, mas a importância dos montes manteve-se. As serras continuaram a ser pastoreadas, os matos a serem roçados -para servirem de cama aos animais e, depois de curtidos, para adubar as terras – e a lenha aproveitada para as lareiras. Os rebanhos, por sua vez, forneciam leite, carne, gordura e lã.

Se o pão, o vinho e o azeite formam a fundamental trilogia de alimentos na bacia do mediterrâneo, aos cereais, que constituem a base tradicional da exploração agrícola em Paredes de Coura, cabe, por direito, o primeiro lugar. O cultivo de cereais esteve sempre presente, em todos os povoamentos humanos desta região: nos vales, nas encostas e na montanha. Na Idade Média, eram usados pães de misturas com farinhas de trigo, centeio, cevada e milhos miúdos. Até ao século XVI cultivavam-se cereais de inverno: trigo, centeio, cevada e aveia e cereais de verão: milho-alvo e milho-miúdo, todos eles de sequeiro e em terrenos passíveis de serem preparados pelo arado. Os fundos húmidos dos vales eram ocupados com ervagens, prados ou lameiros e reservados para pasto. Com a introdução do milho grosso (também chamado milhão), oriundo das Américas, aparece um cereal de regadio que, juntamente com a introdução da batata, viria compensar o declínio da castanha (por doença das árvores), assumindo-se como suplemento importante na alimentação. A introdução desta nova espécie de milho teria, ainda, outras implicações, uma vez que, para tratar e conservar o novo cereal, se torna necessário construir eiras de pedra e instalações de secagem, como espigueiros e canastros (Dias *et alli*, 1994), arejados mas ao abrigo das intempéries e dos roedores. Estas novas estruturas, que se incorporam na paisagem rural, tornar-se-ão, com o tempo, um dos seus elementos mais característicos. Embora os espigueiros sejam anteriores a este período, provavelmente de origem sueva, eles devem a sua generalização ao cultivo do milho grosso.

Como cultura sachada de primavera/verão, a produção do milho grosso arrasta, consigo, a necessidade de organização da distribuição da água. O regime comunitário a que a utilização da água de rega está sujeita, com frequência, ainda nos dias de hoje, nos regadios tradicionais, como por exemplo as levadas, tão abundantes em Paredes de Coura, faz supor uma remota ascendência pré-romana por ser contrária ao individualismo agrário que o direito romano favorecia.

A partir do século XX, podemos afirmar que a agricultura, enquanto produtora de bens privados e públicos - alguns dos quais ligados à manutenção da paisagem e à preservação dos recursos naturais -, não só influenciará a ocupação do território e a manutenção do seu património genético, como contribuirá, ainda, para o desenvolvimento da actividade turística e ocupação dos tempos livres. De facto, “a diversidade da paisagem é um activo económico e, como tal um recurso disponível. A qualidade das paisagens, a conservação da natureza e a biodiversidade contribuem para o ordenamento do território e para o seu desenvolvimento sustentável. Esta contribuição decorre da evidência de valores ambientais e patrimoniais que são também valores económicos e, como tal, devem ser entendidos e valorizados”¹³⁶.

2.4.2 – Formas de povoamento e ocupação humana actual



137

“A paisagem é uma construção humana, feita, fundamentalmente, com materiais vivos. Há cerca de 50 anos, o que era contínuo na paisagem era o sistema natural. Tudo isto era uma paisagem, onde o sistema natural dominava, e era contínuo. As cidades eram pontos nessa continuidade de espaço natural, agrícola, florestal, de pastagens ou abandonado. Hoje, (...) o contínuo na paisagem é o construído, e o pontual, é o que resta de agricultura, de espaço livre, que passou a ser descontínuo”¹³⁸.

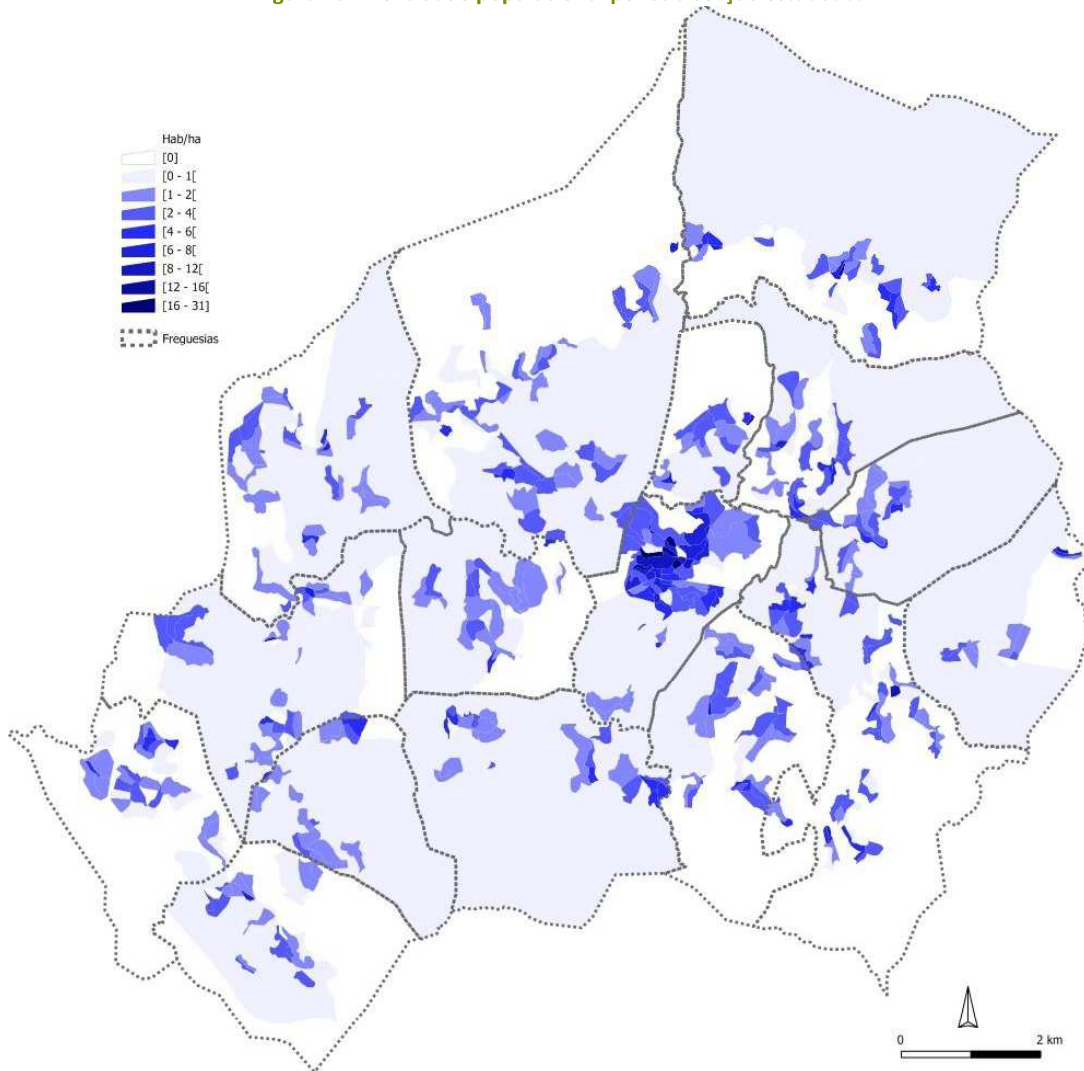
O Concelho de Paredes de Coura inscreve-se no conjunto dos concelhos da Região Norte com baixa densidade populacional, com valores inferiores a 80 hab./Km² e diferenças internas assinaláveis, como se pode inferir a partir dos dados que se seguem.

¹³⁶ FADIGAS, L, *Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem*,. Edições Silabo, 2011, p. 147.

¹³⁷ Arquivo Municipal de Paredes de Coura. PT-MPCR-CPPCR-000007.

¹³⁸ Luís CHAVES e Maria do Rosário ARANHA, “Pessoas e Lugares”, *Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, Direcção de Cristina Cavaco, II série, nº 16, janeiro/Fevereiro 2004, p.5.

Figura 29 - Densidade populacional por sub-seção estatística



Fonte dos dados: www.ine.pt, BGR12011

A vila de Paredes de Coura, como principal polo urbano do concelho, foi atraindo, nas últimas décadas, população de outras freguesias courenses, contribuindo, em simultâneo, para a densificação das freguesias limítrofes. As densidades populacionais mais altas concentram-se, como seria de esperar, na vila de Paredes de Coura (16 a 31 habitantes por hectare) e nas localidades que lhe estão mais próximas, disseminando-se ainda pelas áreas “centrais” dos principais núcleos e ao longo de alguns dos principais eixos viários concelhios. As áreas com menor densidade populacional (menos de 1 habitante por hectare), por sua vez, são aquelas que se encontram nos níveis mais elevados de altitude. Em termos médios, o concelho apresenta uma densidade de 0,7 habitantes por hectare, destacando-se,

ao nível das freguesias, a de Paredes de Coura com 5,7 hab/ha e a de Resende com 1,7 hab/ha.

No conjunto, Paredes de Coura passou de, sensivelmente, 16 mil habitantes em 1950 para 8898 em 2014¹³⁹. Os dados dos Censos 2011 - e tendo em conta a anterior divisão administrativa- permitem concluir que a perda de população em Paredes de Coura tem sido uma constante nas últimas décadas; não obstante, neste último período censitário, a descida ter sido menos acentuada, passando de 9571 habitantes em 2001, para 9198 residentes em 2011 (variação de -3,9%). As únicas freguesias com dinâmicas populacionais positivas, neste intervalo de tempo, foram: Mozelos (0,29%), Infesta (1,12%), Agualonga (3,87%) e a sede de concelho (5,75%); Linhares, que na década anterior registara uma variação positiva, apresenta, agora, uma perda significativa de residentes (-13,91%).

A leitura dos números é clara: quer as freguesias mais serranas quer as restantes apresentaram, ao longo das últimas décadas, uma forte tendência para a perda de população. O decréscimo populacional registado deveu-se, em grande parte, ao fenómeno migratório, que teve a sua principal expressão a partir dos anos 50 e se prolongou até aos anos 70.

Tabela 5 - Variação populacional por freguesia 2001/2011

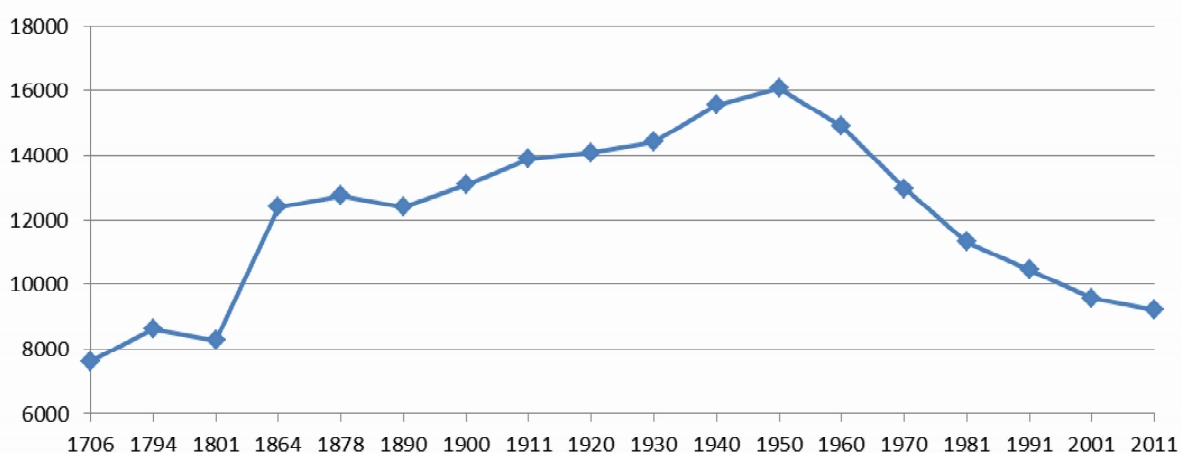
Freguesia	População residente			Densidade Pop. 2011 (hab/ha)
	2001	2011	Variação 2001/2011	
Agualonga	284	295	3,87	0,6
Bico	475	466	-1,89	0,5
Castanheira	642	631	-1,71	0,8
Cossourado	338	319	-5,62	0,6
Coura	420	374	-10,95	0,6
Cristelo	352	317	-9,94	1,1
Cunha	542	529	-2,40	0,5
Ferreira	479	425	-11,27	0,3
Formariz	614	573	-6,68	0,9

¹³⁹ INE, Estimativas Provisórias da População Residente, Dezembro 2015.

Infesta	445	450	1,12	0,8
Insalde	433	364	-15,94	0,3
Linhares	230	198	-13,91	0,4
Mozelos	346	347	0,29	1,0
Padornelo	458	437	-4,59	0,7
Parada	323	298	-7,74	0,5
Paredes de Coura	1.495	1581	5,75	5,7
Porreiras	96	95	-1,04	0,2
Resende	530	518	-2,26	1,7
Romarigães	284	246	-13,38	0,3
Rubiães	548	512	-6,57	0,6
Vascões	237	223	-5,91	0,4
Concelho	9.571	9198	-3,9	0,7

O processo de despovoamento do concelho de Paredes de Coura foi significativo durante o período 1950/2011, tendo registado a perda de 40% da população, com reflexos vários no concelho, incluindo, como não poderia deixar de ser, na paisagem, fruto do abandono agrícola numa área territorial muito significativa: desde as áreas mais remotas até às mais favoráveis, quer à agricultura quer às actividades pecuárias. A paisagem local, muito dependente das práticas agro-pecuárias tradicionais, viria a sofrer, em consequência, profundas alterações.

Gráfico 3 - Evolução do número de habitantes em Paredes de Coura



Fonte: Os anos 1706, 1794, 1801, Santiago de Romarigães, Comunidade Rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia. Carlota Maria Fernandes dos Santos. Outros anos: INE - Recenseamentos Gerais da População.

A emigração para o Brasil tinha, em décadas anteriores, jogado, também, um papel importante, quer na demografia local quer na influência arquitectónica do edificado. Com uma média nacional de saídas legais na ordem dos 10.000 emigrantes, no final

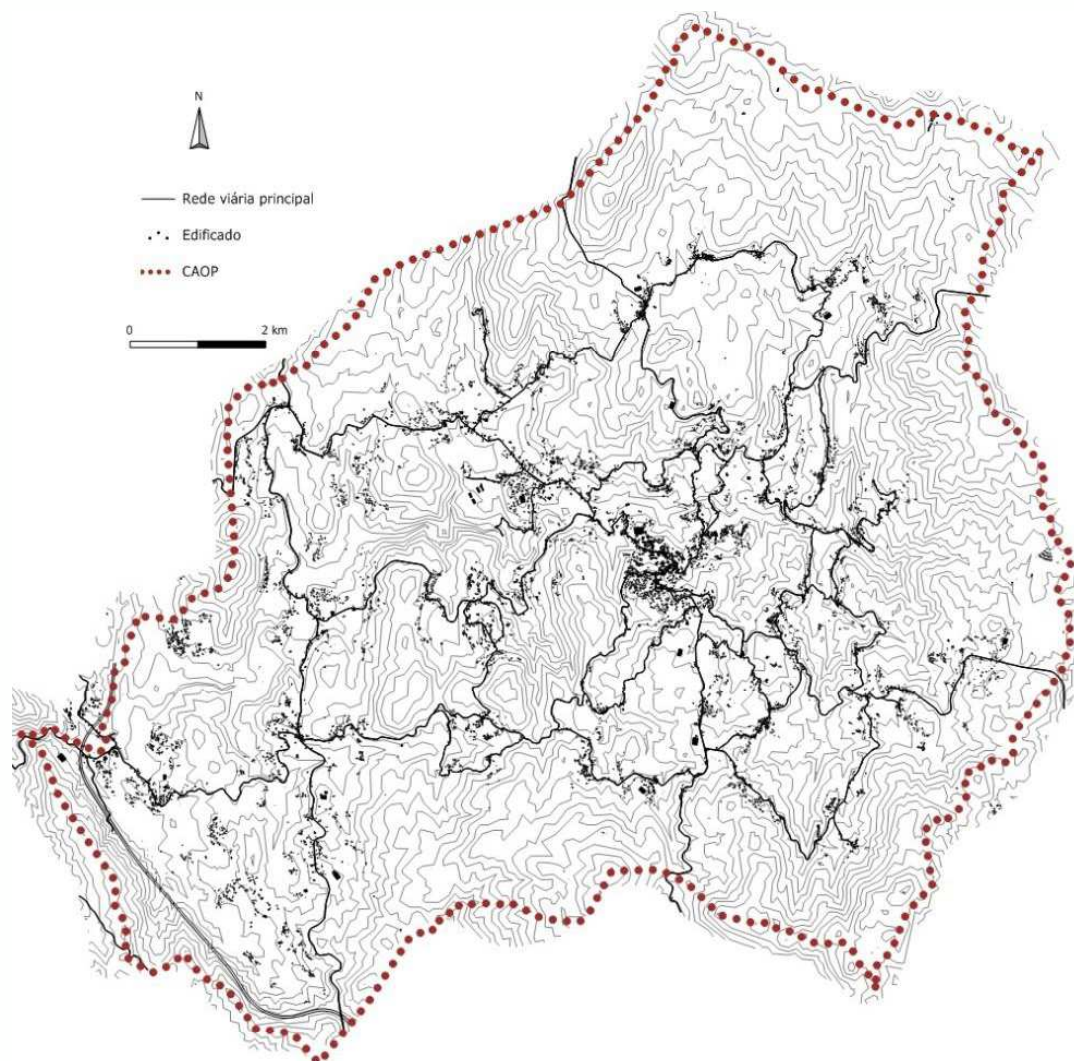
do séc. XIX e com a região norte na liderança, muitos courenses seguiram na procura de melhores condições de vida, sendo grande parte deles trabalhadores agrícolas. Estudos¹⁴⁰ apontam para saídas superiores a 1000 indivíduos neste concelho (entre 1835 e 1900), contribuindo todas as freguesias com efectivos. Décadas mais tarde, o mesmo fenómeno migratório repete-se, mas, desta vez, com influência no edificado local e com uma quebra populacional, marcada, não só pela emigração para diversos países europeus mas, também, pela quebra da taxa de natalidade, fenómenos que se têm mantido nos anos mais recentes.

Formas de ocupação actual

O Concelho de Paredes de Coura tem, globalmente, uma estrutura de ocupação do território bastante equilibrada. Este facto deve-se, quer às características fisiográficas do território, como sejam a existência de vales bem irrigados e a abundância hídrica generalizada, quer ao modo de vida da população, no qual a actividade agrícola continua, ainda, a assumir grande importância. No entanto, o recente processo de urbanização tem levado à destruição da harmonia na implantação do edificado no território, observando-se, em algumas freguesias, um crescimento urbano baseado na dispersão dos lugares.

¹⁴⁰ Henrique RODRIGUES, "Geografia da população emigrante do Noroeste de Portugal no século XIX - uma abordagem às actividades profissionais." In Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães - *Do Absolutismo ao Liberalismo*., vol. IV. Câmara Municipal de Guimarães, 2009.

Figura 30 - Distribuição do povoamento



Conforme é patente na carta hipsométrica, (ver ponto 2.3 - Componentes abióticos e bióticos, deste documento) as zonas mais altas do concelho correspondem à sua parte nascente e sudeste, situação esta que tem, naturalmente, repercussões no povoamento e na estrutura urbana aí existentes.

Foto 10 - Ocupação do território a partir do miradouro do Corno do Bico



Fonte: www.paredesdecoura.pt

Como vimos, o relevo acidentado do território serviu, no passado, à instalação de povoados castrejos, devido às condições propícias para o abrigo e defesa das populações locais, a partir de onde se desenvolveu a agricultura e pastorícia das áreas de maior altitude, sendo estas as mais antigas marcas que a ocupação humana deixou na paisagem courense. Mais tarde, os romanos arrotearam extensas áreas florestais e drenaram os pântanos, em busca de as áreas de menor altitude e com solos mais férteis.

As formas de ocupação do território variaram, ao longo dos séculos, consoante os diferentes tipos de ocupação humana, suas respectivas actividades de sobrevivência e distintas formas de implantação, correspondentes às seguintes combinações morfológicas: vila, lugares, quintas e casario disperso.

Assim, verifica-se que os “tipos de povoamento oscilando entre a aglomeração e a dispersão, reflectem e ajudam, simultaneamente, a explicar a história da paisagem e do caracter que nela assume o que temos por natural”¹⁴¹.

Deste modo, o povoamento em Paredes de Coura apresenta algumas características de concentração, típico das zonas serranas, assim como alguns tipos de povoamento, disperso ou disseminado, localizado, fundamentalmente, nos vales e na proximidade das vias de circulação.

¹⁴¹ J. Carlos FARINHA (Coord.), *Percursos. Paisagens & Habitats de Portugal*. ICNF. Edição Assírio & Alvim. 2000, p. 17.

Foto 11 - Ocupação de linha de festo, perspectiva geral



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.^a 2016.

Esta ocupação é visível na paisagem de algumas freguesias do concelho, nomeadamente, em Cunha, Bico, Castanheira, Cristelo, Parada, Insalde e Padornelo, onde, de um modo geral, os aglomerados populacionais ocupam os topos das linhas de festos secundários, estando a bouça e o bosque – directamente relacionados com as actividades agrícola e pecuária – imediatamente adjacente ao casario e quintais. Na zona de vale concentram-se os campos agrícolas, em plena exploração, devidamente cuidados, estruturados em leiras, como forma de vencer os declives, dado o constante vigor do relevo do concelho.

Foto 12 - Ocupação de linha de festo, Lugar de Gaviões



Fonte: Vastus, Ld.^a 2002.

Nesta parte do território, apesar das evidentes transformações operadas nas últimas décadas (em parte devido à melhoria das acessibilidades e das condições de vida locais), alguns lugares ainda mantêm a sua estrutura urbana, como se pode verificar, por exemplo, no lugar de Vilares, freguesia de Bico.

Figura 31 - Vilares (CNIG 1995)



<http://snig.dgterritorio.pt/>

Figura 32 - Vilares (Bing 2012)



<https://www.bing.com/>

Por seu turno, no lugar de Chavião, devido à dinâmica urbana da freguesia de Castanheira, à proximidade da sua Zona Industrial e à boa acessibilidade, o crescimento urbano tem vindo a fazer-se num tipo de ocupação de beira de estrada, descaracterizando o lugar.

Figura 33 - Chavião (CNIG 1995)



<http://snig.dgterritorio.pt/>

Figura 34 - Chavião (Bing 2012)



<https://www.bing.com/>

Este tipo de ocupação é mais visível nas freguesias localizadas nas cotas mais baixas, como sejam: Cossourado, Rubiães, S. Martinho de Coura, Romarigães, Agualonga, Infesta e Linhares, onde o povoamento, anteriormente disperso por diversos lugares ou pela implantação de antigos casais agrícolas e quintas, tem vindo a transformar-se numa ocupação ao longo das principais vias do concelho.

Este processo de transformação dos tipos de povoamento alteram, não só a imagem urbana dos lugares, como também a leitura da paisagem no seu todo.

Figura 35 - Formariz (CNIG 1995)



<http://snig.dgterritorio.pt/>

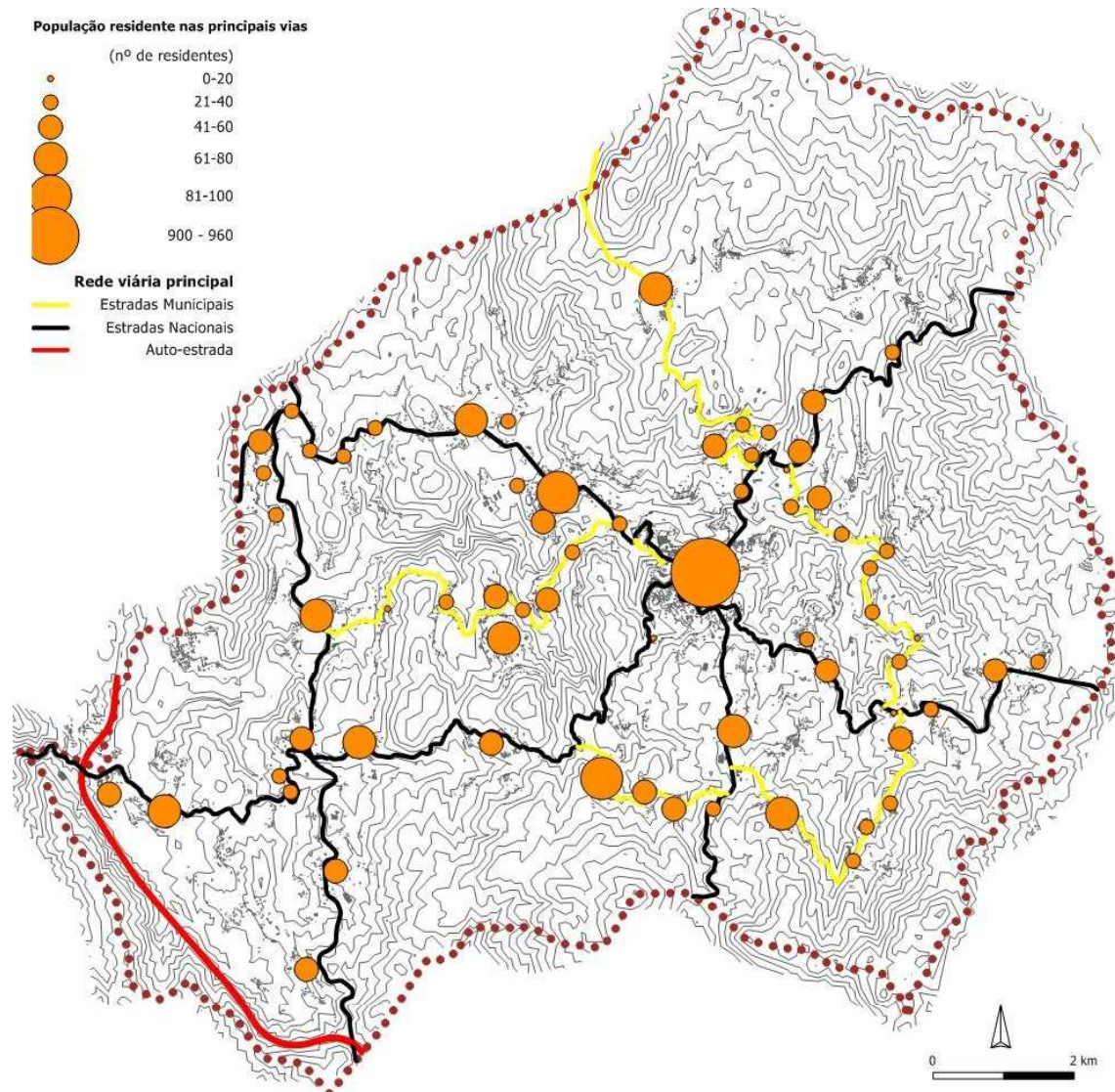
Figura 36 - Formariz (Bing 2012)



<https://www.bing.com/>

As figuras seguintes reflectem, quer os principais eixos de localização da população residente actual, quer a nucleação do povoamento e a sua dispersão. A oeste, no vale, a população vive ao longo de lugares de maiores dimensões, localizados junto das principais estradas nacionais. A este, nas cotas mais elevadas, de montanha, predomina o povoamento de pequenos lugares, localizados na envolvente das estradas e caminhos municipais.

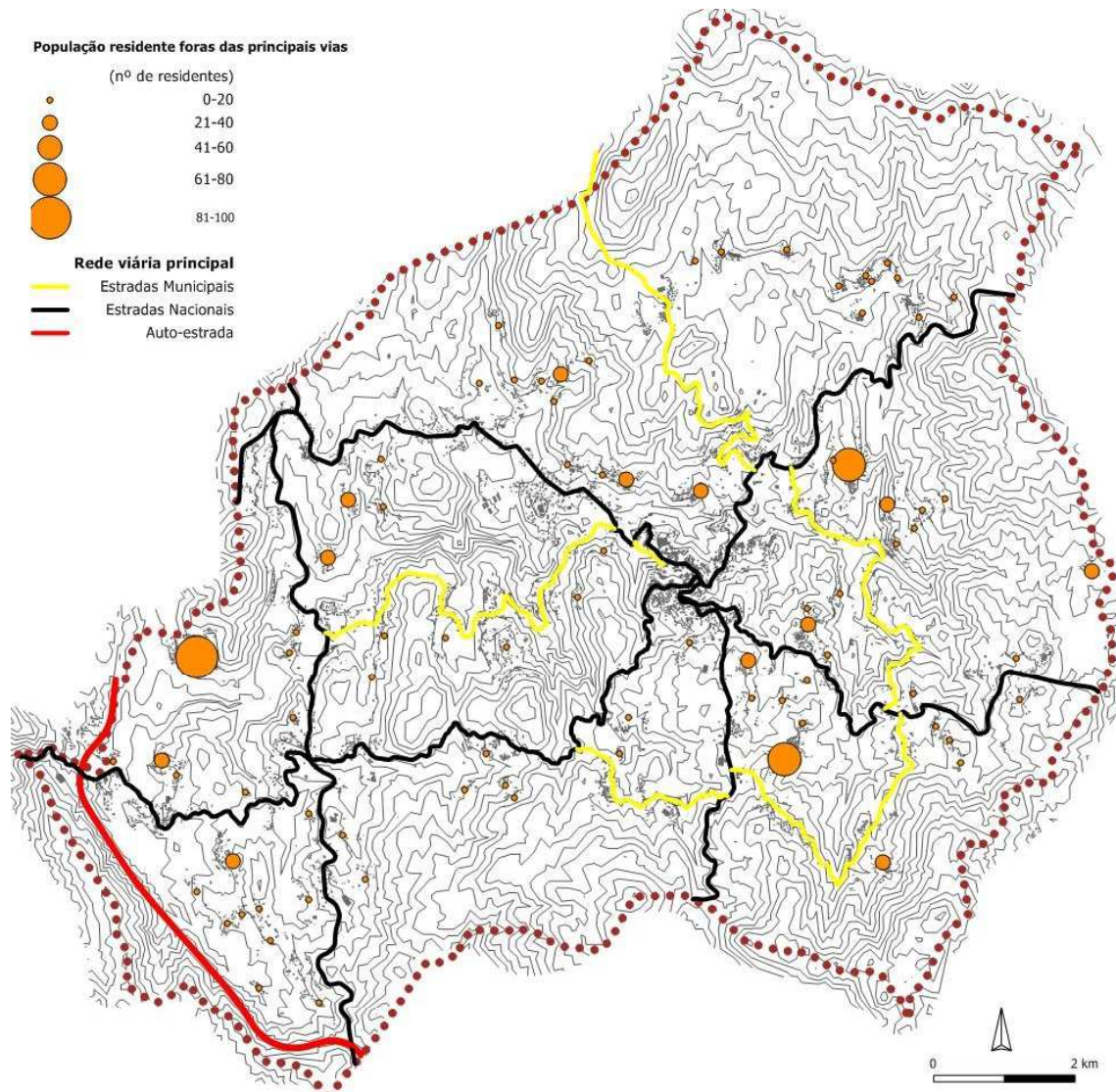
Figura 37 - População Residente nas principais vias



Fonte dos dados: BGRI - Base Geográfica de Referência de Informação. Censos 2011. INE

Pelo contrário, a população residente nos lugares mais afastados das principais vias, sendo em menor número, implanta-se, fundamentalmente, em pequenos lugares. Na figura que se segue é também visível a predominância da implantação e da dimensão dos lugares, situados na envolvente da EN 201, a ligação fundamental entre Ponte de Lima e Valença, até ao final dos anos 90, quando da abertura da A3.

Figura 38 - População Residente fora das principais vias



Fonte dos dados: BGRI - Base Geográfica de Referência de Informação. Censos 2011. INE

Estes lugares, para além de serem predominantemente residenciais, apresentam, à sua escala, um nível de actividades e serviços à população, muito superior ao verificado na zona serrana do concelho, onde a disseminação por pequenos lugares é maior.

A ocupação humana, quer a urbana, que diz respeito às formas de povoamento e respectivas infra-estruturas, quer a rural, que inclui as actividades agro-pecuárias, silvo-pastoris e florestais, adaptou-se às características biofísicas do território, com policulturas intensivas de regadio, nos vales frescos e férteis e pequenas bouças, nas áreas com solos de baixa fertilidade e relevo ondulado. Nesta “concha” delimitada pela linha de cumeada da Bacia Hidrográfica do Rio Coura que

corresponde, parcialmente, ao início da bacia do rio Coura, também a ocupação rural tem traços distintivos entre si, provocados, essencialmente, pelas suas características fisiográficas.

Coexistem, assim, no território, uma diversidade de práticas e culturas agrícolas e florestais, que variam de acordo com a localização, os solos e as características edafo-climáticas. No território courense, marcado pela presença do rio Coura, estão patentes três grandes tipos de ocupação rural: os vales com os campos agrícolas, as meias-encostas com os lameiros para a pecuária e as áreas montanhosas, ocupadas pela floresta de produção e de conservação.

Nos campos agrícolas, de reduzidas dimensões, pratica-se uma produção mais sistemática e vocacionado para a comercialização, sendo as várias leiras contíguas, ocupadas com o mesmo tipo de cultura.



Foto 13– Campos

Fonte: Vastus, Lda. 2002

Foto 14 - Campos



Vastus, Lda. 2002

Os pequenos campos de cultivo ou pastagens ladeados por sebes vivas, conhecidos por Campo-Fechado ou *Bocage*, são um tipo de paisagem ainda com alguma representatividade em Paredes de Coura. A maioria destes campos tem formas irregulares, é delimitada por linhas de arbustos e algumas árvores e coexiste com outros campos murados, de propriedade individual – que servem de base ou

complemento, do sustento do agricultor e da sua família – e resultam, sobretudo, do fraccionamento da terra, explicado por razões de índole histórico-jurídico da propriedade rustica.

O mosaico policultural característico do Minho é composto por lameiros, localizados a média altitude em zona de vale, onde, para além da erva, feno ou pasto, existem bosquetes de carvalhos e castanheiros, entre outras espécies. Os lameiros, regados todo o ano, através do sistema de rega de lima (ou regadeira de nível), ocupam uma área significativa de Paredes de Coura e *“revelam grande importância no sistema tradicional da paisagem de montanha, ocupando um papel central nos fluxos de energia dos vários agro-sistemas. Na economia de montanha, o gado (especialmente o bovino) atua como principal fonte de rendimento da população, constituindo um elo de ligação entre os terrenos cultivados e as áreas incultas”*¹⁴².

Nas bouças e nos baldios, localizadas em áreas mais altas, predominam, respectivamente, as espécies de carvalhos autóctones e outras espécies arbóreas e arbustivas, que surgem, normalmente, em associação com as primeiras; e os matos e a floresta de crescimento rápido, onde coexistem pinheiros e eucaliptos. As zonas de matos servem para apascentar os rebanhos, sobretudo de ovelhas.

Foto 15 - Paisagem florestal, agrícola e “urbana”



Fonte: Vastus, Lda. 2002

¹⁴²Manuel L. LEITÃO, *A paisagem do Norte de Portugal*. Tese de dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, ISA-Universidade Técnica de Lisboa, 2011, p. 16.

A paisagem local é, também, enriquecida pela diversidade de culturas dos quintais e sua rotação, cuja policultura tradicional, forma um *puzzle* cromático intenso, com predominância a partir de Fevereiro e até aos meses de Verão, quando as flores desabrocham. Do ponto de vista visual, a sazonalidade traduz-se, ao longo do ano, em uma constante variação de cores, texturas e formas, que atribuem ao território uma elevada qualidade paisagística.

Os afloramentos rochosos, que surgem em alguns pontos notáveis da paisagem, confundem-se com os povoamentos castrejos, também abundantes nestas zonas, contribuindo, no seu conjunto, para a valorização da qualidade da paisagem.

Foto 16 - Paisagem agro-florestal



Fonte: Vastus, Lda. 2002

No concelho distinguem-se diferentes áreas no que à degradação da paisagem diz respeito, umas com maior deterioração paisagística do que outras, que apresentam sinais negativos mais ténues. Desde logo, a típica sobreposição de actividades, característica da região minhota, imprime um aspecto desorganizado à paisagem, que funciona como factor de desqualificação ambiental, a que não são alheias a dispersão habitacional, sobretudo ao longo dos eixos viários, e a consequente disseminação de edifícios industriais e agrícolas, de oficinas, de resíduos e de redes dos mais diversos tipos, que tornam mais ténue o limite entre os espaços urbanos e rurais. Do mesmo modo, o abandono populacional das áreas mais agrestes do concelho, coincidentes com as altitudes mais elevadas, tem vindo a provocar a alteração da paisagem, que dependia das actividades humanas aí desenvolvidas, das linhas de água, levadas e poças que se foram degradando, das galerias ripícolas, entretanto destruídas e do consequente avanço de espécies invasoras. Acresce que, grande parte dos aglomerados rurais apresenta um conjunto

significativo, de edifícios de habitação vernacular, visivelmente degradados e, ainda, tipologias e materiais de construção desadequados.

Estruturas Urbanas

A Vila de Paredes de Coura constitui o topo da hierarquia do sistema urbano do território courense. As restantes estruturas urbanas existentes, designam-se, nesta região, lugares. Estes podem ser de maiores ou menores dimensões, mais dispersos ou mais concentrados, consoante a localização e a sua adaptação ao território.

A sede do concelho é o único aglomerado de características urbanas, cuja tendência, devido à dinâmica demográfica verificada, é para reforçar essa vocação, bem como o seu papel polarizador no território concelhio¹⁴³. Aqui se localizam os principais equipamentos de utilização colectiva, o comércio ocasional, os serviços públicos mais relevantes para a população, tal como os parques e jardins públicos, de entre os quais se destaca o mais recente parque urbano, Portas do Corno de Bico. Espaço de lazer e de passeio, este parque está localizado numa das entradas da vila de Paredes de Coura, convidando a um passeio, através dos seus percursos – adequados a seniores e crianças – que, com uma flora variada, que permite conhecer algumas espécies autóctones, apelam à sensibilização ambiental. Situado num local privilegiado, na área central da Vila, inclui nos seus equipamentos, um Minigolfe com dois circuitos e 18 buracos, que pode ser desfrutado pelo público em geral, propiciando o convívio familiar e intergeracional, ao ar livre.

O crescimento de Paredes de Coura, a partir do último quartel do século XIX deve-se ao incremento da rede viária concelhia e à situação geográfica da Vila. De facto, todos os itinerários principais, que rasgam o concelho e que constituem, ainda hoje, as suas principais vias de comunicação, foram executados nessa época, criando uma malha viária concelhia de estrutura radial, que tem como ponto de passagem obrigatório, a Vila de Paredes de Coura (ARU 2015).

¹⁴³CM. Paredes de Coura, *Programa Estratégico da Operação de Reabilitação Urbana de Paredes de Coura*, 2016, p. 11

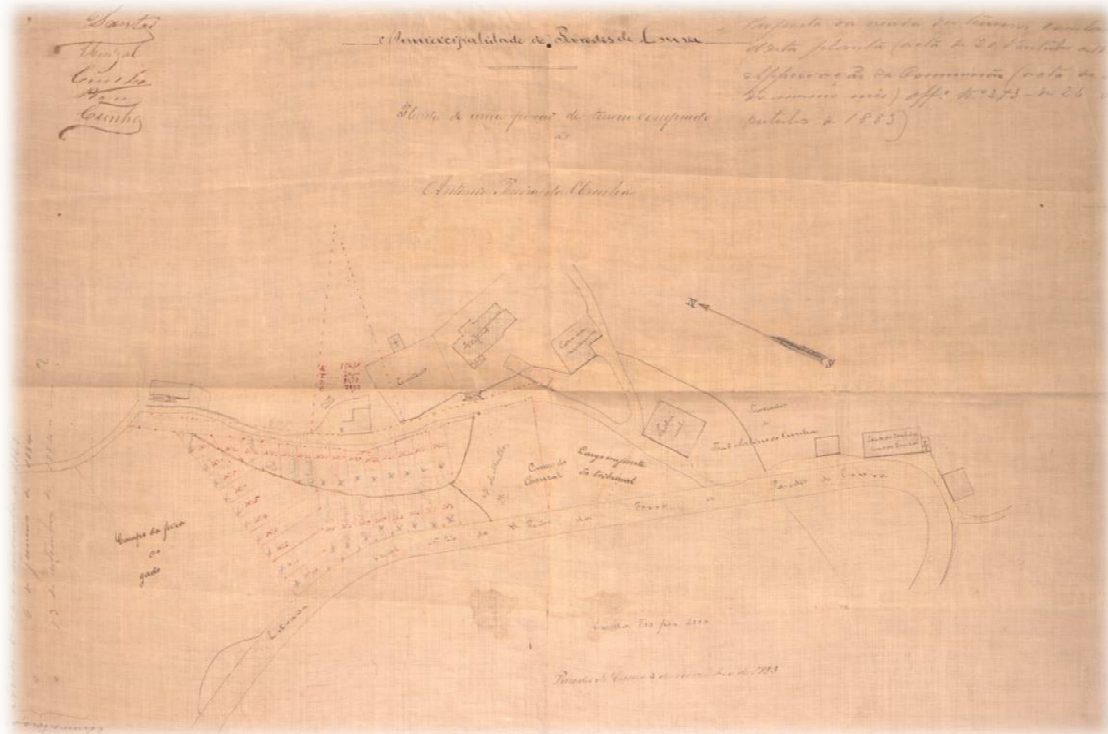
Figura 39 - Vila de Paredes de Coura, 2012



Fonte: A Terceira Dimensão - Fotografia Aérea; <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/>

Importa referir, também, que o núcleo central da vila se desenvolve ao longo das EN 303 e 301, principais e primeiras vias de comunicação a serem construídas, em meados do século XIX, só no início do século XXI tendo sido construída a Avenida de Cenon, que surge como uma variante à EN 301. Será a partir desta última, aliás, que se desenvolverá, no futuro, a malha urbana actual.

Figura 40 - Planta de uma porção de terreno comprador a António Pereira da Cunha, em 1883



Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.

Na planta acima, que abrange o centro actual da Vila está datada de 1883, pode constatar-se a existência do Tribunal, da antiga Igreja Paroquial e respectiva residência, da casa de João Adelino Sousa, actual Arquivo Municipal, e da Estrada Real nº 24. A partir desta última, o centro da Vila será urbanizado, de acordo com o parcelamento, já previsto, aliás, na própria planta. Será também nesta época, sob a presidência da Câmara do Conselheiro Miguel Dantas, que o ocorrerá uma significativa dinamização do território da vila courense, fruto das importantes obras públicas que se realizaram, como sejam: o edifício dos Paços do Concelho, o Hospital da Misericórdia, a Cadeia, o Matadouro e os recintos das feiras, para além de inúmeras vias de comunicação¹⁴⁴.

¹⁴⁴<http://pesquisa.arquivo.paredesdecoura.pt/details?id=61.20.01.2017>

Postal 1 - Vista geral da Villa de Paredes de Coura, 1910?



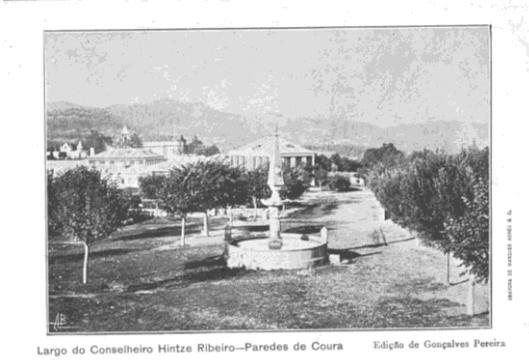
Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT/MPCR/CPPCR/000001.

Postal 2 - Entrada da rua do Conselheiro Miguel Dantas, 1910?



Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT/MPCR/CPPCR/000006.

Postal 3 - Largo do Conselheiro Hintze Ribeiro, 1910?



Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT/MPCR/CPPCR/000009.

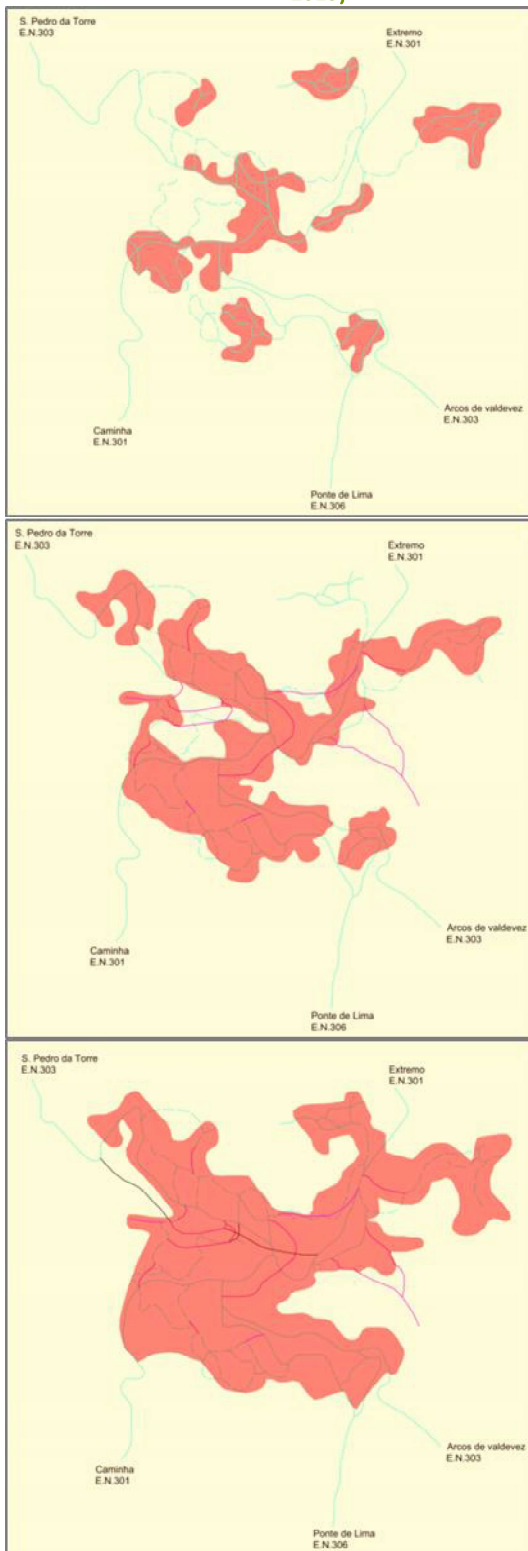
Postal 4 - Paredes de Coura, 1910?



Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT/MPCR/CPPCR/000030.

De tudo quanto acima fica dito, pode dizer-se que a Vila de Paredes de Coura se caracterizou, praticamente até ao final do século XX, como uma vila de “risco ao meio”, ou seja, com uma rua central – a Rua Conselheiro Miguel Dantas, que mais não era, à época, do que um troço da E.N. 303. A vila encontrava-se, assim, rasgada por uma Estrada Nacional, que a dividia ao meio e, em torno da qual, se concentravam os edifícios públicos.

Figura 41 - Evolução urbana da Vila entre 1949 e 2016 (ARU, 2015)



É visível, na evolução urbana da vila, o aumento da sua área urbana. A partir da rede viária principal, os pequenos lugares envolventes, visíveis na planta de 1949, vão-se, paulatinamente, estruturando ao longo dessas vias, dando origem, por sua vez, a uma nova rede de arruamentos e consolidando o tecido urbano da vila de Paredes de Coura.

A centralidade da Vila de Paredes de Coura e a sua relação de proximidade, com os equipamentos e serviços públicos, traduziu-se, sobretudo nas duas últimas décadas, no aumento demográfico e no consequente aumento do número de edifícios. Contudo, tal como aconteceu no passado, o crescimento do parque habitacional foi acompanhado por uma maior dinâmica na construção de equipamentos de utilização colectiva, vocacionados para servir a totalidade da população do concelho.

Fonte: Vastus, Lda. 2016, a partir de Cartas Militares n.º 15, série 1 e 2 e Cartografia CMP, 2015 e Ante Plano de Urbanização de 1949.

A modernização efectuada no centro da vila, no início do século XXI, nomeadamente nos espaços públicos, na dotação de estacionamento público e na centralização das escolas, se nem sempre foi consensual, teve, pelo menos, o mérito de renovar a imagem urbana da vila.

Foto 17 - Vista da Rua Conselheiro Miguel Dantas



Fonte: C.M. Paredes de Coura, 2015

Foto 18 - Vista do Largo Hintze Ribeiro



Fonte: C.M. Paredes de Coura, 2015



Fonte: C.M. Paredes de Coura, 2015



Fonte: C.M. Paredes de Coura, 2015

2.4.3 - Perfil económico do território



145

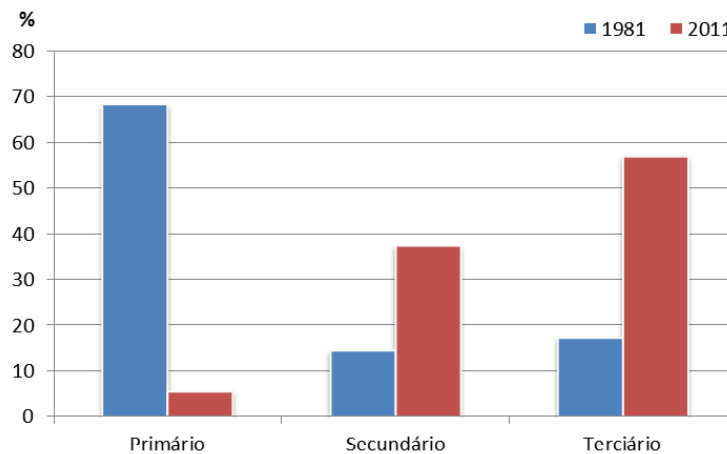
“Os campos imprimiam o traço mais vigoroso da paisagem agrária portuguesa”¹⁴⁶

Os dados estatísticos de 2011 (Censos 2011) permitem comprovar a tendência, verificada em Paredes de Coura e já notória nos censos de 2001, no que diz respeito à grande mudança ao nível da distribuição da população empregada, por sector de actividade. Até 1981, o sector principal era, ainda, o sector primário mas, durante os anos 90, os sectores secundário e terciário tornam-se preponderantes, ultrapassando, qualquer deles e por si só, o primário. De facto, nos últimos dois períodos censitários - o de 2001 e o de 2011 -, quanto à distribuição da população empregada, por sector de actividade, continuou a verificar-se a tendência de crescimento do sector terciário, que sobe de 43% para 57% nessa década, enquanto o sector primário regride mais 13%, do que no período censitário anterior, atingindo os 5,5%. Os dados do gráfico seguinte permitem observar a grande inversão, verificada no concelho, no que diz respeito a este indicador, entre os censos de 1981 e de 2011, factor que trouxe consequências a vários níveis, incluindo o da paisagem local.

¹⁴⁵ Fonte: Leiras do Carvalhal, Ld.ª 2016.

¹⁴⁶ Orlando RIBEIRO, *Portugal O Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 7ª Edição, 1998, p. 60

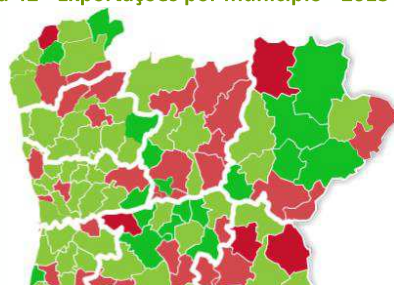
Gráfico 4 - População empregada por sector de actividade



Fontes de Dados: INE - Recenseamentos Gerais da População

No que respeita às empresas com sede em Paredes de Coura, os dados relativos ao ano de 2011 permitem verificar que o “Comércio por grosso e a retalho, reparação veículos” (23%) continua a ser o sector empresarial com maior peso, seguido de perto pelo sector da “Construção” (20,9%); contrariamente, a “Industria transformadora” (7,46%) revela-se com um peso inferior ao de outras actividades, tais como as “Actividades administrativas e dos serviços de apoio” (9,48%) e as atinentes a “Alojamento, restauração e similares” (7,84%). A “Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca”, representa, por sua vez, apenas 6,95% da produção empresarial do concelho, valor, ainda assim, superior aos registados na região Minho-Lima e na Região Norte, com 4,19% e 3,53%, respectivamente.

Figura 42 - Exportações por município - 2013 a 2015



- Municípios que aumentaram exportações mais de 50%
- Municípios que aumentaram as exportações até 50%
- Municípios em que as exportações caíram até 50%
- Municípios em que as exportações caíram mais de 50%
- Não é possível calcular uma percentagem porque o valor inicial é zero

Paredes de Coura	
Exportações em 2015:	48.428.455€
Exportações em 2014:	12.396.644€
Exportações em 2013:	6.881.889€
Varição entre 2013 e 2015:	603,7%

Fonte: Infografia Jornal de Negócios

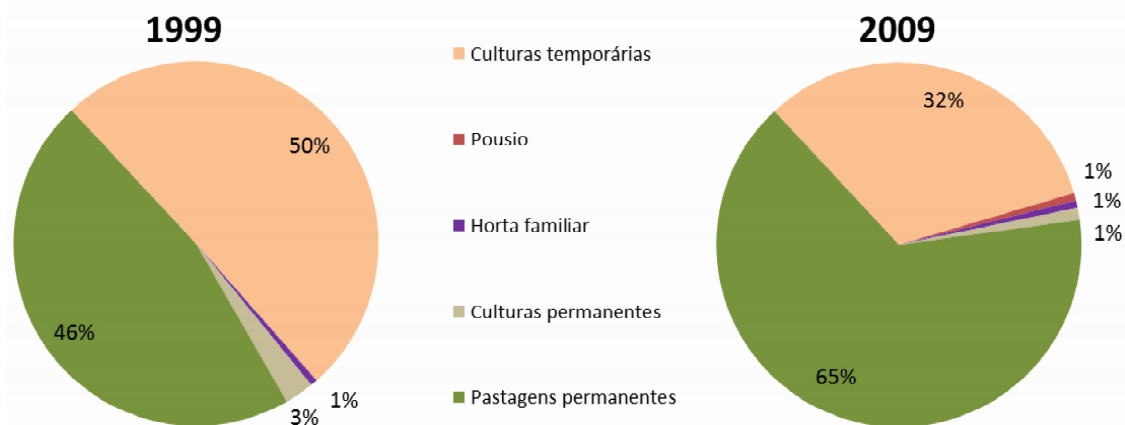
O concelho tem dois espaços, especialmente destinados às actividades económicas: a Zona Industrial de Formariz, com 17 ha (actualmente em fase de expansão para 25 ha) e a Zona Industrial de Castanheira, com 8 ha. Existem, no entanto, dispersas por outras freguesias, unidades empresariais isoladas, como, por exemplo, em Cossourado (São Bento). Este conjunto de empresas permitiu a Paredes de Coura afirmar-se como o município da

Região Norte, que mais cresceu nas exportações (+ de 603%), entre 2013 e 2015, com particular destaque para o sector do calçado e, sobretudo, o dos componentes para automóveis, o qual apresentou, entre 2013 e 2015, um acentuado crescimento, traduzido num aumento das exportações de 600%.

Importa, contudo, referir que a agricultura, apesar de ser um sector de produção, claramente enfraquecido nas últimas décadas, em resultado de condicionalismos vários do sistema agrário, mormente, a falta de mão-de-obra e a pequena dimensão das parcelas cultiváveis, continua a ser uma actividade que assume grande importância económica, social e paisagística, no concelho.

A Superfície Agrícola Utilizável (SAU) de Paredes de Coura, com 3949 hectares, ocupa 28,5% do concelho, o que equivale a uma redução de 10% da área, entre 1999 e 2009, tendo em conta os 4371 hectares que ocupava em 1999 (8019 ha em 1989). Neste período intercensitário, assistimos, igualmente, a uma profunda alteração no que respeita ao modo de ocupação da SAL, com uma transferência de superfície de culturas temporárias (-42%), especialmente leguminosas secas e cereais para grão, e culturas permanentes (-63%), para pastagens permanentes e pousios, o que terá consequências na diversidade das culturas agrícolas, ou seja, na policultura típica do concelho.

Gráfico 5 - Variação da composição da SAU



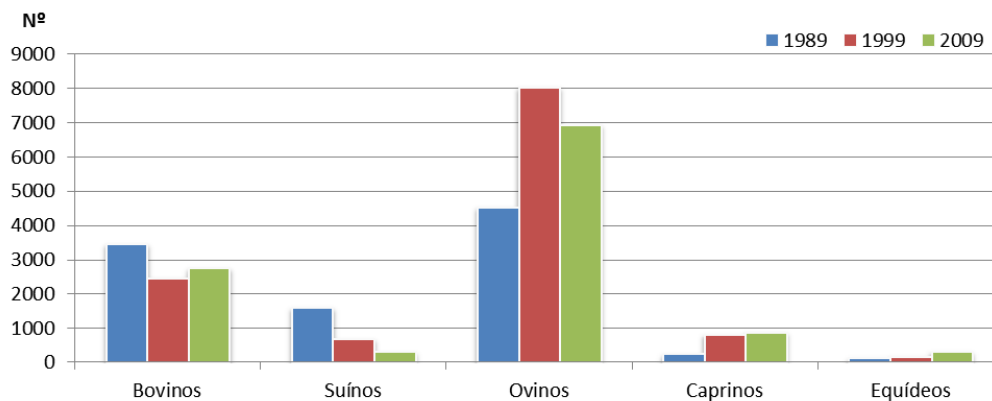
Fonte: INE, Recenseamentos agrícolas de 1999 e 2009

Em resultado de tais alterações, as pastagens permanentes representam, actualmente, 65% da SAU do concelho, quando, em 1999, correspondiam, apenas, a 46%; a par das áreas de pousio, estas áreas são as únicas categorias de SAU em

que se verificou um aumento de área. No que concerne à estrutura fundiária, prevalecem as explorações de pequena dimensão, entre 1 e 5 hectares, as quais representam 80% do total das explorações. A pequena propriedade, está directamente relacionada com a mão-de-obra proveniente, sobretudo, do agregado familiar e com uma produção destinada ao autoconsumo.

Aliada à actividade agrícola existe a criação de gado, caracterizada por um pequeno número de cabeças por exploração, característico de uma actividade do tipo familiar. Excluindo as aves e coelhos, que se destacam no número de efectivo animal da exploração agrícola, os ovinos assumem papel de destaque, apesar da sua diminuição entre 1999 e 2009, na ordem dos 13%, acompanhada pela diminuição do número de suínos, neste caso, porém, de modo mais acentuado: 57%. Refira-se que, após um decréscimo significativo no número efectivo de bovinos, as explorações agrícolas apresentam agora (2009), uma variação positiva de 12%, tendo aumentado, de forma regular, o efectivo caprino, em 8%.

Gráfico 6 - Evolução do efectivo animal da exploração agrícola

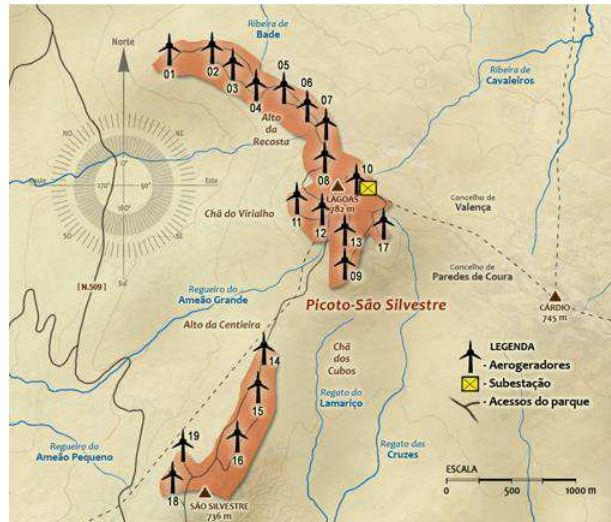


Fonte: INE, Recenseamentos agrícolas de 1989, 1999 e 2009

Outros recursos endógenos

A competitividade local passa também pela exploração de outros recursos endógenos; é o caso do vento, cuja exploração permite a descentralização da produção de energia, aproximando a produção do consumidor e beneficiando as áreas mais desfavorecidas. O território norte de Paredes de Coura alberga parte de um dos sub-parques do designado Parque Eólico do Alto Minho I, tendo instalados no concelho 10

Figura 43 - Mapa de pormenor - Sub-parque de Picoto-São Silvestre



Fonte: www.eevm.pt (Empreendimentos Eólicos do Alto-Minho S.A.)

aerogeradores (dos 19 existentes no sub-parque Picoto-São Silvestre) com capacidade de 2 MW cada, o que totaliza uma potência de 20 megawatts e permite evitar a produção de 38 mil toneladas de equivalente CO₂ por ano.

Outro recurso endógeno relevante são as explorações de massas minerais. Tidas,

Figura 44 - Pedreira do Fojo em Ferreira



Fonte: www.elevogroup.com/pt/portfolio/pedreira-do-fojo-pt/

fundadamente, como factores com grande impacto na paisagem local, podem, no entanto, ver esse impacto ser minimizado de modo significativo, com o passar do tempo, se lhes forem aplicadas as medidas adequadas à sua recuperação paisagística. No concelho, verificou-se que as únicas explorações de massas minerais –

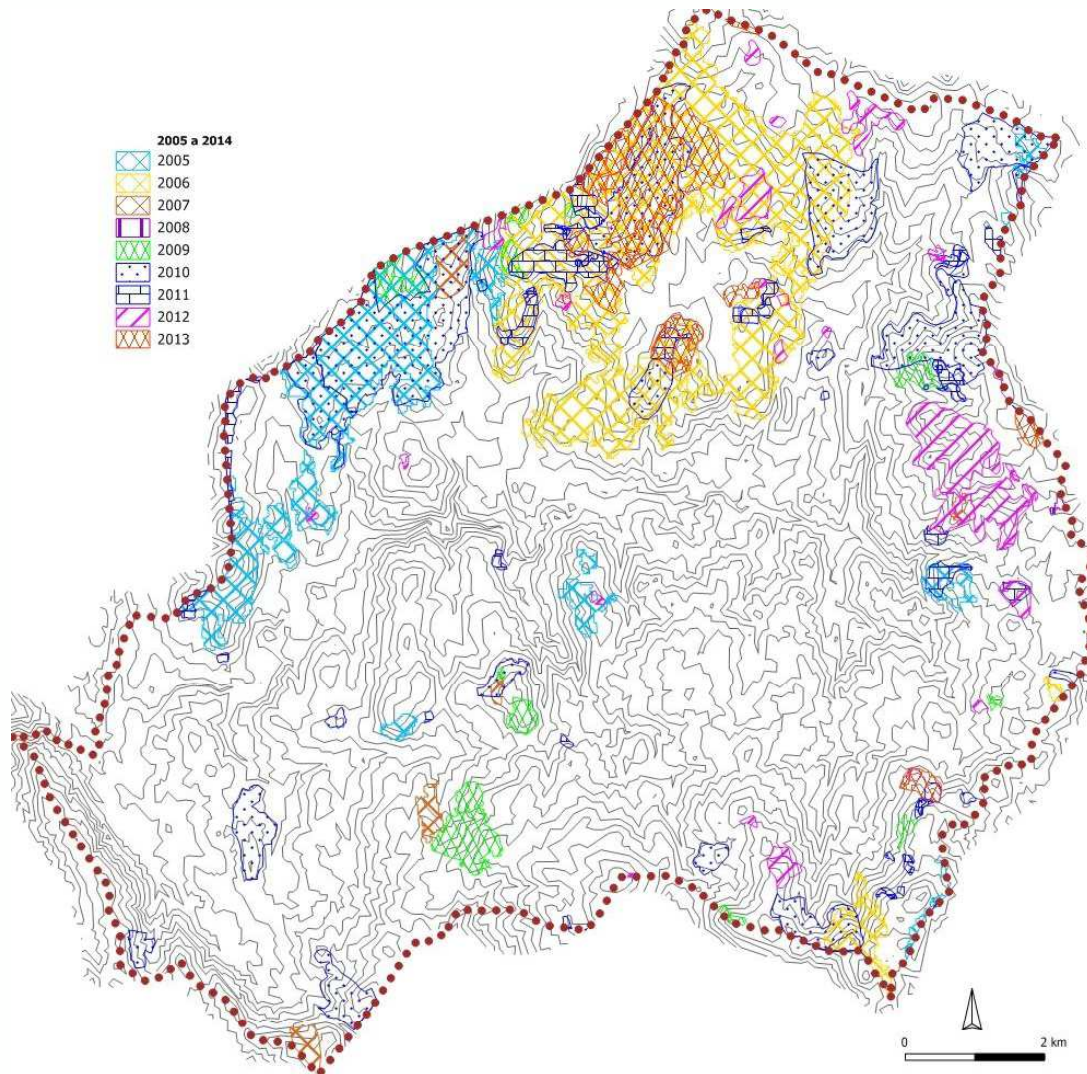
devidamente delimitadas na Planta de Ordenamento do PDM de Paredes de Coura - se localizam na freguesia de Ferreira, onde é produzido granito industrial de qualidade, nomeadamente, gravilhas graníticas.

No que se refere aos recursos hidrominerais, desde o séc. XIX que, em Paredes de Coura, são exploradas águas minero industriais, destacando-se, presentemente, a exploração da Água Mineral Natural “Salutis”, – igualmente destacada no PDM de Paredes de Coura -, com uma área de 50 ha e um papel importante na economia do concelho.

Importa ainda referir, neste lugar, que a resiliência dos espaços florestais à ocorrência dos incêndios florestais depende, em muito, de um eficaz ordenamento do território, capaz de promover a manutenção da biodiversidade, a protecção dos solos, o valor económico das florestas, etc., sendo que, as áreas ardidas são um dos factores que mais influência tem na percepção negativa da paisagem.

Na figura seguinte, que cartografa as áreas ardidas no concelho, no período de tempo que medeia entre 2005 e 2014, verifica-se que as mesmas são mais recorrentes e extensas, na metade norte do concelho e correspondem – anote-se - a áreas ocupadas, sobretudo, por matos densos.

Figura 45 - Distribuição espacial e temporal de áreas ardidas (2005 a 2014*)



Fonte dos dados: ICNF; Nota: *2014 sem área ardida cartografável no concelho

Foto 19 - Incêndio em área de pinhal



Fonte: Leiras do Carvalhal, Ld.ª 2016.

Em termos médios, no período que decorreu entre 2000 e 2015, as áreas ardidas correspondentes a matos atingiram os 247 ha/ano, enquanto as correspondentes a povoamentos florestais apresentaram uma média de 153 ha/ano. Nesse período de 15 anos, o ano mais crítico foi o de 2006, com 2124 hectares de área ardida (matos e povoamentos), tendo esta, 10 anos depois (2016), e após vários anos de diminuição significativa, aumentado significativamente, cobrindo a paisagem com um manto negro.

De acordo com o Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alto Minho (PRO-AM), o pinheiro é a espécie florestal predominante nesta região, abrangendo todo o território, não tendo o eucalipto, aqui, uma presença tão significativa como em outras regiões vizinhas. A classe de espécies florestais “outras folhosas”, de entre as quais se destacam os carvalhos, apresenta uma distribuição generosa nesta região, sobretudo no interior, ocupando o segundo lugar no que respeita à extensão de área ocupada e revelando, ademais, um crescimento regular ao longo dos anos. As outras resinosas encontram-se distribuídas por toda a região florestal e denotam uma tendência de diminuição da área de ocupação.

Relativamente ao concelho de Paredes de Coura, o PROF-AM refere que a área de pinheiro bravo, ainda que com algumas flutuações, manteve a mesma representatividade, pelo menos nos anos estudados: de 1960 até 2000. O Plano refere, ainda, que, após ter registado um forte aumento, até 1995, a área de eucaliptal tem vindo a diminuir, pelo menos até 2000.

A existência de perímetros florestais submetidos a Regime Florestal é bastante significativa nesta região e, conseqüentemente, no concelho, do qual ocupa cerca de 3370 hectares. Estas áreas apresentam, não só bastantes áreas incultas, como extensas áreas afectas à monocultura do pinheiro bravo, pelo que se deveria proceder a uma florestação das primeiras, promovendo a plantação de outras espécies, adaptadas às condições edafoclimáticas, nomeadamente, as

consideradas prioritárias, em função da protecção dos solos e da promoção de qualidade paisagística, sobretudo em solos onde as espécies com funções produtivas não sejam adequadas. É de promover, ainda, a beneficiação das áreas afectas ao pinheiro bravo, potenciando a sua produtividade e protegendo-as dos incêndios florestais, considerados, com toda a justeza, um dos maiores dramas locais, com o qual se debate a paisagem.

É de registar o ressurgimento da resinagem no concelho pois, apesar de não existirem dados estatísticos que o confirmem, tal facto resulta como evidente, através da observação directa.

Turismo

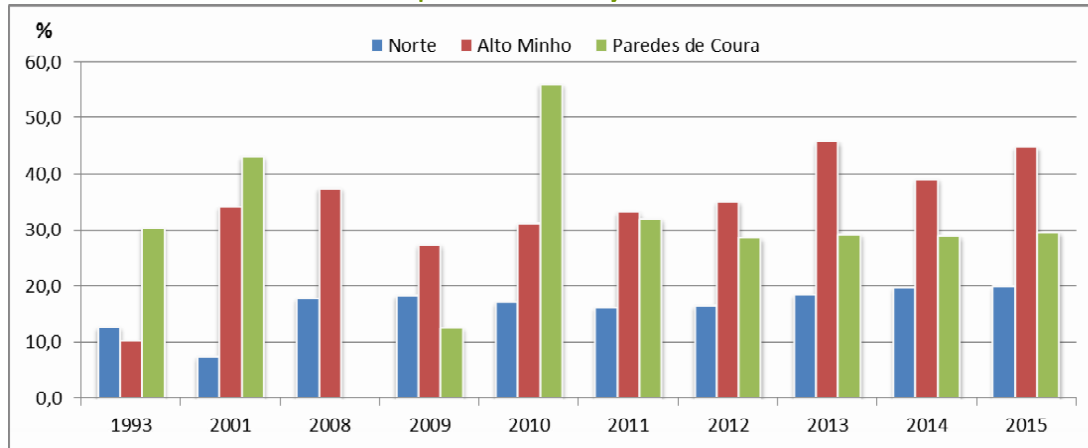
O PNOPT reconhece no Minho-Lima grandes oportunidades para o sector turístico, assentes na elevada qualidade da paisagem, do ambiente, do património histórico e da cultura. A paisagem assume-se, cada vez mais, como um factor decisivo para a localização de determinadas actividades, principalmente as turísticas e recreativas. Por esse motivo, a qualidade da paisagem começa a ser valorizada como um recurso económico relevante, e a sua manutenção ou melhoramento constituem uma fonte significativa de emprego e de atracção de visitantes.

As entidades públicas são aquelas que apresentam valores mais significativos, no que respeita ao investimento na Paisagem. As autarquias do Minho-Lima e, em concreto, a autarquia de Paredes de Coura, cientes da importância da paisagem para o desenvolvimento do concelho, têm vindo a investir na conservação da mesma, segundo uma lógica de preservação e de elemento diferenciador, conjugando recursos e actividades turísticas.

Em função dos dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística, é possível fazer a leitura da evolução das despesas, do município de Paredes de Coura, com a protecção da Biodiversidade e Paisagem, mais especificamente, com a salvaguarda dos animais, plantas e paisagens naturais. Após um forte investimento de 229 milhares de euros em 2010, correspondentes a mais de 55 % do investimento total no domínio do ambiente, as despesas parecem ter estabilizado próximo dos 30%, percentagem equivalente a, sensivelmente, 110 milhares de euros

por ano, a partir de 2011; valor que supera o investimento, neste domínio, na Região Norte, mas que está aquém do verificado na NUTIII de referência: a do Alto Minho.

Gráfico 7 - Evolução do peso das despesas dos municípios na protecção da Biodiversidade e Paisagem no total das despesas com a Protecção do Ambiente



Fonte dos dados: INE - Inquérito aos Municípios - Protecção do Ambiente

Foto 20 - CEIA - Edifício principal



Fonte: www.cornodebico.pt/portal/

Os valores naturais existentes no concelho, particularmente a Paisagem Protegida do Corno de Bico, tornaram-se o foco de uma dinâmica de investimento, que levou à execução de um conjunto de recursos físicos e pedagógicos. De entre tais investimentos, destaca-se o CEIA - Centro de Educação e Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida de Corno de Bico, inaugurado em 2007 e localizado em Vascões, cujos principais objectivos são: fomentar a participação pública no ordenamento e gestão da PPCB e assumir a função de divulgação e educação ambiental da população; o que tem logrado atingir, pois atrai, em média, 2 500 visitantes por ano. O CEIA inclui áreas destinadas à investigação e divulgação dos recursos naturais da Paisagem Protegida do Corno de Bico, designadamente, ateliês, sala de exposições, auditório e laboratório, entre outros equipamentos.

A Câmara Municipal de Paredes de Coura tem vindo, ainda, a investir num conjunto de acções que visam o ordenamento das margens dos cursos de água, promovendo a manutenção/recuperação/protecção dos *habitats* ribeirinhos, bem como a sua

valorização paisagística, como sejam: a requalificação e limpeza das margens e do coberto vegetal existente no Rio Coura, a criação de novas zonas de vegetação e a erradicação das espécies infestantes, valorizando, deste modo, a vegetação autóctone e a galeria ripícola, e contribuindo, concomitantemente, para o controlo dos fenómenos de erosão hídrica.

Foto 21 - Área destinada a pesca desportiva no Rio Coura

A requalificação paisagística passou, também, pela criação da praia fluvial do Taboão, enquanto espaço de usufruto público de qualidade que, juntamente com a criação do Parque de Campismo de Paredes de Coura, previsto no PDM, permitiram a utilização,



Fonte: Leiras do Carvalhal, Ld.ª 2016.

de modo ambientalmente sustentável, do “espaço rio”. A Câmara Municipal tem vindo, ainda, a concessionar lotes para pesca desportiva no Rio Coura onde, para além das suas famosas trutas, podem pescar-se bogas, escalos e enguias (pouquíssimas), entre outras espécies; regulamentando, assim, uma prática desportiva que, quando não controlada, pode causar consequências negativas, quer para a fauna quer para a vegetação ripícola. Outras estruturas de apoio -de que é exemplo emblemático o Parque de Pesca da Casa do Xisto, localizado na Boalhosa -, relacionadas com esta actividade lúdica/desportiva, têm surgido no concelho.

A pesca da truta é, de facto, uma actividade muito apreciada pela população local e, sendo o rio Coura um grande rio truteiro, esta actividade permite atrair visitantes de todo o Norte de Portugal, factor que serviu de estímulo à organização de “A Festa da Truta”, evento que a autarquia tem vindo a promover, com sucesso, nos últimos anos.

Foto 22 - Parque de Pesca "Casa de Xisto"



Fonte: www.trutas.com.pt/noticias/2014/08/convivio-com-trutas-da-casa-do-xisto/

A conservação do património edificado tem, igualmente, sido alvo de investimento, quer público quer privado, numa perspectiva de valorização, recuperação e utilização na realização de eventos que contribuem para a animação cultural desses espaços. Importa salientar que, todavia, apenas alguns dos imóveis, sítios e achados arqueológicos, revestem as características necessárias, para serem alvo de uma valorização e subsequente integração num roteiro turístico.

A estratégia de turismo sustentável, que se preconiza para este concelho, apoia-se na relação Turismo – Ambiente – Paisagem e Ordenamento do território, justificando uma estreita coordenação e interligação entre a protecção dos valores paisagísticos, ambientais e patrimoniais, o potencial humano, os serviços (culturais, alojamento, restauração, entre outros) e as acessibilidades.

Os investimentos privados, alguns com o apoio de programas como o PRODER/PDR, têm permitido a recuperação e transformação de património vernacular e rural, sobretudo em Turismo no Espaço Rural (TER). O alojamento turístico concentra-se, sobretudo, nas freguesias de Bico, Ferreira, Linhares, Mozelos, Rubiães, Agualonga, Formariz e Paredes de Coura, totalizando 204 camas em alojamento local, e 242 camas em empreendimentos turísticos, perfazendo, em conjunto, 456 camas, valores que traduzem o grande incremento registado, nos últimos anos, neste sector.

Tabela 6 - Listagem dos Alojamentos Locais

Nome do Alojamento	Modalidade	Nº Camas	Nº Quartos	Localização (Freguesia)
Casa Boavista	Moradia	7	3	Formariz e Ferreira
Casa da Cerca*	Moradia	3	2	Formariz e Ferreira
Casa da Cunha*	Moradia	4	3	Cunha
Casa da Fonte *	Moradia	4	1	Infesta
Casa da Lapa*	Moradia	7	3	Castanheira
Casa da Lebre	Moradia	7	4	Infesta
Casa da Lenha	Moradia	4	2	Formariz e Ferreira
Casa das Lages*	Moradia	3	2	Rubiães
Casa de Pardelhas	Moradia	4	2	Padornelo
Casa de S. Sebastião	Moradia	4	3	Rubiães
Casa do Assobio	Moradia	5	3	Cossourado e Linhares
Casa do Brezo	Moradia	1	1	Infesta
Casa do Busto*	Moradia	5	4	Cunha
Casa do Cruzeiro	Moradia	4	3	Infesta
Casa do Lagedo*	Moradia	2	2	Cunha
Casa do Padreiro*	Moradia	2	2	Paredes de Coura e Resende
Casa do Tojal	Moradia	6	4	Parada
Casa do Trevo*	Moradia	5	5	Cossourado e Linhares
Casa Rocha	Moradia	6	3	Agualonga
Casa Rossio*	Moradia	8	5	Rubiães
Casas do Penedo	Moradia	4	2	Infesta
Constantino	Moradia	5	5	Rubiães
Estabelecimento de Hospedagem - António José Gama de Sousa	Estab. hospedagem	4	4	Infesta
Forno do Minho	Moradia	5	5	Paredes de Coura e Resende
Lareira	Moradia	18	9	Paredes de Coura e Resende
Latitudes & Magias Albergaria, Lda	Estab. hospedagem-Hostel	29		Paredes de Coura e Resende
Ninho*	Moradia	15	3	Rubiães
Quinta da Corga*	Moradia	7	3	Romarigães
Quinta das Leiras	Moradia	4	4	Rubiães
Quinta das Marinhas	Moradia	11	5	Formariz e Ferreira
Repouso do Peregrino	Estab. hospedagem	11	11	Rubiães
Total: 31		204	108	

*Imóvel Posterior 1951

Fonte: Registo Nacional de Turismo, <http://www.turismodeportugal.pt/>

Tabela 7 - Listagem dos Empreendimentos Turísticos

Nome do Alojamento	Nº Camas	Nº Quartos	Localização
Casa da Cal	6	3	Linhares
Casa da Capela	12	6	Cossourado
Casa da Oliveirinha	6	3	Agualonga
Casa das Boticas*	12	6	P. Coura
Casa das Cerejas	12	6	Bico
Casa de Eiró	10	5	Linhares
Casa do Outeirinho - Coura Minho	14	7	Ferreira
Casa Paz do Outeiro	10	5	Ferreira
Casinha de Mozelos	4	2	Mozelos
Quinta da Casa do Paço	13	10	Ferreira
Quinta da Cruz da Arestim	10	5	Linhares
Quinta da Gandra	12	6	Agualonga
Quinta das Águias	16	4	Rubiães
Quinta de Casais	16	8	Romarigães

Quinta de Favaes	10	5	Mozelos
Quinta de S. Roque de Rubiães	12	6	Rubiães
Repouso do Peregrino (Hotel Rural)	55	20	Rubiães
Sonho da Seara Turismo Rural E Natureza Lda. - Casa de Campo	12	6	Bico
Total: 18	242	113	

Fonte dos dados: Registo Nacional de Turismo; www.turismodeportugal.pt

Actualmente, sediados no concelho de Paredes de Coura, existem apenas dois agentes de animação turística, vocacionados para a promoção e divulgação de actividades lúdicas, que preservam e respeitam a Natureza, tais como a orientação pedestre, o montanhismo e o pedestrianismo. No entanto, muitos outros, radicados em concelhos vizinhos, exercem aqui algumas das suas actividades, entre os quais, a Rotas do Xisto, Animação Turística, Unipessoal, Lda, e Paulo Eurico Pereira - Unipessoal, Lda.

Estes operadores de actividade de turismo/aventura usufruem dos recursos endógenos, de modo sustentável, organizando caminhadas, passeios de todo o terreno, actividades em bicicleta, nomeadamente em BTT e actividades agrícolas, entre outras. Deste modo, ao mesmo tempo que criam oportunidades de emprego para os jovens locais, respondem à crescente procura por parte dos turistas, que buscam experiências saudáveis e um conhecimento mais vivenciado dos espaços naturais e culturais, de destinos mais recônditos.

No concelho existem cinco zonas de caça do tipo associativo, geridas por diferentes entidades, totalizando uma área de 9441 hectares, os quais correspondem, sensivelmente, a 68% da área concelhia. Estas zonas, onde são exploradas espécies cinegéticas como o coelho bravo, a perdiz, o pombo bravo, o javali e a raposa, funcionam, também, como factor de atractividade turística, sobretudo, mas não só, para os aficionados e praticantes da caça.

Tabela 8 - Zona de Caça em Paredes de Coura

Nº Zona Caça	Designação da Zona de Caça	Concelho / Total (ha)	Entidade	Tipo Zona
1327	ZCA MONTE CARVALHO E GESTEIRA	2764 / 2764	AS. CAÇA E PESCA DE PAREDES DE COURA	Associativa
1462	ZCA EXTREMO/ BARBEITO	4 / 3324	CL. CAÇA E PESCA DE ARCOS DE VALDEVEZ	Associativa
2162	ZCA DA BOALHOSA	1119 / 1152	AS. CAÇADORES DA BOALHOSA	Associativa
2163	ZCA DO ALTO DAS PEDRAS FINAS	2070 / 2070	AS. CAÇA E PESCA DE VALE DO COURA	Associativa
2306	ZCA TRAVANCA	3484 / 3484	ASSOCIAÇÃO DE CAÇADORES DO ALTO MINHO	Associativa

Fonte dos dados: www.icnf.pt

Paredes de Coura possui, ao nível dos apoios e dos equipamentos que possibilitam a fruição do seu território e da sua paisagem, inúmeros outros espaços e áreas, que podem ser utilizados pelos seus habitantes e visitantes. No que ao recreio e lazer, nos espaços naturais, diz respeito, destaca-se a já referida Praia Fluvial do Taboão, nas margens do rio Coura, próximo da Vila, local que se pode, merecidamente, caracterizar como idílico, ao oferecer o desfrute de uma paisagem de beleza serena e bucólica, que se estende dos marginais campos agrícolas até à aprazível praia fluvial. Sendo um dos principais cartões-de-visita do concelho, é um local onde a natureza, em conjugação harmoniosa com algumas infra-estruturas, convida a múltiplas actividades. Rodeados de um magnífico ambiente, os que visitam esta praia podem ali passear, ao longo de um enorme manto verde, dispendo de balneários públicos, de um campo de jogos e de um café-restaurante, a completar o leque de ofertas¹⁴⁷.

A situação singular do concelho, no que diz respeito aos seus limites administrativos, permite, a partir dos seus pontos mais altos, obter-se uma panorâmica bastante interessante da grande parte do seu e dos territórios vizinhos.

Dos diversos Miradouros que pontuam as suas cumeadas, destacam-se: o Miradouro da Chã do Bento, situado em Rio Mau, na freguesia de Bico, a 802 metros de altitude, de onde se pode apreciar uma panorâmica de elevada beleza, sobre a encosta norte da serra do Corno de Bico e sobre o vale do Rio de Cavaleiros; o Miradouro da Giesteira, localizado a cerca de 600 metros de altitude, situado no lugar de Coutos, na freguesia de Vascões que, ao oferecer uma grande panorâmica sobre o vale do rio Coura, nos permite perceber como este foi moldando e desenhando a paisagem através do seu serpenteante trajecto; o Miradouro da Senhora da Pena, implantado no monte da Pena, na margem esquerda do rio Coura, de onde se tem uma visão privilegiada sobre o território do Vale do Coura e, com particular destaque, sobre os seus campos agrícolas, sendo até possível, em dias de céu limpo, avistar-se o mar; nele se situa a capela de Nossa Senhora da Pena, existindo, ainda, um parque de merendas e sanitários; o Miradouro de S. Silvestre localizado na cumeada que divide os concelhos de Paredes de Coura e de

¹⁴⁷ Fonte: adaptado de www.paredesdecoura.pt

Valença situa-se a 735 metros de altitude e permite a observação de todo o concelho de Paredes de Coura; nele se edifica a Capela de S. Silvestre existindo, também, um parque de merendas; o Miradouro do Alto Crasto, situado a 612 metros de altitude, no lugar de Chão Longo, na freguesia de Vascões, oferece, a quem o visita, uma bela panorâmica sobre os campos, talhados em lameiros e as vastas pastagens da Colónia Agrícola de Chã de Lamas; o Miradouro do Corno de Bico, instalado num dos pontos mais altos do concelho de Paredes de Coura, apresenta uma vista panorâmica sobre o território do concelho e as principais serras envolventes, existindo uma mesa interpretativa que focaliza aspectos relacionados com a ocupação humana e cultural da Paisagem Protegida do Corno de Bico; o Miradouro do Penedo das Vistas, situado a 441 metros de altitude, no lugar da Cotaleira, permite observar uma bela panorâmica da vila de Paredes de Coura, assim como das freguesias adjacentes; o Miradouro do Penedo do Rebolinho, situado a 735 metros de altitude, na freguesia de Castanheira, apresenta-se em forma de bola, que parece precipitar-se a qualquer momento e de onde é possível ter uma vista panorâmica de 360°, observando parte do trajecto do rio Lima até à foz, em Viana do Castelo, para além de permitir uma fantástica vista sobre a freguesia de Castanheira, o monte da Travanca e a Vila de Paredes de Coura; o Miradouro de Stª Rita, localizado no Monte de Santa Rita, no limite da freguesia de Romarigães, a 337m de altitude, com um ângulo de visão de 360°, permite avistarem-se partes do território dos concelhos de Paredes de Coura e de Vila Nova de Cerveira, e ter uma observação privilegiada sobre a imponente Serra D'Arga; aí se localiza a Capela de Santa Cristina/Santa Rita¹⁴⁸ e, ainda, um parque de merendas.

A rede de percursos pedestre municipal, às quais voltaremos mais adiante, permite ao visitante e à população local visitar e conhecer a totalidade do seu território. Para tanto, dispõe de uma rede de trilhos, composta por 16 Pequenas Rotas (PR) e 1 Grande Rota (GR), constantes da tabela seguinte:

¹⁴⁸ Fonte: adaptado de www.paredesdecoura.pt

Tabela 9 - Percursos Pedestres no concelho

Rede de Percursos Pedestres	
GR17 - Travessia Alto Coura	PR09 - Trilho dos Combatentes
PR01 - Corno de Bico	PR10 - Trilho Pastor
PR02 - Trilho do Alto dos Morrões	PR11 - Trilho Pias dos 4 Abades
PR04 - Varanda do Coura	PR12 - Trilho Chã da Burra
PR05 - Trilho dos Moinhos	PR13 - Trilho do Vale Escuro
PR05 - Trilho dos Moinhos 2	PR14 - Trilho das Lages Altas
PR06 - Trilho do Megalítico	PR15 - Trilho das Garças
PR07 - Trilho Aquilino	PR16 - Trilho da Boualhosa
PR08 - Trilho dos Miliários	

Fonte: CMPC

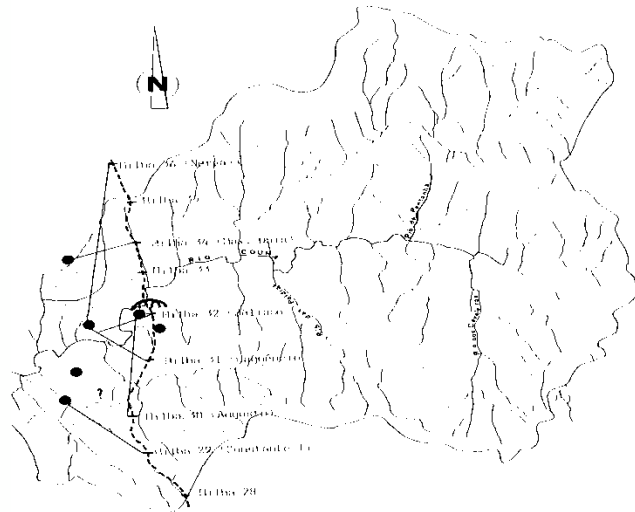
Também a Via Romana XIX, a par do Caminho de Santiago, atraem muitos visitantes, existindo várias iniciativas de dinamização destes antigos caminhos, muito procurados por caminhantes, peregrinos, ciclistas, ou simplesmente pela população local que pretende fazer pequenas caminhadas.

Figura 46 - Percurso da IV Via, localização actual dos miliários e seus locais de origem

Foto 23 - Sinalética da Via Romana XIX



Fonte: www.romarigaes.pt



Fonte: Cadernos de Arqueologia 4/6, 1995-97, pg. 91.

Paredes de Coura atrai actualmente uma diversidade de actividades de âmbito cultural, recreativo, pedagógico e até gastronómico. Por esse motivo, foram sistematizados um conjunto de eventos, de entre os quais se destacam os seguintes: *Down Hill Urbano* (DHU), XCO Prova de BTT, XCM Maratona BTT, e Jogos da amizade.

O Museu Regional de Paredes de Coura, adaptação do conjunto habitacional da Quinta da Veiga, do século XVIII, composto por dois edifícios, uma eira e um

espigueiro, convida a uma visita muito interessante, onde se pode apreciar o contraste entre o moderno, nas zonas de exposições e o mais tradicional, nas áreas da residência-museu. O edifício principal compõe-se de dois quartos de dormir, uma sala de jantar, um corredor e uma cozinha, onde está bem presente o quotidiano da vida familiar, em uma moradia rica, do final do Século XIX. O piso inferior, outrora as *cortes* dos animais, encontra-se hoje transformado em loja de cereais e adega.

O museu apresenta uma colecção do património cultural do concelho, abrangendo colecções de têxteis, mobiliário, vestuário, alfaias agrícolas e objectos decorativos. É um repositório didáctico de tradições locais e regionais, capaz de fornecer uma visão global dos antigos usos e costumes, e da história do concelho mas, sempre, com uma pegada no futuro.

As exposições patentes ao público, intituladas: “Impressão digital em Terras de Coura”, “Evocações do Mundo Agrícola”, “A Casa Tradicional” e a Sala de Arqueologia, representam os aspectos mais significativos do concelho.

Na época de Verão, a praia fluvial do Taboão, na freguesia de Paredes de Coura, constitui uma atracção para a generalidade da população do concelho e não só. O festival de música, conhecido como Festival de Paredes de Coura, tem atraído, desde 1993, um vasto número de “festivaleiros” sendo uma das melhores montras

Foto 24 - Festival de Paredes de Coura



Fonte: www.facebook.com/pg/festivalparedesdecoura

- com alcance nacional e internacional -, do que Paredes de Coura tem para oferecer. *“Se por um lado, se apreende que o festival de música é a principal motivação para viajar para Paredes de Coura, as experiências, as imagens e o sentido de identidade e pertença, contribuem para a formação da imagem do destino. A experiência dos participantes assume grande importância no que se refere à construção das imagens, e também os impactes do festival de Paredes de Coura e todas as relações sociais e territoriais subjacentes à sua realização*

envolvem diversas dimensões, e todas elas devem ser consideradas".¹⁴⁹

Mas, para além do conhecido festival, muitas outras festas e romarias se realizam, ao longo do ano, nas várias freguesias do concelho, animando a vida social, para além dos convívios quotidianos. Aquando da realização dessas festividades os lugares ganham uma dinâmica diferente. A vida da população local torna-se mais agitada, não só pela presença dos familiares, que vivem noutras partes do país, de forasteiros de diversas proveniências e do regresso à terra dos emigrantes, mas, também, pelas responsabilidades que muitos assumem, na organização dos eventos em curso que, são em elevado número e se estendem ao longo dos meses de Verão, com especial ênfase em Agosto.

Nas freguesias os festejos têm um carácter essencialmente religioso, enquanto na vila, sede de concelho, para além das festividades religiosas, são organizados outros eventos, de carácter cultural, que abrangem públicos diversificados, desde a população residente, até aos visitantes de outros concelhos, mormente vizinhos, mas não só. Para além desta multiplicidade das actividades durante o verão, mantem-se a realização da tradicional feira quinzenal.

Outros encontros ou festas temáticas decorrem no concelho ao longo do ano, com carácter de continuidade, como sejam: "O Mundo ao Contrário", O Encontro Anual Coura Vegetariana, As Jornadas Micológicas e A Feira Mostra, entre muitas outras.

¹⁴⁹ Maria Alexandra Ferreira SIMÕES, *Os festivais de verão, o turismo em espaço rural e o desenvolvimento de territórios rurais: o caso de Paredes de Coura*, Dissertação de Mestrado, Uminho, 2014.

2.4.4 - Formas de habitar



150

“Um dos traços mais impressionantes da civilização do Norte de Portugal é certamente a mestria na construção de granito”¹⁵¹.

Neste capítulo o nosso objectivo é dar a conhecer as diversas formas arquitectónicas de habitar ainda presentes no território courense.

Complementarmente, a informação alargar-se-á às restantes formas edificatórias existentes. De facto, para além de alguns solares, das abundantes casas de lavoura e das casas populares, também os moinhos, os engenhos de serração ou de linho, assim como os espigueiros e outras construções ligadas ao labor agrícola, integram as paisagens das Terras de Coura. Por esse motivo, não poderiam deixar de ser aqui contemplados esses aspectos, testemunhos importantes da evolução da ocupação humana do território.

Tipologias residenciais

Os diferentes tipos de edificações que ocorrem no território courense, fruto da prolongada evolução da sociedade rural minhota, resultam das necessidades e das condicionantes naturais que, ao longo do tempo, foram determinando os diversos tipos de ocupação do povoamento. Deste modo, para além das habitações urbanas, localizadas fundamentalmente na vila de Paredes de Coura, em tempos mais recuados, foi a fixação dos nobres em propriedades rurais e dos lavradores e das suas famílias, junto das terras que trabalhavam, que determinou o povoamento deste território.

¹⁵⁰ Capela de Giesteira, 2016

¹⁵¹ Orlando RIBEIRO, *Geografia e Civilização*. Temas portugueses. Livros Horizonte. 1ª edição 1961, 1992, p. 13.

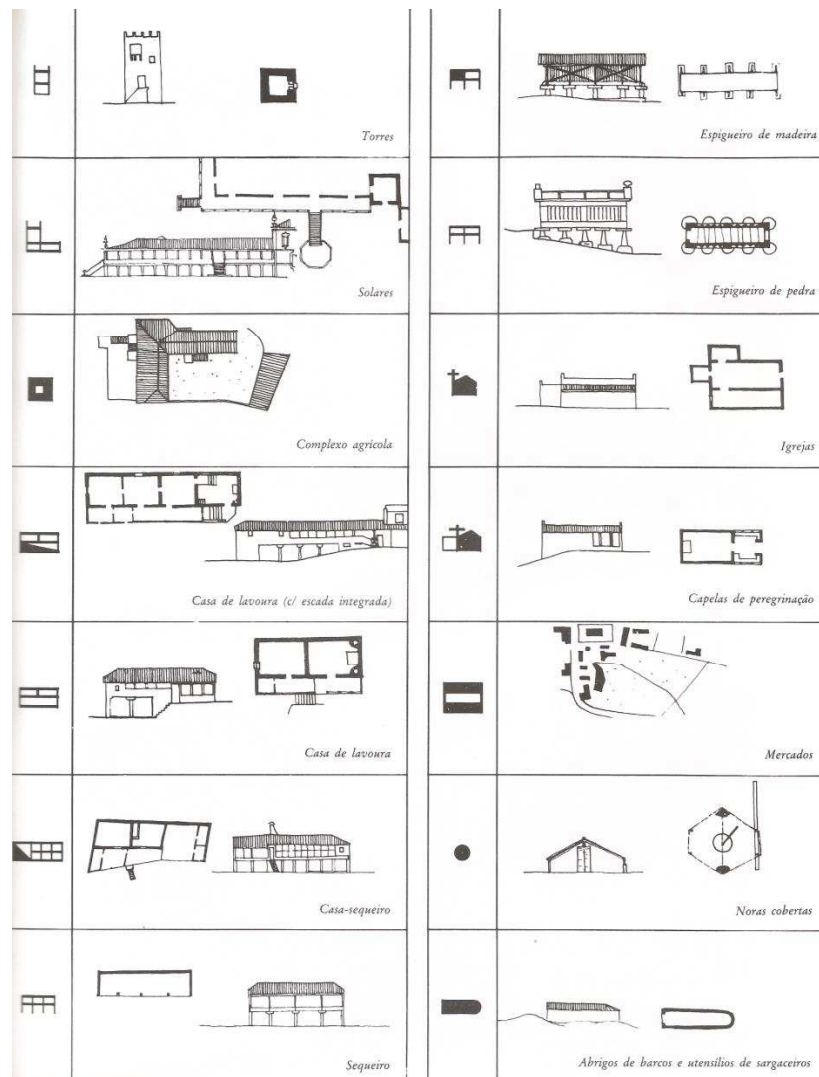
As diferentes tipologias habitacionais, ainda visíveis em Paredes de Coura, distribuem-se por todo o território municipal sendo, no entanto, apreciável, a diferença existente entre as habitações localizadas nos vales e as localizadas nas zonas de montanha. De facto, apesar de existirem vestígios de casas nobres em diversas freguesias do concelho, a Noroeste, nos vales tributários do Coura, encontramos algumas casas senhoriais e solares, sendo nas restantes freguesias, mais frequentes as casas de lavoura, que, de maior ou menor dimensão, e de acordo com a extensão das suas propriedades agrícolas, se designam *casas grandes*, das quais a Casa Grande de Romarigães e a Casa Grande da Vila, são dois exemplos paradigmáticos.

O registo efectuado no final dos anos 50, pela publicação da *Arquitectura Popular Portuguesa*¹⁵², relativamente à região Entre Douro e Minho, alude às seguintes tipologias residenciais: Torres, Solares, Complexo Agrícola, Casas de Lavoura - de diferentes dimensões - e a Casa Sequeiro, todas elas referenciadas no *Mapa Tipológico*¹⁵³ então realizado e abaixo apresentado.

¹⁵²Sindicato Nacional dos Arquitectos, volume 1, 1ª edição, 1961.

¹⁵³ARQUITECTURA Popular em Portugal. AAP: Lisboa, 1988, p. 119.

Figura 47 - Mapa Tipológico do Entre Douro e Minho



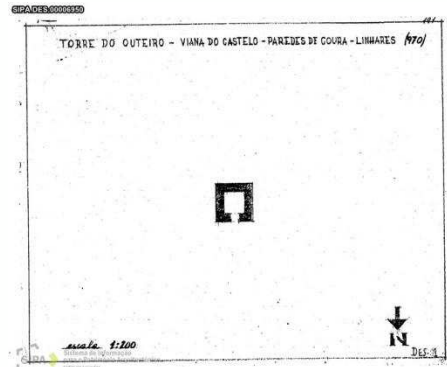
Fonte: Arquitectura Popular Portuguesa

Em Paredes de Coura, em 1951, a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) registou, apenas, um exemplar conhecido da arquitectura residencial nobre: a Torre do Outeiro, sita na freguesia de Linhares. Esta tipologia residencial, no entanto, terá sido comum, nesta região do país, durante o século XVI.

Foto 25 - Torre do Outeiro, Linhares, 1951



Figura 48 - Planta da Torre do Outeiro



Fonte: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

No que se refere aos Solares, não sendo esta uma tipologia típica do território courense, podem, no entanto, ser classificadas como tais, os edifícios seguintes: O Solar de Antas, em Rubiães, o Solar de Santa Ana de Seara de Quintão, em Ferreira e a Casa do Outeiro, em Agualonga.

Foto 26 - Casa de Santa Ana de Seara de Quintão



Fonte: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

Foto 27 - Solar das Antas



Foto 28 - Casa do Outeiro



Fonte: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

Foto 29 - Casa do Outeiro



No que concerne à tipologia classificada como “Complexo-agrícola” que, nesta região, inclui também as habitações designadas como “Casa Grande”, devido à dimensão da propriedade agrícola que abrangem, são de referir, como exemplo, as seguintes:

Foto 30 - Casa Grande de Romarigães



Foto 31 - Casa Grande de Romarigães Capela da Srª do Amparo



Fonte: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

Foto 32 - Casa da Quinta de Vermoim



Foto 33 - Casa da Quinta de Vermoim

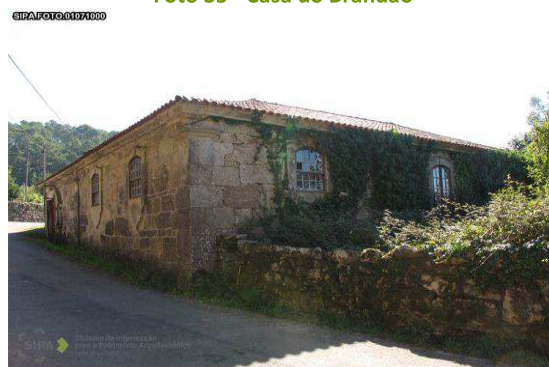


Fonte: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

Foto 34 - Casa do Brandão



Foto 35 - Casa do Brandão



Fonte: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

As tipologias das casas de lavoura, abundantes neste território, variam também entre as casas de vale e as casas de montanha. Nos exemplos seguintes, podem ver-se as duas variantes mais comuns; de anotar, porém, que, em todos os casos, as habitações estão inseridas na respectiva propriedade agrícola, o mesmo sucedendo com as habitações mais populares.

Foto 36 - Casa de Lavoura, em Rubiães



Foto 37 - Casa de Lavoura, em Castanheira



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

Foto 38 - Habitação popular, em Parada



Foto 39 - Habitação popular, em Insalde



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

A arquitectura erudita

Incluimos neste ponto uma breve caracterização e identificação das casas nobres mais significativas, assim como das igrejas e capelas que marcam este território.

É a economia assente na vida rural, que vai moldar as povoações e influenciar a arquitectura, sóbria e sólida, que caracteriza as construções do século XVII ao século XIX¹⁵⁴. O conjunto de casas notáveis, muitas delas brasonadas, que Paredes de Coura ainda hoje possuiu, mantinham entre si relações vincadas e exerciam – não surpreendentemente - forte influência no concelho. As mais antigas - crê-se -, serão as “torres” do Outeiro, de Mantelães e dos Cunhas; a torre solar dos Mirandas e a casa do Paço de Antas, em Rubiães. Esta última terá recebido a carta de brasão de armas de D. Sebastião, em 1571¹⁵⁵.

As residências nobres eram, muitas vezes acompanhadas, nas suas fachadas, por Capelas, como é o caso da Casa da N. S^a. da Conceição, conhecida como Casa dos Anjos em Venade¹⁵⁶ e a Casa da Senhora do Amparo, em Romarigães, também conhecida por Casa Grande de Romarigães.

Após a restauração de 1640, a renovação da nobreza deu origem à construção de novas casas e à ampliação de outras, quer urbanas quer agrícolas, sendo a respectiva pedra de armas, demonstrativa da importância da família que a habita.

De entre os vários exemplares da arquitectura desta época, são de referenciar: a Casa de Gonta, na freguesia da Castanheira, com origens no século XVI e cujos muros ameados, confrontando com o portal, dão continuidade ao espírito da arquitectura militar medieval; a Casa de Vermoim, sita na mesma freguesia e vedada por um muro alto, apenas interrompido pelo portão de armas¹⁵⁷; a Casa Grande de Paredes de Coura, na sede do concelho, com origem num edifício do século XVI, cujos vestígios da fachada ainda permanecem¹⁵⁸ e outros dois belíssimos exemplares a Casa de Afe, em Mozelos e a Casa de Mantelães,¹⁵⁹ em Formariz.

¹⁵⁴ J. P. SAMPAIO, *A sombra das casas*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura, 2007, p. 8.

¹⁵⁵ Fernando Pereira de MACEDO, *Protecção e valorização de paisagens associadas às casas-forte medievais*. Dissertação apresentada ao Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. 2012, p. 105, p.120, p. 124, p. 126

¹⁵⁶ *Idem*, p.10.

¹⁵⁷ *Idem*, p.10.

¹⁵⁸ *Idem*, p. 11.

¹⁵⁹ *Idem*, p. 11.

Foto 40 - Casa de Gonta, em Castanheira



Foto 41 - Casa de Gonta, em Castanheira



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.º 2016

Em Romarigães, na Casa e Quinta do Amparo, imortalizada como “Casa Grande de Romarigães”, por Aquilino Ribeiro, deparamo-nos com um edifício do século XVII e a sua actual capela, datada do século XVIII e com alterações várias, sofridas desde então. A capela e o portal de armas fazem parte dos elementos mais antigos do edifício, sendo a fachada *rocaille* da capela, o elemento mais rico deste conjunto¹⁶⁰.

Em meados do século XVIII eram cinco as grandes propriedades de Romarigães: a Quinta do Amparo e Casa Grande, a Quinta do Redondo, a Quinta do Vale, a Quinta da Boavista e a Quinta da Barroca¹⁶¹.

O Brasil, a partir do século XVI, enquanto fonte de riqueza para muitas destas famílias, irá promover alterações na arquitectura civil e religiosa, patenteada quer na ampliação, quer na edificação de novos solares. Entre os meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, deu-se o regresso da maior parte destes imigrantes que, com o peso da fortuna, facilmente se tornaram pessoas distintas do seu lugar ou da vila¹⁶². A Casa de Santa Ana de Seara, na freguesia de Ferreira, constitui um dos mais belos exemplares desta nova arquitectura do início de Oitocentos. É constituída por um corpo central, de onde partem todas as alas da

¹⁶⁰ *Idem*, pp.11-12.

¹⁶¹ Santos, Carlota Maria Fernandes dos SANTOS, *Santiago de Romarigães, Comunidade Rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia (1640-1872)*. Paredes de Coura: Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho/CMPC, 1999,p. 65.

¹⁶² *Idem*, pp.12-14.

casa e onde existe um jardim barroco. A fachada possui um torreão central, que a divide, estando a capela destacada do conjunto¹⁶³.

A arquitectura religiosa presente no território também é bastante representativa, com cerca de uma centena de construções, entre igrejas paroquiais, capelas públicas e privadas. De entre estas sobressaem a Igreja Românica de Rubiães, já anteriormente referida, a capela de S. Bartolomeu de Antas, também em Rubiães, fundada em 1592 e a Capela de S. Gonçalo, em Parada. Para além das capelas e das igrejas há um belo conjunto de cruzeiros e alminhas que também caracterizam a paisagem rural minhota¹⁶⁴ durante os séculos XVIII e XIX.

Foto 42 - Capela de São Gonçalo, Parada



Foto 43 - Capela de São Gonçalo, Parada



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.^a 2016

A representatividade deste tipo de arquitectura deveu-se a uma série de motivações político-económicas e acima já aludidas: o fim da guerra da restauração, as novas práticas agrícolas que tornaram o concelho próspero e, ainda, o regresso dos emigrantes brasileiros mais abastados.

A construção destes templos desenvolve-se em duas épocas distintas. A primeira decorrerá entre a segunda metade do século XVII e o primeiro quartel do século XVIII, fase em que os templos assumem, todos, características uniformes: são igrejas rurais pequenas, com um portal de linhas rectas, encimado por uma pequena

¹⁶³ *Idem*, pp.14-15.

¹⁶⁴ Silva, C. G. SILVA - *A Memória dos Templos*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura, 2007, p. 7-8.

entrada de luz e, no cimo, com um frontão triangular, ladeado por pirâmides. Junto à fachada situa-se um pequeno campanário. A Capela de Santa Marinha de Linhares, a Igreja Paroquial de Cristelo e a Igreja Paroquial de Vascões definem a primeira época de construção destes templos¹⁶⁵.

Foto 44 - Igreja Paroquial de Cristelo



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

Foto 45 - Igreja Paroquial de Vascões



Fonte: <http://www.emi.acer-pt.org/>

Durante a segunda fase, que se prolongará por todo o século XVIII, surgem as construções barrocas, com inovações significativas, principalmente na fachada, sendo as capelas de S. Bento (da Porta Aberta), em Cossourado e a de Nossa Senhora do Livramento, em Formariz dois desses belíssimos exemplares¹⁶⁶.

¹⁶⁵ *Idem*: 9.

¹⁶⁶ *Idem*, p 8-10.

Foto 46 - Capela de São Bento da Porta Aberta



Fonte: <http://www.emi.acer-pt.org/>

Foto 47 - Capela de Nossa Senhora Livramento



Fonte: Eduardo Cerqueira
<http://fotos.sapo.pt/borinho/fotos/?uid=L3d6zM7AtNyJ6sW3kCe8>

O Barroco de feições rurais passa a coexistir, nos edifícios, com o chamado Rococó Rural, no último quartel do século XVIII, sendo disso exemplo, as Igrejas Paroquiais de Ferreira, com uma só nave, mas com o portal tripartido; a de Aqualonga, edificada em 1786 e, principalmente, a Capela de *Ecce Homo*, de Padornelo, datada de 1776¹⁶⁷.

Foto 48 - Capela do 'Ecce-Homo'



Fonte: <http://www.emi.acer-pt.org/>

Foto 49 - Igreja de Aqualonga



Fonte: <http://www.emi.acer-pt.org/>

¹⁶⁷ *Idem*, p. 10.

As capelas, tal como as igrejas, sofreram um grande impulso construtivo - ou de melhoramentos -, durante o período Barroco, não obstante algumas serem mais antigas e outras terem sido construídas já no século XIX. São construções simples, com um portal ladeado por duas janelas, um frontão triangular e, no topo, uma cruz ou campanário, ladeado por pináculos¹⁶⁸.

Foto 50 - Capela da Casa do Crasto



Fonte: Leiras do Carvalhal, Ld.ª 2016

No século XIX ainda são construídos alguns templos de raiz, como é o caso da Igreja Paroquial de Romarigães, enquanto outras são reconstruídas, como são os casos das Igrejas Paroquiais de Formariz e de Infesta¹⁶⁹.

Foto 51 - Igreja Paroquial de Formariz



Fonte: Mário Ramos

<https://pt.wikiloc.com/wikiloc/imgServer.do?id=7175942>

Foto 52 - Igreja Paroquial de Infesta

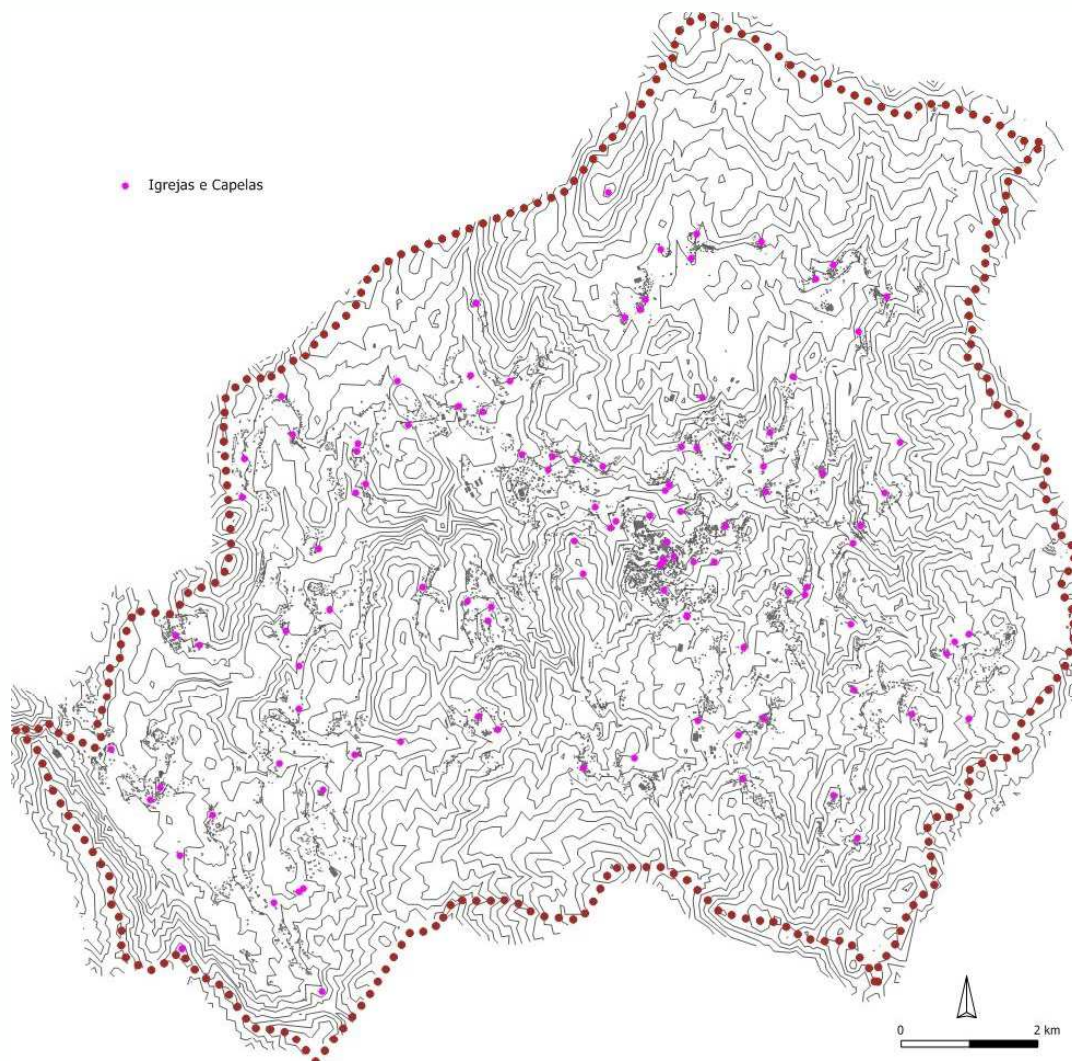


Fonte: <http://www.emi.acer-pt.org/>

¹⁶⁸ *Idem*, p. 8-13.

¹⁶⁹ *Idem*, p. 10.

Figura 49 - Localização das Igrejas e Capelas



Grande parte das igrejas, uma vez que tinham (e ainda têm) um papel determinante no dia-a-dia das populações que serviam, foram edificadas em locais estratégicos, de modo a permitir que os seus sinos – cujos toques, diferenciados, veiculavam (como veiculam) informações diversas - fossem ouvidos em toda a paróquia. Este aspecto imprime uma imagem única ao território, dando origem a fantásticos enquadramentos na paisagem, dos quais se destacam os das Igrejas de Bico e de Agualonga.

Foto 53 - Igreja Paroquial de Bico



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

Foto 54 - Igreja paroquial de Bico



Fonte: Leiras do Carvalho, Ldª, 2016

A antiga cadeia de Paredes de Coura, entre muitos outros edifícios, destinados a albergar serviços públicos - como, por exemplo, os Paços do Concelho -, foi construída no final do século XIX (entre 1892 e 1895), durante a presidência do Conselheiro Miguel Dantas.

É um edifício muito simples, de planta rectangular e coberto por um telhado de quatro águas. A fachada principal é a peça mais importante do conjunto, com uma organização tripartida de vãos: uma porta axial de lintel recto, ladeada por duas janelas quadrangulares de idêntica moldura. É evidente a clara preocupação em dotar a frontaria de maior altura, não só pela existência dos degraus que antecedem a entrada mas, sobretudo, pela linha de coroamento em ameias chanfradas que percorre todo o alçado e enquadra o frontão semi-curvo com as armas de Portugal, a eixo¹⁷⁰. Em 1960, tiveram lugar as primeiras obras de remodelação e, em 1973, a cadeia foi extinta. Nos anos 80, o imóvel foi ampliado e, recentemente, realizaram-se novas obras de ampliação e de ligação com a Loja Rural, visando albergar a Casa do Conhecimento e o Posto Municipal de Turismo.

¹⁷⁰<http://www.patrimoniocultural.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70967>.

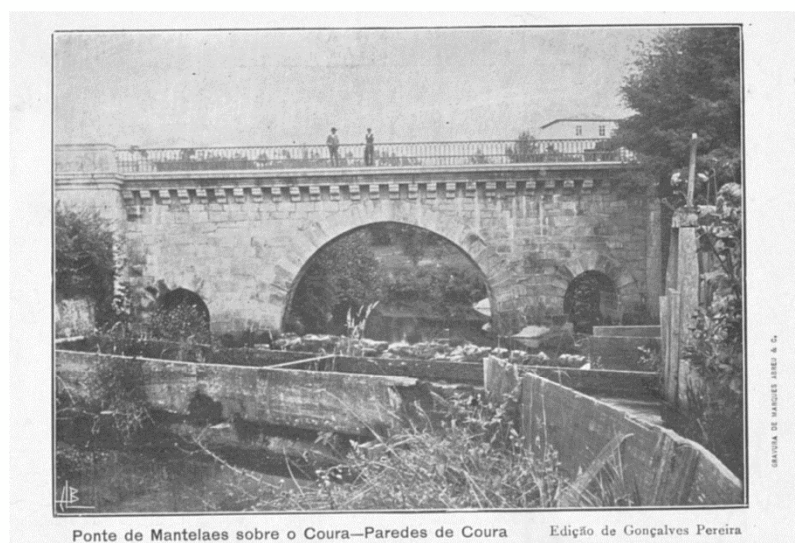
Foto 55 - Edifício da Antiga Cadeia



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

Outra das estruturas edificadas no século XIX é a ponte de Mantelães: “*ponte oitocentista de arco, com tabuleiro horizontal sobre três arcos de volta perfeita, sendo o central maior, em aparelho de silhares de granito*”¹⁷¹. Esta ponte, segundo Narcizo Alves da Cunha¹⁷², terá sido construída, sobre a anterior ponte medieval ali existente.

Postal 5 - Ponte de Mantelães



Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT-MPCR-CPPCR-000015

¹⁷¹ <http://www.monumentos.pt/>

¹⁷² Narcizo Alves da Cunha, *No Alto Minho, Paredes de Coura*, (1ª edição 1909). Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura, 2010, pp. 146-148.

Outras construções e edificações

Num concelho como este, com as características acima referidas, com predominância das actividades primárias, agrícolas e florestais, são inúmeros os anexos de apoio a elas inerentes, encontrando-se presentes por todo o território. Para além dos alpendres, dos espigueiros e das cortes do gado, que fazem parte das habitações ou do seu pequeno eido, existem outras edificações como os moinhos, os engenhos de serração e de linho que se localizam, naturalmente, junto dos cursos de água. Estas estruturas, juntamente com as medas de feno, as medas de palha milha e a vinha de bordadura, imprimem características únicas à paisagem dos campos agrícolas courenses.

Foto 56 - Espigueiro de granito e madeira



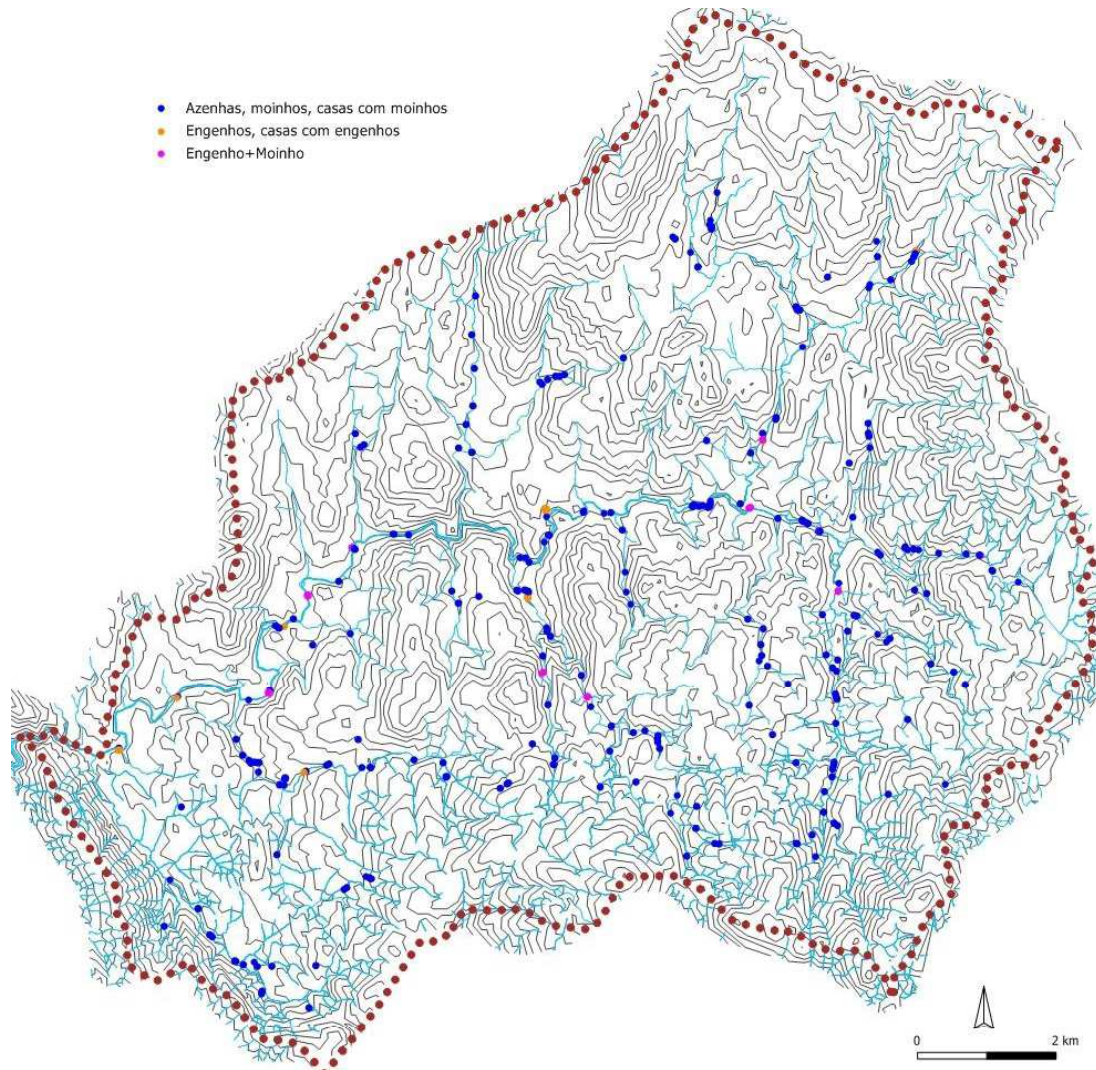
Foto 57 - Espigueiro de madeira



Fonte: Leiras do Carvalhal, Ld.º 2016; Vastus, Lda 2004

Estas construções, tendo por base o granito, apresentam, porém, algumas das suas partes constituintes, em madeira. No caso dos espigueiros ou caniços, uns são construídos totalmente em madeira e outros, mais ricos, conjugam os dois materiais.

Figura 50 - Moinhos, Azenhas, Engenhos em Paredes de Coura



"É no Minho, nas Beiras e em Trás-os-Montes, regiões montanhosas recortadas por cursos de água, que se concentra o número mais elevado de azenhas e rodízios."¹⁷³ Os moinhos, outrora com uma grande expressão, em número, no território courense, encontram-se, actualmente, quase todos em ruínas, com a excepção dos moinhos da Várzea, em Parada e alguns outros nas suas proximidades. "Os moinhos de rodízio, em Portugal, apresentam-se sob dois aspectos diferentes (...) Nas áreas rústicas e serranas nortenhas, são geralmente de dimensões muito reduzidas, dispendo de edificios rudes e toscos, e apetrechados

¹⁷³Ernesto Veiga de OLIVEIRA et alii, *Tecnologia Tradicional Portuguesa. Sistemas de Moagem*. INIC, Lisboa, 1983, p. 58.

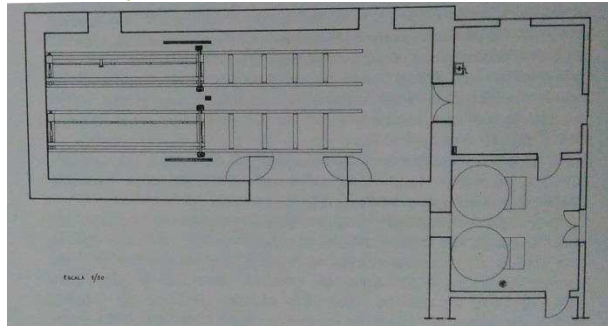
com uma única ou quando muito duas moendas¹⁷⁴. Neste concelho, predomina esta tipologia, existindo, no entanto, alguns exemplares de diferentes tipologias - com mais de uma mó -, alguns dos quais associados a serrações.

A este respeito têm particular interesse as publicações, da década de oitenta, de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, onde se destacam os diversos moinhos e engenhos courenses, abaixo retratados¹⁷⁵.

Figura 51 - Serração associada à moagem e casa do proprietário - S Martinho do Coura



Figura 52 - Planta de uma unidade hidráulica com engenho de serração de duas serras e duas moendas - Rubiães



Fonte: Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Serração de Madeiras”. Ed. INIC; pp70; 114

Figura 53 - Dois casais de mós - Rubiães



Figura 54 - Aspecto geral de um engenho em Padornelo



Fonte: Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Serração de Madeiras”. Ed. INIC ; pp125; 106

¹⁷⁴ *Idem*, p. 96.

¹⁷⁵ Ver: PEREIRA, Benjamim; desenhos de GALHANO, Fernando; Costa, Manuela, (1990). “*Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Serração de Madeiras*”. Ed. INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa; e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim, (1983). *Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Moagem*. Ed. INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.

Como refere Santos¹⁷⁶, “constituindo a produção cerealífera o ponto de partida e o motor de toda actividade económica da região, aparece como complementar o recurso à criação pecuária, peça fundamental das economias tradicionais de feição agrícola. Ainda sob este aspecto, é patente a colaboração dos factores ambientais e climáticos favorecendo o crescimento espontâneo de amplas zonas de pastagem, fertilizadas pela proximidade dos cursos de água que deslizam pelos montes e atravessam os vales. Estas são as condições ideais para a criação de gado bovino, ovino e cavalar, complementando o leque de actividades produtivas das comunidades rurais e sugerindo, já nos finais do século XIX, o aparecimento das primeiras indústrias de lacticínios”¹⁷⁷.

Conclui a mesma autora que “os inúmeros vestígios de moinhos, que acompanham o percurso tortuoso do rio Coura até à sua foz em Caminha, sugerem uma série de ocupações e modos de vida pré-industriais e revelam a estreita ligação que a população do concelho sempre manteve com a terra, a cultura cerealífera e a moagem do grão”.

As alterações na agricultura, na pecuária, no sistema de condução de água e na distribuição da população, entre outros factores, fizeram com que este importante património etnográfico, que trouxe até Coura etnógrafos de nomeada, caísse em desuso e, conseqüentemente, ficasse em ruínas ou, no melhor dos casos fosse aproveitado para outros usos.

Foto 58 - Moinho em ruínas com duas moendas - Rubiães



Foto 59 - Moinho em Castanheira



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.º 2016

¹⁷⁶ Carlota Maria Fernandes dos SANTOS, *Santiago de Romarigães, Comunidade Rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia (1640-1872)*. Paredes de Coura: Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho/CMPC, 1999, p. 59.

¹⁷⁷ *Idem*, p. 60.

Foto 60 - Moinho em Ruínas, entre Castanheira e Bico



Foto 61 - Moinho em Cristelo



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.^a 2016

No que se refere aos materiais de construção, como aponta Orlando Ribeiro, “nas casas, nos muros, nos suportes, nos monumentos, a pedra constitui sempre o principal material de construção”¹⁷⁸.

Foto 62 - Muros de suporte



Foto 63 - Muro divisório - Floresta



Foto 64 - Muro divisório - Leiras



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.^a 2016

¹⁷⁸ Orlando RIBEIRO, *Geografia e Civilização*. Temas portugueses. Livros Horizonte. 1ª edição 1961, 1992, p. 13.

Acrescentando, adiante, que “*Em todo o Norte atlântico os limites dos campos são formados de renques de árvores ou arbustos; mas as bouças, onde se roça o mato e crescem os pinheiros e carvalhos, e os lameiros ou prados permanentes, ao mesmo tempo lugares de pastagem e de corte de feno, são cuidadosamente resguardados com muros de pedra solta. Da mesma forma, nos declives, os canteiros ou arretos destinados a suster a terra. As calçadas de grandes lajes são frequentes, nas ruas e largos das cidades e lugarejos e nos caminhos e serventias. Algumas aproveitam as velhas estradas romanas, outras continuam o mesmo processo de construção. São de pedra as poldras com que se atravessa o regato e o pontão rústico com que se passa o ribeiro: não apenas os suportes mas as próprias “pranchas” que cobrem o vão entre eles*”¹⁷⁹.

A confirmá-lo, seguem-se várias imagens ilustrativas de que, “*nos aspectos da natureza e nas obras humanas, o granito é um traço essencial da paisagem da maior extensão do Norte do País*”¹⁸⁰.

Outros elementos da paisagem agrícola

Foto 65 - Meda de palha milha



Foto 66 - Ramada envolvente à Casa



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.^a 2017

¹⁷⁹ *Idem*, p. 17.

¹⁸⁰ *Idem*, p. 18.

Outros elementos da paisagem agrícola

Foto 67 - Leiras



Foto 68 - Leiras



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2017

Outros elementos da paisagem agrícola

Foto 69 - Levadas



Foto 70 - Ponte



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

Os espaços comuns de utilização pública, no Alto Minho, são constituídos pelos adros das igrejas e Capelas, pelos espaços comunitários como os fornos, as eiras comunitárias ou os tanques. De facto, é nas actividades religiosas naquelas outras, complementares à agricultura, que o povo se encontra, socializa e participa das actividades da comunidade.

Foto 71 - Tanque em Largo, Giesteira



Foto 72 - Largo de S. Francisco



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

Foto 73 - Tanque comunitário



Foto 74 - Tanque comunitário



Fonte: Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016

A Eira Comunitária de Porreiras, na freguesia com o mesmo nome, conta com oito espigueiros, quatro alpendres que serviam de palheiros e um núcleo de moinhos de água, preservando, como poucas, no território de Coura, a memória de outros tempos.

Foto 75 - Eira Comunitária de Porreiras

Fonte: www.paredesdecoura.pt

Capítulo 3 – Percepção e Valorização da Paisagem





Capítulo 3 – Percepção e Valorização da Paisagem



181

*“A preciosidade maior de todo o mundo”*¹⁸²

No domínio da percepção e valorização da paisagem, foram recolhidos os elementos tidos como necessários, para servirem de base a uma reflexão aprofundada sobre os diversos aspectos que concorrem para o real conhecimento destas questões. Deste modo, para além da análise visual da paisagem *in loco* e da pesquisa bibliográfica, para sistematizar os diversos aspectos da representação artística da paisagem, foram ainda recolhidas as opiniões formuladas pela população, no âmbito de diferentes sessões de participação pública.

3.1 – Análise visual da Paisagem



183

*“Os lameiros típicos de Paredes de Coura estão em perigo!”*¹⁸⁴

A presente análise visual da paisagem de Paredes de Coura tem como objectivo cartografar as bacias visuais, a partir de pontos de observação privilegiada, uma vez

¹⁸¹ Arquivo Municipal de Paredes de Coura. PT-MPCR-CPPCR-000027.

¹⁸² Referência de Bernardino Machado a Paredes de Coura, exilado na Galiza, em 1933, para incitar o seu genro, Aquilino Ribeiro a visitar Paredes de Coura, *in Aquilino Ribeiro em Terras de Coura*. Comemorações do Cinquentenário da Morte de Aquilino Ribeiro. Paredes de Coura: CM Coura, 2013, p. 11.

¹⁸³ Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016.

¹⁸⁴ Comentário oral de um participante nas sessões públicas de divulgação do Plano.

que a paisagem, enquanto entidade espacial, existe na medida da percepção que os seres humanos dela têm. A própria percepção do observador, por sua vez, é influenciada, quer pelo contexto cultural e social em que o observador se insere, quer pelas condições naturais do território, uma vez que as suas próprias variações, ao longo do tempo e do espaço (forma, diversidade, cores, texturas), influenciam a percepção da paisagem.

E é essa percepção que vai permitir ao observador, apreender um conjunto de informações sobre a paisagem, a partir das quais irá construir a sua opinião, de belo ou feio, sobre o que observa.

Para a delimitação das cartas de visibilidades foi construído o Modelo Digital do Terreno (MDT), tendo como cartografia de base as cartas militares números 7.2, 8.2, 15.2 e 16.2, à escala 1/25000, complementadas com a realização de trabalho de campo (observação directa e registos fotográficos). Este primeiro exercício permite obter a identificação da visibilidade potencial, uma vez que a visibilidade real (apresentada neste documento) é reduzida pela presença da vegetação e do edificado ou, até, pelas condições climáticas (estas últimas não quantificáveis).

Num segundo momento, foram acrescentadas ao MDT, as alturas médias dos elementos construídos e naturais (vegetação), com base na Carta de Ocupação do Solo (2007), o que permitiu a identificação da visibilidade real, a partir de pontos de elevada exposição e amplitude visual, facilmente acessíveis pela população em geral, ou a partir de percursos pedestres ou de circulação automóvel, considerados relevantes.

Tabela 10: Classes de ocupação do solo e respectivos incrementos de cota

Classe de Ocupação do Solo (COS 2007)	Incremento de cota (metros)
Tecido urbano	6
Indústria	9
Áreas agrícolas	0,5
Florestas	15

As cartas de visibilidades assim obtidas têm como base, o critério “visível” ou “não visível” em relação aos pontos escolhidos, classificando-se o “visível” em três classes distintas (elevada, média e baixa) em função dos graus de exposição visual, o que permite identificar as áreas mais visíveis do território em análise. Uma elevada

exposição visual significa que uma paisagem é muito visível, a partir de um determinado ponto de observação e, como tal, facilmente percebida.

Como atrás ficou dito, a análise visual da paisagem de Paredes de Coura foi calculada, a partir de pontos de elevada exposição e amplitude visual ou de percursos automóveis ou pedestres considerados relevantes.

Os pontos de elevada exposição e amplitude visual correspondem aos miradouros e parques de merendas existentes no concelho. Na figura 48 estão localizados os oitos miradouros infra-estruturados que existem e, na figura seguinte, os dezanove locais de parques de merendas. Quer num caso, quer no outro, facilmente se constata que o maior número destas estruturas se situa na área nascente – tanto a norte como a sul - do concelho de Paredes de Coura.

Figura 55 - Localização dos miradouros

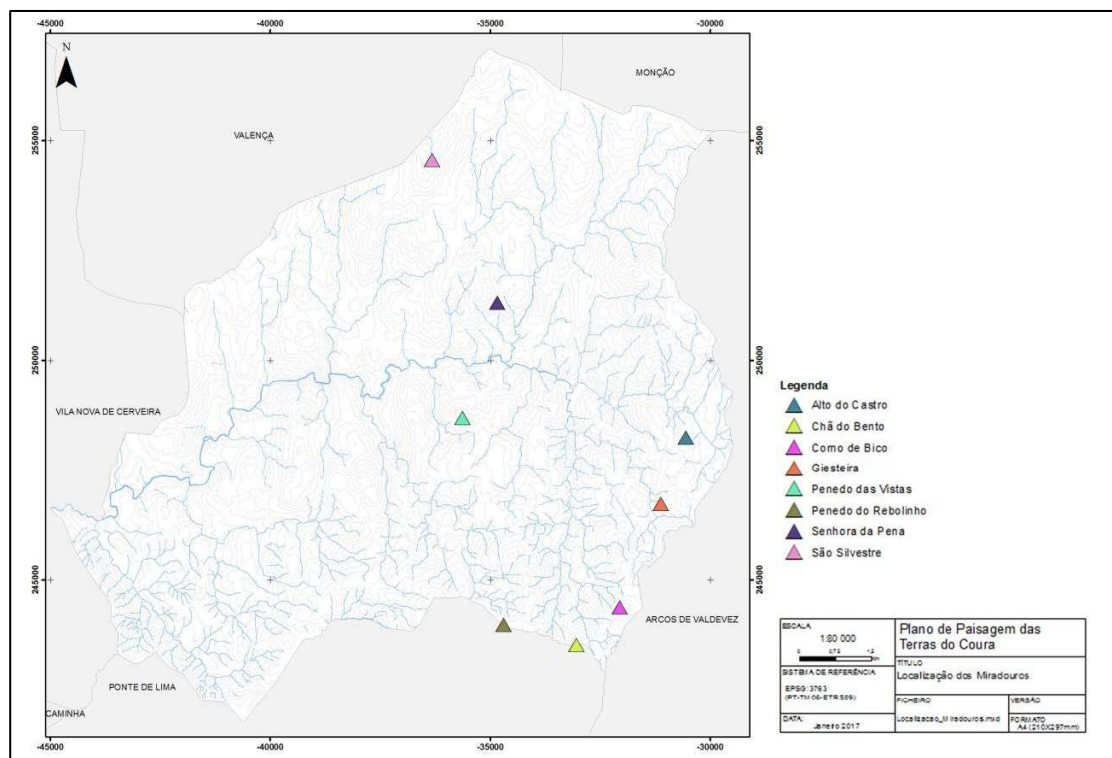
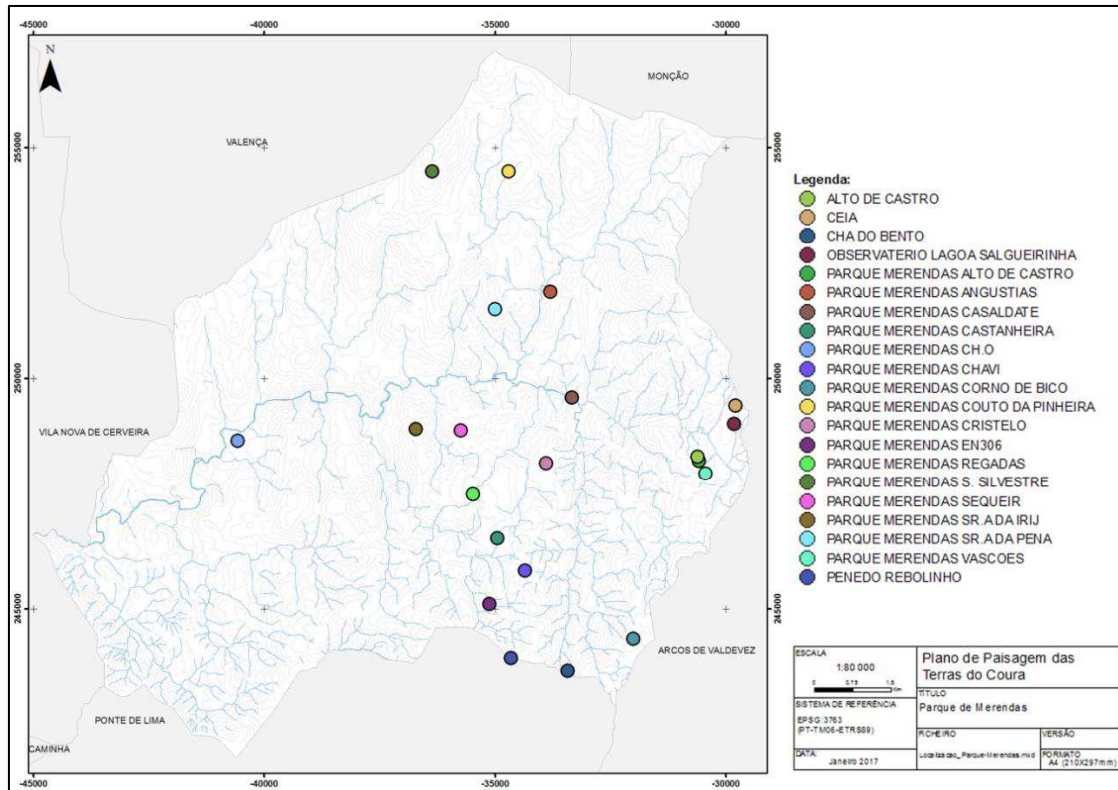


Figura 56 - Localização dos parques de merendas



Os percursos automóveis (figura 50) correspondem às principais vias de circulação do concelho (A3, EN301, EN201, EN 303, EN306, EM519, EM509 e EM514) e os percursos pedestres à rede municipal, constituída por 15 trilhos, já anteriormente listados(Corno do Bico, Alto dos Morrões, Varanda do Coura, Moinhos, Megalítico, Aquilino, Miliários, Combatentes, Pastor, Pias dos 4 Abades, Chã da Burra, Vale Escuro, Lages Altas, Garças e Boalhosa), e uma grande rota (Travessia do Alto Coura), todos sinalizados de acordo com as normas internacionais. As visibilidades associadas aos percursos automóveis e pedestres foram geradas, recorrendo a um processamento automático, criando pontos de visibilidade ao longo dos percursos, equidistantes uns dos outros 50 metros.

Figura 57 - Localização dos percursos automóveis

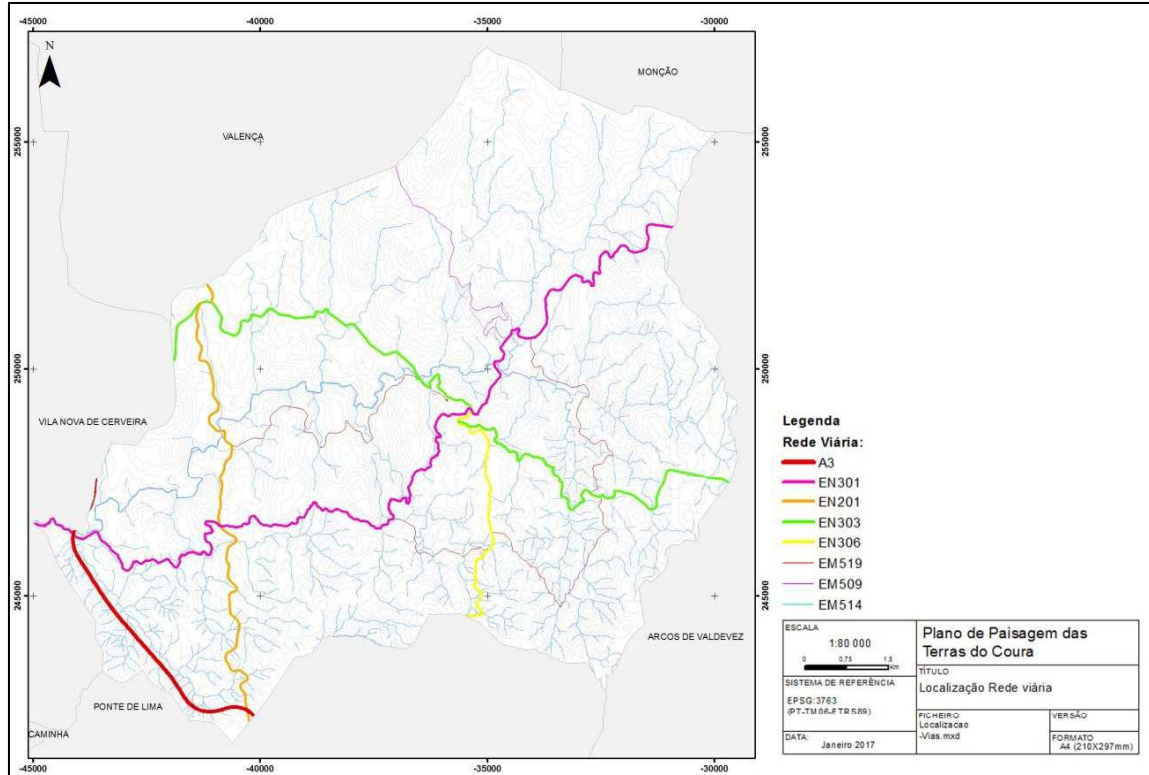
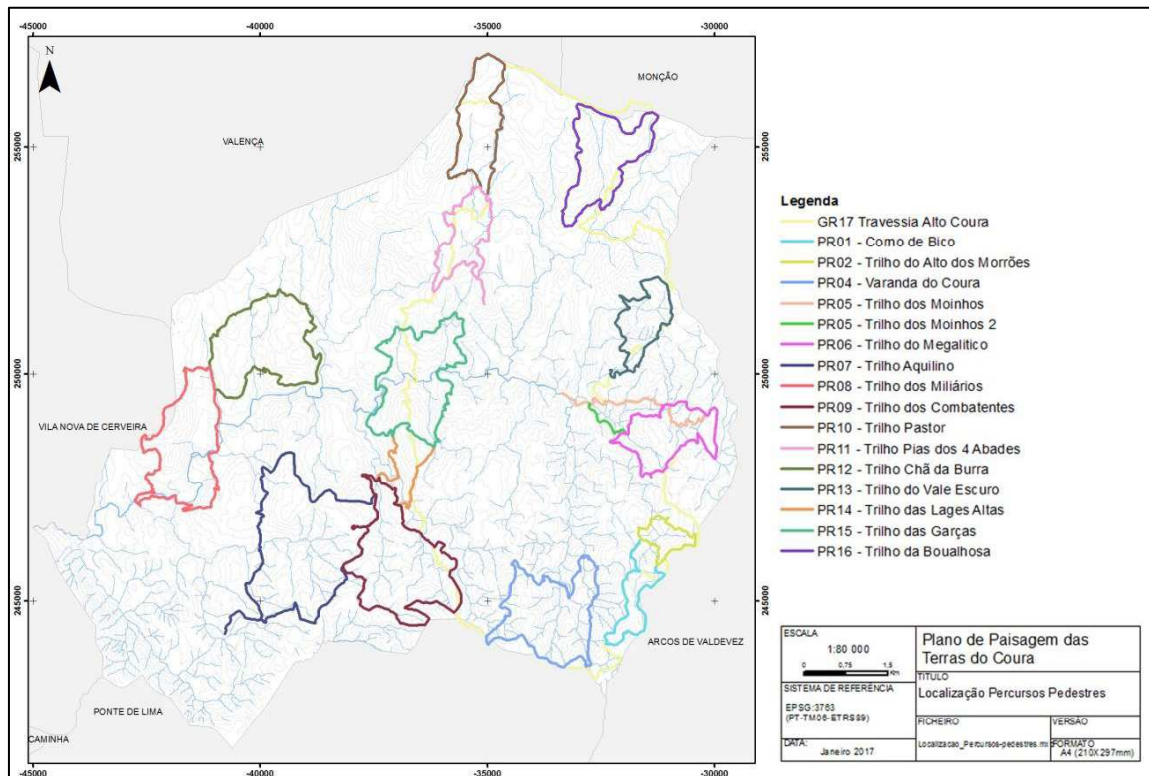


Figura 58 - Localização dos percursos pedestres



Abaixo, são apresentadas as cartas de visibilidades, geradas a partir dos percursos automóveis, previamente identificadas. A foto seguinte representa o exemplo de um percurso automóvel (EN301) ladeado por vegetação que, embora diminua a percepção da paisagem envolvente, contribui para enriquecer a experiência de quem visita ou percorre o território.

Foto 76 - Exemplo de percurso automóvel – EN301



Fonte: Carla Gonçalves

Através da análise das cartas de visibilidades, constata-se que todos os percursos apresentam uma exposição visual média, sendo a EN306 e a EM509 as vias de circulação que apresentam uma exposição visual mais elevada.

Tabela 11 - Percurso automóvel: síntese das visibilidades

Percurso automóvel	Visibilidades (predominância)
A3	Média
EN201	Média
EN301	Média
EN303	Média
EN306	Média/Elevada
EM514	Média
EM509	Média/Elevada
EM519	Média

Figura 59 - Visibilidades a partir da A3

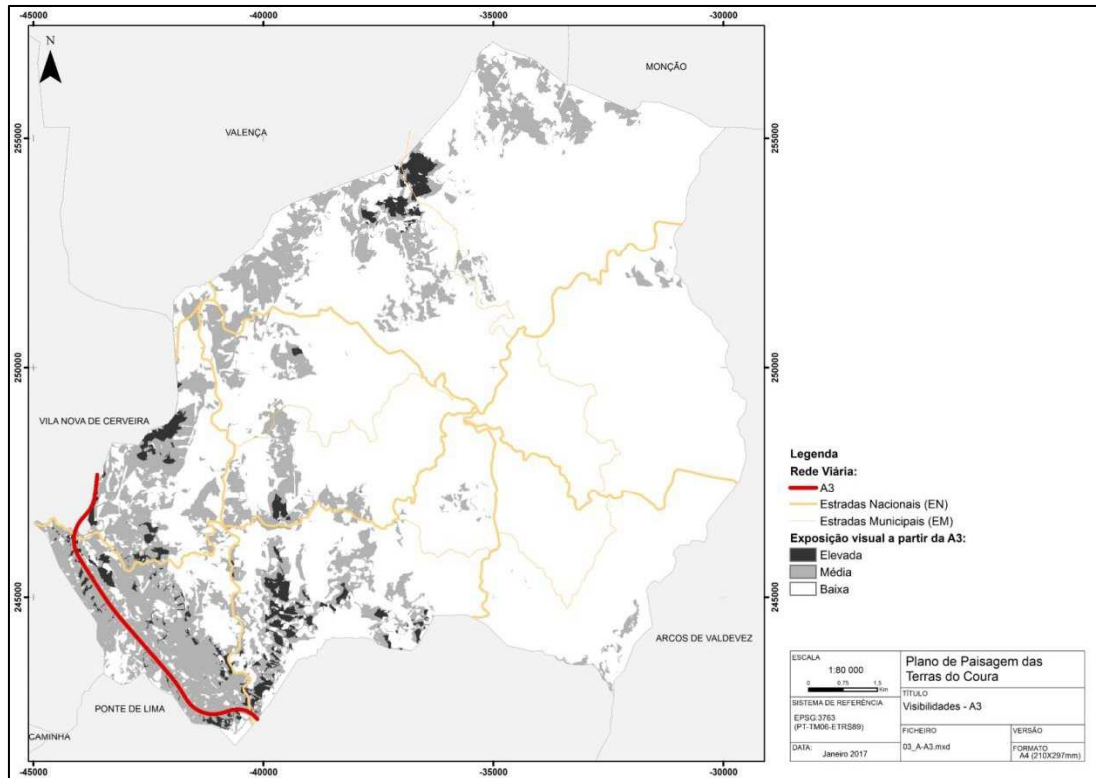


Figura 60 - Visibilidades a partir da EN201

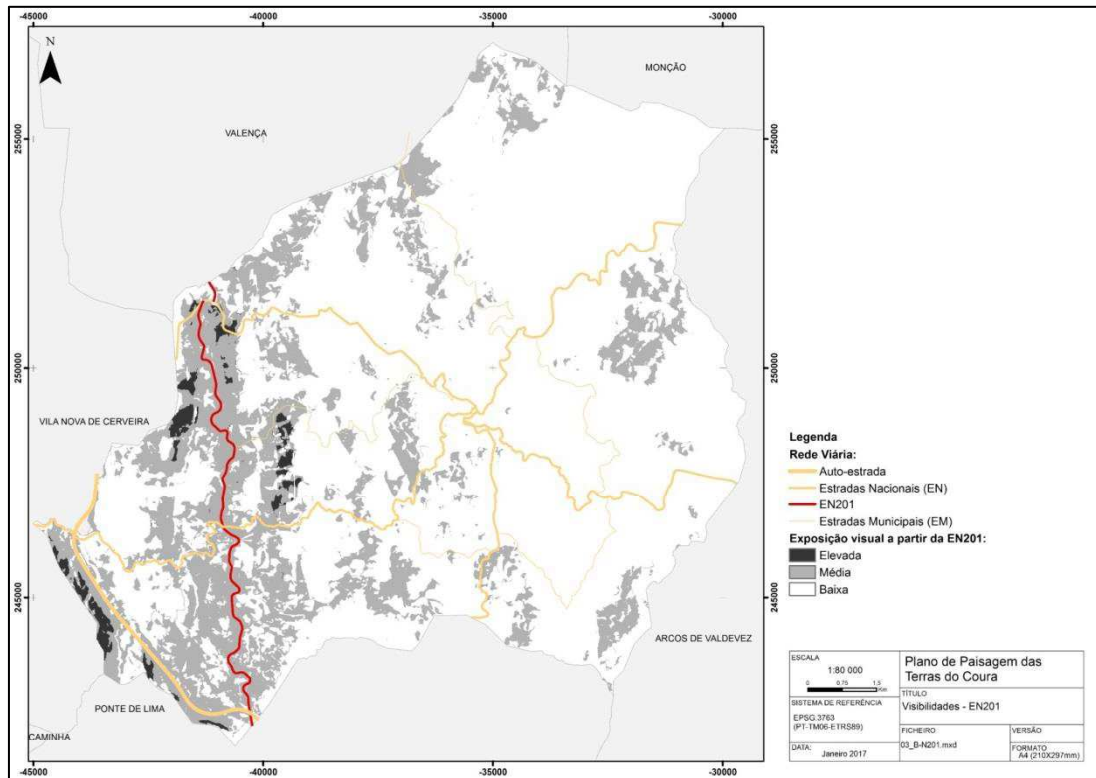


Figura 61 - Visibilidades a partir da EN301

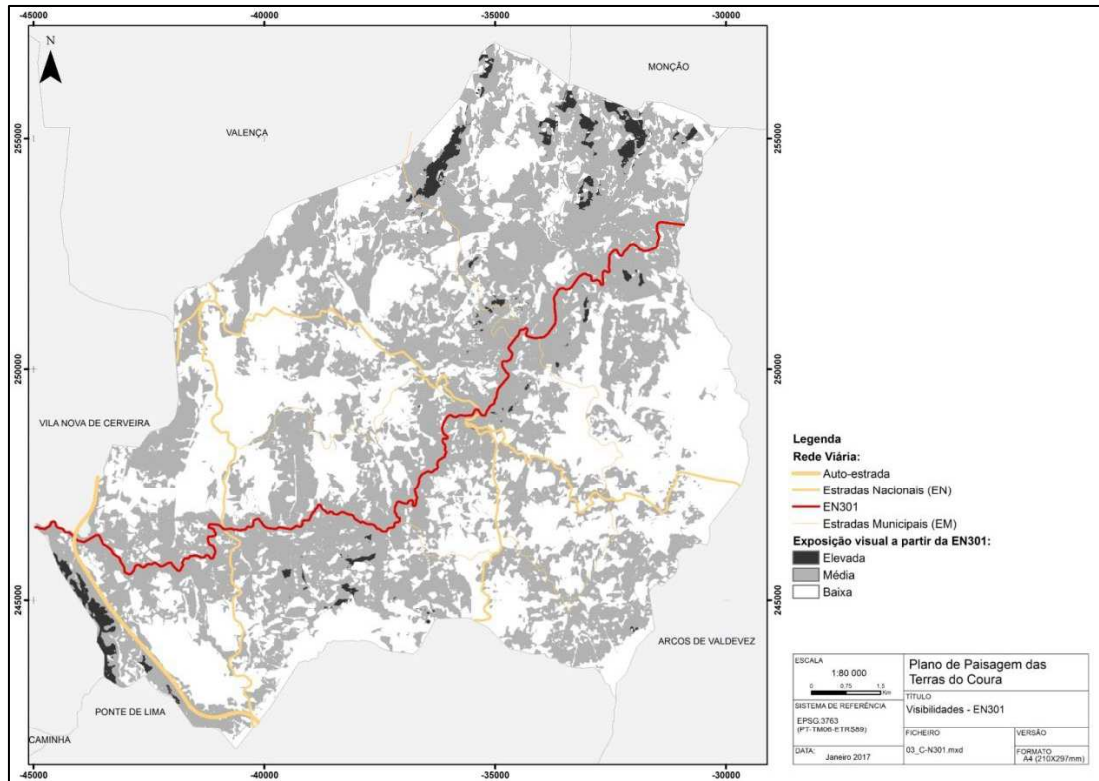


Figura 62 - Visibilidades a partir da EN303

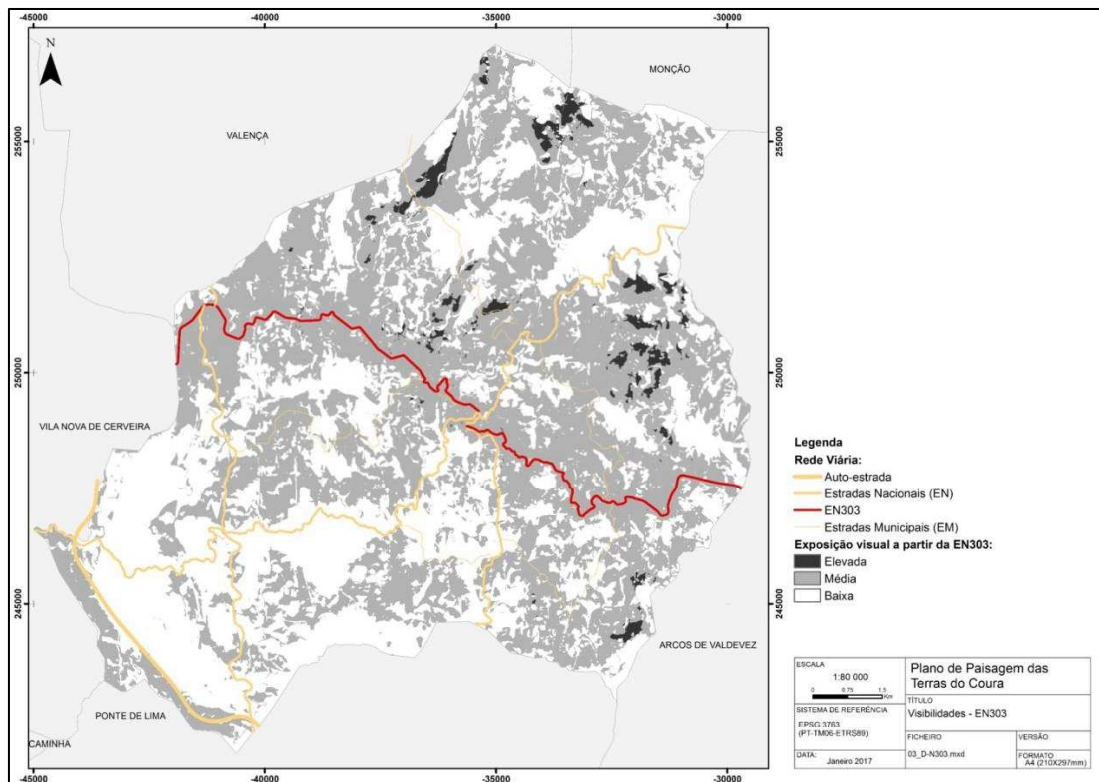


Figura 63 - Visibilidades a partir da EN306

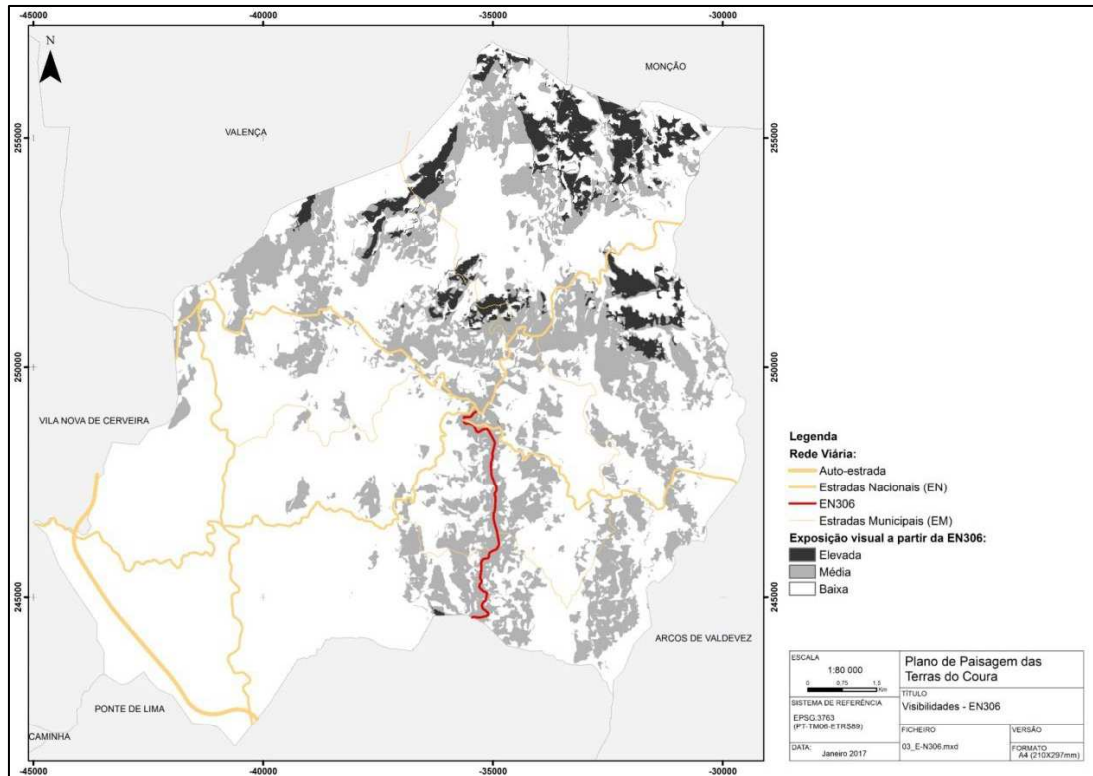


Figura 64 - Visibilidades a partir da EM514

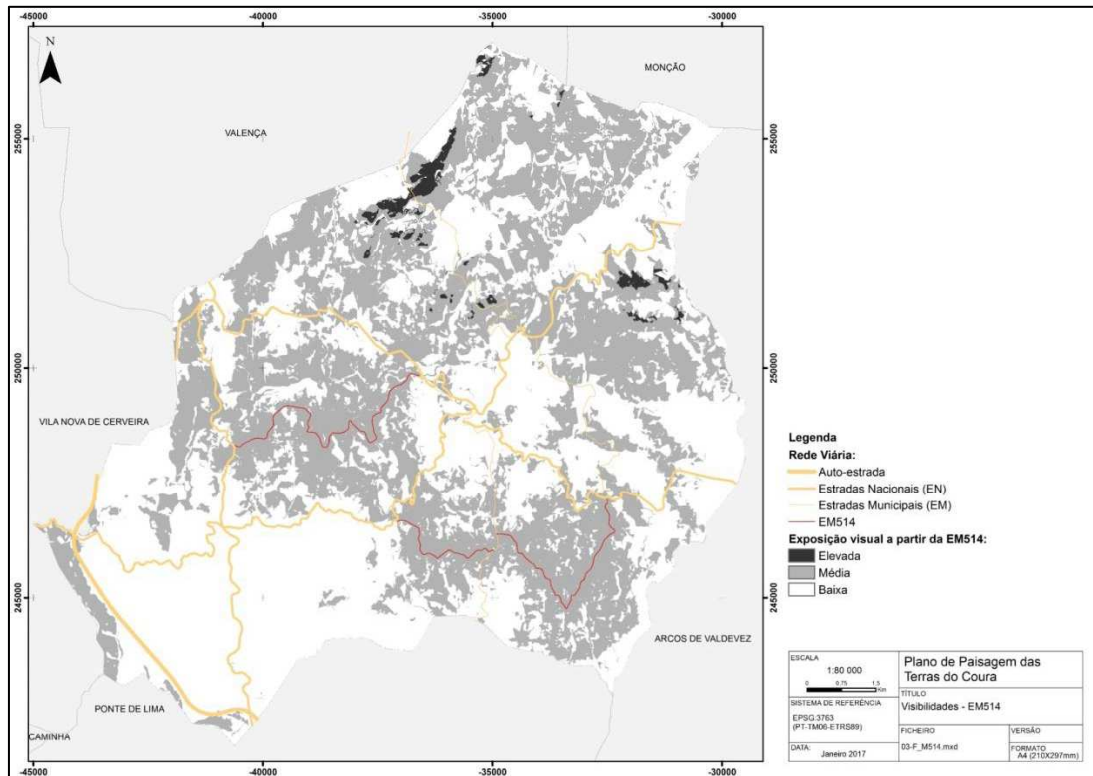


Figura 65 - Visibilidades a partir da EM509

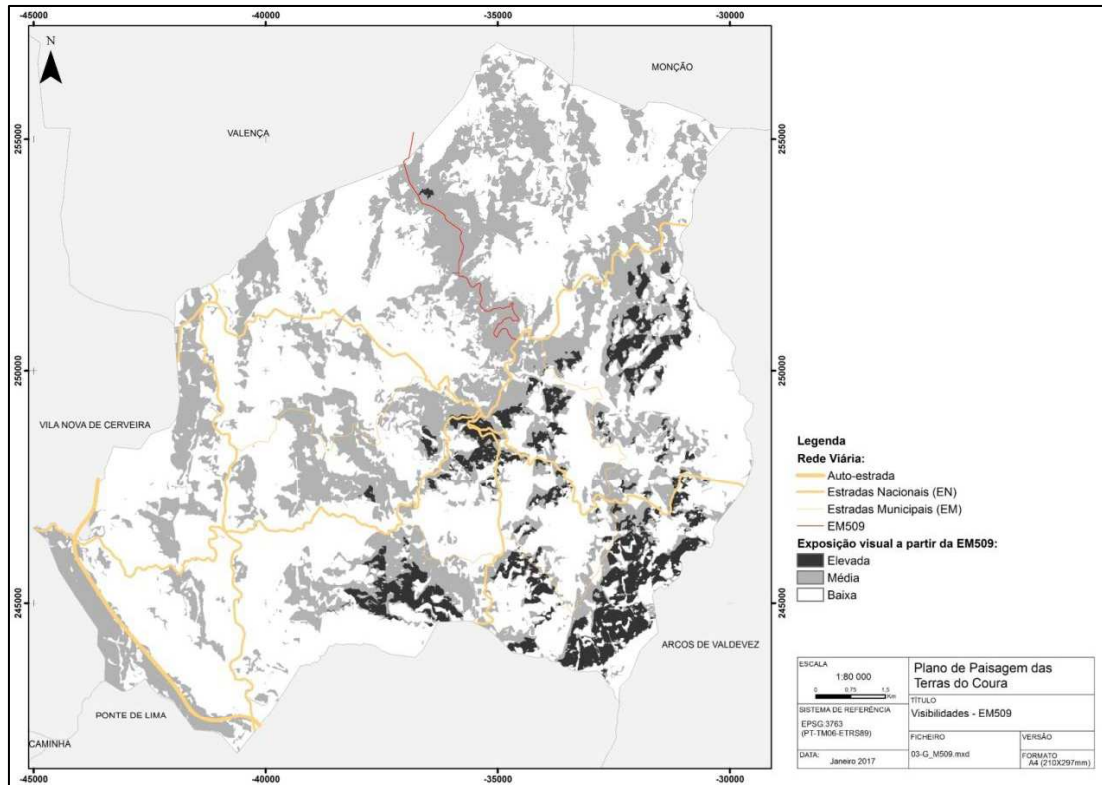
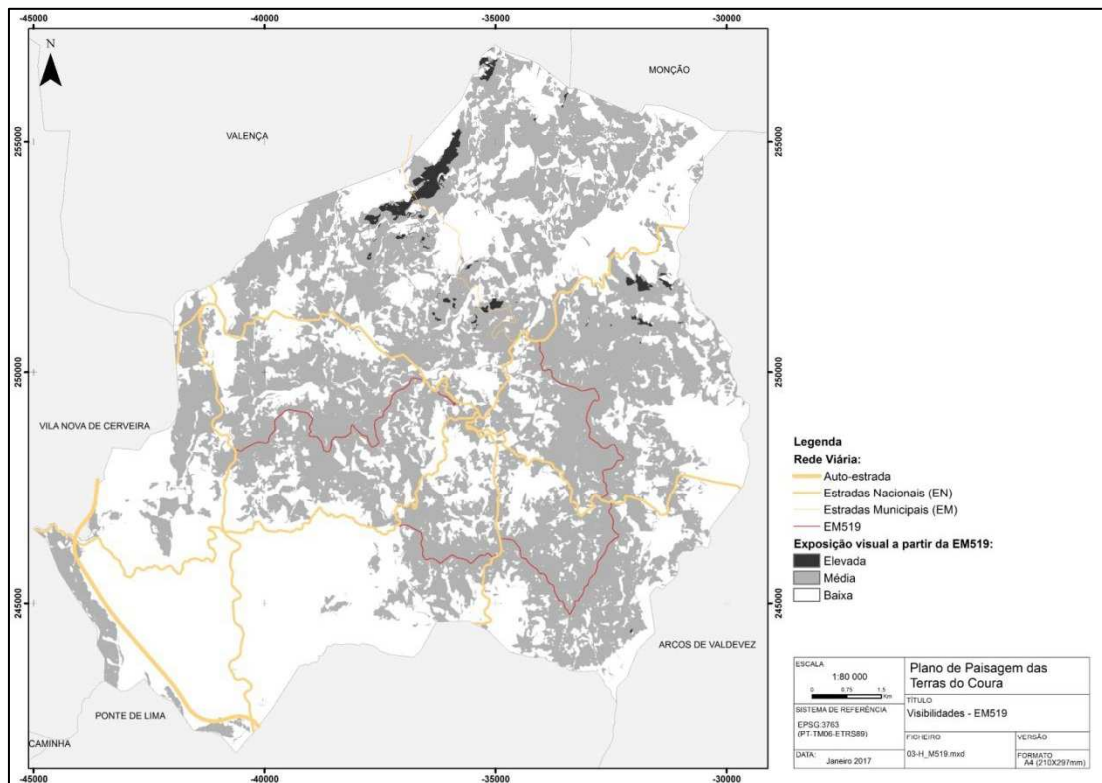
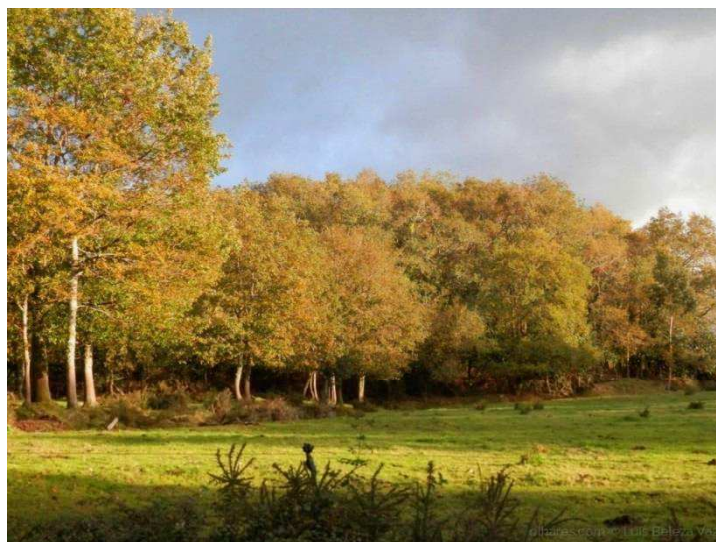


Figura 66 - Visibilidades a partir da EM519



Relativamente aos percursos pedestres, dos 16 trilhos analisados, verifica-se que todos apresentam uma elevada diversidade paisagística e uma presença elevada de valores naturais, culturais ou ambientais.

Foto 77 - Carvalho (associação *Quercus robur*) em Corno do Bico



Fonte: <http://olhares.sapo.pt/carvalho-no-corno-do-bico-foto7841211.html>

O Trilho Alto do Morrões, o Trilho do Vale Escuro, o Trilho da Varanda do Coura, o Trilho da Boulhosa e o Trilho do Pastor são os que apresentam uma exposição visual elevada/média e o Trilho do Corno de Bico o que, de entre todos, mais se destaca, quer pela sua elevada exposição visual, quer pela sua elevada beleza paisagística.

Tabela 12 - Percurso pedestre: síntese das visibilidades

Percurso pedestre	Distância (km)	Grau de dificuldade	Visibilidades (predominância)
Travessia Alto Coura	52,3	Difícil	Média
Trilho Alto do Morrões	4,5	Muito fácil	Elevada / Média
Trilhos das Lages Altas	5,5	Fácil/moderado	Média / Elevada
Trilho do Vale Escuro	7,0	Fácil	Elevada/Média
Trilho Pai dos 4 Abades	7,0	Muito fácil	Média
Trilho da Varanda do Coura	7,0	Fácil	Elevada / Média
Trilho Megalítico	7,5	Fácil	Média / Baixa
Trilho do Corno de Bico	7,5	Fácil	Elevada
Trilho dos Moinhos	8,0	Fácil	Média / Baixa
Trilho Chã da Burra	9,0	Fácil/Moderado	Média
Trilho da Boulhosa	10,0	Fácil	Elevada / Média
Trilho dos Miliários	11,0	Fácil	Média / Baixa
Trilho do Pastor	11,0	Fácil	Elevada/Média
Trilho das Garças	12,0	Fácil/Moderado	Média
Trilho Combatentes da Travanca	13,5	Fácil/Moderado	Média / Elevada
Trilho de Aquilino	14,0	Fácil/Moderado	Média / Elevada

De seguida apresentam-se os mapas de visibilidades dos percursos pedestres, respectivos perfis altimétricos e os principais valores presentes.

Figura 67 - Visibilidades a partir do percurso pedestre - Travessia Alto Coura

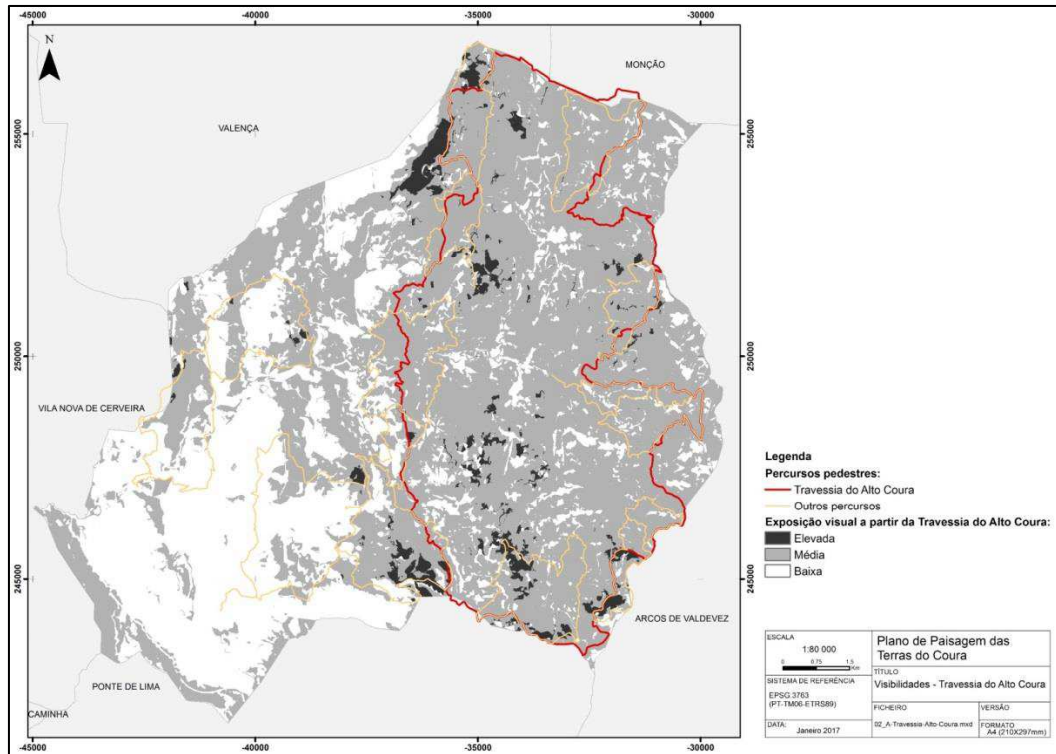
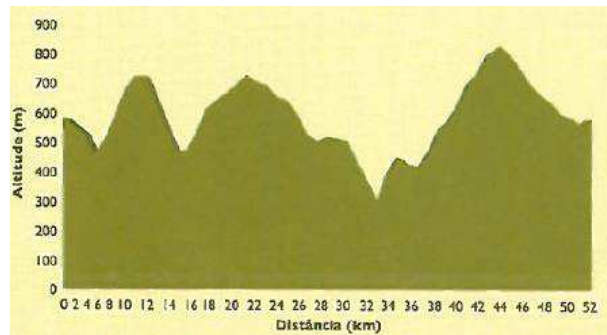


Figura 68 - Perfil altimétrico da Grande Rota - Travessia do Alto Coura



(Fonte: Associação de Municípios do Vale do Minho)

Foto 78 - Sinalética – Grande Rota Travessia do Alto Coura



Fonte: www.walkmeguide.com

Principais valores:

- Média visibilidade;
- Floresta de *Quercus robur*;
- Rede Natura 2000;
- Paisagem Protegida;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Lameiros;
- Água, moinhos, levadas, muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.

Cota máxima: 839 metros

Figura 69 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Corno de Bico

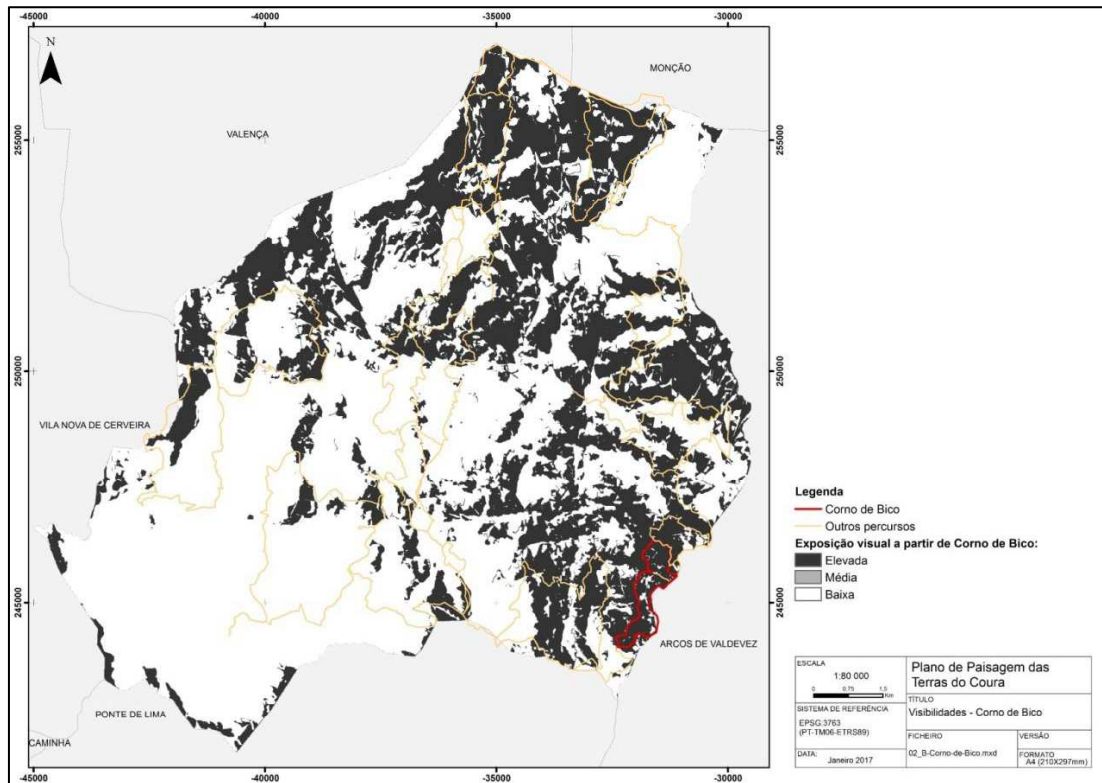
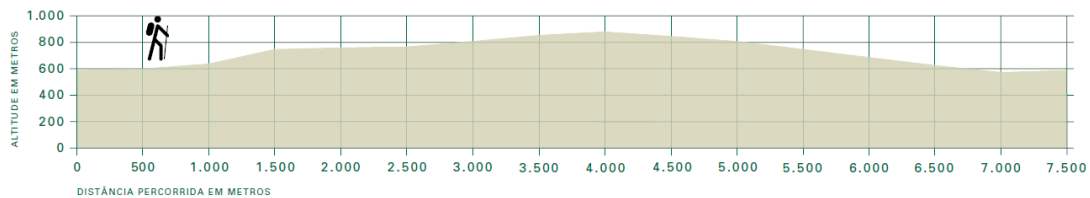


Figura 70 - Perfil altimétrico do trilho de Corno do Bico



Fonte: Rede Municipal de Percorso Pedestres de Paredes de Coura

Foto 79 - Perspectiva a partir do trilho do Corno de Bico



Fonte: www.walkmeguide.com

Principais valores:

- *Elevada visibilidade;*
- Floresta de *Quercus robur;*
- Rede Natura 2000;
- Paisagem Protegida;
- Marcos geodésicos;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros/água;
- Cheiros, cores, texturas, sons.

Cota máxima: 883 metros

Figura 71 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho do Alto dos Morrões

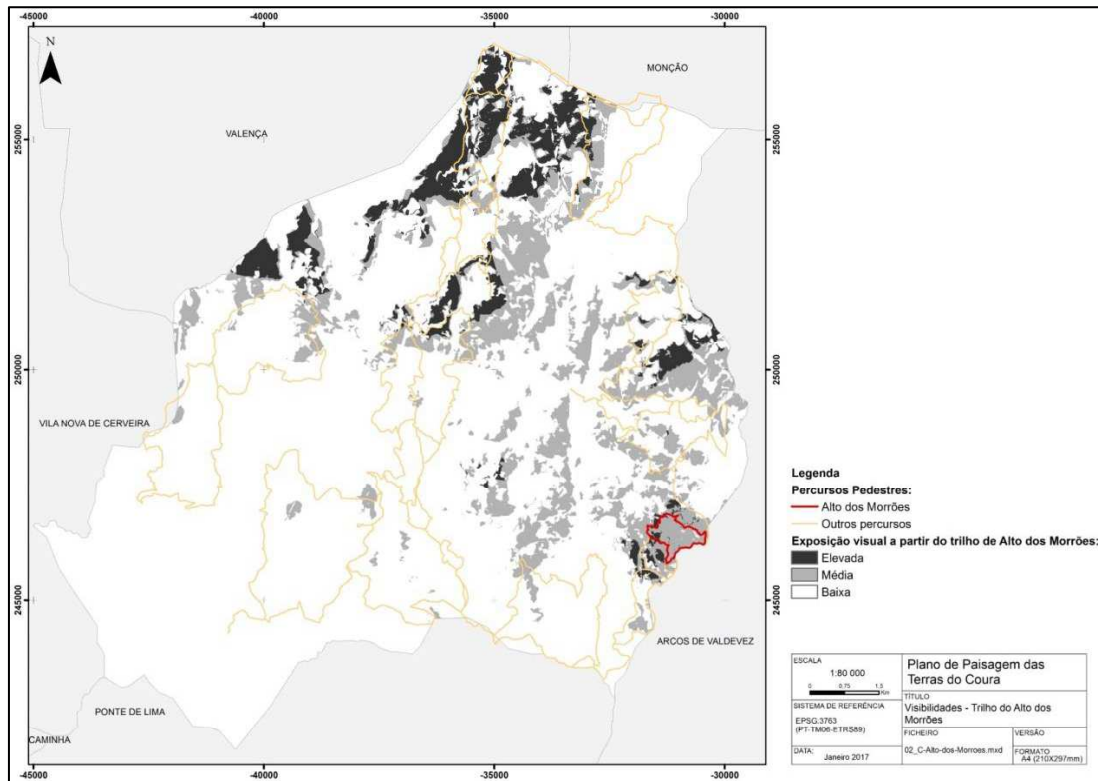


Figura 72 - Perfil altimétrico do trilho do Alto dos Morrões

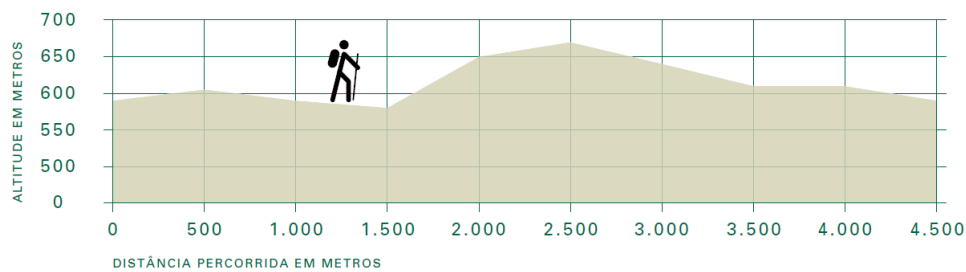


Foto 80 - Gado no trilho Alto dos Morrões



Fonte: www.borealis.com

Principais valores:

- Elevada/Média visibilidade;
- Floresta de *Quercus robur*;
- Rede Natura 2000;
- Paisagem Protegida;
- Marcos geodésicos;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros/água;
- Cheiros, cores, texturas, sons.

Cota máxima: 884 metros

Figura 73 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Varanda do Coura

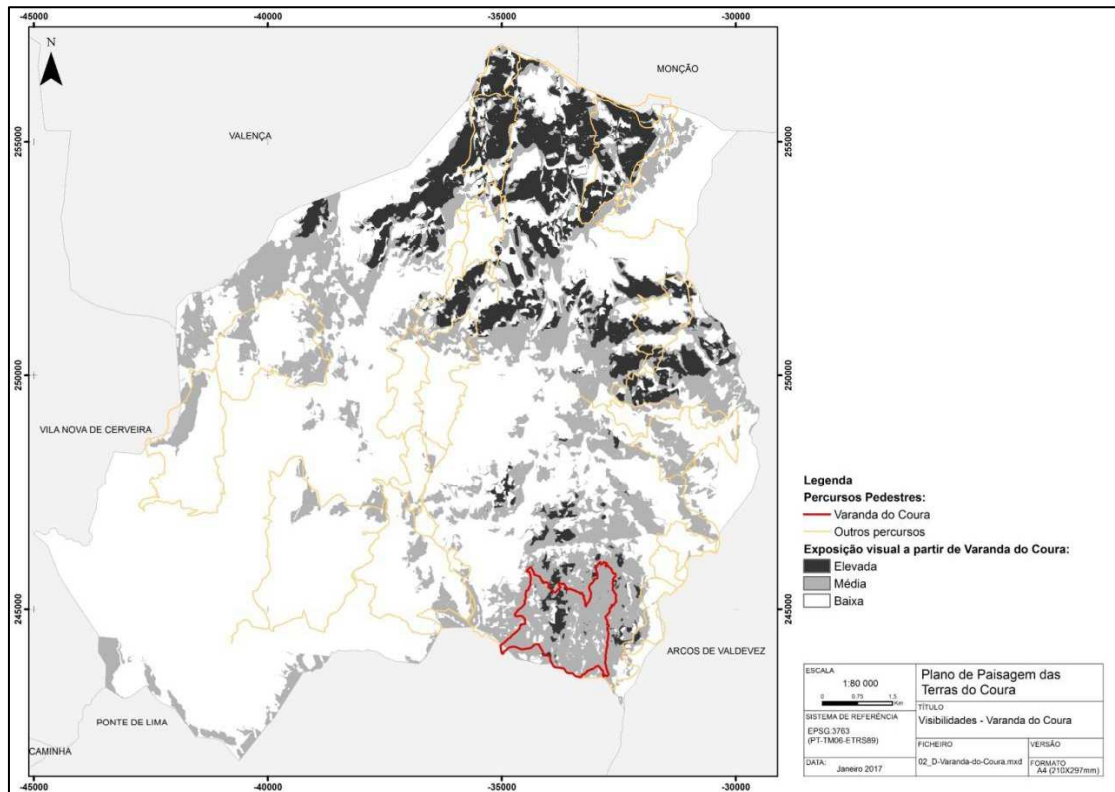
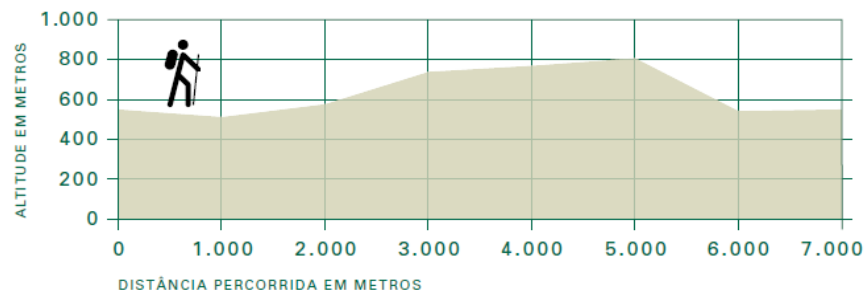


Figura 74 - Perfil altimétrico do trilho do Varanda do Coura



Fonte: Rede Municipal de Percurso Pedestres de Paredes de Coura

Foto 81 - Perspectiva a partir do trilho Varanda do Coura



Fonte: onossorasto.blogspot.com

Principais valores:

- *Elevada/Média visibilidade;*
- Floresta de *Quercus robur;*
- Rede Natura 2000;
- Paisagem Protegida;
- Represas, água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.

Cota máxima: 807 metros

Figura 75 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho dos Moinhos

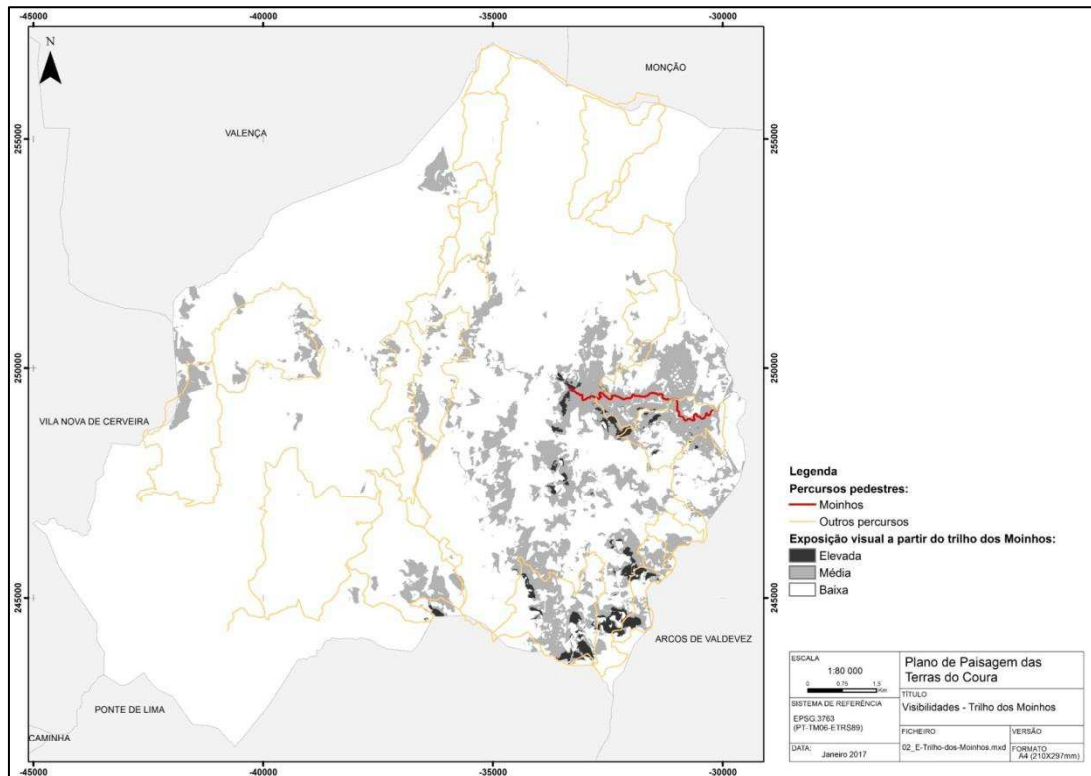
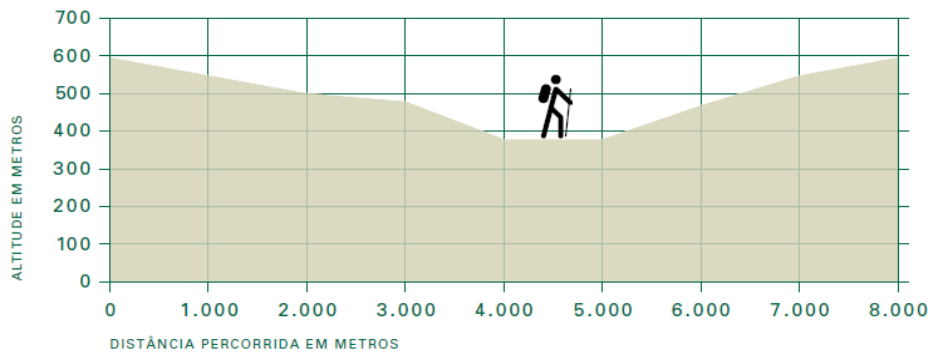


Figura 76 - Perfil altimétrico do trilho dos Moinhos



Fonte: Rede Municipal de Percurso Pedestres de Paredes de Coura

Foto 82 - Perspectiva a partir do trilho dos Moinhos



Fonte: pegadaebota.blogspot.com

Principais valores:

- *Média/Baixa visibilidade;*
- Floresta de *Quercus robur;*
- Arqueologia;
- Paisagem Protegida;
- Represas, moinhos, água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.

Cota máxima: 590 metros

Figura 77 - Trilho do Megalítico

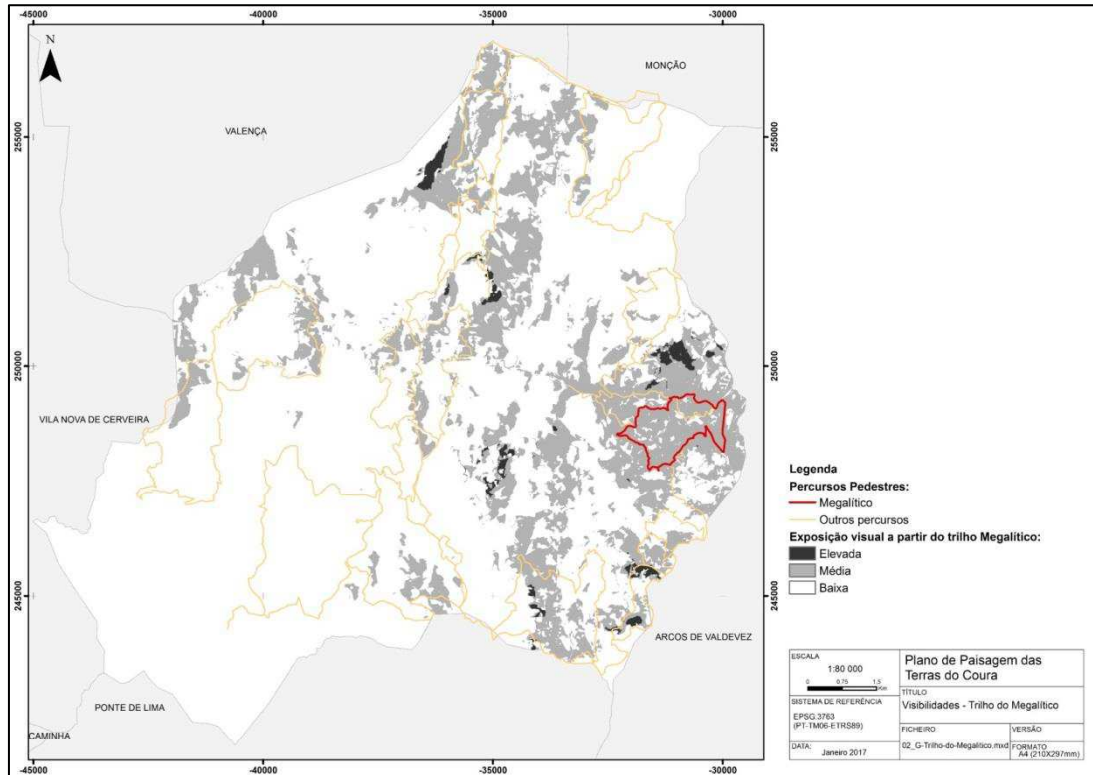
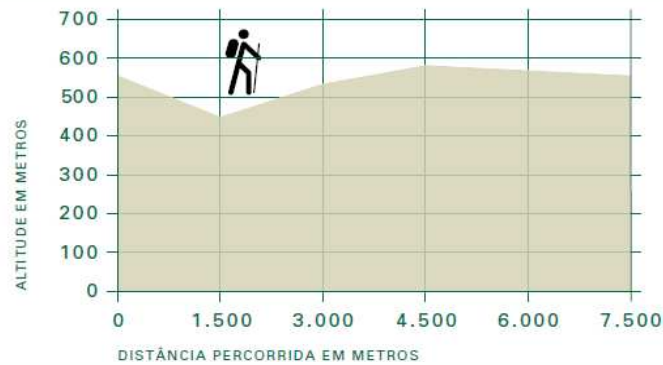


Figura 78 - Perfil altimétrico do trilho do Megalítico de Vascões



Fonte: Rede Municipal de Percorso Pedestres de Paredes de Coura

Foto 83 - Campos – Trilho do Megalítico de Vascões



Fonte: borealis.com

Principais valores:

- Média/Baixa visibilidade;
- Bouças de *Quercus robur*;
- Paisagem Protegida;
- Represas, moinhos, água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.
- Património religioso e arqueológico.

Cota máxima: 583 metros

Figura 79 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Aquilino

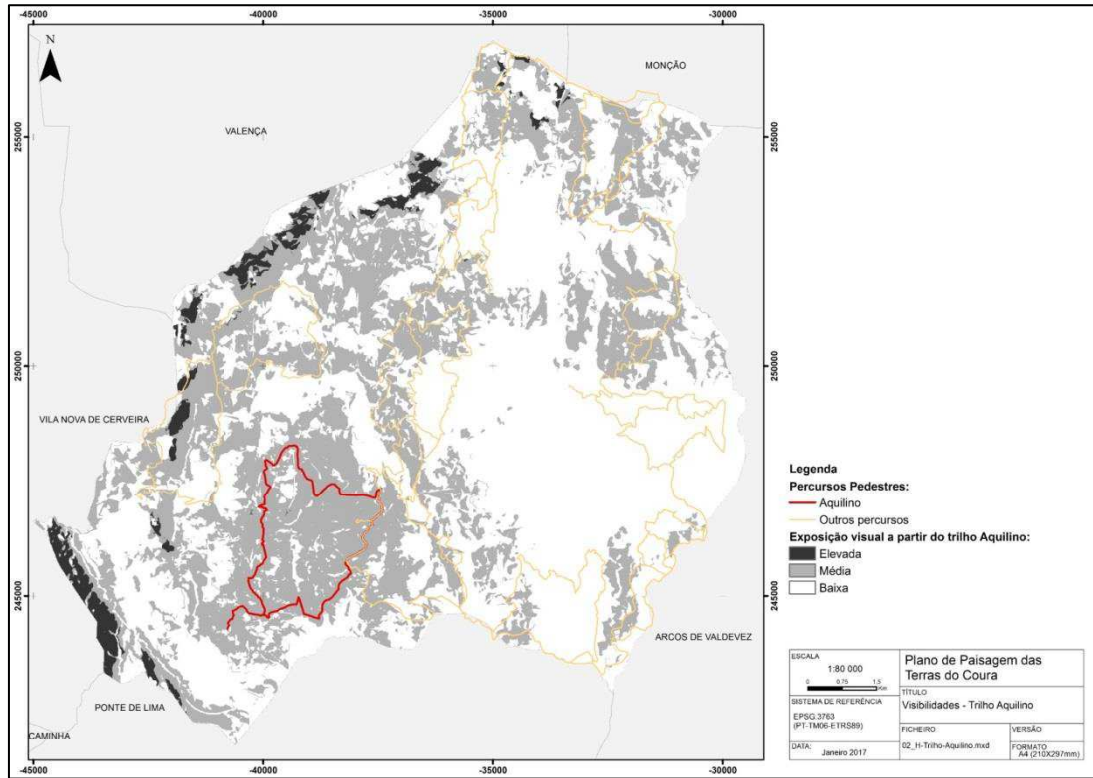
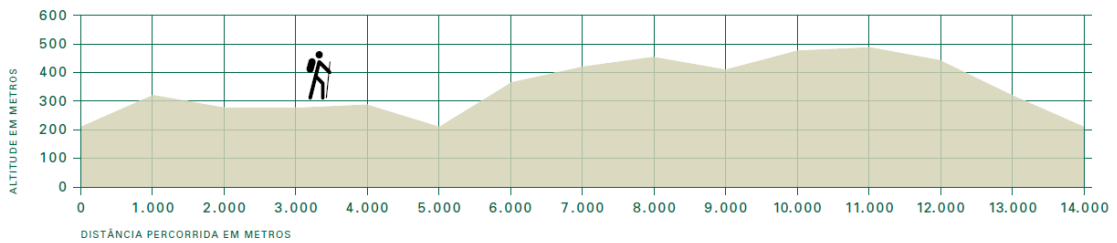


Figura 80 - Perfil altimétrico do trilho de Aquilino



Fonte: Rede Municipal de Percorso Pedestres de Paredes de Coura

Foto 84 - Bouças e matos – Trilho de Aquilino



Fonte: osamigosdopr.webnode.pt

Principais valores:

- **Média/Elevada visibilidade;**
- Bouças de Carvalho-alvarinho e Pinheiro-bravo;
- Represas, moinhos, água, penedos;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.
- Património.

Cota máxima: 489 metros

Figura 81 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho dos Miliários

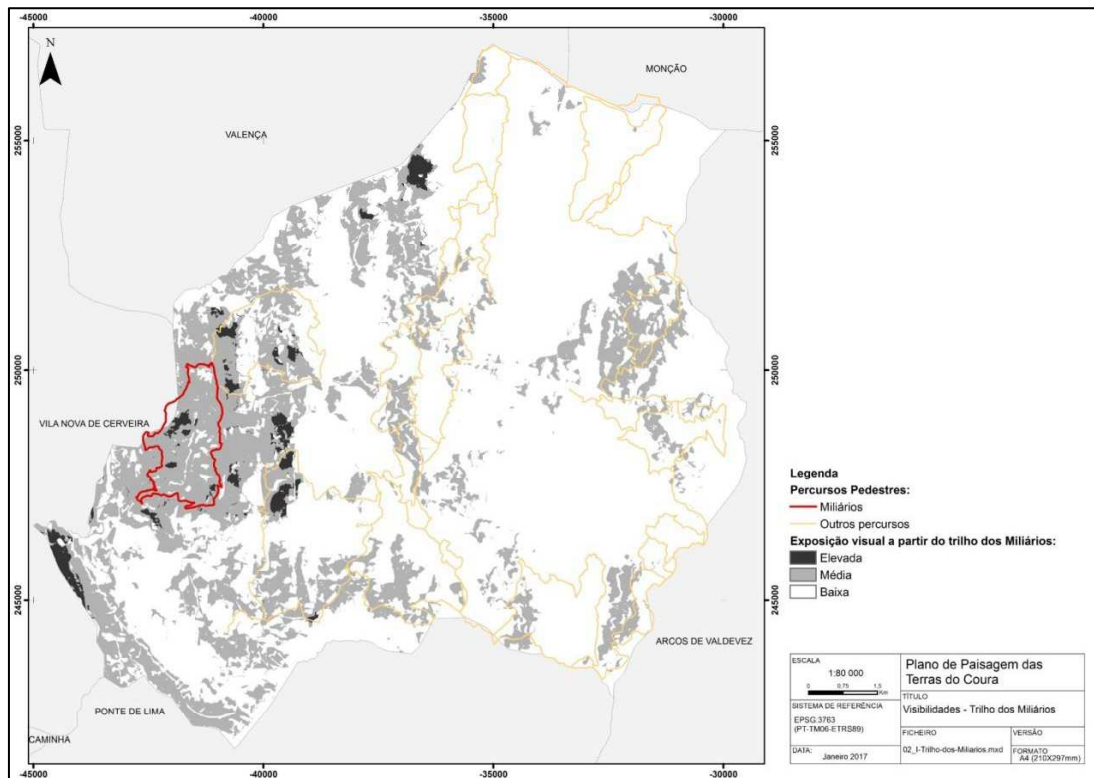
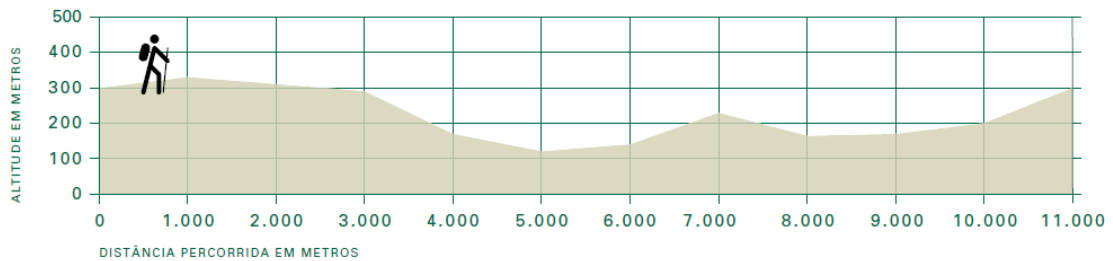


Figura 82 - Perfil altimétrico do trilho dos Miliários



Fonte: Rede Municipal de Percurso Pedestres de Paredes de Coura

Foto 85 - Associação *Quercus robur* – Trilho dos Miliários

Fonte: 4.bp.blogspot.com

Principais valores:

- **Média/Baixa visibilidade;**
- Bouças de *Quercus robur*;
- Represas, moinhos, água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.
- Património arquitectónico e arqueológico;
- Calçada à portuguesa.

Cota máxima: 376 metros

Figura 83 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho dos Combatentes da Travanca

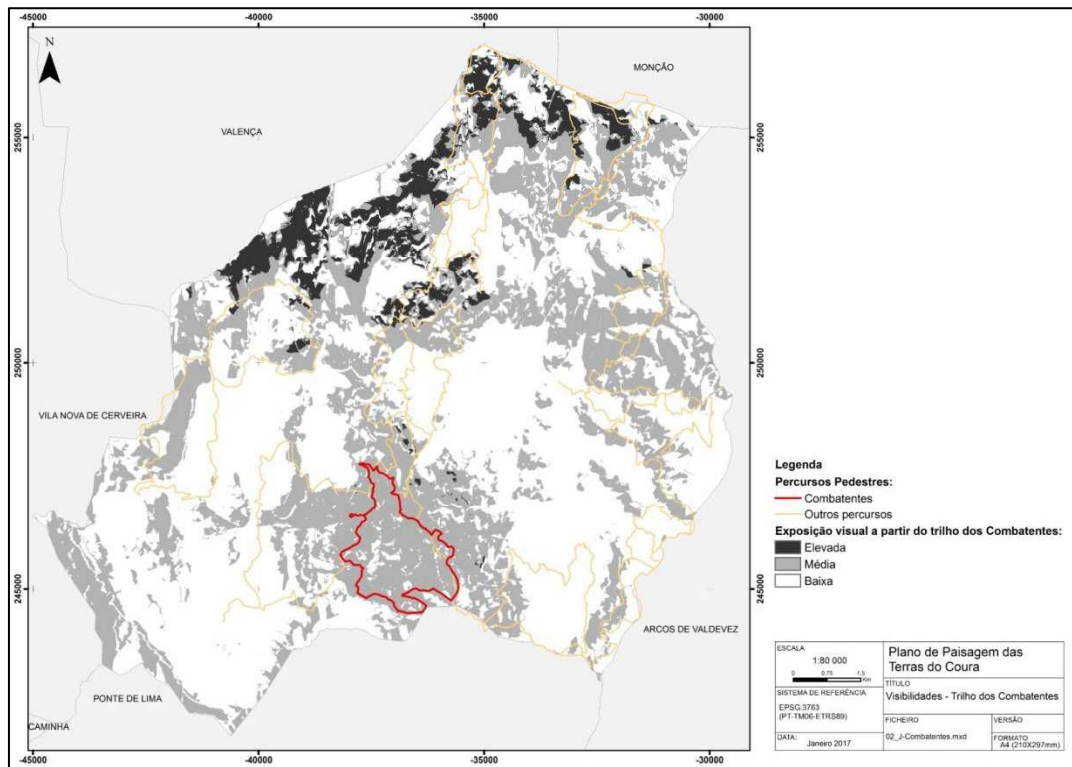
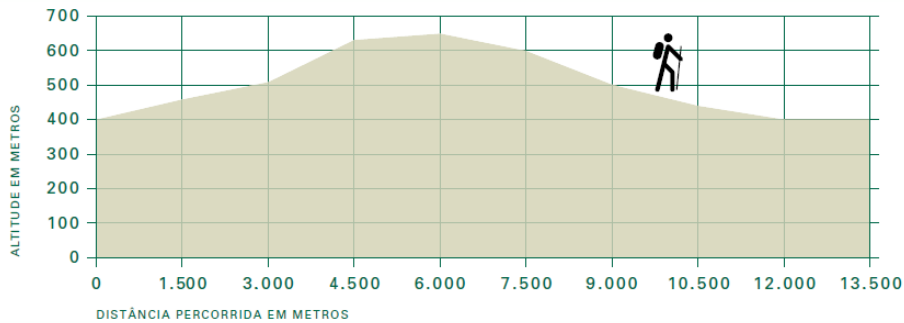


Figura 84 - Perfil altimétrico do trilho dos Combatentes da Travanca



Fonte: Rede Municipal de Percurso Pedestres de Paredes de Coura

Foto 86 - Caminho em terra batida - Trilho dos Combatentes da Travanca



es.wikiloc.com

Principais valores:

- Média/Elevada visibilidade;

- Bouças de Carvalhos e Pinheiros;
- Represas, moinhos, água;
- Fauna;
- Marcos geodésicos;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.

Cota máxima: 701 metros

Figura 85 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Pastor

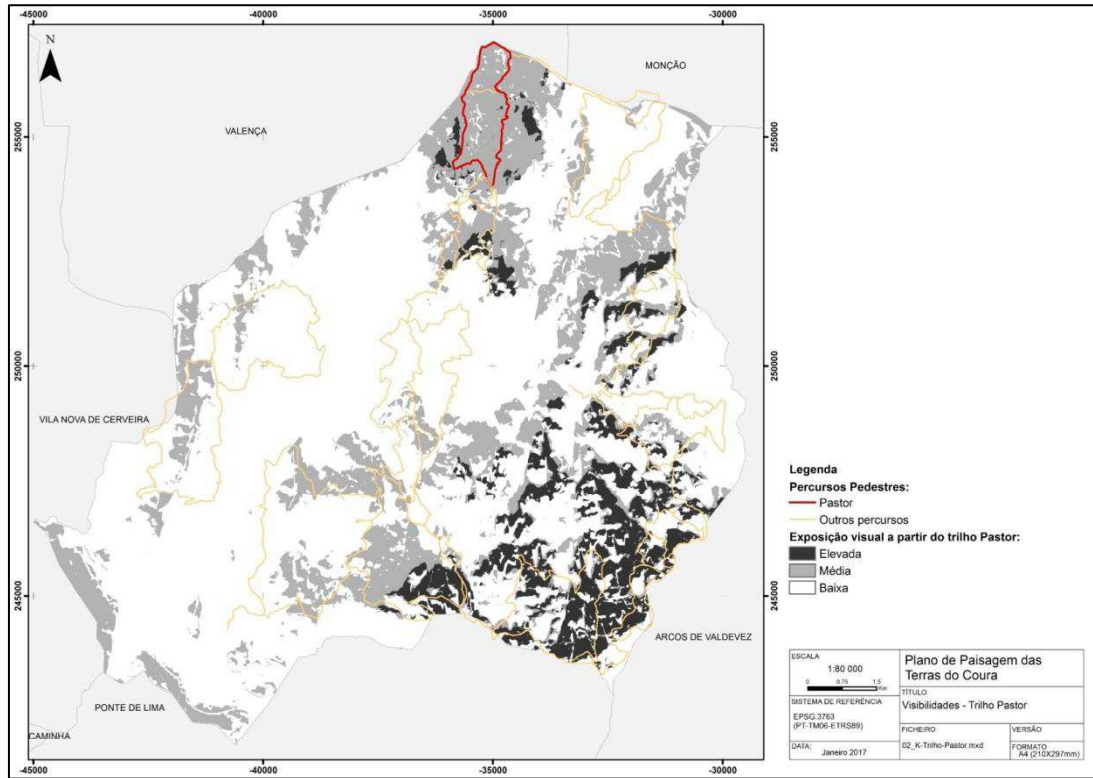
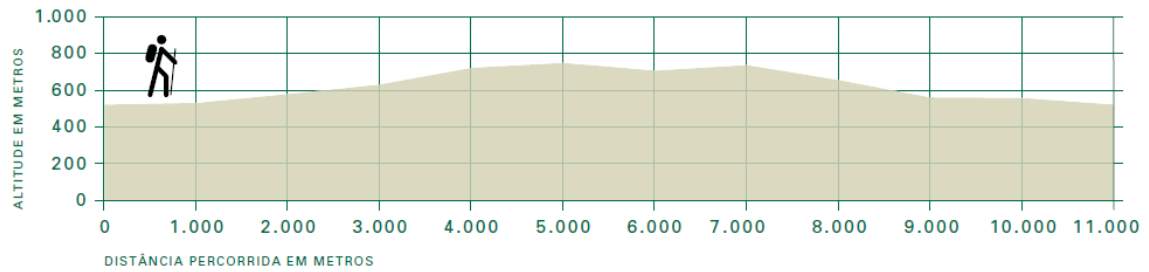


Figura 86 - Perfil altimétrico do trilho Pastor



Fonte: Rede Municipal de Percursos Pedestres de Paredes de Coura

Foto 87 - Núcleo rural – Trilho do Pastor



Fonte: onossorastoblogspot.com

Principais valores:

- *Elevada/Média visibilidade;*
- Represas, água;
- Fauna;
- Espigueiros;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.
- Património arquitectónico.

Cota máxima: 768 metros

Figura 87 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Pia dos 4 Abades

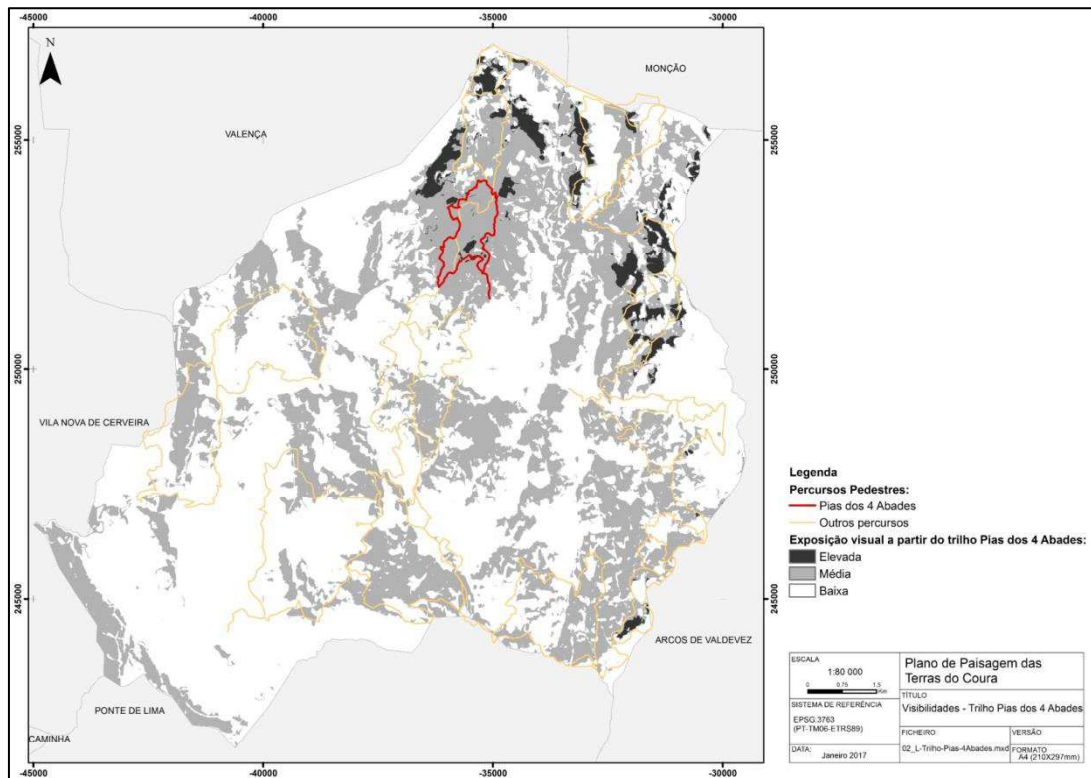


Figura 88 - Perfil altimétrico do trilho Pia dos 4 Abades



Fonte: Rede Municipal de Percursos Pedestres de Paredes de Coura

Foto 88 - Caminho rural – Trilho Pia dos 4 Abades



Fonte: borealis.pt

Principais valores:

- **Média visibilidade;**
- Bouças de *Quercus robur*;
- Represas, espigueiros, água;
- Fauna;
- Marcos geodésicos;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Campos em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons.
- Património arquitectónico, geológico e arqueológico.

Cota máxima: 603 metros

Figura 89 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho Chã da Burra

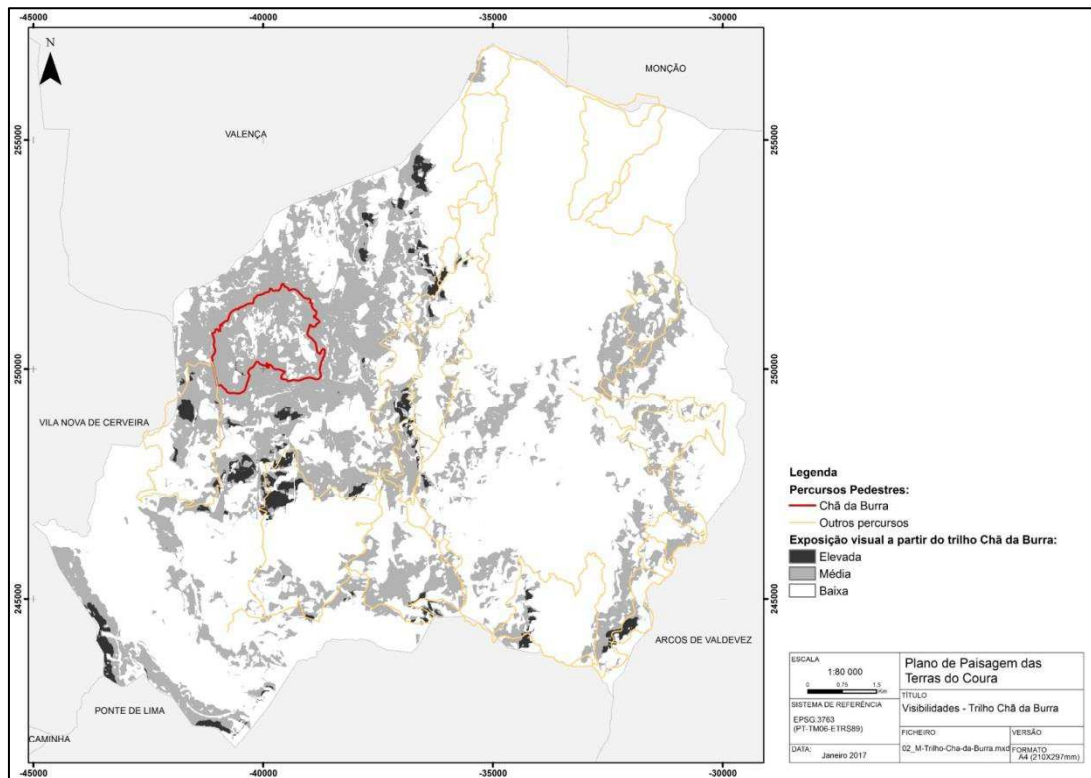


Figura 90 - Perfil altimétrico do trilho Chã da Burra

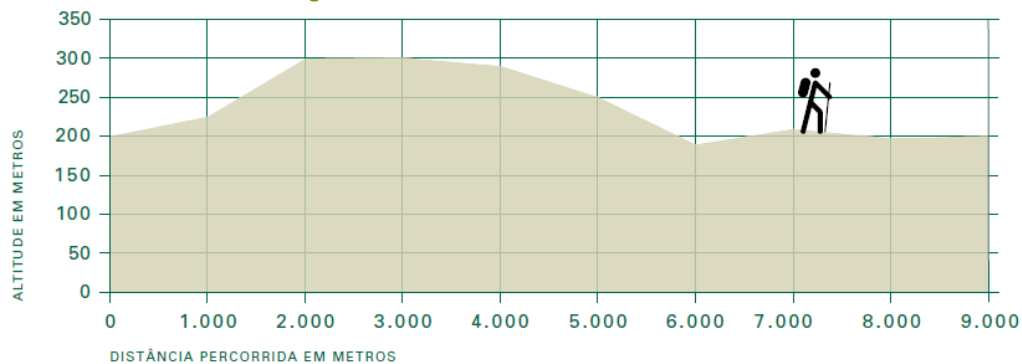


Foto 89 - Casas com telhado em colmo – Trilho Chã da Burra



Fonte: www.wikiloc.com

Principais valores:**- Média visibilidade;**

- Densos *pinhais* e *pequenas* bouças de carvalhos e ripícolas;
- Represas, moinhos, água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socacos ladeadas por sebes de salgueiros e por vinhedos;
- Cheiros, cores, texturas, sons.
- Património arquitectónico e arqueológico.
- Caminho de Santiago.

Cota máxima: 326 metros

Figura 91 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho do Vale Escuro

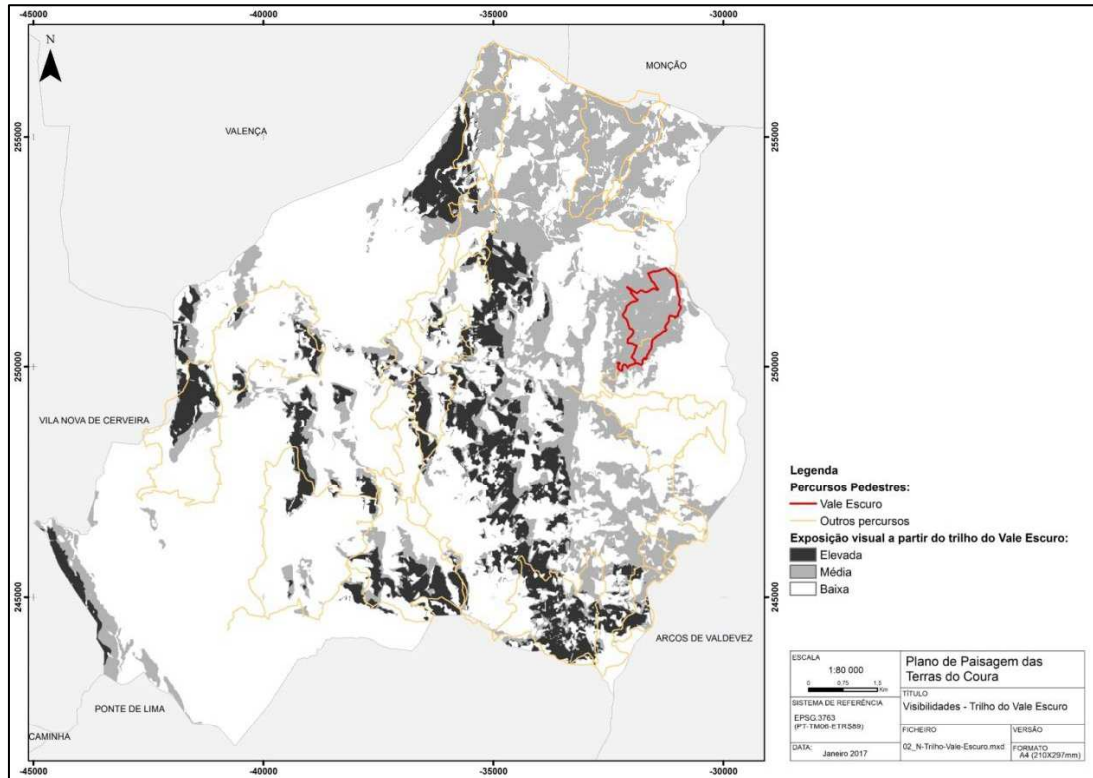


Figura 92 - Perfil altimétrico do trilho Chã do Vale Escuro

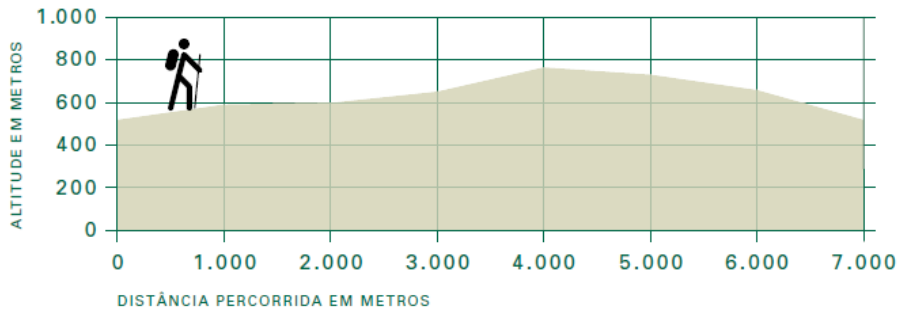


Foto 90 - Perspectiva a partir do Trilho Vale Escuro



Fonte: borealis.com

Principais valores:

- *Elevada/Média visibilidade;*
- Bouças de *Quercus robur;*
- Paisagem Protegida;
- Represas, moinhos, água;
- Fauna;
- Marco geodésico;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons;
- Património arquitectónico e arqueológico.

Cota máxima: 767 metros

Figura 93 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho das Lages Altas

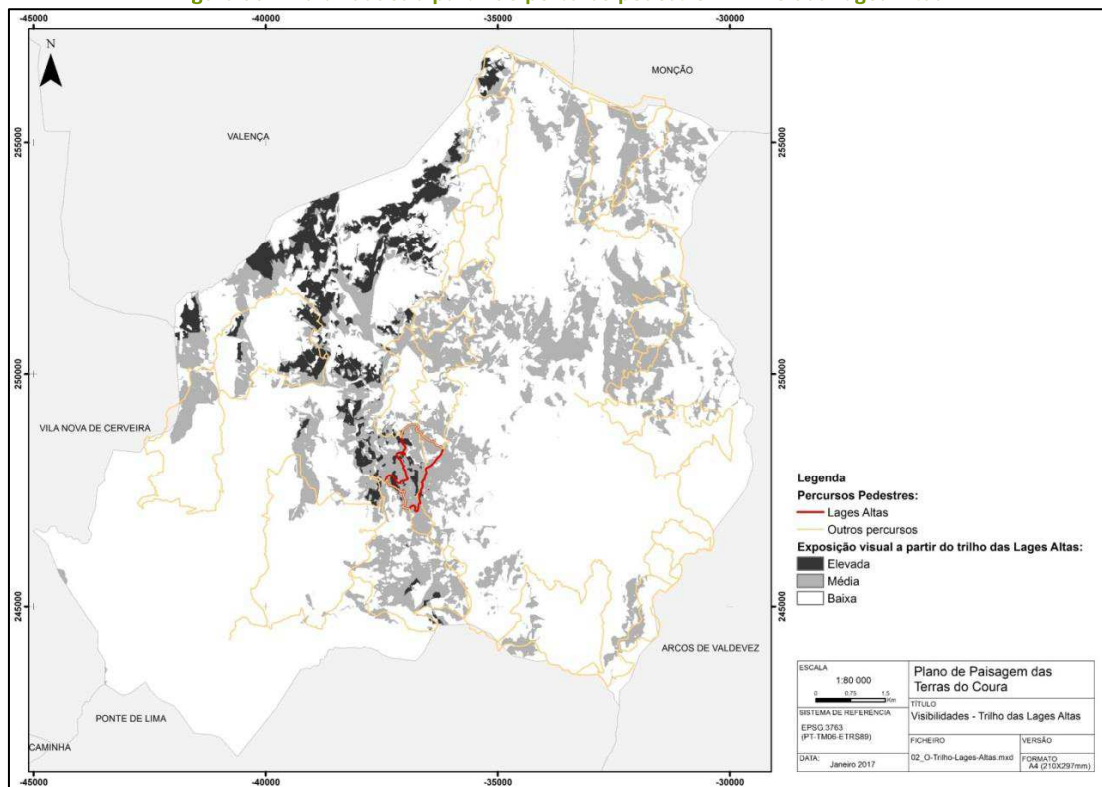


Figura 94 - Perfil altimétrico do trilho das Lages Altas

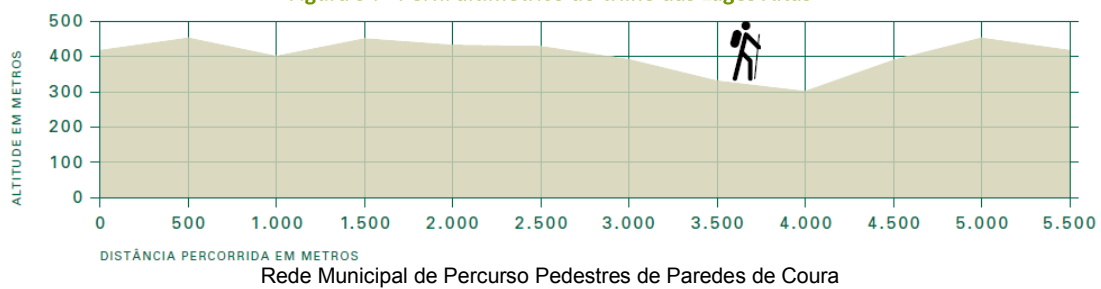
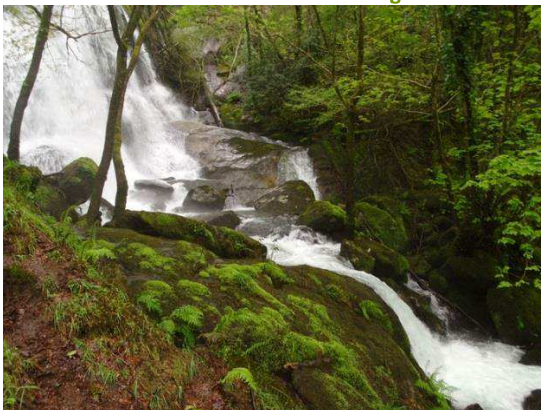


Foto 91 - Cascata – Trilho das Lages Altas



s2.wklcdn.com

Principais valores:

- **Média / Elevada visibilidade;**
- Represas, moinhos, água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socacos/muros;
- Cheiros, cores, texturas, sons;
- Património religioso e arqueológico.

Cota máxima: 460 metros

Figura 95 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho das Garças

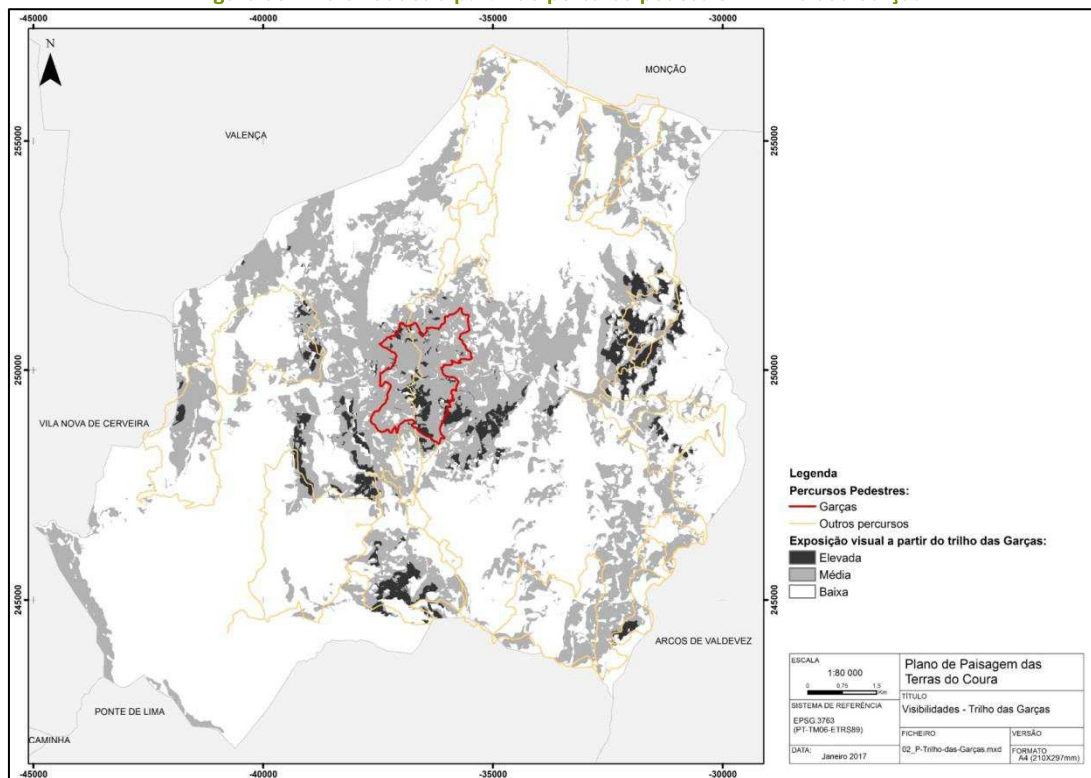
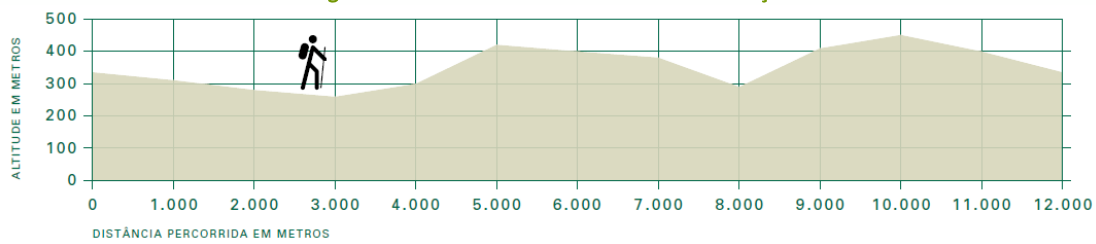


Figura 96 - Perfil altimétrico do trilho das Garças



Fonte: Rede Municipal de Percursos Pedestres de Paredes de Coura

Foto 92 - Perspectiva a partir do Trilho das Garças



Fonte: pt.wikiloc.com

Principais valores:

- Média visibilidade;
- Represas, azenhas, água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Leiras em socalcos/muros;
- Vinhedos;
- Cheiros, cores, texturas, sons;
- Património arquitectónico e arqueológico.

Cota máxima: 451 metros

Figura 97 - Visibilidades a partir do percurso pedestre – Trilho da Boalhosa

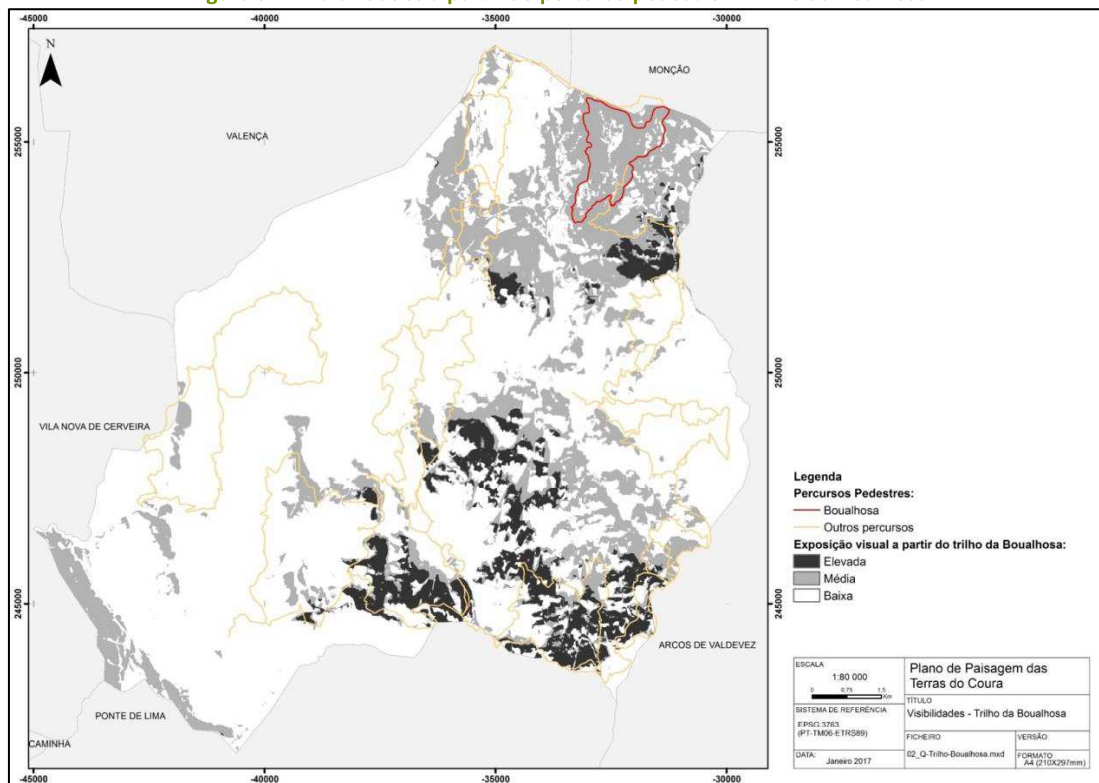
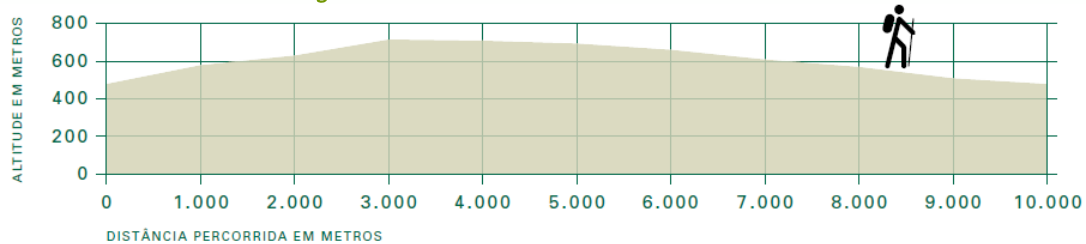
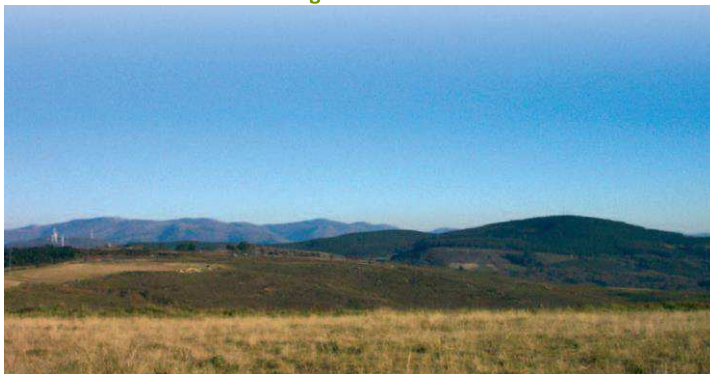


Figura 98 - Perfil altimétrico do trilho da Boalhosa



Fonte: Rede Municipal de Percursos Pedestres de Paredes de Coura

Foto 93 - Pastagens – Trilho da Boalhosa



Fonte: borealis.com

Principais valores:

- Elevada/Média visibilidade;
- Bouças de *Quercus robur*;
- Água;
- Fauna;
- Arquitectura tradicional/Núcleos rurais;
- Pastagens;
- Cheiros, cores, texturas, sons.
- Património religioso e arqueológico.

Cota máxima: 716 metros

Foto 94 - Exemplo de perspectiva panorâmica a partir do miradouro do Alto do Castro

Fonte: Carla Gonçalves

Os miradouros, locais por excelência para observação da paisagem, apresentam, todos eles, sem excepção, elevada exposição visual. Merecem, no entanto, particular destaque os da Senhora da Pena, do Alto do Castro, do Corno de Bico, do Penedo das Vistas e do Penedo do Rebolinho por acrescer à sua elevada exposição visual, uma elevada amplitude visual, que possibilita uma percepção panorâmica da paisagem.

Tabela 13 - Miradouros: síntese das visibilidades

Miradouro	Visibilidades (predominância)
Chã do Bento	Elevada/baixa amplitude visual
Giesteira	Elevada/baixa amplitude visual
Senhora da Pena	Elevada/elevada amplitude visual
S. Silvestre	Elevada/média amplitude visual
Alto do Castro	Elevada/média amplitude visual
Corno de Bico	Elevada/elevada amplitude visual
Penedo das Vistas	Elevada/elevada amplitude visual
Penedo do Rebolinho	Elevada/elevada amplitude visual
Santa Rita	Elevada/elevada amplitude visual

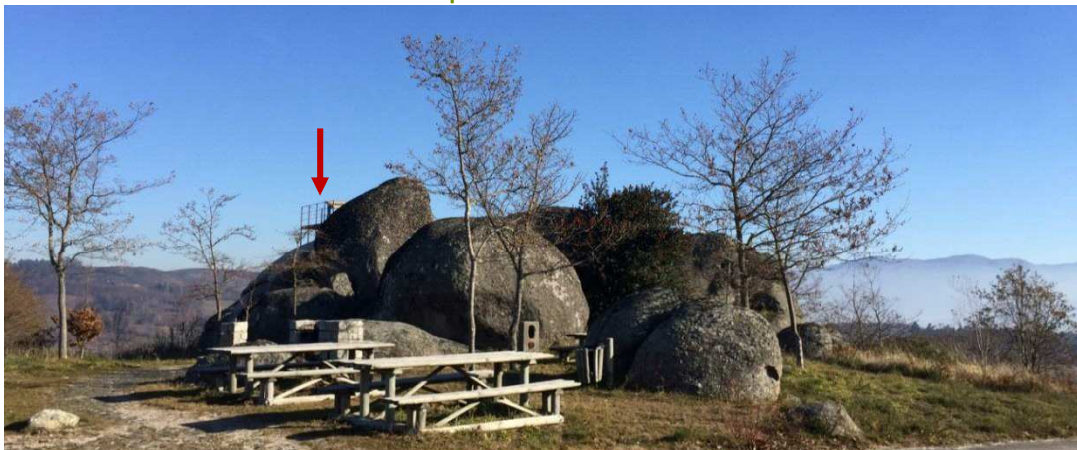
Foto 95 - Exemplo de Miradouro - Alto do Castro

Figura 99 - Visibilidades a partir do Miradouro – Chã do Bento

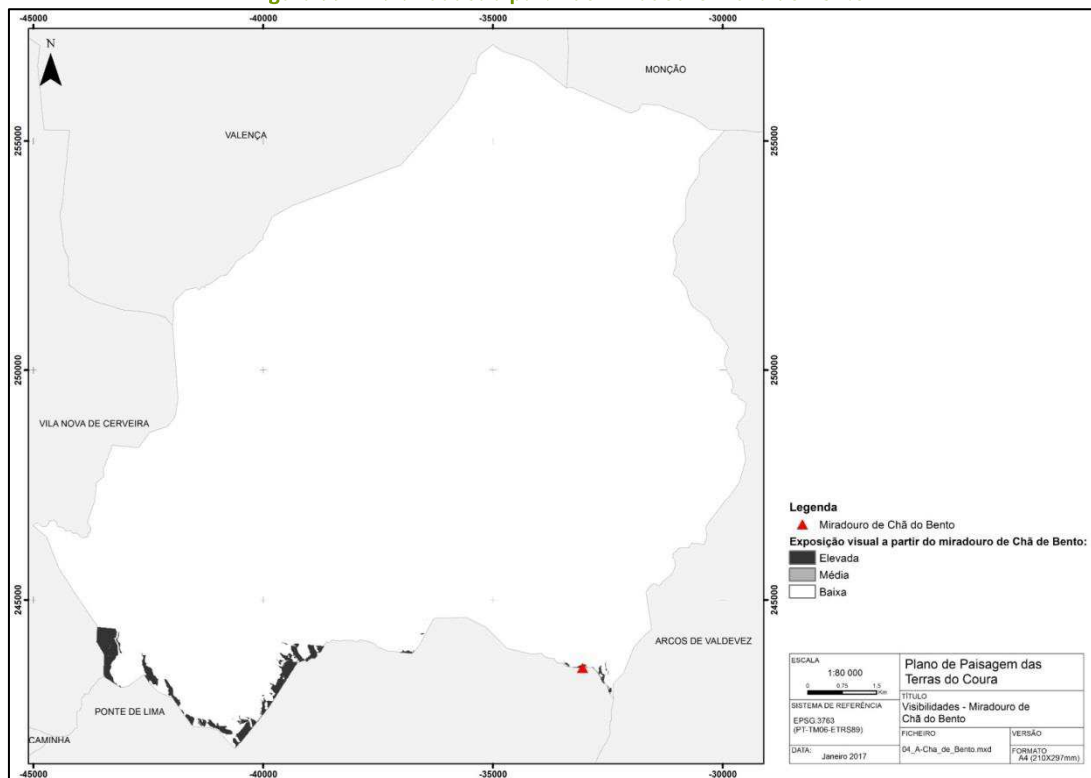


Foto 96 - Miradouro Chã do Bento



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- Elevada visibilidade, baixa amplitude visual- Panorâmica sobre a encosta norte da serra de Corno de Bico e sobre o vale do Rio de Cavaleiros;

- Lugar: Rio Mau;
- Freguesia: Bico;
- Cota: 802 metros.

Figura 100 - Visibilidades a partir do Miradouro – Giesteira

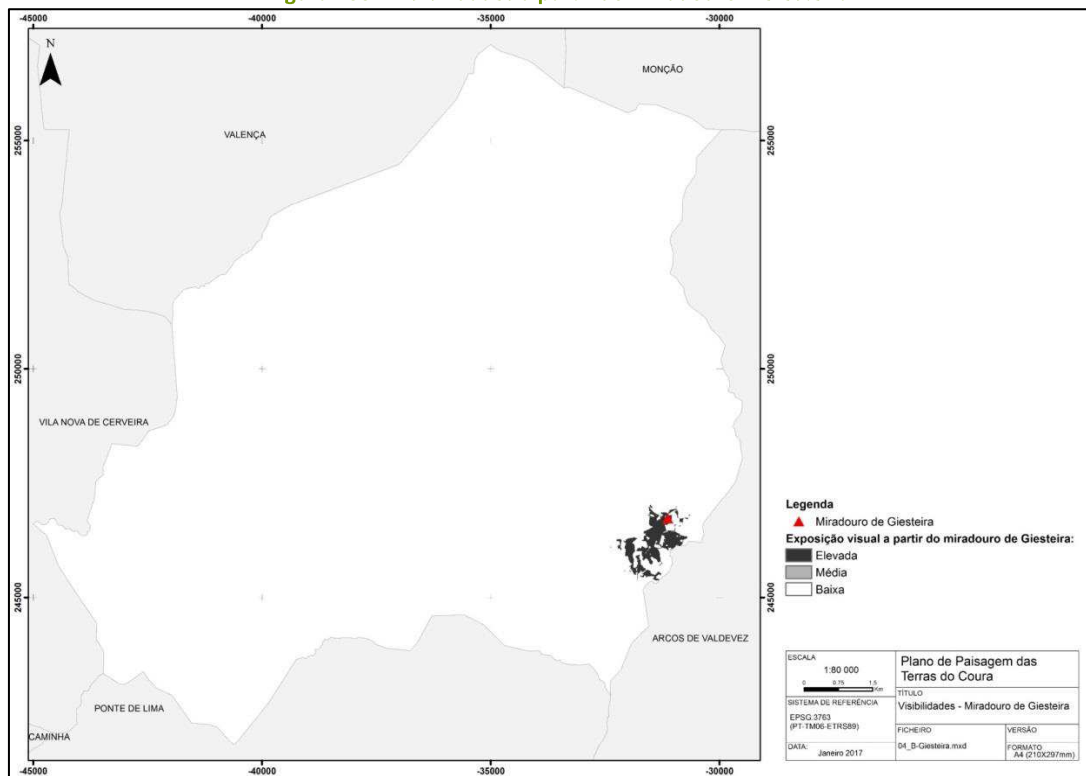


Foto 97 - Miradouro Giesteira



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- *Elevada visibilidade, baixa amplitude visual - Panorâmica sobre o vale do rio Coura;*
- Lugar: Cortes;
- Freguesia: Vascões;
- Cota: 600 metros.

Figura 101 - Visibilidades a partir do Miradouro – Senhora da Pena

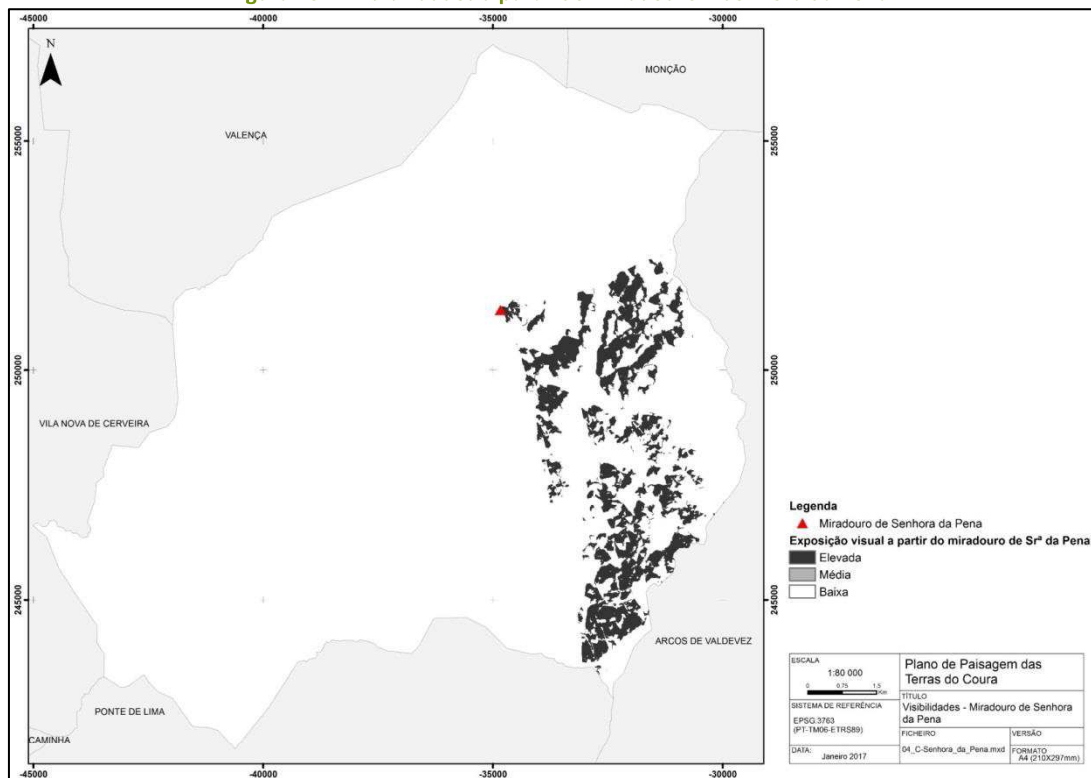


Foto 98 - Miradouro Senhora da Pena



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- *Elevada visibilidade, elevada amplitude visual - Panorâmica sobre o vale do rio Coura;*

- Lugar: Lama;
- Freguesia: Mozelos;
- Cota: 564 metros.

Figura 102 - Visibilidades a partir do Miradouro – S. Silvestre

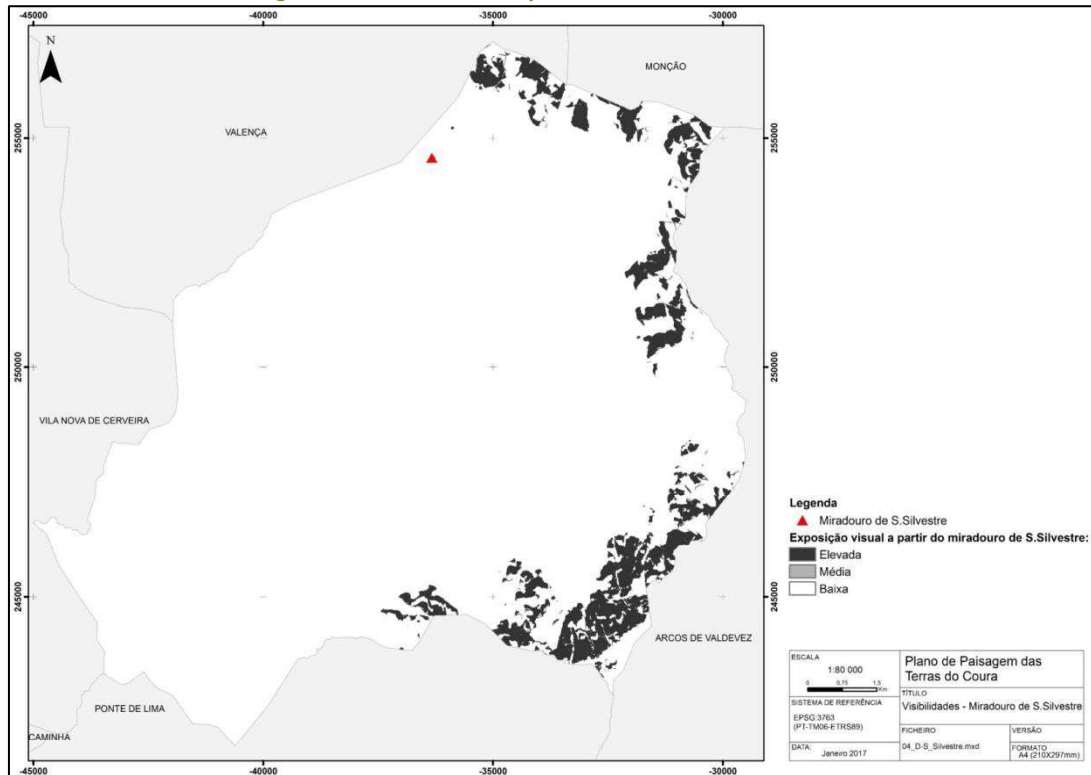


Foto 99 - Miradouro S. Silvestre



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- *Elevada visibilidade, média amplitude visual - Panorâmica sobre o vale do rio de Codeceda, Serra de Corno de Bico, Vale Escuro e S. Martinho de Vascões;*
- Lugar: Porreiras;
- Freguesia: Porreiras;
- Cota: 735 metros.

Figura 103 - Visibilidades a partir do Miradouro – Alto do Castro

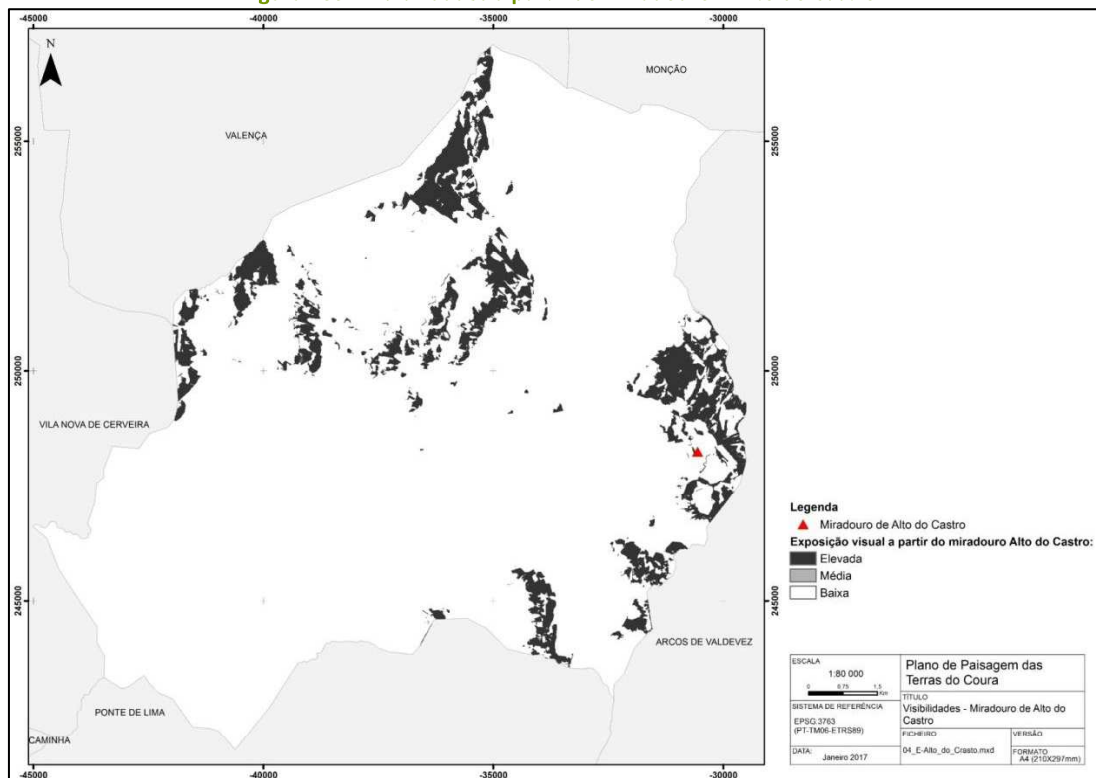
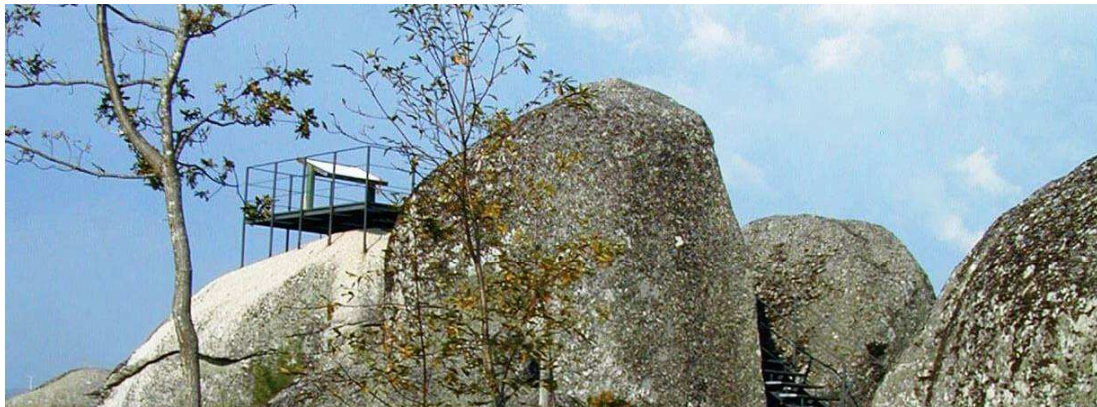


Foto 100 - Miradouro Alto de Castro



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- *Elevada visibilidade, média amplitude visual - Panorâmica sobre a Colónia Agrícola de Chã de Lamas, S. Silvestre, Alto dos Vales, Linhares de Cima.*

- Lugar: Chão Longo;
- Freguesia: Vascões;
- Cota: 612metros.

Figura 104 - Visibilidades a partir do Miradouro – Corno de Bico

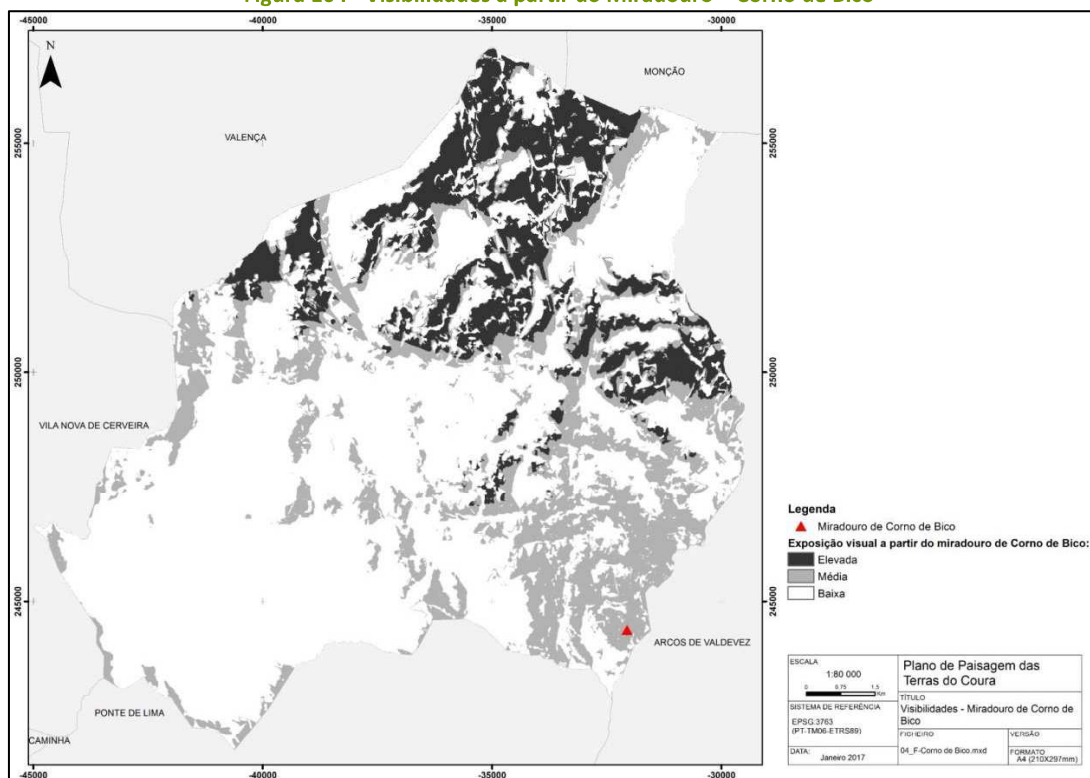


Foto 101 - Miradouro Corno de Bico



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- *Elevada visibilidade, elevada amplitude visual - Panorâmica sobre a paisagem courense.*

- Lugar: Bico;
- Freguesia: Bico;
- Cota: 883 metros.

Figura 105 - Visibilidades a partir do Miradouro – Penedo das Vistas

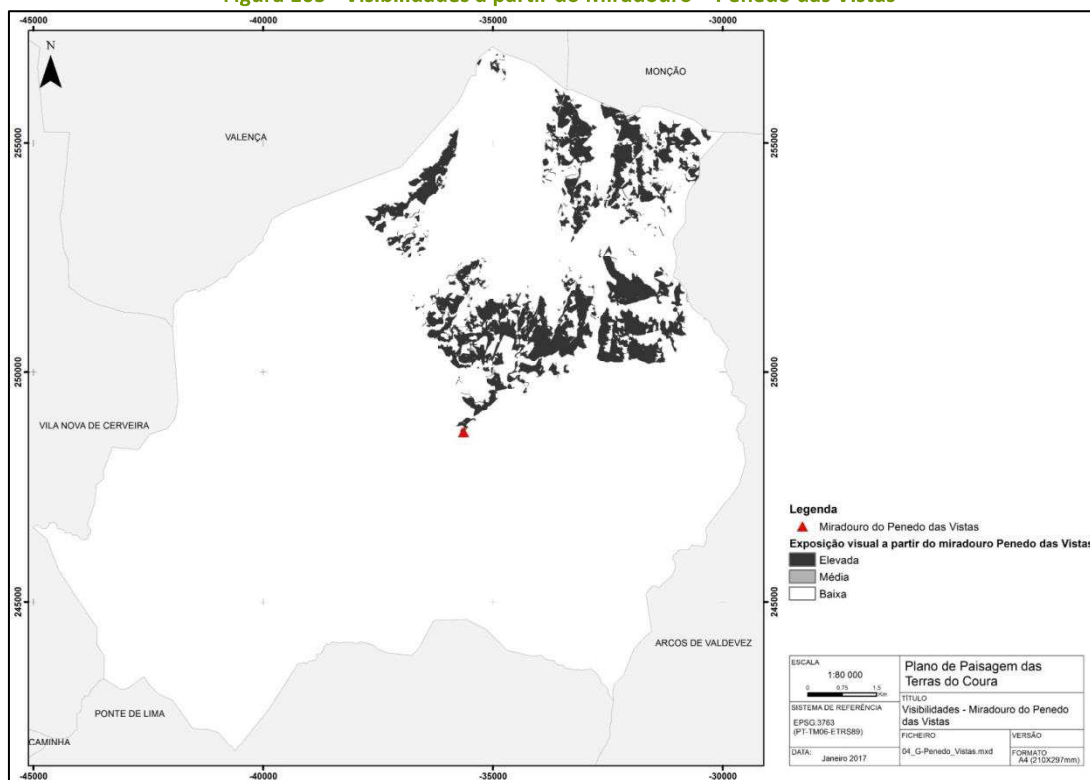


Foto 102 - Miradouro Penedo das Vistas



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- *Elevada visibilidade, elevada amplitude visual - Panorâmica sobre a Vila de Paredes de Coura.*

- Lugar: Cotaleira;
- Freguesia: Paredes de Coura;
- Cota: 441 metros.

Figura 106 - Visibilidades a partir do Miradouro – Penedo do Rebolinho

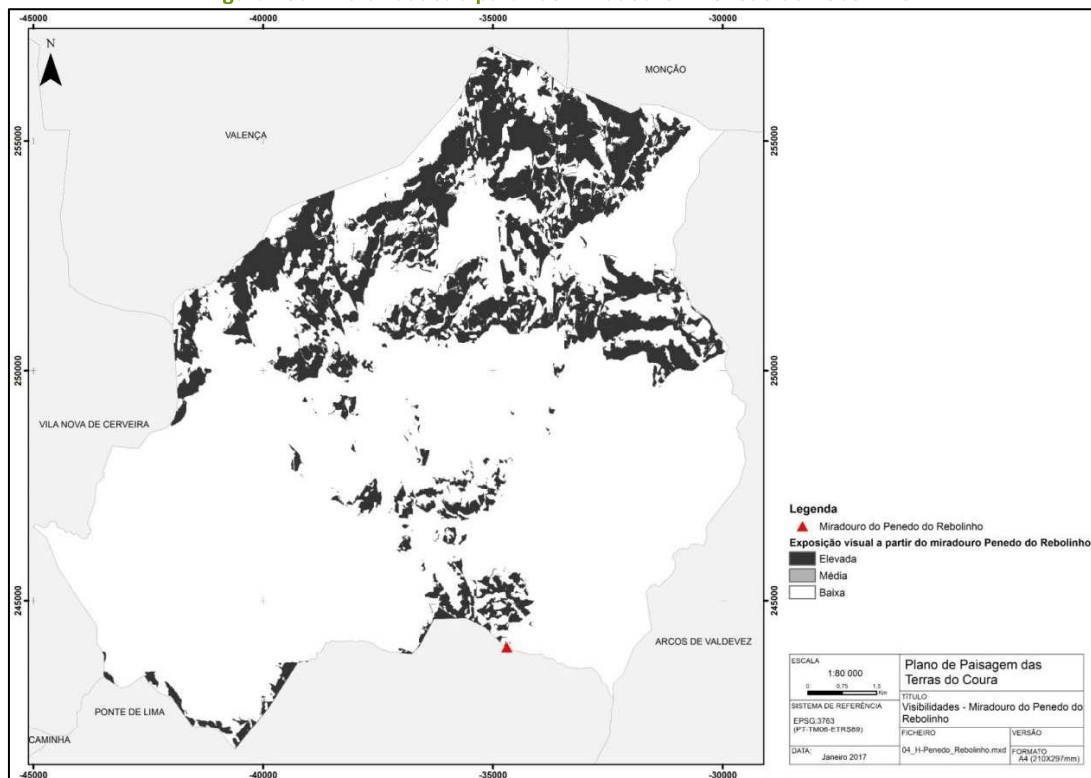


Foto 103 - Miradouro Penedo do Rebolinho



Fonte: www.paredesdecoura.pt

- Elevada visibilidade, elevada amplitude visual - Panorâmica sobre a freguesia de Castanheira, o monte da Travanca, Vila de Paredes de Coura.

- Lugar: Travanca;
- Freguesia: Castanheira;
- Cota: 735 metros.

Figura 107 - Visibilidades a partir do Miradouro – Santa Rita

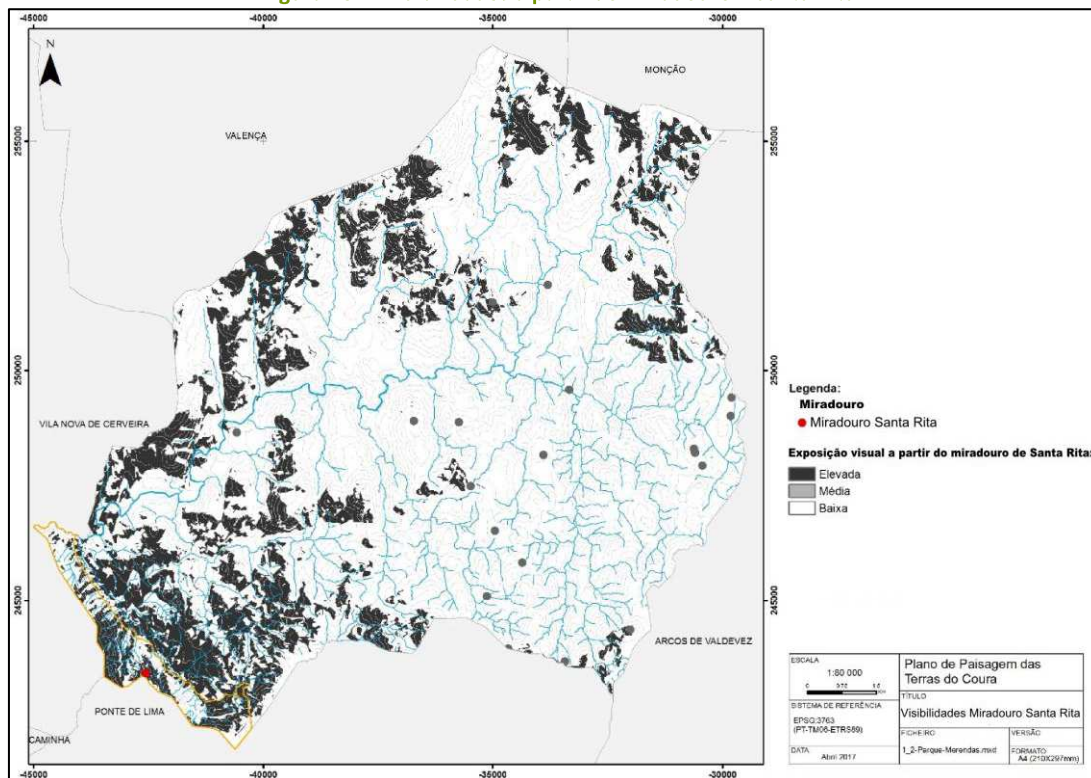


Foto 104 - Miradouro Santa Rita



Fonte: www.romarigaes.pt

- Elevada visibilidade, elevada amplitude visual - Panorâmica sobre a freguesia de Cossourado, Rubiães, S.Martinho Coura, Romarigães, Agualonga, Cunha, o Penedo do Macaco, São Silvestre e Boalhosa.

- Lugar: Santa Cristina/Santa Rita;
- Freguesia: Romarigães;
- Cota: 336 metros.

Os parques de merendas são locais facilmente acessíveis e bastante procurados,

quer pelos habitantes de Paredes de Coura, quer por quem visita o concelho. Alguns deles, dado o facto de estarem associados a miradouros, apresentam uma elevada exposição visual, como é o caso do Alto do Castro, representado nas figuras seguintes.

Foto 105 - Exemplo de Parque de Merendas – Alto do Castro



Fonte: Carla Gonçalves

Foto 106 - Exemplo de Parque de Merendas – Alto do Castro – Perspectiva a partir do miradouro



Fonte: Carla Gonçalves

Os parques de merendas que apresentam elevada exposição visual são o do Alto de Castro, o do Penedo Rebolinho, o do Corno de Bico, a da Sequeira, o da Senhora da Pena, o de S. Silvestre e o de St^a Rita/St^a Cristina.

Tabela 14 - Parques de merendas: síntese das visibilidades

Parque de merendas	Visibilidades (predominância)
Alto de Castro	Elevada
Penedo Rebolinho	Elevada
Chã do Bento	Baixa
Angústias	Baixa
Casal	Baixa
Castanheira	Baixa
Ceia	Baixa
Corno de Bico	Elevada
Cristelo	Média
Lagoa Salgueirinha	Baixa
EN306	Baixa
Sequeira	Elevada
Irijó	Baixa
Senhora da Pena	Elevada
S. Silvestre	Elevada
Vascões	Baixa
Capela de Chavião	Elevada
Santa Rita	Elevada
Largo da Chão em Rubiães	Baixa

As figuras que se seguem, representam os mapas de visibilidades a partir dos Parques de Merendas, acima identificados.

Figura 108 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Alto de Castro

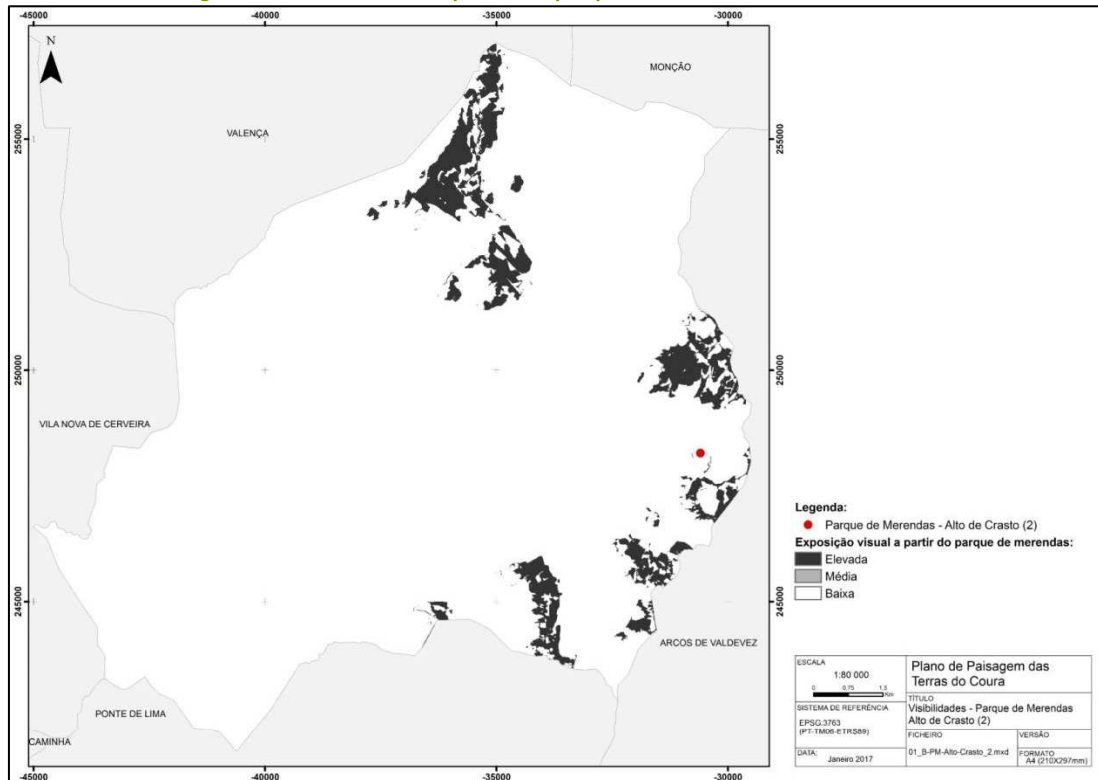


Figura 109 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Penedo Rebolinho

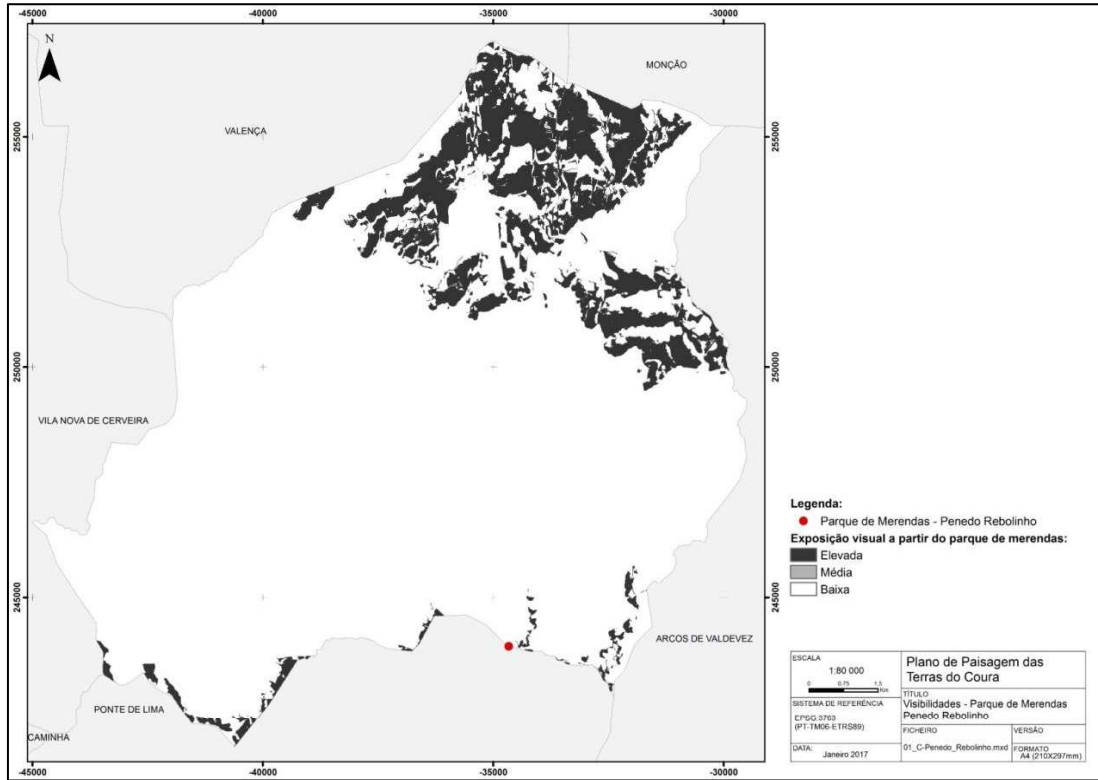


Figura 110 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Chã do Bento

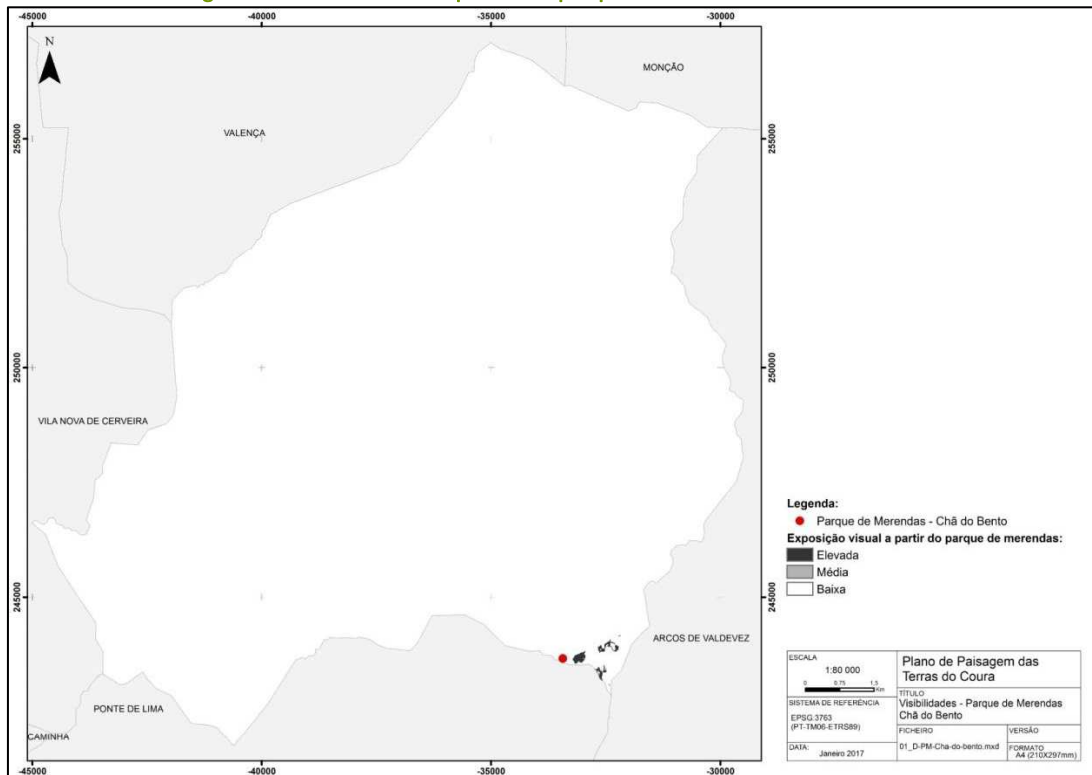


Figura 111 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Angústias

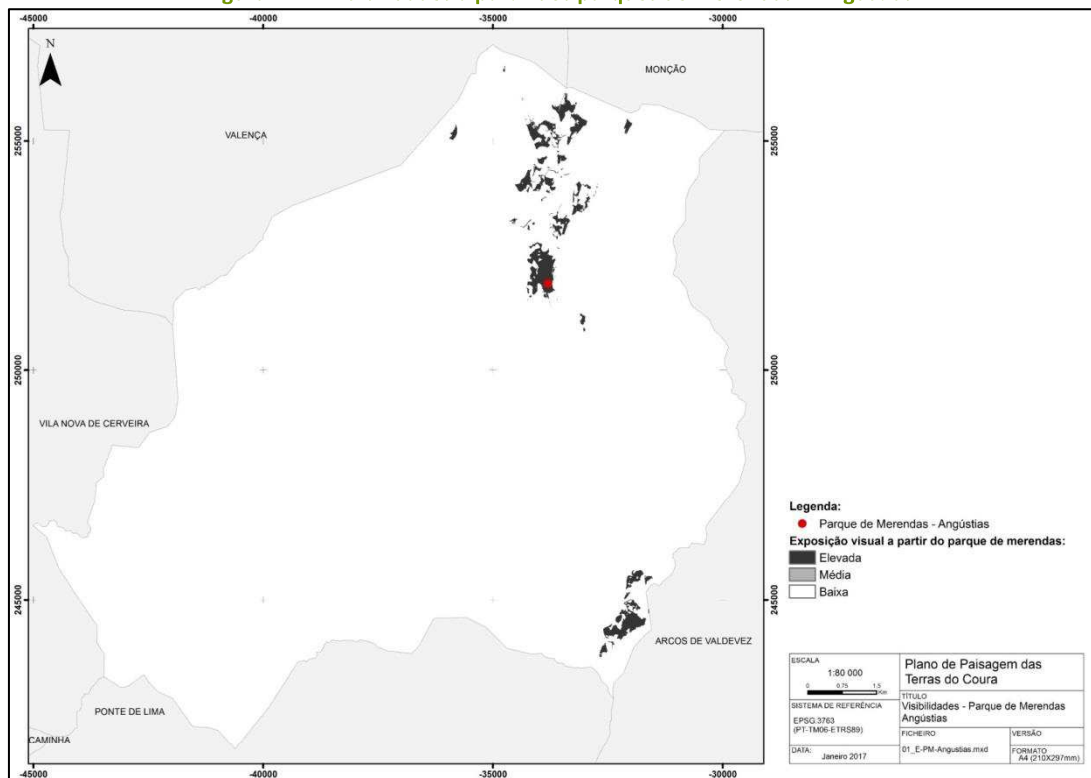


Figura 112 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Casal

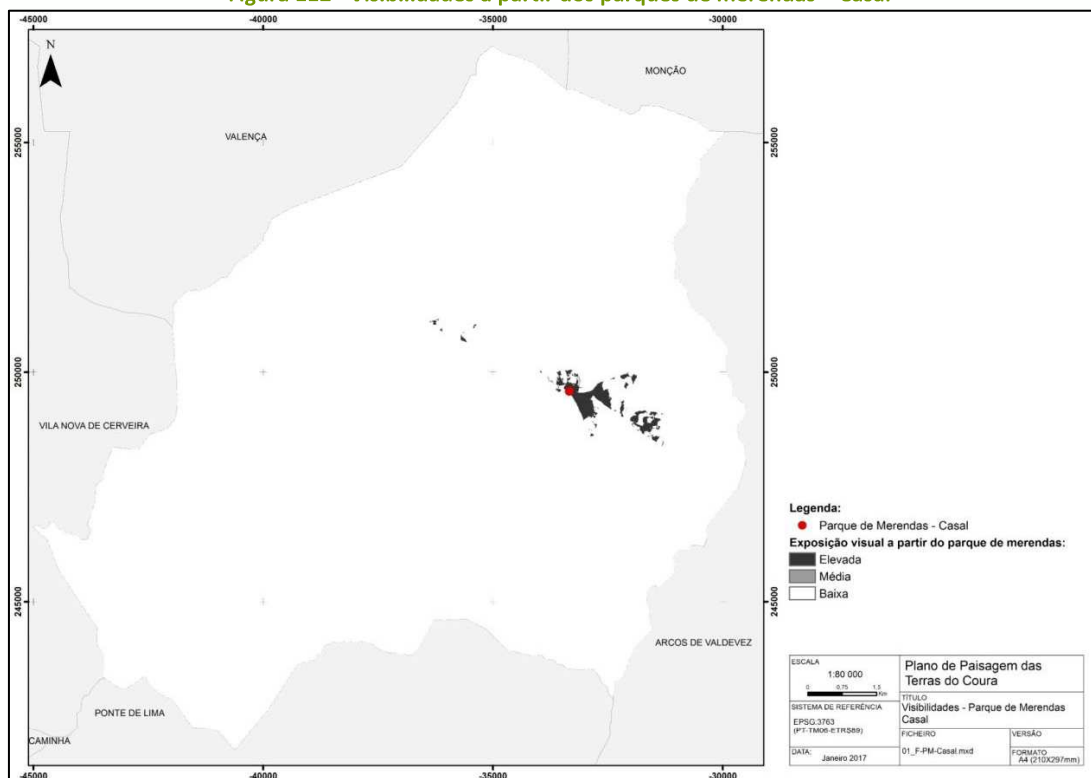


Figura 113 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Castanheira

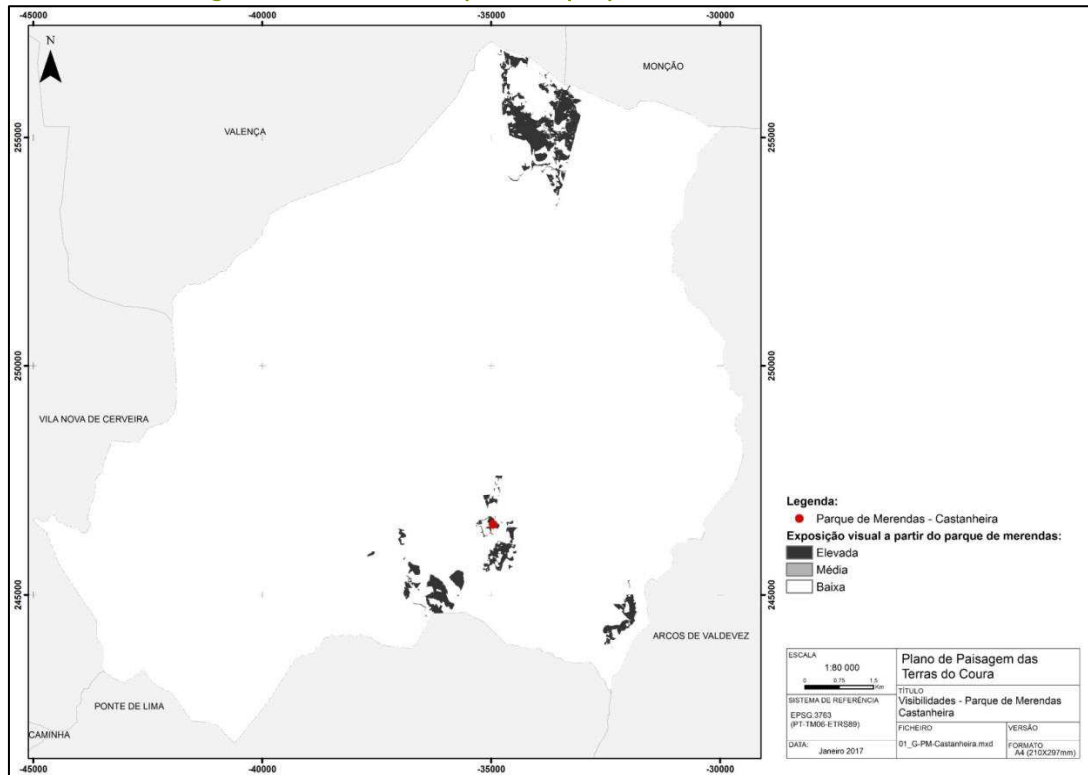


Figura 114 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – CEIA

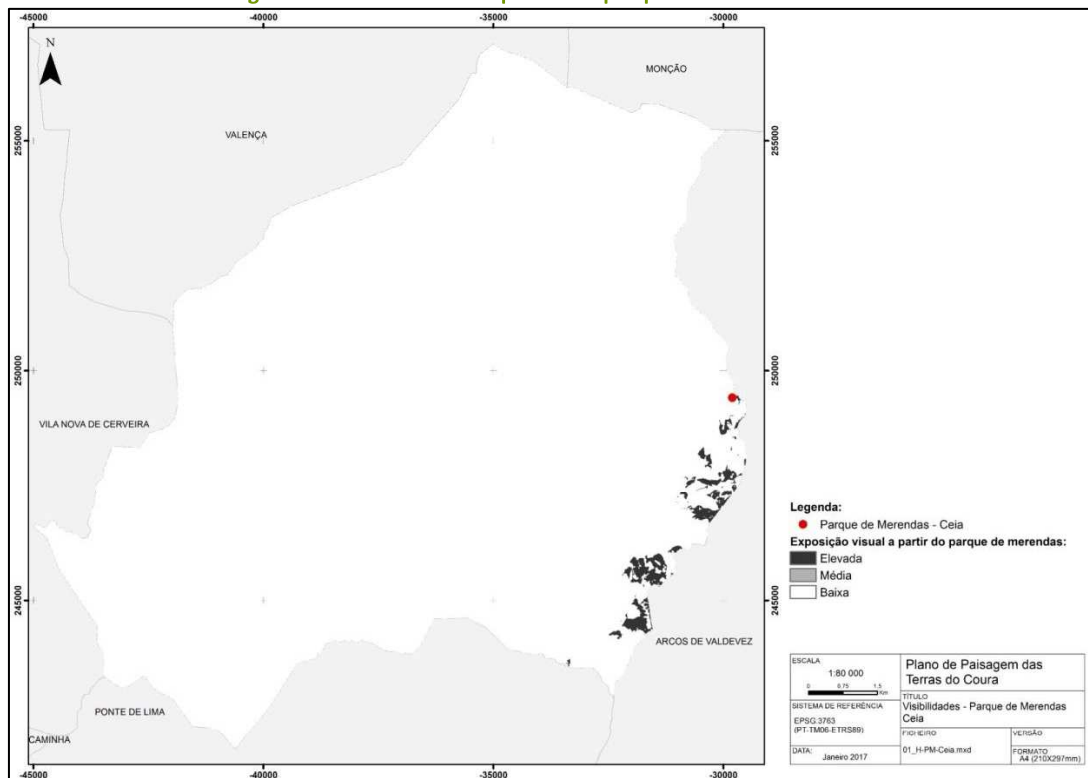


Figura 115 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Corno de Bico

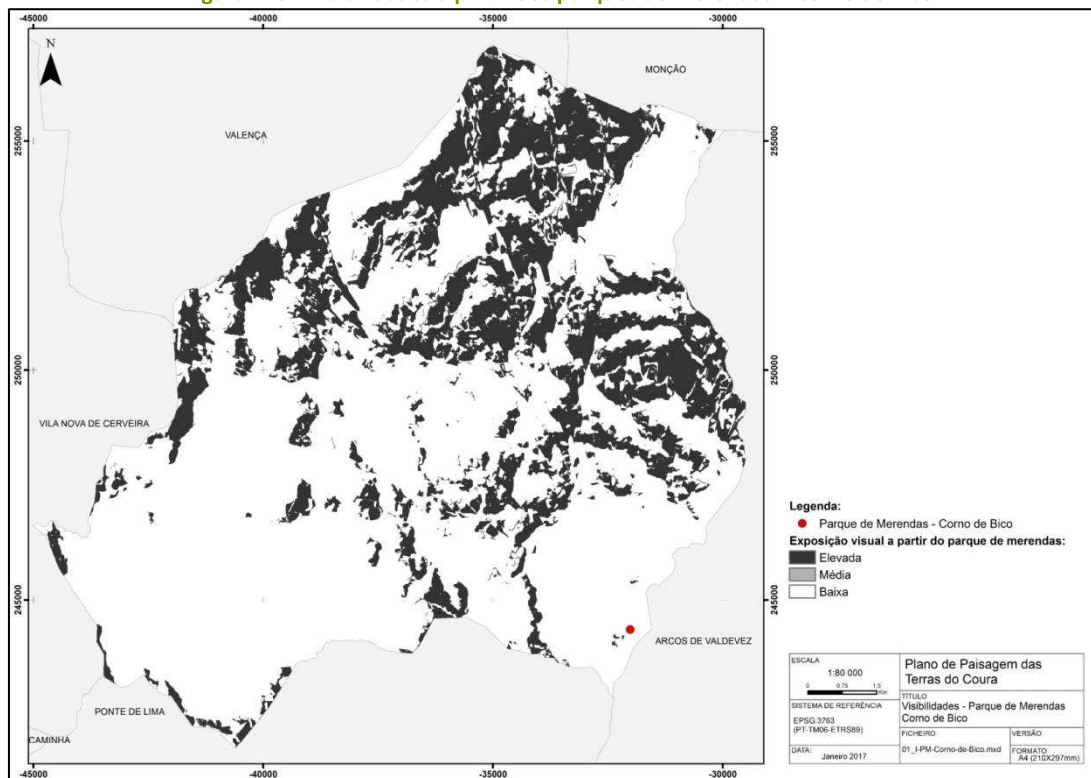


Figura 116 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Cristelo

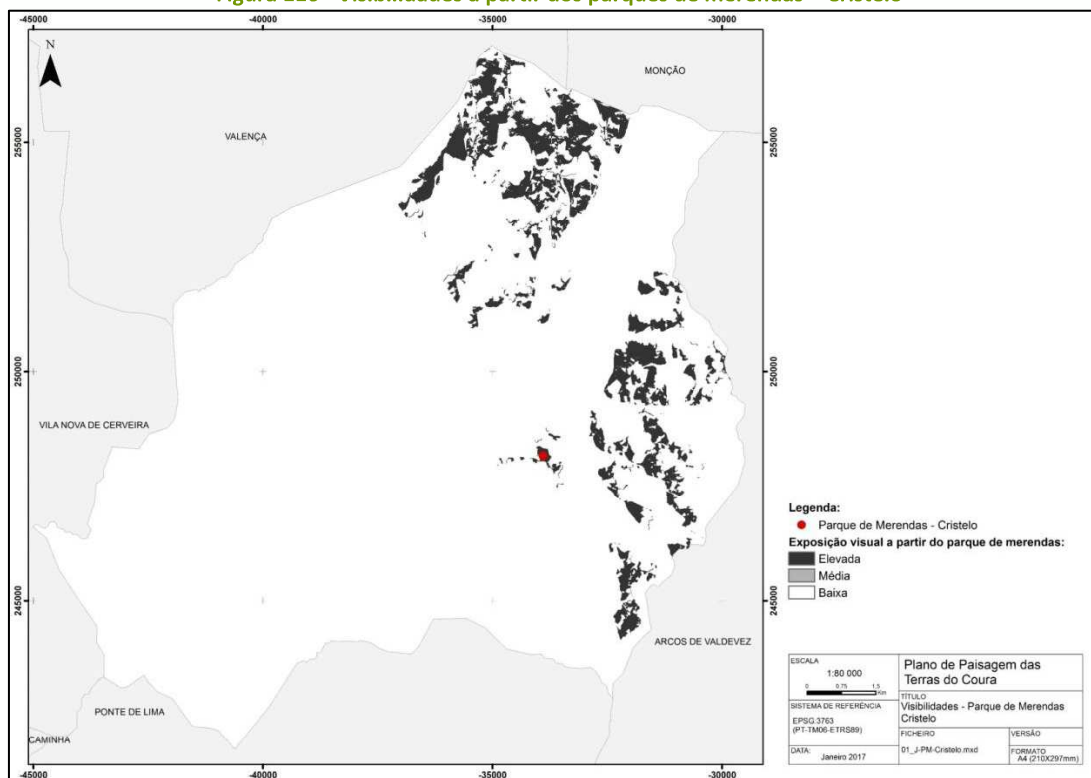


Figura 117 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Lagoa Salgueirinha

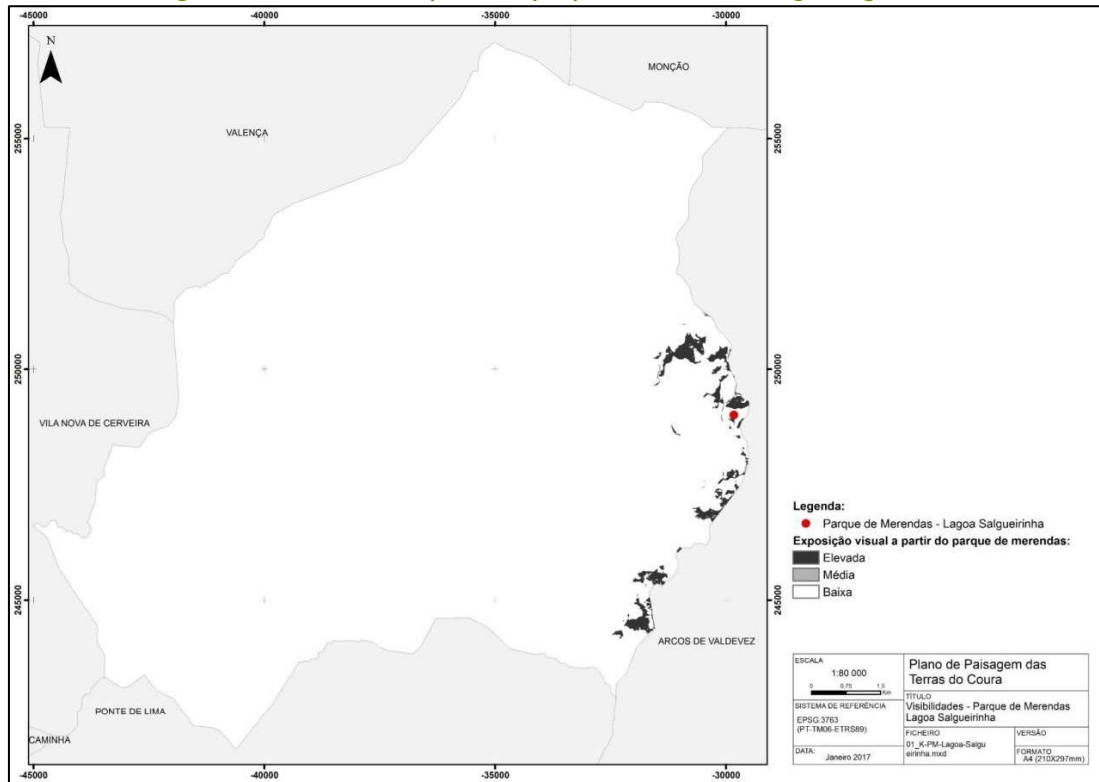


Figura 118 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – EN306

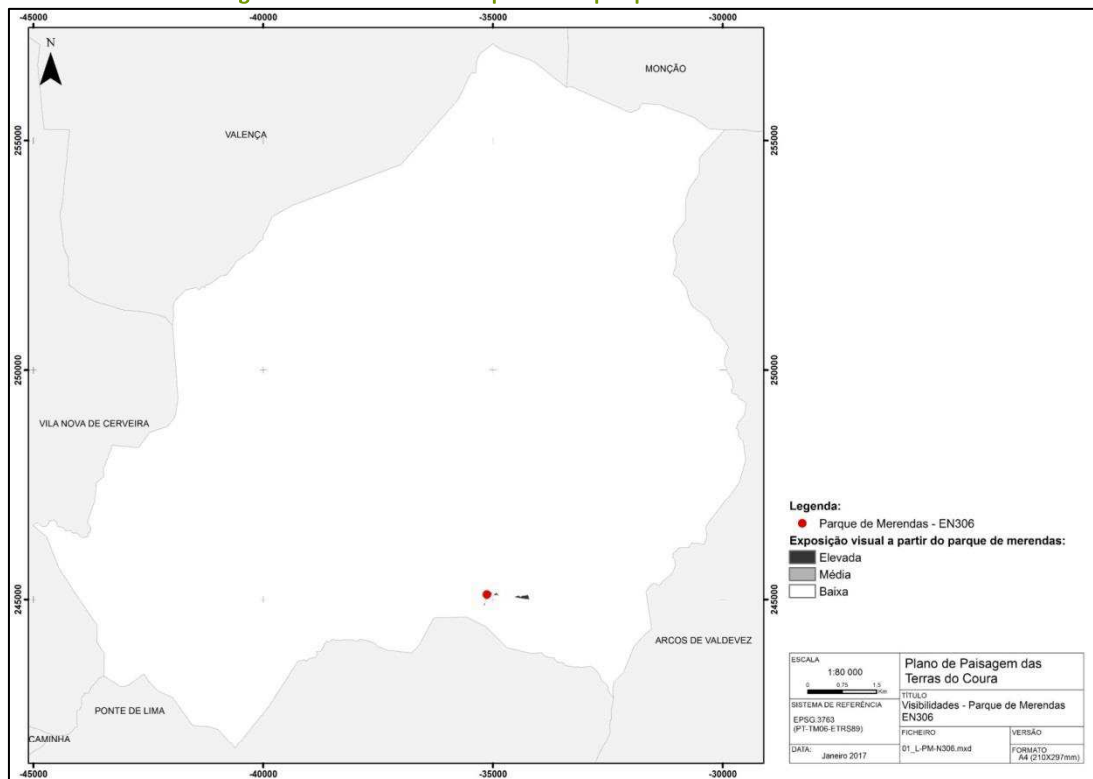


Figura 119 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Sequeira

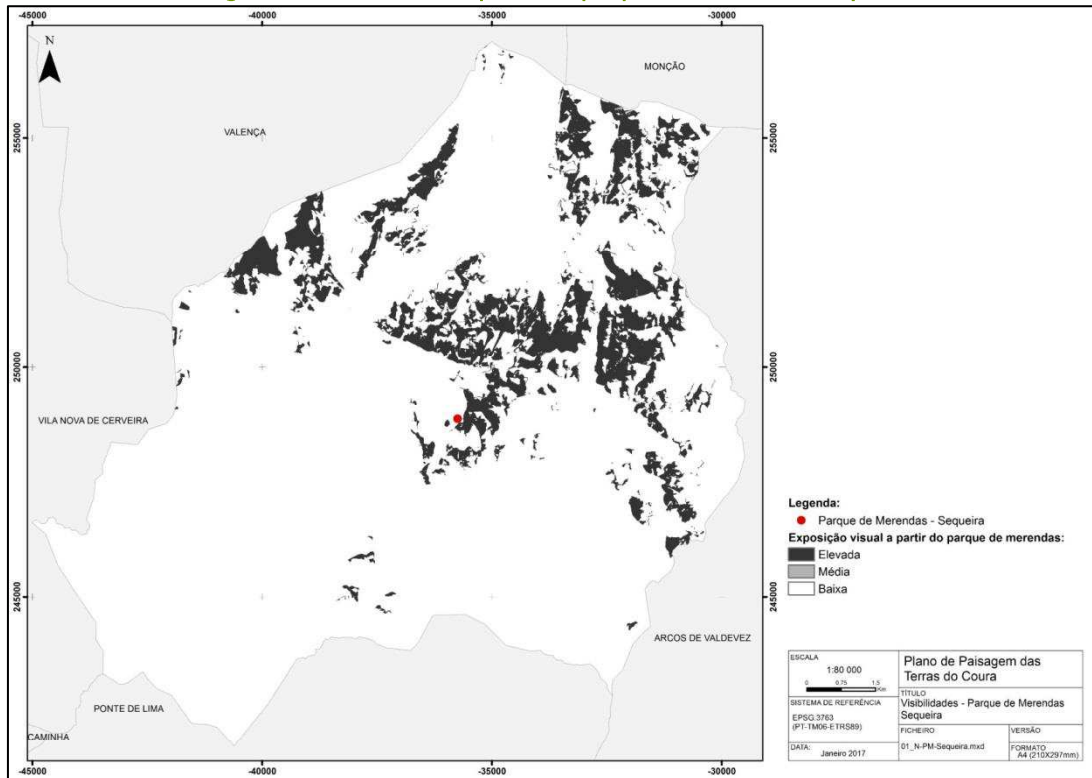


Figura 120 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Sr. de Irijó

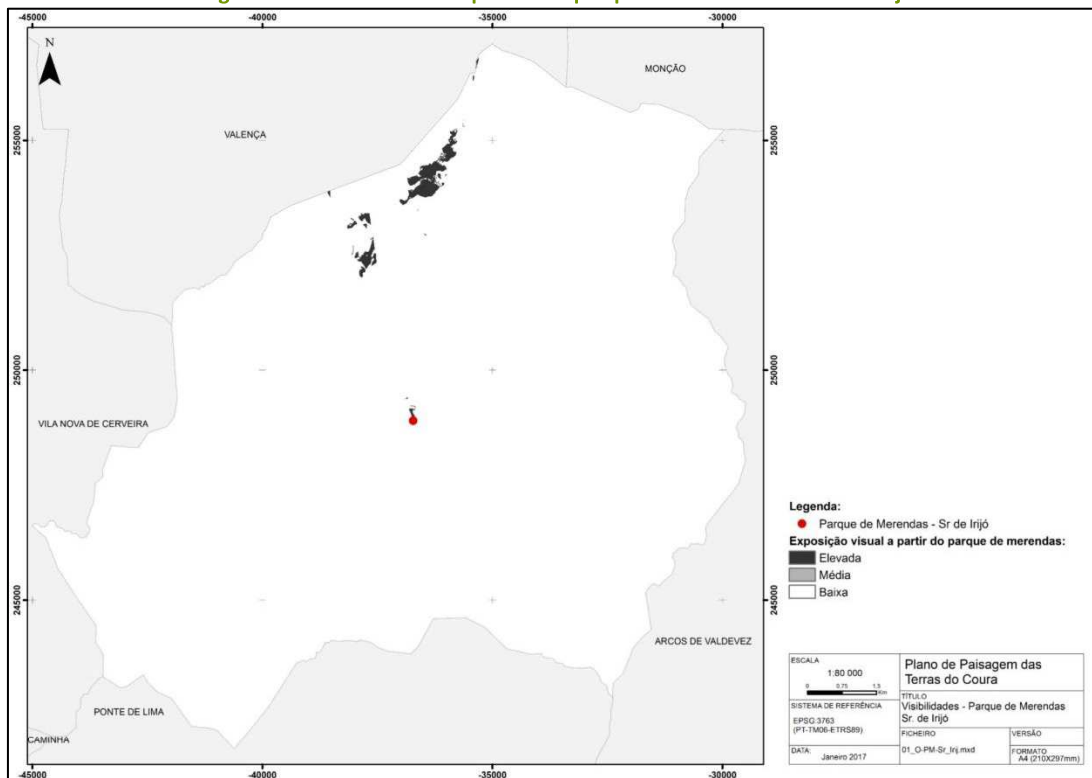


Figura 121 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Senhora da Pena

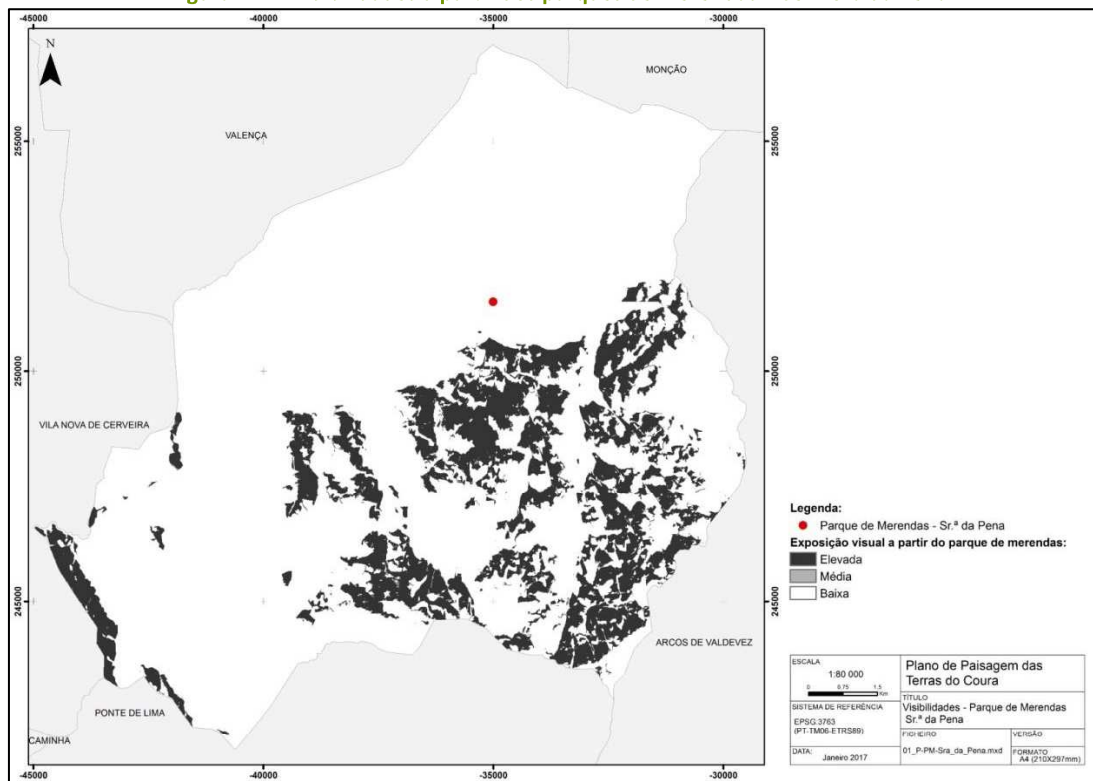


Figura 122 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – S. Silvestre

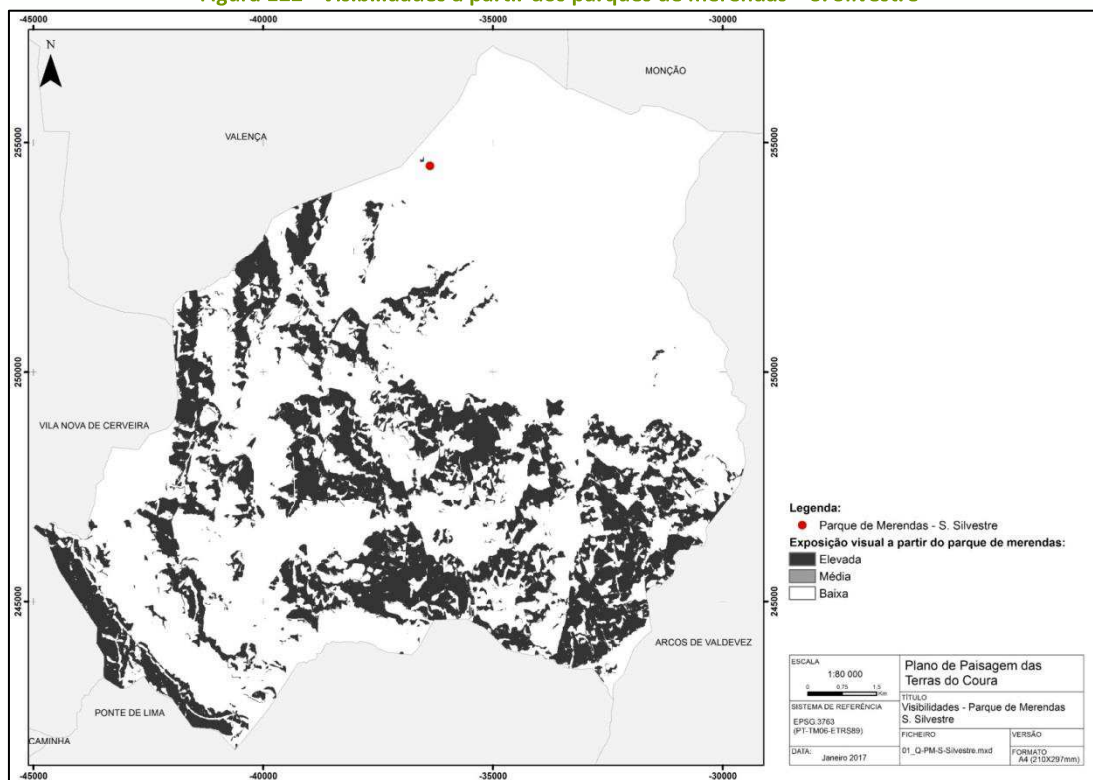


Figura 123 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Vascões

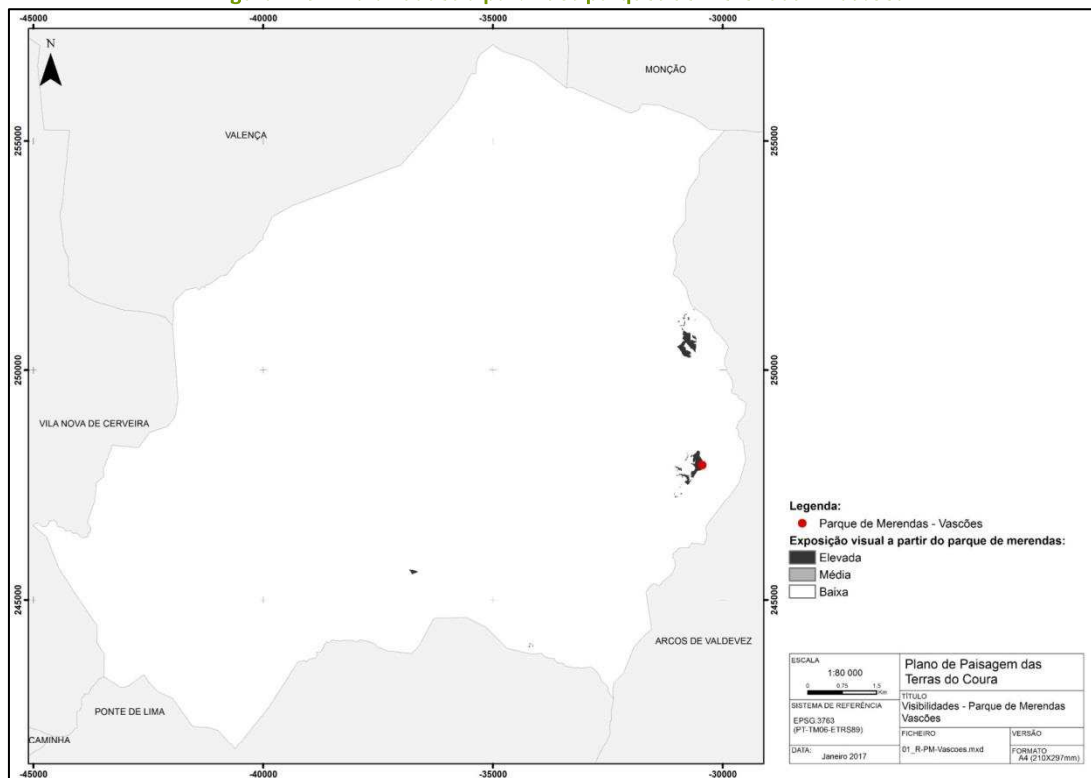


Figura 124 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Capela de Chavião

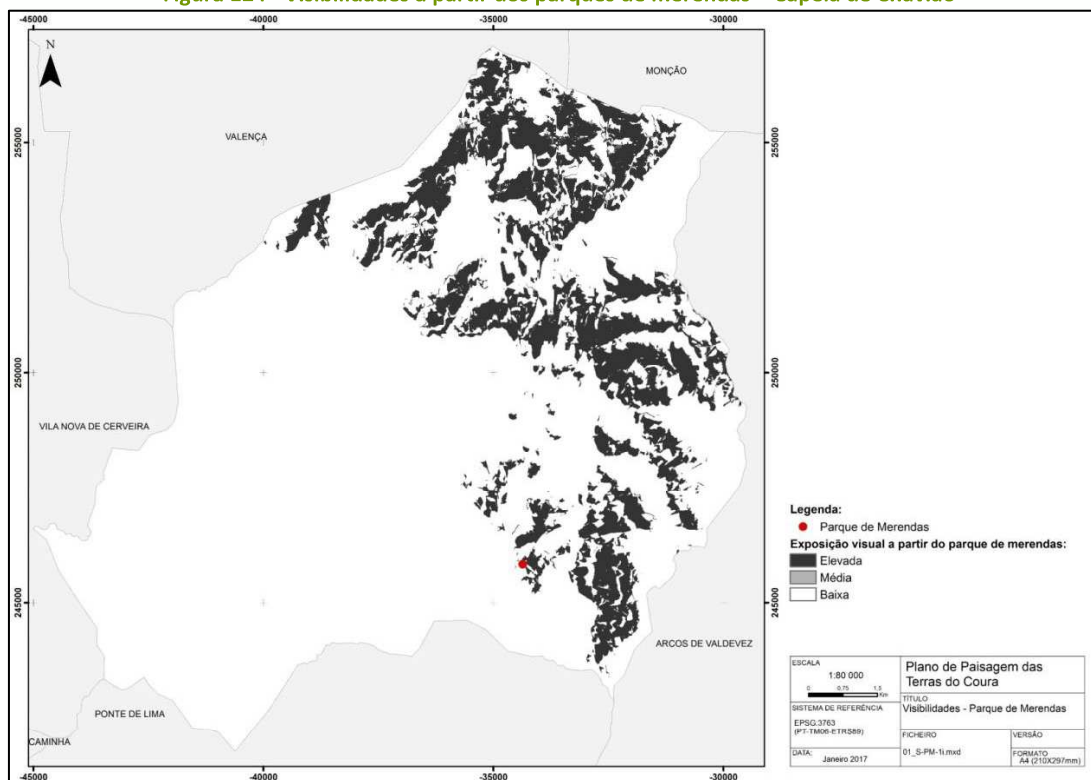


Figura 125 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Santa Rita (Santa Cristina)

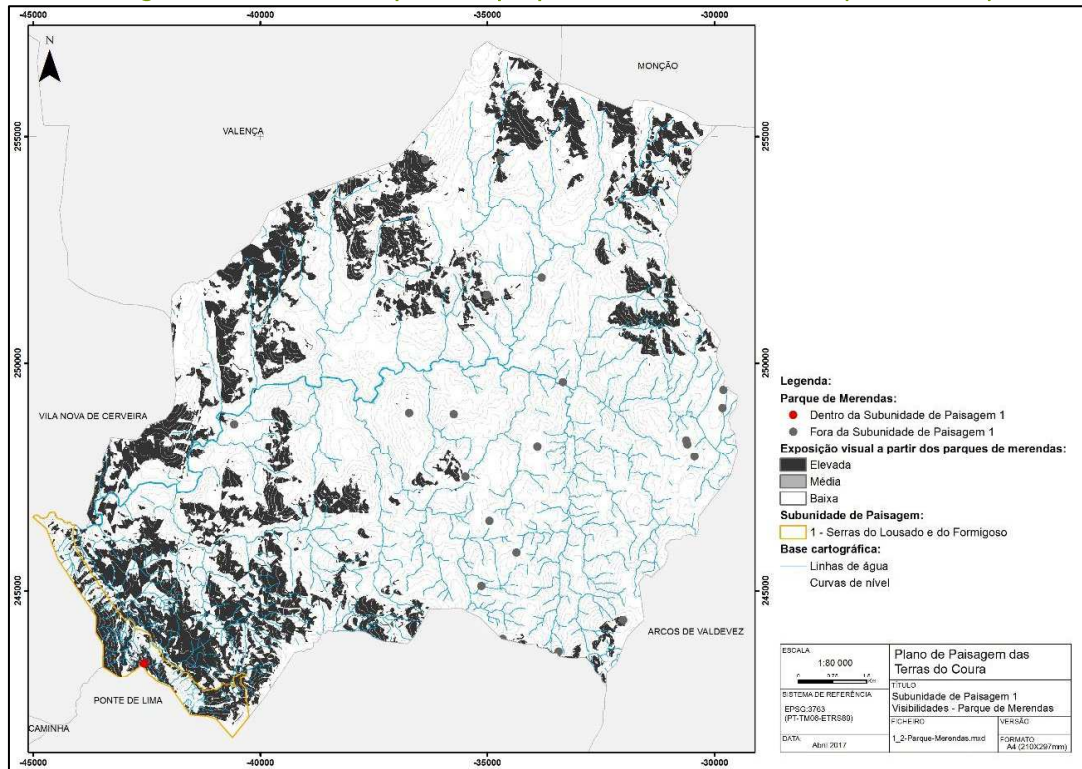
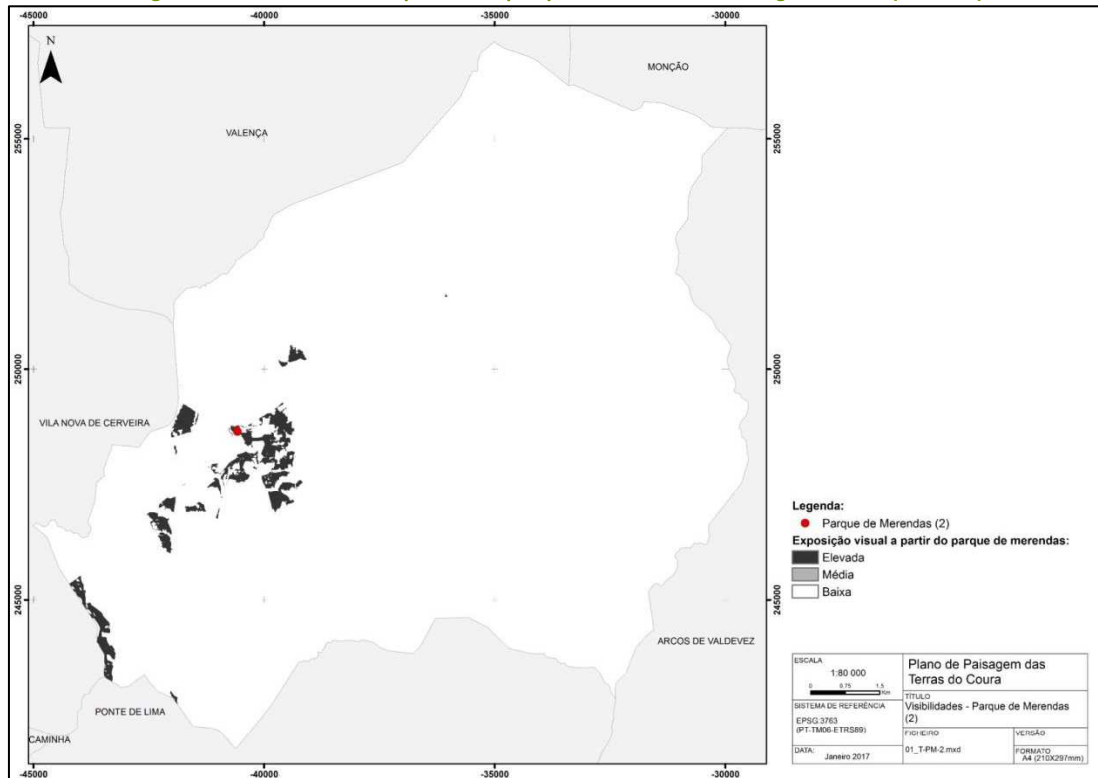


Figura 126 - Visibilidades a partir dos parques de merendas – Largo da Chão (Rubiães)



3.2 - Frequência de utilização e acessibilidade



185

“Cada parte compromete-se a estabelecer procedimentos para a participação do público, das autoridades locais e das autoridades regionais e de outros intervenientes interessados na definição e implementação das políticas de paisagem”¹⁸⁶

De acordo com a Convenção Europeia da Paisagem, a paisagem designa uma parte do território, tal como é apreendida ou percebida pelas populações. A paisagem compreende, assim, não só o espaço físico que resulta da acção e interacção dos factores naturais e humanos mas refere-se, sobretudo, à percepção da população sobre um determinado território.

Desta feita, a imagem individual e colectiva que se concebe, sobre uma paisagem, depende, em grande medida, da capacidade que determinado território possui para ser percebido. De entre outras variáveis, são a acessibilidade e a frequência com que as populações visitam um determinado local, os factores que assumem maior importância na sua percepção.

De facto, pode afirmar-se que, quanto melhor for a acessibilidade de um determinado local, maior serão a afluência e a frequência com que a população a ele acede e, conseqüentemente, maior serão tempo despendido na sua observação e o conhecimento adquirido, a ele relativo, tal como maior será a probabilidade de assimilação e de percepção dessa paisagem.

É, pois, de concluir: em primeiro lugar, que a percepção da paisagem depende, principalmente, do seu uso, o qual, por seu turno, depende, directamente, da maior

¹⁸⁵ Leiras do Carvalho, Ld.ª 2016.

¹⁸⁶ CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. Artigo 5 – Medidas Gerais.

ou menor acessibilidade desse local; e, em segundo lugar, que uma maior acessibilidade e frequência, potenciam uma relação mais forte com a paisagem, gerando a construção de imagens e percepções colectivas, representativas desse lugar. Pelas mesmas razões, o inverso é também verdadeiro: os lugares menos acessíveis e frequentados tendem a ser mais difíceis de perceber e de, sobre eles serem construídas imagens colectivas.

Face à diversidade de usos de solo existentes, foi necessário, não só traduzi-los em imagens, facilmente identificáveis pela população, como, também, sistematizar toda a informação de cariz técnico inerente, de modo a poder ser, efectivamente, percebida pela população. Para o efeito, foram agrupadas as Classes de Uso do Solo (COS 2007) existentes, em cinco tipologias, sendo que, a cada uma delas, se associou um valor qualitativo de frequência, baseado na sua potencial procura, conforme se pode ver na tabela abaixo.

Tabela 15 - Usos do solo e frequência em Paredes de Coura

Tipologia	Cos 2007	Frequência
URBANA	Tecido urbano contínuo predominantemente horizontal Áreas de estacionamento e logradouros Tecido urbano descontínuo Equipamentos públicos e privados	Alta
AGRÍCOLA	Culturas temporárias de sequeiro Estufas e Viveiros Culturas temporárias de regadio Vinhas Outros pomares Pastagens permanentes Sistemas culturais e parcelares complexos Agricultura com espaços naturais e seminaturais SAF de outras espécies com culturas temporárias de sequeiro SAF de outros carvalhos com culturas temporárias de regadio SAF de outras espécies com culturas temporárias de regadio	Média
SERRANA	Tecido urbano descontínuo Tecido urbano descontínuo esparso Florestas de outros carvalhos Florestas de castanheiro Florestas de eucalipto Florestas de outras folhosas Florestas de sobreiro com folhosas Florestas de outros carvalhos com folhosas Florestas de eucalipto com folhosas Florestas de outra folhosa com folhosas Florestas de pinheiro bravo Florestas de outros carvalhos com resinosas Florestas de eucalipto com resinosas Florestas de outra folhosa com resinosas Florestas de misturas de folhosas com resinosas Florestas de pinheiro bravo com folhosas	Média-Baixa

Tipologia	Cos 2007	Frequência
	Florestas de pinheiro manso com folhosas Florestas de misturas de resinosas com folhosas Vegetação herbácea natural Matos densos Matos pouco densos Vegetação esclerófita densa Vegetação esclerófita pouco densa Florestas abertas de outros carvalhos Florestas abertas de eucalipto Florestas abertas de outras folhosas Florestas abertas de eucalipto com folhosas Florestas abertas de outra folhosa com folhosas Florestas abertas de pinheiro bravo Florestas abertas de eucalipto com resinosas Florestas abertas de outra folhosa com resinosas Florestas abertas de misturas de folhosas com resinosas Florestas abertas de pinheiro bravo com folhosas Outras formações lenhosas Cortes rasos Novas plantações Rocha nua Vegetação esparsa Áreas ardidas SAF de outras espécies com culturas temporárias de sequeiro SAF de outros carvalhos com culturas temporárias de regadio SAF de outras espécies com culturas temporárias de regadio	
INDUSTRIAL	Indústria Pedreiras Equipamentos Públicos e privados Rede viária e espaços associados	Média
FLUVIAL	Cursos de água naturais	Média-Baixa

A análise de frequência levada a cabo considerou a procura de cada uma das tipologias pela população, isto é, o número potencial de vezes que um lugar é visitado ou observado, considerando a sua atractividade.

A frequência está relacionada, quer com a estadia física e estática e o respectivo tempo de observação que a mesma proporciona, quer pela observação dinâmica, em trânsito ou deslocação, de uma paisagem. Neste último caso, embora o tempo de observação seja menor, é possível, num mesmo período de tempo, percorrer e observar mais lugares, ainda que, normalmente, de modo mais superficial e com grande dependência da bacia visual que lhes esteja associada.

Considerando que as actividades mais frequentes são, genericamente, aquelas que exigem a presença humana de modo mais contínuo e são praticadas em lugares de maior densidade populacional e com maior oferta de serviços e equipamentos. Contrariamente, as áreas com menor frequência correspondem a áreas mais

naturalizadas ou que sustentam actividades e usos mais extensivos do território, como sejam, por exemplo, as áreas de produção florestal.

Compreende-se, assim, que sejam as paisagens urbanas aquelas que registam maior frequência e, de entre elas, as que concentram um maior número de habitantes, serviços e equipamentos.

Com frequência alta, a paisagem urbana do centro da vila de Paredes de Coura, sede de concelho, concentra quase 20% do total da população do município, reúne o maior número de equipamentos, serviços e comércio e opera como centro de atractividade das populações locais.

Num segundo nível de frequência da paisagem urbana encontram-se os núcleos urbanos de Resende, Castanheira, Cunha, Rubiães e Formariz. Os restantes aglomerados urbanos apresentam menor frequência e integram, sobretudo, núcleos inseridos na paisagem serrana.

As paisagens agrícolas apresentam potencialmente uma frequência média. De entre elas assumem maior destaque e frequência, as que se encontram visualmente enquadradas junto dos núcleos populacionais.

As paisagens industriais apresentam também uma frequência média, resultante, desde logo, do facto de serem locais de grande concentração de emprego, sobretudo fabril.

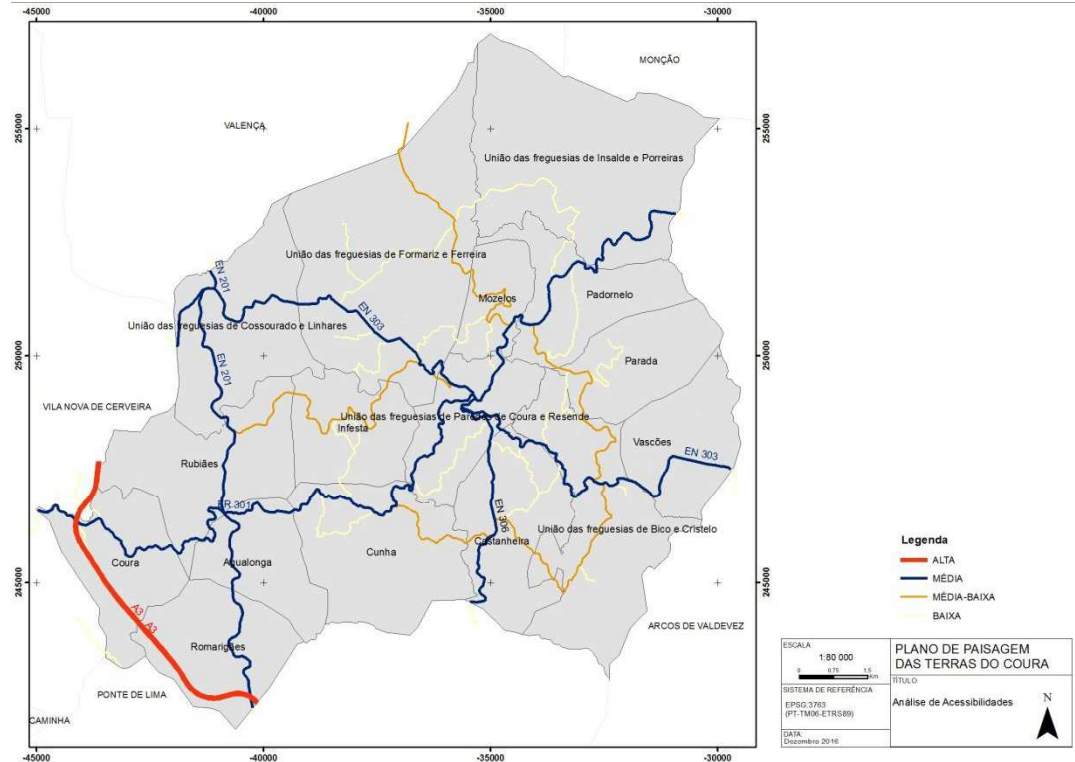
Num nível de frequência médio-baixo, situam-se as paisagens serranas e as paisagens fluviais.

Para a *análise à acessibilidade*, recorreu-se à hierarquia da rede de estradas, assumindo que esta se relaciona, directamente, com a densidade de veículos que nelas circula. O uso deste critério simplificado permite obter um valor aproximado do grau de observação e frequência visual de determinadas paisagens, conforme se pode ver na tabela seguinte.

Da leitura do mapa de acessibilidades da Figura 118, somos levados a concluir que há uma maior densidade de vias rodoviárias, entre os principais aglomerados populacionais. Esta densidade elevada aumenta a probabilidade de existir uma

maior frequência dinâmica, de observação da paisagem e, por isso, uma mais elevada, também, percepção desses lugares, cujas possibilidades de observação são muito altas.

Figura 127 - Análise de acessibilidades.



A alta acessibilidade da A3 representa uma oportunidade, apenas dinâmica, de observação da paisagem. Ao longo das restantes vias, a bacia visual condiciona o alcance possível para a observação da paisagem e, apenas pontualmente, se cruza com os lugares de maior frequência. A densidade das vias, porém, quando conjugada com lugares de frequências elevadas, como acontece com as vias de acessibilidade média, num raio aproximado da Vila, aumenta consideravelmente as possibilidades de observação.

Ao contrário da análise efectuada para a frequência, que foi elaborada tendo em consideração, apenas, a procura do território face ao uso do solo, a análise da acessibilidade, com recurso à hierarquia das vias de circulação rodoviária, implica ter presente que, ao atravessarem, ao longo do seu percurso, locais mais naturalizados e, como tal, potencialmente de menor frequência, permitem, em campo aberto, aumentar a frequência de observação dessas paisagens, que poderão não ser, sequer, fisicamente acessíveis.

Quanto mais acessível é um lugar, mais frequentemente poderá ser visitado, razão pela qual, as áreas de topografia mais acidentadas, como as da paisagem serrana, têm, em geral, uma menor frequência.

Não obstante a importância que a acessibilidade e a frequência assumem na construção de uma imagem, existem muitos outros factores que influenciam a percepção da paisagem, como sejam: as características naturais, determinados atributos patrimoniais, materiais e imateriais, e a própria subjectividade associada ao indivíduo na forma de apreender e vivenciar a paisagem.

Tendo em conta o que acaba de ser dito, o Plano de Paisagem das Terras do Coura delineou, para esta fase, um plano de participação pública, com o objectivo de obter uma percepção representativa das paisagens do concelho, fundada no estado da paisagem, nas actividades mais frequentes nela desenvolvidas e na importância atribuída a alguns impactes na sua qualidade, sem descurar, porém, do pendor emotivo que lhe está, invariavelmente, associado. Complementarmente, têm vindo a ser desenvolvidas várias acções de sensibilização, divulgação e partilha do próprio Plano.

Sensibilização e divulgação

Se é um facto, que a participação dos cidadãos, para a construção representativa de uma percepção de paisagem, é determinante, não é menos verdade que essa percepção depende, em grande parte, do estímulo, da divulgação e da reflexão que, nessa matéria, é feita junto das populações. É neste contexto, que a sensibilização e divulgação sobre o tema da paisagem, focada no território de Paredes de Coura, e assumida como uma prioridade, tendo sido já abordado e discutido em diversas conferências e seminários, devidamente especificados na tabela seguinte.

Tabela 16 - Momentos de divulgação e sensibilização

SEMINÁRIO	LOCAL	DATA
SOUTHWEST LANDSCAPE FORUM, REPENSAR A IMPLEMENTAÇÃO DA CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM.	AUDITÓRIO DE SERRALVES, PORTO	11-13 DE Outubro DE 2015
	A equipa foi convidada a participar, partilhando a sua experiência, relativamente à metodologia de trabalho do Plano de Paisagem, em curso nas Terras de Coura. A Arquitecta Isabel Matias, enquanto representante do CEAA/ESAP e da Valminho Florestal, apresentou a comunicação intitulada <i>Terras de Coura LandscapePlan. Recent development an on-going Pilot-Project.</i>	
REUNIÃO COM JUNTAS DE FREGUESIA, CASA DO CONHECIMENTO	PAREDES DE COURA	3 DE marco DE 2016
Primeira abordagem à elaboração do Plano de Paisagem, tanto ao nível dos objectivos quanto ao nível dos métodos prosseguidos e da imprescindibilidade da participação pública		
SEGUNDA REUNIÃO TEMÁTICA DO PROJECTO CO-ACTE3, "CO-ORGANIZAR OS TERRITÓRIOS PARA O BEM-ESTAR DE TODOS HOJE E NO FUTURO"	ARCOS DE VALDEVEZ	22 E 23 Junho DE 2016
	A reunião, que contou com cerca de 35 participantes de diversos países, entre os quais: França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Cabo Verde, Marrocos, e Portugal, teve como principais objectivos: (1) elaboração de um modelo de referência de co-organização do território; (2) identificação das medidas políticas, necessárias à emergência de um modelo participado pelos cidadãos; (3) definição do modo de financiamento das redes. A equipa fez-se representar pela Arquitecta Isabel Matias, a qual centrou a sua intervenção na metodologia desenvolvida no âmbito do Plano de Paisagem das Terras de Coura, com vista à obtenção da participação pública.	
I INTERNATIONAL CONFERENCE ON RESEARCH FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT IN MOUNTAIN REGIONS	BRAGANÇA	3-7 DE Outubro DE 2016
	A equipa apresentou a comunicação intitulada: <i>Terras de Coura LandscapePlan, integrada na Session 4: Governance, heritage and identity.</i>	

Para além destas acções, particularmente relevantes para a divulgação das questões técnicas inerentes ao Plano de Paisagem, têm vindo a ser divulgados os resultados dos estudos já elaborados no âmbito da paisagem, através da comunicação social, das redes sociais e, também, da disponibilização dos documentos já produzidos, na página de internet da Câmara Municipal de Paredes de Coura.

Figura 128 - Separador dedicado ao Plano de Paisagem das Terras do Coura, na página de internet do município.



Fonte: <https://www.paredesdecoura.pt/indexCMPC.php>

Resultados do processo de participação pública

É fundamental que todos possam reconhecer a sua própria paisagem e que os cidadãos e a administração local trabalhem em conjunto, nas decisões que se referem à sua identificação, protecção e gestão. É, assim, um dever da administração pública local, garantir que a população possa identificar e valorizar a paisagem onde permanece, e entender as dinâmicas que a transformam, colocando-lhe à disposição, as vias e os mecanismos adequados, para que os munícipes possam participar nas decisões a ela atinentes.

Nesta primeira fase, o Plano de Participação Pública encontra-se focado na sensibilização e no envolvimento dos atores representativos do município, no Plano de Paisagem. O seu objectivo principal é divulgar o processo em curso, envolver, sensibilizar e contribuir para a reflexão individual dos agentes e da população em geral, sobre o tema da paisagem recolhendo, em simultâneo e de modo

sistematizado, as informações existentes, sobre a percepção e interpretação da paisagem de Paredes de Coura.

A intenção do processo de participação pública passa, ainda, pelo envolvimento da população numa fase inicial do Plano, estimulando-a a acompanhar as restantes fases do Plano de Paisagem das Terras do Coura, criando, para o efeito, oportunidades de debate e reflexão sobre as paisagens.

Nesta fase de participação pública, os resultados obtidos permitem aferir uma percepção sobre as paisagens que, traduzindo a interpretação individual de cada participante, fornecem ao estudo uma visão representativa da população no que concerne às suas utilizações e principais problemas relacionados com a paisagem

O processo de participação pública consta, na íntegra, do relatório de participação pública, documento autónomo deste Plano de Paisagem. Como tal, neste capítulo, relativamente a tal processo, serão apenas apresentados as principais acções e as suas conclusões mais relevantes.

As acções de participação dividiram-se em seis sessões de participação pública, dedicadas a públicos-alvo distintos: Juntas de Freguesia, Agentes de Turismo, Técnicos da Câmara Municipal e População Escolar, num total de 162 participantes. As sessões públicas, realizadas entre Novembro e Dezembro de 2016, foram lideradas pela equipa técnica, à qual coube apresentar os trabalhos em curso, em sessão plenária, e enunciar os objectivos da sessão, reforçando o papel da participação da população neste processo.

Em cada uma dessas sessões, os presentes foram convidados a preencher um inquérito, principal instrumento desta fase de participação pública. Esse inquérito (em anexo) pretende sistematizar as interpretações sobre a paisagem de cada indivíduo aferindo, conforme atrás referido, sobre a emoção, o estado da paisagem, a sua utilização e as preocupações mais relevantes em termos de impacte na paisagem.

Para além dos participantes convidados para casa uma das sessões, a população em geral teve, também, a oportunidade de responder ao questionário *on-line*, durante um período de dois meses. Foram, ainda, disponibilizados inquéritos nos

balcões de atendimento da Câmara Municipal. Por estas duas vias foram recepcionados um total de 22 inquéritos.

Na tabela abaixo, apresentam-se os dados referentes às sessões públicas (para públicos específicos directamente convidados) e à participação da população em geral (inquéritos recepcionados via *email*, ou entregue nos balcões da Câmara Municipal) num total de 191 participantes.

Tabela 17 - Síntese das sessões de participação

PÚBLICO	Nº DE SESSÕES	LOCAL	DATA	PARTICIPANTES
Representantes das juntas de freguesia	1	Casa do conhecimento	18 de Novembro de 2016	33
Representantes dos agentes de turismo	1	Casa do conhecimento	29 de Novembro de 2016	9
Funcionários da CM	1	Auditório do edifício da Câmara Municipal	29 de Novembro de 2016	48
População escolar	3	Escola Profissional do Alto Minho Escola Secundária de Paredes de Coura	7 de Dezembro de 2016	78
População em geral	-	Inquérito <i>online</i> ou disponibilizado nos balcões da Câmara Municipal	-	22
TOTAL	6			191

Perfil dos participantes

A informação relativa ao perfil dos participantes, retirada do questionário, permite conhecer a população envolvida, o que facilita a compreensão das respostas dadas e uma melhor interpretação dos resultados. Além do mais, os dados recolhidos através deste bloco de perguntas, permitem aferir o interesse da população pela temática da paisagem, e obter os contactos dos participantes, importantes para fins de divulgação de resultados e de convite à participação em acções subsequentes.

Figura 129 – Bloco de questões 0 - relacionadas com a caracterização dos participantes

Dados pessoais

Em que freguesia vive? Idade:


Quero manter-me informado/a sobre o processo de participação pública Sim Não

Gostaria de participar com acções para contribuir para a melhoria das paisagens de P. Coura Sim Não

Se assinalou sim em qualquer uma das respostas acima, indique o seu e-mail:

Nome e sobrenome (*):

(*) Opcional



PLANO DE PAISAGEM
DAS
TERRAS DE COURA

Da população inquirida, mais de 80% reside no município de Paredes de Coura. Destes, 35% reside na União de Freguesias de Paredes de Coura e Resende e 10% na freguesia de Castanheira. As freguesias menos representadas são as freguesias de Rubiães, Parada, Infesta, Agualonga e Padornelo que, registam valores entre os 2% e os 3 % de representatividade. Das 16 freguesias do município, apenas a freguesia de Romarigães não tem representante identificado.

Gráfico 8 - Caracterização dos participantes segundo o município de residência por acção de participação.

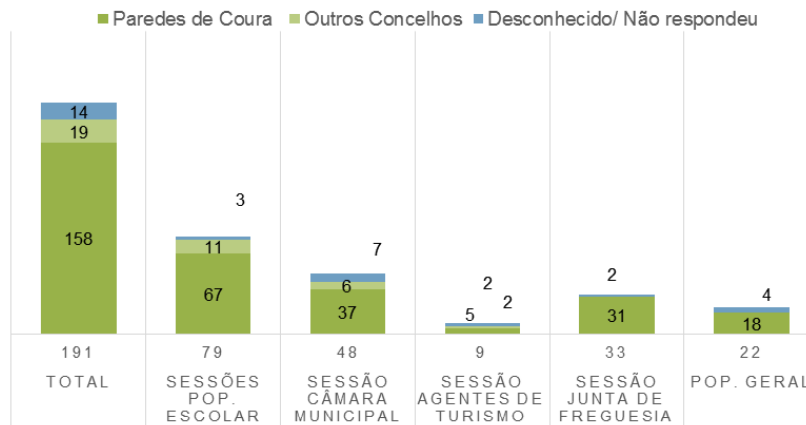
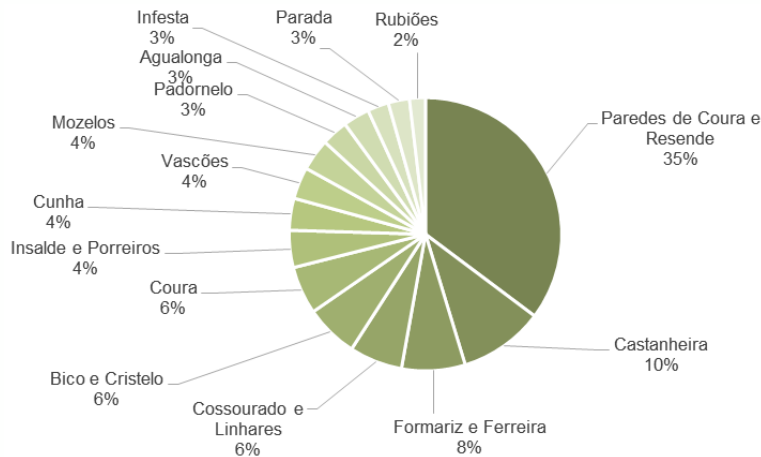


Gráfico 9 - Participantes por freguesia de Paredes de Coura



As idades dos participantes situam-se num intervalo muito abrangente, variando entre os 14 anos de idade (1) e os 81(1). O perfil com maior representatividade na participação pública corresponde à população com idades compreendidas entre os 15 e 19 anos (35%). Para este valor, contribuiu, significativamente, o facto de terem sido realizadas três sessões públicas com estudantes: duas sessões com alunos da

EPRAMI (em duas turmas diferentes) e uma sessão com alunos da Escola Secundária de Paredes de Coura (com duas turmas, em simultâneo).

No que diz respeito à distribuição dos participantes por sexo, 39% são do sexo masculino e 33% do sexo feminino.

Gráfico 10 - % Participação por grande grupo etário

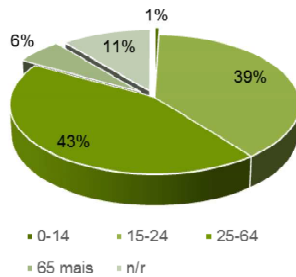


Gráfico 11 - % Participação por grupo etário

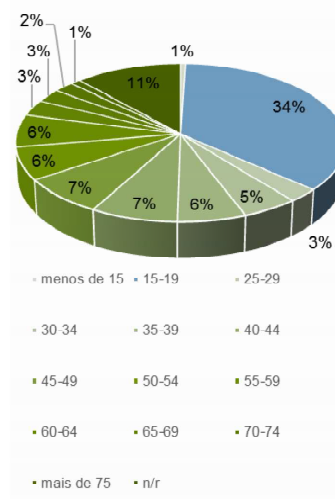
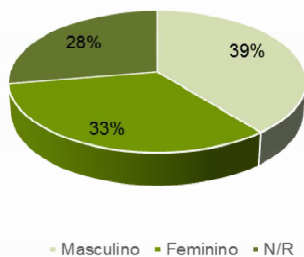


Gráfico 12 - % de participação por sexo



O interesse em receber, ou não, informação relativa ao Plano de Paisagem obteve 73% de respostas afirmativas. Contudo, uma análise mais detalhada leva-nos a concluir que, dos 59 participantes que não responderam a esta questão, ou que preferem não se manter informados, 79% pertence ao grupo etário mais representativo da amostra: entre os 15 e os 19 anos.

Quanto à questão colocada, acerca da disponibilidade para participar em acções que promovam a melhoria das paisagens das Terras do Coura, dos 191 inquiridos, apenas 28 - aproximadamente 20% dos que pretendem manter-se informados - manifestaram interesse em participar nessas acções.

Face aos objectivos traçados de maior envolvimento e aumento do interesse sobre as paisagens das terras do Coura, por parte da população, este é, provavelmente, o dado mais decepcionante, apurado nesta fase de participação pública.

Emoção e Percepção geral da paisagem

As emoções desencadeadas pelas paisagens reflectem vivências que influenciam a sua percepção individual. Na resposta ao bloco de questões 1 (figura 121), verifica-se que os participantes identificam positivamente as paisagens de Paredes de Coura, as quais lhes transmitem, maioritariamente, emoções de harmonia e beleza (137). Das 10 sugestões colocadas (que admitem escolha múltipla) destaca-se a harmonia e a beleza das paisagens, mas também o reconhecimento da paisagem de Paredes de Coura como um bom exemplo (117), como palco de boas memórias passadas (104), bem como de reconhecido contributo para a manutenção da biodiversidade (99). Porém, quando inquiridos sobre o valor económico que as paisagens podem gerar, o reconhecimento cai para cerca de metade (51), conforme o atesta o gráfico 13.

Figura 130 – Bloco de questões 1 – emoção provocada e percepção geral da paisagem

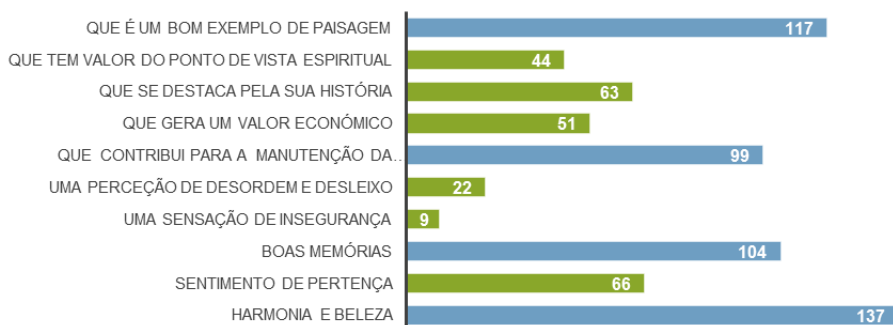
■ As paisagens quando são visitadas ou contempladas provocam emoções. O que lhe sugere a paisagem de Paredes de Coura: (Coloque um ✓)

<input type="checkbox"/> ... harmonia e beleza	<input type="checkbox"/> ... que contribui para a manutenção da biodiversidade
<input type="checkbox"/> ... um sentimento de pertença	<input type="checkbox"/> ... que gera um valor económico
<input type="checkbox"/> ... boas memórias	<input type="checkbox"/> ... que se destaca pela sua história
<input type="checkbox"/> ... uma sensação de insegurança	<input type="checkbox"/> ... que tem valor do ponto de vista espiritual
<input type="checkbox"/> ... uma percepção de desordem e desleixo	<input type="checkbox"/> ... que é um bom exemplo de paisagem

A associação negativa às paisagens, como a sensação de insegurança e a sensação de desordem e desleixo, é raramente interpretada e, por isso, menos frequente entre os participantes (9 e 22, respectivamente).

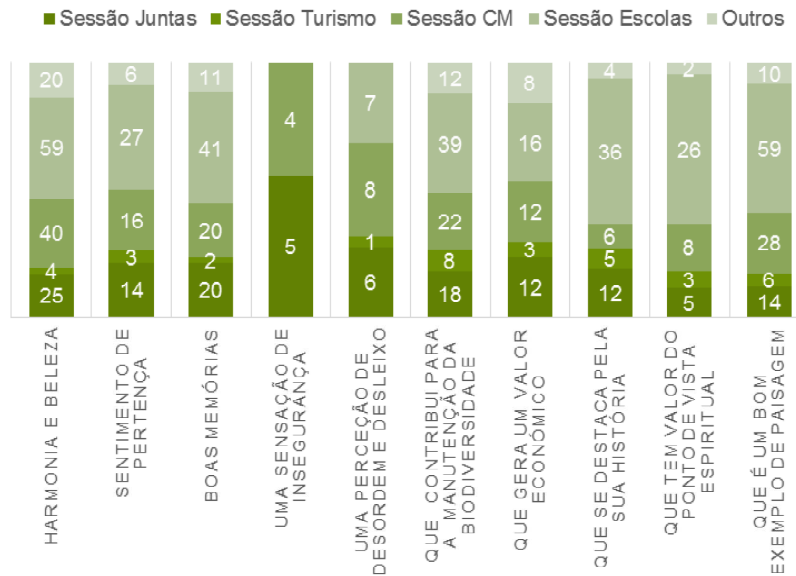
Gráfico 13 - Resultados à questão 1 - As paisagens quando são visitadas ou contempladas provocam emoções.

O que lhe sugere a paisagem de Paredes de Coura?



Não obstante a rara identificação negativa, é importante referir que, no que diz respeito à sensação de insegurança, apenas os participantes representantes da administração local (juntas de freguesia e câmara municipal) a identificam, como se pode observar no gráfico seguinte.

Gráfico 14 - Questão 1 - Resultados por público-alvo



Estado da paisagem e utilização

Neste inquérito, a percepção do estado da paisagem recorre à tipificação das paisagens em Urbana, Agrícola, Serrana, Industrial e Fluvial e associa-lhes uma escala qualitativa de “bom” a “mau”.

Figura 131 – Bloco de questões 2 - Percepção sobre o estado de paisagens e utilização

Cada um de nós sente as paisagens de maneira diferente. Marque com um ✓ em que estado entende que a paisagem está e em qual delas faria as actividades abaixo identificadas.

	Urbana	Agrícola	Serrana	Industrial	Fluvial
Bom estado					
Estado regular					
Mau estado					
Que actividades faria nestas paisagens?					
Descansar / repousar					
Passear / conviver					
Fazer exercício (correr, bicicleta, etc.)					
Outras					



De um modo geral, os resultados da participação indicam que estas paisagens se encontram num estado que varia entre o bom e o regular, sendo que apenas uma pequena parte percebe este tipo de paisagens como estando em mau estado.

A paisagem fluvial é, segundo os participantes, a que se encontra em melhor estado de conservação (105), seguindo-se-lhe a paisagem serrana com percepções de estado de conservação iguais entre o bom e o razoável (77) (ver gráfico seguinte).

Para a classificação da paisagem fluvial, a contribuição da população escolar foi fundamental, contribuindo com 60% dos votos nesta classificação. Esta foi, aliás, uma das mais evidentes manifestações da população escolar (60), que demarca, claramente, a boa percepção do estado da paisagem fluvial.

Às paisagens urbana, agrícola e industrial, é associado um estado, predominantemente, regular.

Entre as classificações de mau estado, destacam-se, pelo número de participantes, as referentes à paisagem industrial (28) e a serrana (26). Por outro lado, e reforçando o argumento relativo à percepção de bom estado da paisagem fluvial, apenas 13 indivíduos a percebem como má.

Gráfico 15 - Questão 2.1 - Percepção sobre o estado de paisagens

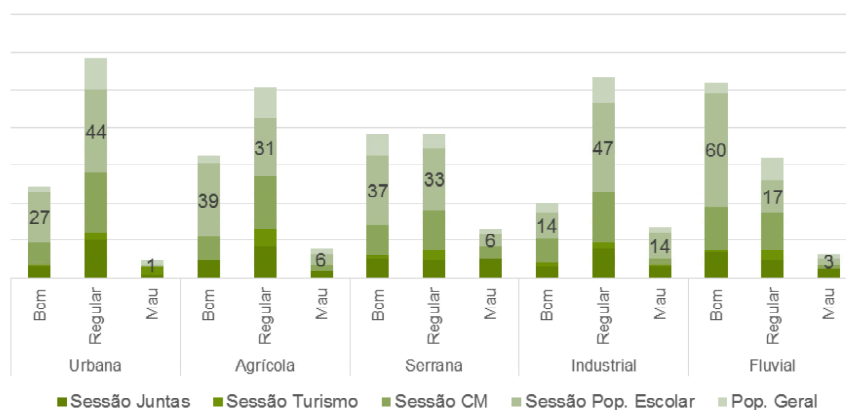


Gráfico 16 - Questão 2.1 – Resultados por público-alvo

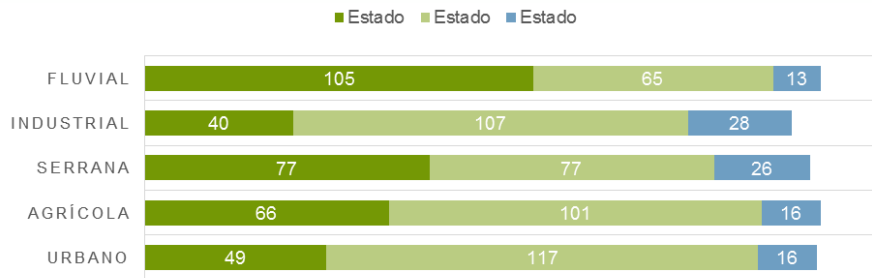
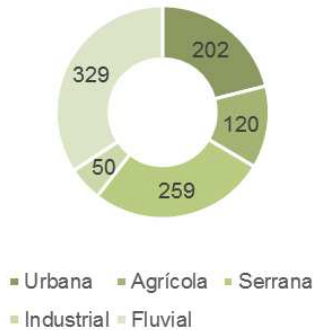


Gráfico 17 - Questão 2.2 – Frequência de utilização das paisagens



Das 960 respostas obtidas, relativas às actividades mais frequentes, 329 dizem respeito a actividades na paisagem fluvial, 259 na paisagem serrana, 202 na paisagem urbana, 120 na paisagem agrícola e, por último, com menos de metade das menções da anterior, 50 na industrial, como se observa no gráfico ao lado.

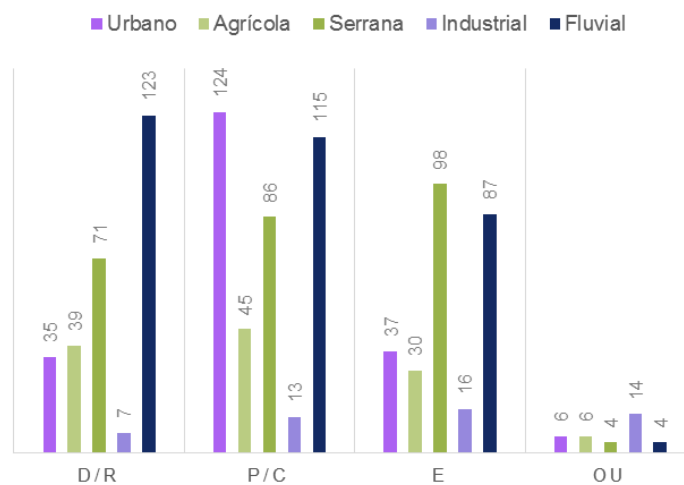
Curiosamente, as paisagens com maior atractividade potencial para a população, reflectidas na análise de frequência do capítulo anterior, não correspondem exactamente às que apresentam maior actividade. Este facto pode estar relacionado com as questões colocadas, uma vez que são muito vocacionadas para as actividades de lazer. Pese embora a abertura do questionário para a inserção de outras actividades, que não as relacionadas com o lazer – outras-, esta opção não foi muito utilizada.

Do mesmo modo, na paisagem industrial, tipicamente utilizada para actividades de trabalho, apenas 14, entre as 50 respondidas, inseriram actividades alternativas às indicadas. Na paisagem urbana, a situação é idêntica, sendo que das 202 respostas relativas às actividades realizadas nesta paisagem, apenas 6 participantes indicaram opções alternativas. Entre as mais votadas encontram-se o exercício e o passeio e convívio, com 16 e 14 votos, respectivamente. Neste contexto, poder-se-á assumir a conjugação de duas razões justificativas: a formulação das questões imediatas estar muito vocacionadas para as actividades de lazer -, e alguma falta de

entendimento por parte dos participantes relativa a esta questão e até sobre a representação da paisagem.

Dos resultados das actividades mais frequentes em cada uma das paisagens, destacam-se: a percepção da população, da aptidão da paisagem urbana, para o passeio e o convívio; a aptidão da paisagem fluvial para o descanso e repouso e, também, para o passeio e convívio e a aptidão das paisagens serrana e industrial, para as actividades de exercício.

Gráfico 18 - Questão 2.2 – Tipologia e frequência de actividades por tipo de paisagem



Para as demais actividades indicadas, obtiveram-se os seguintes resultados:

- ✓ Para a paisagem Urbana, foram indicados o trabalho e educação;
- ✓ Para a paisagem Agrícola, a caça e o trabalho;
- ✓ Para a paisagem Serrana, a caça e os desportos motorizados;
- ✓ Para a paisagem Industrial, o trabalho e,
- ✓ Para a paisagem Fluvial, a pesca, o festival de Paredes de Coura, a natação e a prática de yoga.

Quanto à multiplicidade de actividades que os participantes identificam para cada paisagem:

- ✓ A maioria dos inquiridos (141) apenas indicou uma actividade para a paisagem urbana. Por outro lado, 40 participantes não identificaram qualquer actividade que fariam em paisagem urbana e 37 fizeram múltiplas selecções;

- ✓ A maioria dos inquiridos (97) não procura a paisagem agrícola para exercer qualquer actividade, 75 selecciona-a para o exercício de apenas uma actividade e 50 associam mais de que uma actividade a esta paisagem;
- ✓ A maioria dos inquiridos (80) apenas identifica uma actividade para a paisagem serrana; 73 escolhe mais do que uma actividade e 38 não procura esta paisagem para o exercício de qualquer actividade.
- ✓ A maioria dos inquiridos (144) não procura a paisagem industrial, 41 identifica apenas uma actividade para esta paisagem e apenas 6, indicam mais do que uma, colocando a paisagem industrial como a menos utilizada.
- ✓ A maioria dos inquiridos (103) procura a paisagem fluvial para realizar múltiplas actividades e apenas 25 não a procura para realizar qualquer actividade.

Gráfico 19 - Questão 2.2 – Actividades múltiplas por tipologia de paisagem

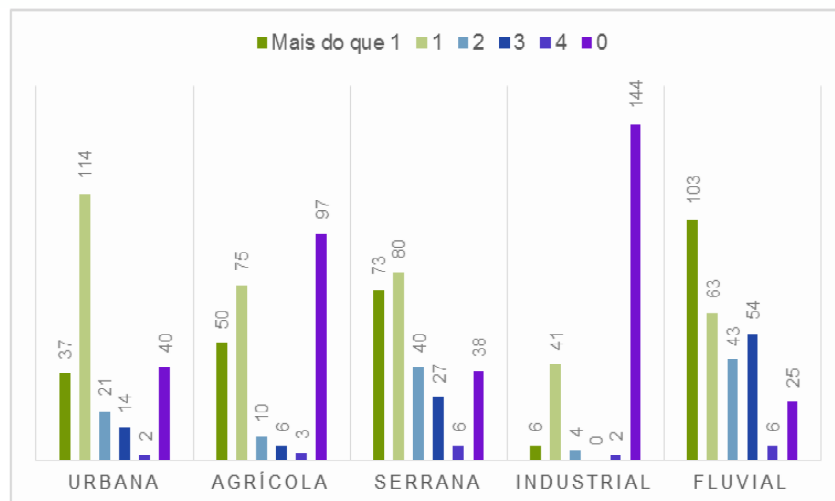
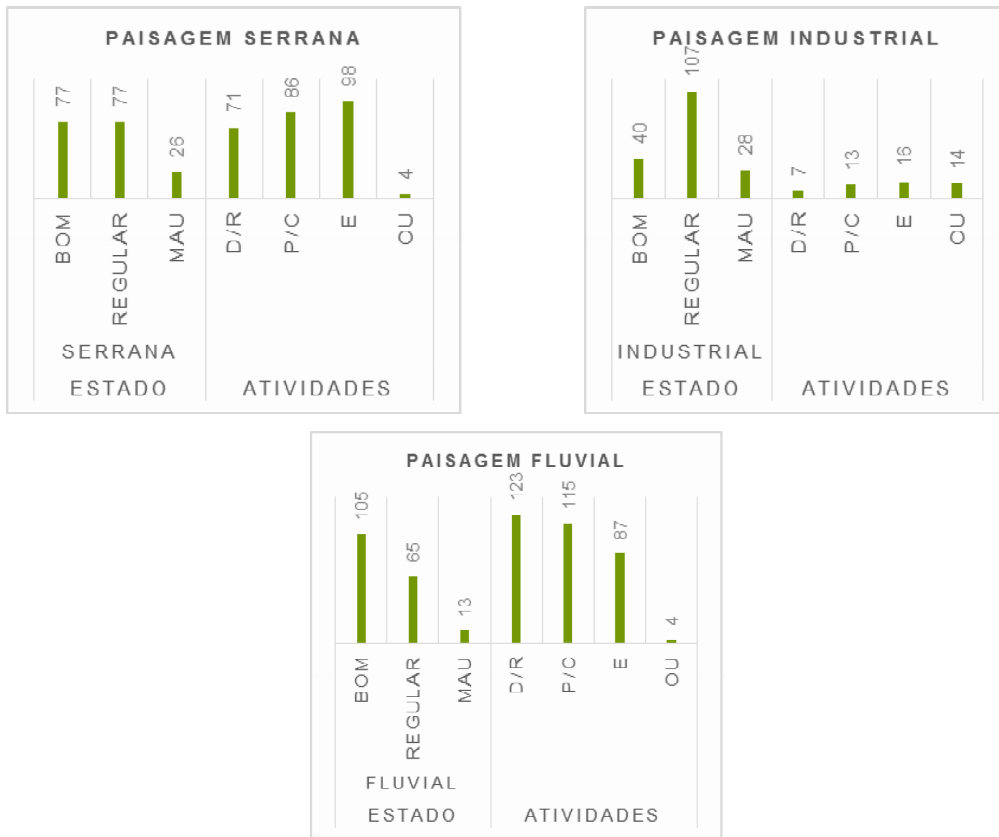


Gráfico 20 - Questão 2 - Relação entre estado de paisagem e actividades desenvolvidas





Impacte na qualidade da paisagem

Para analisar a percepção dos impactes na qualidade da paisagem, o inquérito recorre à tipificação de oito situações, às quais são associados graus de preocupação numa escala de “muito” a “nada”.

Figura 132 – Bloco de questões 3 - importância atribuída e impacte de certas actividades na qualidade da paisagem

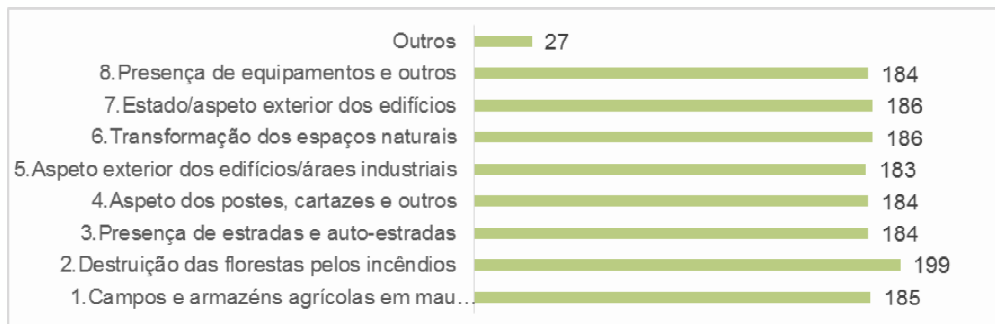
■ Alguns fenómenos naturais e actividades humanas degradam/estragam a qualidade das paisagens. Assinale com um ✓, em cada imagem, os aspectos que mais o preocupam.

 <p>1. Campos e armazéns agrícolas em mau estado</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>	 <p>2. Destruição das florestas pelos incêndios</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>	 <p>3. Presença de estradas e auto-estradas</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>	 <p>4. Aspecto dos postes, cartazes e outros</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>
 <p>5. Aspecto exterior dos edifícios/áreas industriais</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>	 <p>6. Transformação dos Espaços Naturais</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>	 <p>7. Estado/aspecto exterior dos edifícios</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>	 <p>8. Presença de equipamentos e outros</p> <p><input type="checkbox"/> Muito</p> <p><input type="checkbox"/> Pouco</p> <p><input type="checkbox"/> Nada</p>

Quer apontar outro(s)?

As respostas obtidas revelam que a maioria dos inquiridos tem como preocupação maior, o impacto causado pelos incêndios na destruição das florestas, seguindo-se a preocupação com o impacto dos demais fenómenos, todos eles com uma valoração muito próxima, conforme se pode ler no gráfico 21.

Gráfico 21 - Q3 – Número de respostas por questão



Na análise destas questões (bloco de questões 3), para além dos valores absolutos, foi tida em consideração, a diferença entre o número de inquiridos que atribuiu ao impacto do fenómeno a classificação de “muito” e o número de inquiridos que atribuiu ao mesmo, a classificação de “pouco” e a classificação de “nada”.

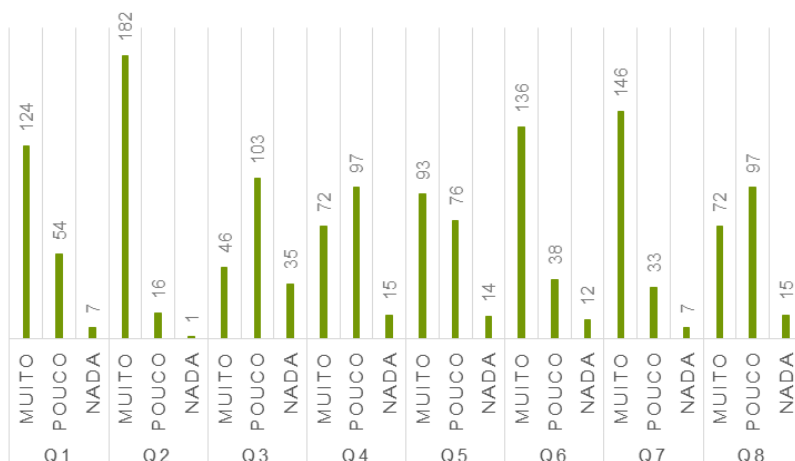
Assim ponderados os resultados, pode concluir-se que a população que participou neste inquérito considera, como sendo mais preocupantes, os seguintes fenómenos com impacto sobre a paisagem, ordenados por ordem decrescente de preocupação:

1. Destruição da mancha florestal pelos incêndios;
2. Transformação dos espaços naturais;
3. Estado/ aspecto exterior dos edifícios;
4. Campos e armazéns agrícolas em mau estado;
5. Aspecto exterior dos edifícios/ áreas industriais

Por outro lado, as actividades que menos preocupam a população – ponderados os resultados nos mesmos termos – são:

1. Presenças de estradas e auto-estradas;
2. Aspectos de postes, cartazes e outros, *ex-âqueo* com a presença de equipamentos e outros.

Gráfico 22 - Questão 3



Do conjunto das questões colocadas directamente à população, merecem particular atenção as respostas obtidas no campo “outros” do questionário, o qual permitiu aos participantes exprimirem preocupações e anseios, relativamente ao território de Paredes de Coura, diferentes dos tipificados no bloco de perguntas em questão. O conteúdo desses comentários encontra-se transposto, na íntegra, na tabela seguinte, e demonstra que as preocupações mais recorrentes são as respeitantes à acessibilidade e adequação das estradas, à componente ambiental e à de manutenção dos espaços verdes.

Tabela 18 - Respostas no campo “Outros”

	Respostas no campo “Outros”
Sessão Juntas de freguesia	Destruição dos equipamentos públicos e património natural e construído, caminhos degradados, substituição das plantas autóctones por outras
	Zonas de recolha de lixo urbano. Paragens de transporte público
	A não fiscalização dos animais errantes, a plantação descontrolada de eucaliptos, principalmente na PPEB
	Equipamentos disponíveis em estado de degradação como por exemplo os polidesportivos; criação de mais espaços verdes na paisagem urbana
	Poluição industrial e rede de saneamento
	Limpeza de estradas e caminhos (bermas) falta ao mau estado de sinalização em geral, deficiente esquema de recolha de resíduos domésticos (desde logo pouco frequentes)
	Eucaliptização desregada. Falta de infra-estruturas desportivas integradas na paisagem - cicloviás, trilhos
Sessão Turismo	Falta manutenção de espaços verdes públicos; intervenções no meio rural ao nível viário por introdução de elementos dissonantes como pavimentação indiscriminada em tapete betuminoso e muros de suportes de terras em betão
	As estradas fazem falta para trazer as pessoas a Coura. A estrada n. 306-ponte-coura é péssima. Penso que muita gente não visita coura pelas péssimas estradas que fazem parte desta vila. Gostava muito também que os hóspedes que procuram esta Vila não tivessem que ir jantar (às 20h) a ponte de lima porque os restaurantes estão fechados no percurso até coura
	As estradas nacionais fazem falta, mas se tiverem qualidade e bons acessos

Sessão CM	A minha preocupação visa a paisagem agrícola no sentido em que com a tendência crescente de desaparecimento dos modos tradicionais de produção animal que gerou ao longo de séculos a paisagem de socalcos, eles venham a degradar-se. Relativamente à paisagem urbana penso que se deveria adoptar as espécies vegetais autóctones e de pouca manutenção
	Resíduos de Obras e Lixeiras
Sessões Pop. Escolar	Os parques da vila deveriam ter melhor aspecto- flores plantadas, árvores e bancos de jardins
	A praia fluvial deveria ser limpa e deveriam organizar o exterior
	As estradas do concelho deveriam ser melhores, especialmente nas aldeias. Isso iria trazer mais visitantes/residentes
	Destruição de trilhos e espaços para fins industriais
	Adequar os parques de merendes ao espaço envolvente
	Gosto muito deste projecto, apoio totalmente esta ideia. O nosso concelho está a degradar-se e é preciso pessoas com este tipo de iniciativas para embelezar locais que ficam mais feios ao longo dos anos. Neste sentido, como me foi anteriormente dito por responsáveis desta ideia, gostava que fosse feito algo em relação às paisagens, como plantar mais árvores não invasoras, que o monte fosse limpo de mato para também evitar incêndios.
	Caminhos pedestres em estado degradado
Lixo no chão. Se os cartazes forem de papel muitas vezes descolam-se e poluem	
Pop. Geral	Harmonização urbanística, nomeadamente na colónia agrícola chã lamas e demais centros de interesse (lugares/aldeias, etc.)
	Destruição da paisagem florestal autóctone
	Detritos que contribuem para a destruição da biodiversidade e as águas dos rios e seus afluentes. Alguns cortes de árvores e similares nas florestas

3.3 – Representação artística da Paisagem



187

*“O Minho tem o romanesco da árvore e o romance da família. A paisagem sugeriu-lhe, meu caro poeta, as prozas floridas do ridente livro”*¹⁸⁸

As representações literárias são uma referência importante no que diz respeito à paisagem. Este capítulo, dedicado à representação literária da Paisagem de Coura, assenta, sobretudo, em textos sobre memórias e identidade, escolhidos a partir de uma revisão bibliográfica a obras escritas de escritores, universitários locais e outros autores, que tiveram o privilégio de conhecer e escrever sobre as Terras de Coura. Como refere Simões¹⁸⁹, *“as paisagens são património cultural, elemento imprescindível da identidade de um povo ou até de um modelo de coesão de um Estado, identificando-se a população com determinadas porções de território, desenvolvem laços afectivos com ele, e o território torna-se, assim parte do sujeito”*.

A subjectividade inerente à apreciação da paisagem leva alguns autores¹⁹⁰ *“a distinguir a paisagem objectiva, a paisagem real, da paisagem subjectiva, ou seja, a ideia que se tem dela”* ou, dito de outro modo, entre aquilo que se vê (a realidade) e o modo como é visto (a percepção que dela se tem).

As imagens descritas, aqui apresentadas, são representações que relatam, não só as paisagens reais das Terras de Coura mas, também, a ideia que delas têm os seus autores. Na sua maioria, essas imagens *“pertencem à estética romântica do*

¹⁸⁷ José Augusto VIEIRA, *O Minho Pitoresco*, Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1886, p.12

¹⁸⁸ Camilo CASTELO BRANCO, *Novelas do Minho*, 2ª Edição, Lisboa, 1903, p. 73

¹⁸⁹ Paulo SIMÕES, *A Paisagem Cultural do Buçaco. A singularidade de um Território Turístico e de Lazer*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010, p.10.

¹⁹⁰ Vide, ROCHEFORT (1974) e LACOSTE (1977), *apud*, Paulo SIMÕES, *A Paisagem Cultural do Buçaco. A singularidade de um Território Turístico e de Lazer*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010, p. 11 e 12.

*pitoresco e do neo-realismo, nomeadamente, as representações da paisagem que dizem respeito aos conteúdos de promoção turística*¹⁹¹.

Das paisagens de Coura descritas na literatura avultam as que pululam da obra de Aquilino Ribeiro, escritor maior da língua portuguesa, que “foi um dia a Romarigães e apaixonou-se pela Senhora do Amparo, patrona de uma Capela em desdita”¹⁹².

São, de facto, de uma invulgar beleza e intensidade, as descrições das paisagens courenses que o autor nos oferece, sobretudo em “A Casa Grande de Romarigães” e “Arcas Encoiradas”, duas obras nas quais, segundo Pereira Júnior, “Aquilino dera provas de que o Alto Minho, suas paisagens e suas gentes, tinham também cativado o beirão empedernido”¹⁹³.

Arcas Encoiradas, Aquilino, 1953

“Paredes de Coura: São 7h45 e uma leve bruma leitosa, quase velo de lá muito carmeada, flutua sobre o cume dos montes. Mas essa gaze vadia, a esfiapar-se pouco a pouco, deixa a descoberto toda a moderação dos vales, e os rocios a florir, banhados pelo sol, faíscam e toucam-se, segundo o reflexo das folhas luzidias, dos mais variados cambiantes. Este Alto Minho tem a frescura das pradarias dentre Ave e Cávado, e a majestade da Beira. A serra de Arga parece postada lá adiante a barrar-nos o caminho com as suas escarpas de bronze”¹⁹⁴.

“O solar, com o seu pórtico joanino, principesco, as pirâmides esbeltas da capela e a sineira, as duas casas apalaçadas, o canastro mais vasto do concelho (...). As aldeias nesta parte do Alto Minho repartem-se pelo campo e não constituem aglomerados como na Beira ou Trás-os-Montes. Porque seja assim e não de outra forma levaria muito tempo a debater. Não é que o minhoto seja mais individualista que o beirão, ou o aproveitamento do solo aconselhe semelhantes dispersivo. Aqui

¹⁹¹ Álvaro DOMINGUES, *Paisagens Rurais em Portugal: algumas razões da polémica*, Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, vol XIX, Porto, 2003, p 111.

¹⁹² Alberto CORREIA, *Viajar com. Aquilino Ribeiro*. Porto: DRCNorte, Edições Caixotim, CEAR. 2003.

¹⁹³ CMP. Coura- *Aquilino Ribeiro em Terras de Coura*. Comemorações do Cinquentenário da Morte de Aquilino Ribeiro. Paredes de Coura: CM Coura, 2013, p. 5.

¹⁹⁴ Citado por CM. P. Coura - *Aquilino Ribeiro em Terras de Coura*. Comemorações do Cinquentenário da Morte de Aquilino Ribeiro. Paredes de Coura: CM Coura, 2013, p. 29.

deve andar uma razão: a abundância de fontes que borbulham do solo a cada passo, e mais vincadamente, porventura, a índole do suevo, tão amante de espaço livre que toda a extensão era pouca para ele”¹⁹⁵.

“A casa grande de Romarigães”, 1957¹⁹⁶

“Brilham ao sol os telhados reconstruídos e as paredes caiadas de fresco. A Sul, obra de duzentos metros, na encosta, a mata ergue seu biombo ameno. São pinheiros, carvalhos, sobreiros e eucaliptos a crescer à desmedida sobre o chão de tojo molar, que ali medra em proporções tropicais”¹⁹⁷.

“No seu solo abrigado e gordo nasceram as ervas, cuja semente bóia nos céus ou espera à tez dos pousios a vez de germinar. De permeio desabrocharam os cardos, que são a flor da amargura, e a abrótea, a diabelha, o esfondílio, flores humildes”¹⁹⁸.

“Voltou-se para o grande baldio, vestido com a serguilha ruça do matiço, pespontado de sobros, carvalhos, cerquinhos e pinheiros, uma frondosa mata a sudoeste, tudo a crescer à rédea solta da natureza, irreprimivelmente, apesar do dente dos reixelos e da podoa dos lenhadores. A água reluzia aqui e além nos algares das chãs e nos estirões rectos das regueiras, perdida e tão mal empregada que era abusar da bondade de Deus não a encaminhar para onde criasse flores e frutos. E o sol, um sol rijo e pesadão, de todo genésico, espojava-se sobre a terra à maneira duma galinha choca sobre os ovos da postura. Que rica quinta aqui se fazia! Tornou a dizer para consigo, filho revesso de campónios, aquém a paterna e o cálice não haviam obliterado a sentido da terra”¹⁹⁹.

“À tarde a brisa, que subia desde a costa do estuário do Coura, arrepiava-lhe brandamente as corutas e uma onda balsâmica e elísia varria a Casa Grande”²⁰⁰.

¹⁹⁵ CMP. Coura- *Aquilino Ribeiro em Terras de Coura*. Comemorações do Cinquentenário da Morte de Aquilino Ribeiro. Paredes de Coura: CM Coura, 2013, p. 29-30.

¹⁹⁶ CMP. Coura- *Aquilino Ribeiro em Terras de Coura*. Comemorações do Cinquentenário da Morte de Aquilino Ribeiro. Paredes de Coura: CM Coura, 2013, p.30.

¹⁹⁷ *Idem*, p. 30.

¹⁹⁸ *Idem*, p. 41.

¹⁹⁹ *Idem*, p. 42.

²⁰⁰ *Idem*, p. 43.

Também Narcizo Alves da Cunha, naquela que é conhecida como a *bíblia regional*, a monografia “*No Alto Minho – Paredes de Coura*”, de 1909, faz abundantes referências às paisagens de Paredes de Coura, sua terra natal, que conhecia com invulgar pormenor e amava sem reserva, como bem o atestam os trechos que abaixo se transcrevem:

“*Olhai para o “Taboão” - esse extenso lago de prata que vos fica aos pés-, refrescai os pulmões, em hausto tonificantes, com a ligeira briza, que perpassa sob a face deste límpido espelho, encrespando-lhe as águas, e depois julgai se este retalho da natureza não convida ao dolce fare niente*”.²⁰¹

“*Estamos em Mantellães, sobre a lendária ponte da broa de unto. Debruçai-vos no seu elegante gradil de ferro, escutai o battelar do motor hydraulico da próxima e conhecida fabrica de laticínios, a afinar, em rumorosa gamma, com o marulhar da corrente: voltai-vos, de seguida, para todos os lados e tereis um quadro novo, vivo, flagrante de intensa beleza. (...)*

Ao nascente, um lago, que acaba; ao poente, outro lago, que começa; ao sul, o giestal em flor, a estrada real para Infesta, e ao norte, em amphitheatro, o páinel mais brincado e característico d’uma ridente aldeia: - «Formariz de cima”.²⁰²

“*O Crasto de Bruzendes é o ponto onde desagúa o ribeiro de Gonçalvinho.*

Na margem fronteira, Infesta, estendem-se algumas folhas de terreno apaúlado, onde se vêem largos massiços de fétos formosíssimos, que atingem altura superior a um metro e que nos encantam pela sua frescura e pronunciada côr amarelada.

O rio, abraçando ali a esquecida fortificação, vai continuando a dar os seus amplexos carinhosos nos terrenos que o marginam até à nova ponte de Rubiães, na estrada real nº 24.

Seguil-o n’este trajecto é sentir a fascinação da natureza, cantada na sua linguagem mística e suavemente fascinadora”.²⁰³

²⁰¹ Cit. por José Augusto PACHECO – *Crónicas com Coura Dentro*. Paredes de Coura: Edição Azevinho, 2012, p.32.

²⁰² Narcizo C. Alves Da CUNHA, *No Alto Minho, Paredes de Coura*. Porto, 1909, p. 78 e 79.

²⁰³ Narcizo C. Alves Da CUNHA, *No Alto Minho, Paredes de Coura*. Porto, 1909, pp. 80 e 81.

Recuando ainda, um pouco mais no tempo – e porque as paisagens mudam ao seu sabor –, não podiam deixar de ter aqui lugar algumas descrições das terras courenses, pela pena de José Augusto Vieira, nos idos de 1886. Em “*O Minho Pittoresco*”, este médico, natural de Valença, deixa-nos representações do concelho como as que se seguem:

“O largo panorama da estrada termina; as devesas de trabalho abrem-nos uma sombra melancolica, e ali perto, no monte, erguendo-se d’entre um tufo de pinheiros, o eremitério levanta a sua torrezita modesta, sobre que o marco geodesico reflecte a sua claridade branca.

É tradição que esta igreja fôra antes capella d’um convento, que se diz ter havido em Cossourado. (...) A configuração do terreno, que lhe está sobranceiro (...) recorda involuntariamente a historia antiga d’estes logares. Seria aqui (...) a *Cauca* romana, dando pela corrupção do termo a palavra actual de Coura? (...) Há, é certo, quem refute taes opiniões (...) o que, porem, não póde negar-se, são os vestígios da povoação romana n’aquelle monte próximo da Igreja, nem que o sejam também as formosas columnas ou marcos monolithicos, que d’ahi foram para constituir o alpendre da capella de S. Bartholomeu das Antas, na freguesia de Rubiães. (...) É no alpendre d’esta capella, onde existem três sepulturas de família, que estão servindo os seis marcos trazidos de Cossourado (...) da epocha do imperador Augusto.”²⁰⁴

“A estrada vae-nos escondendo Rubiães para nos mostrar, á direita, quasi na suaourella, o pequeno adro de *LINHARES*, ladeado por castanheiros e oliveiras formosas. (...) A estrada vae atravessando Linhares, deixando sobre a direita e esquerda pequeninos valles, onde milharaes ostentam as suas flammulas auri-verdes. Já no extremo da freguesia, deparamos com a ermida do Senhor do Amparo.”²⁰⁵

“Sobe-se um pouco agora, caracoleando por entre a verdura dos campos cultivados, e entra-se finalmente em *PAREDES*, na villa, ou melhor achâmo-nos dentro d’ella, sem que nos apercebamos que há para isso um limite a transpor, por isso que a

²⁰⁴ José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, tomo 1, Edição Rotary Club de Valença, Valença, 1986, pp. 121 e 122.

²⁰⁵ José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, tomo 1, Edição Rotary Club de Valença, Valença, 1986, p. 123.

*vegetação é sempre a mesma, a paisagem não muda, e a casaria não se agrupa na serie tão desgraciosa por vezes, das tristes ruas das villas de provincia. (...) Logo á entrada o viajante depara á esquerda com um espaçoso largo, recentemente terraplanado e arborizado, onde teem logar as feiras.*²⁰⁶

Contudo, autores locais como José Augusto Pacheco que, para além de trabalhos académicos sobre Paredes de Coura, publica regularmente crónicas no jornal local, “Notícias de Cura”²⁰⁷, merecem aqui igual destaque, desde logo, pelo facto de nos trazerem a visão da paisagem actual das Terras de Coura, não obstante, no caso concreto de Pacheco, a sua descrição da paisagem estar, a maior parte das vezes, ligada a memórias de infância e juventude.

“Corno de Bico”, Santa, 22 de agosto de 2003

“Sem qualquer programa delineado, e depois de ter enveredado pela “estrada da Labruja” (estrada de Travanca), no sentido Ponte de Lima - Paredes de Coura, cortámos à direita, logo que vimos a placa sinalizar a área protegida do Corno de Bico. Confesso que era a segunda vez que descobria esse trajecto, sempre de carro, apenas o tinha feito nos finais da década de 1980. (...) Percorridos os primeiros quilómetros, sempre num piso de terra batida, mas em bom estado, confrontámo-nos, de forma surpreendente, com garranos que, por volta do meio-dia, estavam sob a sombra das árvores típicas da paisagem. (...) Retomado o percurso, vislumbrámos um miradouro, sem qualquer referência em termos de placas, tão-só encontrado pela calçada em pedra que está em fase de conclusão. Trata-se do miradouro sobre a rib^a dos Cavaleiros e a paisagem é mítica, serpenteada do verde dos campos, das árvores, das giestas, do castanho granítico das montanhas e do azul branqueado do horizonte. (...) Percorremos a paisagem protegida no sentido da Giesteira, retomando a estrada nacional em Vascões. Para trás ficara uma paisagem deslumbrante, fortemente desprotegida para os transeuntes, que se sentirão perdidos, perante tantas encruzilhadas, não falando do perigo eminente em que se encontra perante o calor abrasador do verão. A variedade de espécies

²⁰⁶ *Idem*, p. 126.

²⁰⁷ José Augusto PACHECO – *Crónicas com Coura Dentro*. Paredes de Coura: Edição Azevinho, 2012.

*autóctones e as paisagens lindíssimas e humanizadas são a riqueza máxima desta área classificada*²⁰⁸.

“De Coura ao serrado”, S. Paulo, 30 de Setembro de 2003

*“Estranhamente, quanto mais nos globalizamos em informações e contactos, mais apreciamos e valorizamos o que faz parte das nossas paisagens diárias. A globalidade não existe sem localidades, em cujas identidades procuramos as raízes”*²⁰⁹.

“Alma de território”, Braga 10 de Fevereiro de 2004

“Território com alma. É esta a expressão de identidade de Paredes de Coura, difundida pela Câmara Municipal. Outras identidades têm sido construídas para as Terras de Coyra: “Suíça Portuguesa; “Celeiro do Minho”; “Terra Hospitaleira””.

*“Ser e estar em Coura, para além das pessoas, do Tabuão e doutros espaços idílicos, é marcar encontro com uma alma grande”*²¹⁰.

“Diospireiro”, Braga 20 de Dezembro de 2005

*“O outono é um desses momentos belos da natureza. E Coura é ainda mais bela com as suas árvores despidas ou totalmente amarelecidas pelas cores tristes, frias, mas ao mesmo tempo alegres, porque anunciadores da primavera. Pelas terras de Coura não abundam os diospireiros, a não ser um ou outro perdido pelos quintais, pois os campos são, em geral, para as macieiras e para os castanheiros”*²¹¹.

“Correrias de crianças”, Braga 16 de Setembro de 2010

“O espaço do Monte de Santa – dos três montes que tínhamos à nossa disposição – sempre foi o mais desejado e, talvez, aquele em que a infância mais se projectou na

²⁰⁸ José Augusto PACHECO, *Crónicas com Coura Dentro*. Paredes de Coura: Edição Azevinho, 2012, p. 21-22.

²⁰⁹ *Idem*, p. 27.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 66.

²¹¹ *Idem*, p. 93.

*sua inocência e na sua liberdade de correr e gritar.*²¹²(...) *O espaço do jardim, mesmo que fosse de reduzido tamanho, no centro da vila, era um lugar obrigatório de convívio, quase sempre ao fim da tarde, enquanto esperava que meu pai regressasse do trabalho, e com quem ia para casa. (...) Por último, o espaço da escola primária, que se limitava ao espaço ao redor da escola, dita Conde de Ferreira, ou dos seus quatro lados estreitos e exíguos*²¹³.

No que se refere à representação pictórica das paisagens courenses, identificámos, como veículos privilegiados, os postais, o desenho e a fotografia, não esquecendo as publicações antigas, tais como o “*Minho Pittoresco*”, de 1886²¹⁴. Estas representações, que servem, desde logo, como identificador de paisagens datadas no tempo, valem, igualmente, enquanto elementos coadjuvantes, na análise da evolução da paisagem urbana, rural ou natural.

Ilustração 1 - “Paredes de Coura”



Desenhos do natural de João de Almeida²¹⁵

²¹² José Augusto PACHECO, *Crónicas com Coura Dentro*. Paredes de Coura: Edição Azevinho, 2012, p.231.

²¹³ *Idem*, p. 232.

²¹⁴ José Augusto VIEIRA, *O Minho Pittoresco* – Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1886.

²¹⁵ *Idem*, p. 129.

Ilustração 2 - “Uma beçada em Coura”



Ilustração 3 - “Carro de bois usado no Alto Minho”

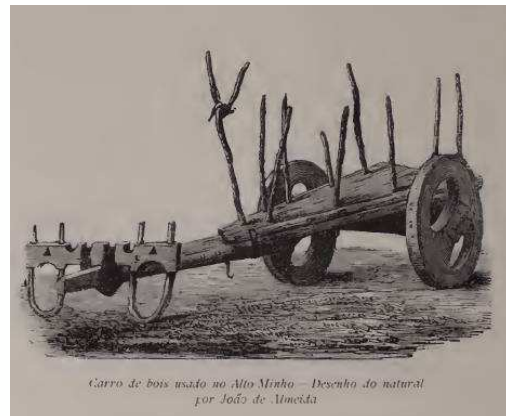
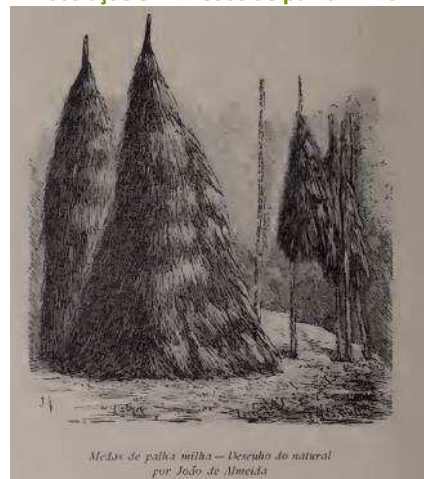
Desenhos do natural de João de Almeida²¹⁶

Ilustração 4 - “Espigueiro ou Caniço”



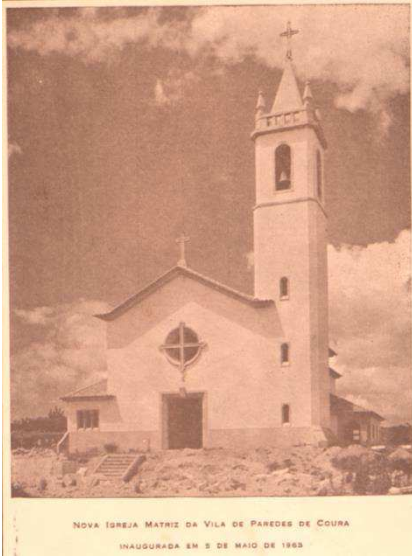
Ilustração 5 - “Medas de palha milha”

Desenhos do natural de João de Almeida²¹⁷

²¹⁶ José Augusto VIEIRA, *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1886. p. 121, 124

²¹⁷ *Idem*

Postal 6 - Nova Igreja Matriz da Vila de Paredes de Coura



Arquivo Municipal de Paredes de Coura. PT-MPCR-CPPCR-000034.

como, o Postal 6, aqui apresentado, que regista um momento das obras de construção da Igreja Matriz, inaugurada em 1963.

A representação pictórica da paisagem serve, via de regra, para registar um local, actividade ou acontecimento.

Há registos pictóricos que visam gravar a beleza bucólica dos trabalhos agrícolas e de outras paisagens rurais, há os que pretendem perpetuar a monumentalidade do património edificado, nomeadamente igrejas, pontes e outros edifícios de carácter arquitectónico relevante e há aqueles outros que registam alterações de vulto, ocorridas na paisagem urbana

O século XX dá início, neste domínio, às representações da paisagem através da fotografia e do postal. O Arquivo Municipal de Paredes de Coura tem à sua guarda um espólio fotográfico, “*proveniente das colecções da Casa do Outeiro, da Colónia Agrícola de Vascões e de J. Justino Dias de Castro, que para além de incorporar o espírito do tempo passado espelha também uma mundividência social*”²¹⁸. Aí encontramos, também, uma colecção de postais com vistas de lugares e da vila, que retratam os mais variados objectos, que vão desde as composições na paisagem até às procissões, passando pelos campos agricultados, os festejos populares ou as comunitárias operações do linho.²¹⁹

²¹⁸ Maria do Carmo SERÉN, *Deambulações no Tempo. Retórica de uma Memória de Paredes de Coura*. Paredes de Coura: CM Coura, 2010, p. 7.

²¹⁹ *Idem*, p. 13

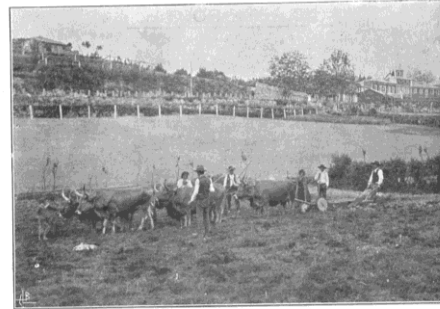
Postal 7 - Rua Dr. Albano Barreiros- Paredes de Coura



Rua Dr. Albano Barreiros—Paredes de Coura Edifício de Gonçalves Pereira

Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT-MPCR-CPPCR-000019.

Postal 8 - Uma lavrada



Uma lavrada—Paredes de Coura Edifício de Gonçalves Pereira

Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT-MPCR-CPPCR-000014.

Houve a preocupação, neste Plano de Paisagem, de evidenciar os registos urbanos, uma vez que traduzem, de forma imediata, perspectivas várias da evolução urbana, razão pela qual são aqui apresentadas, tanto as imagens conjuntas da vila como aquelas que retratam as frentes urbanas e, ainda, as imagens que, simplesmente, registam edifícios isolados.

De facto, tal como refere Serén, os postais anunciam a sociedade de consumo, são colecionáveis, são gravuras “*Variam os temas, mas é indiscutivelmente a paisagem que mais se procura, pois constitui, de facto, a montra do mundo que a fotografia pretende ser*”²²⁰.

Os registos fotográficos impressos sob a forma de postal, que medeiam entre 1910 e a actualidade, informam-nos sobre os acontecimentos mais importantes vividos pela comunidade, em cada época, nomeadamente, da inauguração de um novo edifício, da sua transformação ou das vistas gerais da vila, susceptíveis de ser comparadas com registos mais antigos. Este tipo de registo veicula ainda elementos do folclore local como os trajos típicos e o contexto rural dos trabalhos agrícolas, quantas vezes, vividos em duplo modo de trabalho e festividade.

²²⁰ *Idem*, p. 12

Postal 9 - Sanatório Presidente Carmona

Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT-MPCR-CPPCR-000032.

Postal 10 - Cadeia Civil de Paredes de Coura

Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT-MPCR-CPPCR-000004.

Conforme atrás referido podemos, através destes registos, observar a mudança da paisagem urbana da vila, ao longo das décadas. A título de exemplo apresentam-se, aqui, os postais editados, um registo continuado do edifício dos Paços do Concelho, entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XXI,

Postal 11 - Paços do Concelho e mais repartições públicas, 1910?

Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT-MPCR-CPPCR-000010

Postal 12 - Paços do Concelho, 1932

Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura.
PT-MPCR-CPPCR-000039.

Postal 13 - Paredes de Coura, meados dos anos 80

Fonte: Edição Câmara Municipal Paredes de Coura.

Postal 14 - Paços do Concelho, 2014

Fonte: Arquivo Municipal de Paredes de Coura. PT-MPCR-CPPCR-000060.

No primeiro postal, s/d pode observar-se ainda a frente de rua do edifício, construído e inaugurado em 1884 e que, ao longo do tempo, albergou vários serviços públicos, incluindo o Tribunal.

No segundo postal, de 1932, verifica-se uma alteração do desenho urbano, que se traduz na criação de um largo em frente ao edifício, com o objectivo de aí implantar o busto do Conselheiro Miguel Dantas.

No postal seguinte, de data posterior a 1985, pode ver-se o novo edifício da Biblioteca e respectivas ampliações dos edifícios da Cadeia e dos Paços do Concelho. Consta-se, ainda, um novo arranjo urbanístico do Largo Conselheiro Miguel Dantas.

Por fim, o postal datado de 2014 dá-nos uma perspectiva da vista frontal dos Paços do Concelho, após a sua última intervenção, que consistiu, fundamentalmente, na restituição ao edifício da cor aproximada da original.

Mais recentemente, com as publicações de divulgação turística e pedagógica, sejam as editadas pela Câmara Municipal, pela Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM) ou por outras entidades, encontra-se disponível para consulta, na *Internet*, muita informação sobre o território Courense e as suas paisagens. Como exemplo refira-se a informação produzida sobre o(s) Caminho(s) de Santiago e a sua divulgação em diversos suportes analógicos e digitais.

A ilustrar o que acaba de ser dito, apresentam-se, de seguida, um conjunto de imagens, de uma das publicações oficiais de divulgação editadas pela CIM do Alto Minho e disponíveis na *Internet*.

Ilustração 6 – “Paisagem do Alto do Corno do Bico”

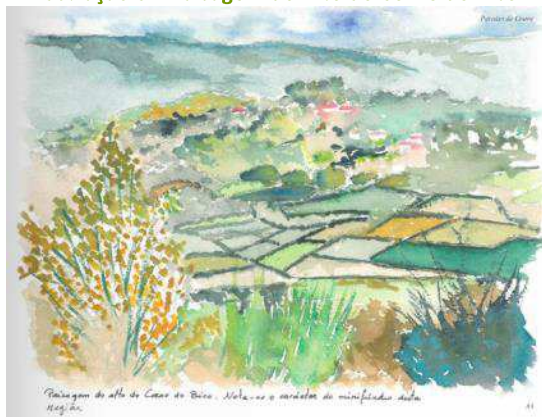
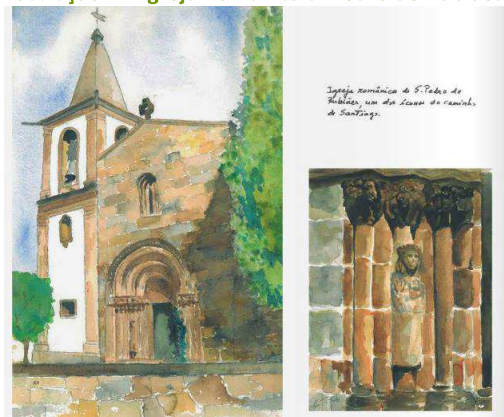


Ilustração 7 – “Igreja Românica S. Pedro de Rubiães”



Fonte: <http://pt.calameo.com/read/001994515342f7f9541ef>. Autor: Carlos Basto²²¹

Ilustração 8 – “Eira Comunitária e Espigueiros de Torreiros”

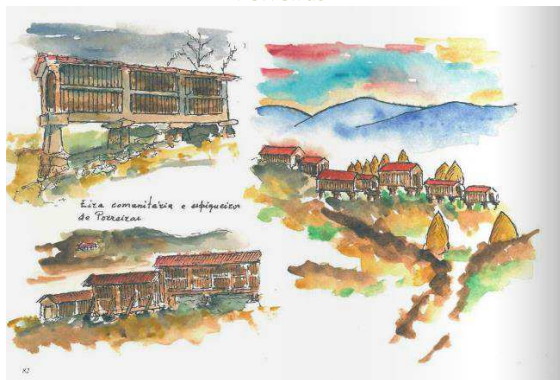
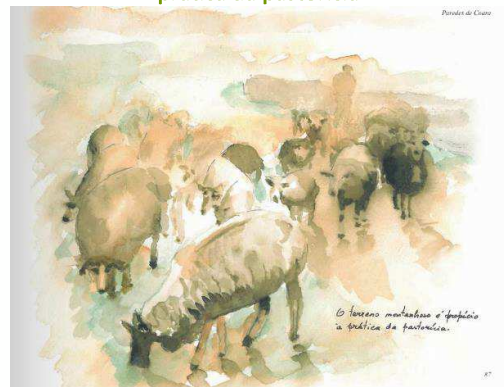


Ilustração 9 – “O Terreno Montanhoso é propício à prática da pastorícia”



Fonte: <http://pt.calameo.com/read/001994515342f7f9541ef>. Autor: Carlos Basto²²²

²²¹ Carlos BASTO - *Pelo Alto Minho*, CIM do Alto Minho, 2014, p. 83, 88.

²²² *Idem*, p. 83, 88.

Capítulo 4 – Esboço das Subunidades de Paisagem



Capítulo 4 – Esboço das Subunidades de Paisagem



223

“A paisagem não é natural. É construída com elementos naturais”²²⁴.

O presente capítulo, constituindo o objectivo principal desta fase de realização do Plano, ou seja, a identificação das subunidades de paisagem, cumpre, em simultâneo, o papel atribuído às conclusões. Na verdade, foi a partir do conhecimento, obtido através da análise de todas as componentes que integram o presente trabalho de caracterização do território, ao qual se juntaram as reuniões de participação pública e, ainda, as diversas visitas de campo, que foram identificadas as dez subunidades de paisagem que irão, na fase seguinte, ser objecto de discussão pública.

Definição de critérios

A paisagem vem sendo, cada vez mais, reconhecida como parte fundamental do nosso património natural, cultural e científico, bases da identidade territorial.²²⁵ E, porque assim é, urge promover a sua conservação e recuperação, ordenando-a e potenciando-a, porém, respeitando, sempre, as suas diferenças e o seu carácter.

O estudo “Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem de Portugal Continental”, de 2004, “*constitui uma base fundamental para a implementação da CEP e a operacionalização dos seus princípios*”²²⁶. Na metodologia definida, a equipa recorreu à conjugação das dimensões que incluem:

²²³ Vastus, Ld.^a 2002.

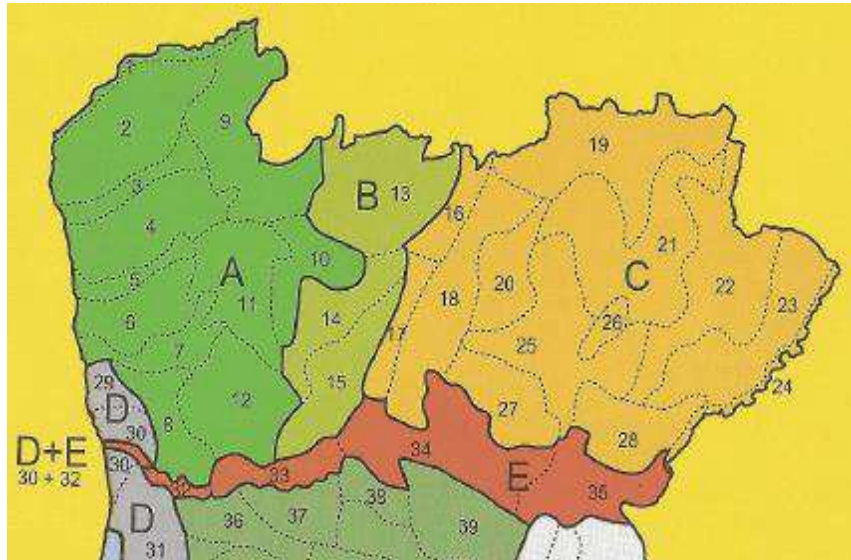
²²⁴ R. TELLES, “Pessoas e lugares, jornal de animação da rede portuguesa LEADER+”; II Série; Nº 16; Janeiro/Fevereiro; 2004.

²²⁵ Cancela de Abreu *et al*, *Contributo para a Identificação e Caracterização da Paisagem de Portugal Continental*. Lisboa: DGOTDU, 2004.

²²⁶ <http://www.dgterritorio.pt/>. 18.01.2017.

identidade, coerência de usos, riqueza biológica, raridade dos elementos e sensação provocada no observador, para definir, a nível nacional, grupos de unidades de paisagem.

Figura 133 - Unidades de Paisagem da Região Norte



Fonte: Contributo para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental, Volume I e II, DGOTDU, 2004, pp. 50.

Neste estudo, a região onde se insere Paredes de Coura integra o grupo de unidades de paisagem denominada de *Entre Douro e Minho – Grupo A*, subdividida por sua vez em 12 unidades de paisagem, caracterizadas por serem relativamente homogéneas, apresentando um padrão específico que se repete no seu interior e as diferencia das unidades envolventes. O concelho de Paredes de Coura integra, na sua totalidade, a unidade de paisagem 2 – *Entre Minho e Lima*, cujo carácter da paisagem “corresponde às encostas médias e altas, aos cabeços e cristas, que genericamente sobem dos 100 a um pouco mais de 800 metros. Trata-se de relevos expressivos, rasgados por algumas linhas de água (com destaque para o Coura, o Âncora e o Vez), com encostas no geral bastante inclinadas e zonas altas por vezes aplanadas.”.

O estudo em apreço considera que esta unidade paisagística tem uma identidade *média a baixa*, por força da sua grande diversidade interna (litoral/interior), apresentando traços comuns com outras unidades vizinhas e não apresentando, também por esse motivo, características únicas ou raras. É ainda caracterizada pela sua coerência de usos e adequação às características biofísicas do território e por

uma riqueza biológica *média*, em parte da unidade paisagística - como resultado da combinação de matos e matas, com o mosaico agro-pastoril -, que coexiste com uma riqueza biológica *média a elevada*, nos sítios integrados na Rede Natura 2000.

As características fisiográficas desta unidade paisagística, com a “*dominância de situações altas e sem obstáculos significativos leva que sejam comum nesta unidade as sensações de profundidade e grandeza associada à paisagem; ao contrário de um sentimento de calma e suavidade que se verifica em dias de primavera ou verão, é frequente no inverno a sensação de desconforto e de agressividade provocada pelo clima rigoroso, principalmente nas encostas e cabeços desarborizados, mais altos e expostos às intempéries*”.

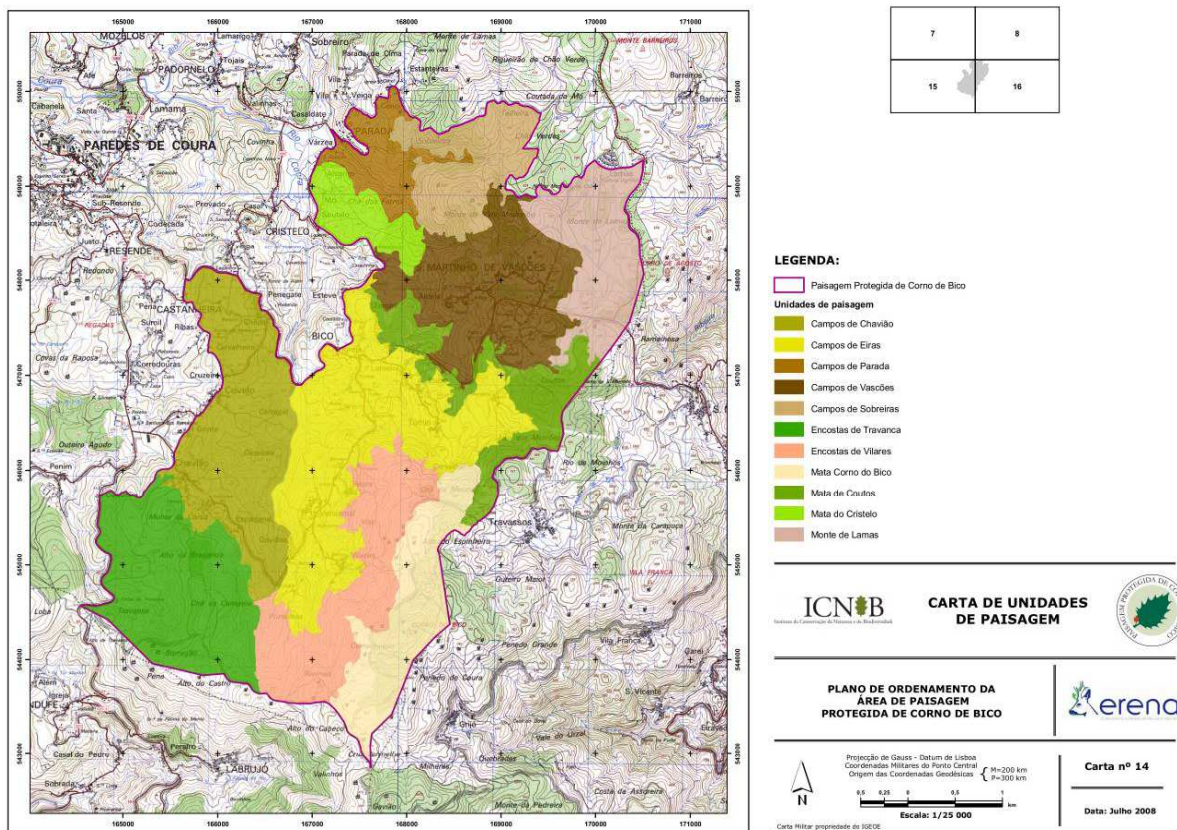
Figura 134 - Limites da Unidades de Paisagem 2



Fonte: Contributo para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental, Volume I e II, DGOTDU, 2004.

Refira-se ainda que, no território de Paredes de Coura, no âmbito do *Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida do Corno do Bico* foram definidas, para esta área protegida, um conjunto de unidades de paisagem, ou unidades paisagisticamente homogéneas, delimitadas após uma compilação de informação referente a diferentes componentes biofísicas, que resultaram na caracterização de onze unidades de paisagem: os Campos de Parada, os Campos de Sobreiras, a Mata de Cristelo, os Campos de Vascões, o Monte de Lamas, a Mata de Coutos, os Campos de Eiras, os Campos de Chavião, as Encostas de Vilares, a Mata do Corno do Bico, e as Encostas de Travanca, abaixo representadas, na figura 126.

Figura 135 - Carta das Unidades de Paisagem do POPPCB



Fonte: Carta nº 14 do Plano de Ordenamento da área de Paisagem Protegida de Corno de Bico. ERENA; ICNB.

Estas unidades de paisagem foram, posteriormente, valoradas, com base nos itens: diversidade, harmonia e identidade e, com base nesses critérios, assim classificadas: como *relevantes*, uma vez que proporcionam grandeza assinalável de cenários e, concomitantemente, conjugam padrões menos fragmentados com valores de diversidade apreciáveis, as unidades Campos de Parada, Mata do Corno de Bico e Mata de Coutos; e como *agradáveis*, as restantes unidades de paisagem. Nenhuma foi classificada como *excepcional*.

Identificação das subunidades de paisagem

A delimitação das dez subunidades de Paisagem definidas nesta fase do Plano e que serão apresentadas à população, para efeitos de discussão pública, relativamente aos seus limites, foram criadas tendo por base a análise de diversos factores, elementos ou componentes da paisagem, numa visão dinâmica da mesma que estará, como sempre esteve, em evolução constante.

Foram considerados como factores da paisagem aqueles que, em conjunto, definem a sua estrutura e cuja identificação permite a análise pormenorizada da paisagem. A sua escolha baseou-se nos estudos abióticos, principalmente, nos que respeitam à fisiografia do território, tais como: declives, exposições solares ou hipsometria. Para o efeito, procedeu-se à análise, com base na cartografia referida, da litologia, solos, altitude, relevo, zona climática homogénea, rede hidrográfica, ocupação actual dos solos, dimensão da unidade e recursos ecológicos presentes.

São estes elementos, de origem natural ou antrópica que, em conjunto, contribuem para estabelecer um padrão idóneo à caracterização de uma subunidade de paisagem e diferenciá-la das envolventes. Aos elementos analisados foi, ainda, adicionado um factor, com três graus de valoração, designado como *determinante*, *importante* e *complementar*. Com estas graduações tornam-se objectivas as características intrínsecas identitárias de cada subunidade, diferenciando-as entre si.

Algumas das subunidades paisagísticas aqui definidas têm, naturalmente, uma continuidade espacial para além dos limites municipais. Essas áreas não serão, no entanto, aqui apresentadas.

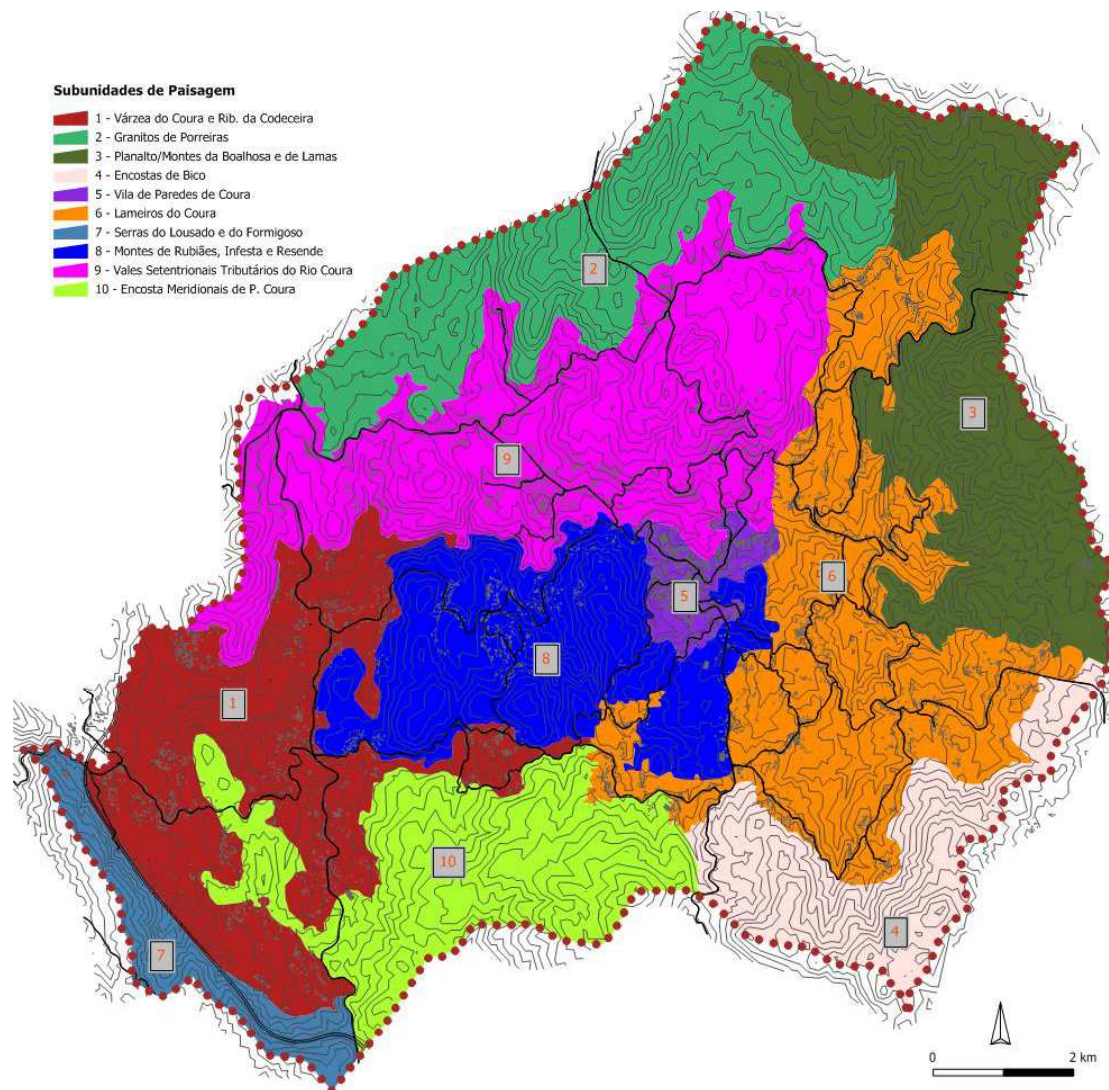
As dez subunidades de paisagem identificadas têm, pois, um padrão comum e traços distintivos entre si; incluem, no entanto, pequenas áreas que, podendo ser consideradas de transição, foram integradas nas subunidades definidas.

Na fase seguinte do plano serão desenvolvidos, do ponto de vista da caracterização, elementos que distinguem cada uma das subunidades, tais como os recursos

culturais, os valores patrimoniais e etnográficos existentes, os recursos naturais da fauna e da flora, entre outros.

No concelho foram individualizadas 10 subunidades de paisagem, com áreas de transição entre si. Duas subunidades de paisagem situam-se a norte do Rio Coura e cinco a sul: duas das quais, a nascente do rio Coura. O troço mais a jusante do rio Coura constitui-se como uma subunidade de paisagem.

Figura 136 - Subunidades de Paisagem



A **subunidade 1** corresponde à **várzea do Rio Coura e da Ribeira da Codeceira**, caracterizada pelo seu vale, onde a existência de fluvissois contribui para que seja nesta subunidade de paisagem onde se localizam algumas das áreas com melhor potencial agrícola, alternando com bouças e alguns aglomerados populacionais.

Esta subunidade ocupa cotas inferiores a 300 m de altitude e inclui o troço final do rio Coura no concelho. Do ponto de vista dos recursos ecológicos, integra solos da Reserva Agrícola e o corredor ecológico do Rio Coura.

A **subunidade 2 - Granitos de Porreiras** - caracterizada por uma extensa área de afloramentos rochosos, corresponde a um relevo de montanha com altitude até aos 800 metros de altitude, oferecendo excelentes linhas panorâmicas para grande parte do concelho. Do ponto de vista da ocupação do solo, predominam os matos e incultos, sendo as áreas agrícolas, florestais e residenciais praticamente inexistentes.

A **subunidade 3 – Planalto/Montes da Boalhosa e de Lamas** - caracteriza-se por ser uma área planáltica, cujas cotas variam entre os 500 e os 800 metros, correspondendo às cabeceiras orientais do Rio Coura onde, para além das áreas incultas e de áreas florestais, se destaca a subsistência de áreas agrícolas de montanha. Apesar da inexistência de áreas residenciais significativas nos seus limites, é de salientar a existência da colónia agrícola de Vascões.

A **subunidade 4 – Encostas de Bico** – compreende, na sua parte nascente, o sítio da Rede Natura 2000 “Corno do Bico”, que atinge os 875m de altitude. Constitui uma área com elevado valor ecológico e paisagístico, com particular destaque para os seus carvalhais (carvalho-alvarinho) e azevinhos, pelo que, a sua fruição deverá ter sempre como limite, o respeito por este potencial natural. Sendo uma área montanhosa granítica, cabeceira de importantes linhas de água é, nos seus cumes e ribanceiras, pontuada por blocos graníticos, denominados por “caos de blocos”, apresentando elevada expressão visual.

Na **Subunidade 5** que se desenvolve numa área planáltica, entre cotas com 300m e 500m, situa-se a **Vila de Paredes de Coura**, onde é predominante o tecido urbano, com algumas pequenas cumeeiras com um domínio sobre a paisagem urbana. Esta subunidade de pequena dimensão ocupa uma posição geográfica central no contexto do território municipal.

A **subunidade 6** corresponde aos “**Lameiros do Coura**”, sendo caracterizada pelo típico mosaico agro-florestal, bosques de folhosas, campos agrícolas, prados e pastagens, distribuídos pelo relevo ondulado, elementos que lhe conferem uma

heterogeneidade e singularidade paisagística. Esta subunidade localiza-se entre as cotas de 300m e 600m, num relevo de encostas armadas de antrossolos, cambissolos e regossolos, com uma rede hidrográfica densa e superficial, de carácter permanente/temporário que lhe confere um carácter agrícola. Do ponto de vista da ocupação humana mantém vestígios, mais ou menos inalterados, de um tipo de povoamento de montanha, constituído por pequenos lugares ou casais, que se implantam muito próximos uns dos outros.

A **subunidade 7** corresponde às encostas NE das **Serras do Lousado e do Formigoso**, e caracteriza-se pelos pequenos relevos consecutivos de natureza xistenta, orientados na direcção NO/SE cujas cotas variam entre os 200 e os 500 metros. Engloba, na sua pequena dimensão, o corredor ecológico do rio Coura e as suas cabeceiras. Esta pequena subunidade é constituída por zonas florestadas de produção e por matos e afloramentos rochosos, estabelecendo uma relação visual com a Serra de Arga.

Os denominados **Montes de Rubiães, Infesta e Resende**, correspondem à **subunidade 8**, que varia entre as cotas próximas dos 200m, junto ao Rio Coura e, os quase 600 metros de altitude, em algumas cumeeiras. Distingue-se das subunidades adjacentes pela ondulação do terreno em função das linhas de fecho, com orientação transversal ao rio Coura. Estas encostas graníticas e de xisto, onde predominam os campos agrícolas e as áreas florestais de produção, são pontuadas por pequenos lugares predominantemente concentrados.

A **subunidade 9** corresponde aos **Vales Setentrionais Tributários do Rio Coura**, variando também estas encostas entre os 200m e os 600m de altitude, a norte do rio Coura. Com uma litologia mista entre o granito e o complexo xisto-migmático, apresenta uma rede hidrográfica pouco densa, temporária e superficial. Sendo a subunidade mais extensa do território, apresenta características de vale aberto e extenso, predominantemente agrícola e florestal, nas cotas mais elevadas, com uma ocupação populacional considerável, assente num povoamento tendencialmente disperso.

A **subunidade 10** corresponde às **Encostas Meridionais de Paredes de Coura**, apresenta uma variação altimétrica entre os 200m e os 700m de altitude, numa área de serra onde se concentra grande parte da área concelhia dedicada á floresta de

produção, sobretudo pinheiros e eucaliptos, que coexistem com abundantes áreas de matos. Nesta subunidade, que delimita a bacia hidrográfica do rio Coura, ocorrem importantes cabeceiras de linhas de água.

Tabela 19 - Grilha de Factores Caracterizadores da Paisagem

Subunidades de Paisagem		FACTORES									
Id	Designação	Litologia	Solos	Altitude (m)	Relevo	Zona Climática Homogénea	Hidrografia	Ocupação do Solo	Dimensão	Recursos Ecológicos	
1	Várzea do Couira e Rib. da Codeceira	Complexo xisto-migmático; Granito alcalino de grão médio	Regossolos; Antrossolos; Fluvissois - aluviões	< 300	Vale	Terra temperada Atlântica	Densa, temporária/ permanente, superficial	Agroflorestal	Média	RAN; Áreas de Máxima Infiltração; Corredor Ecológico Rio Couira (PROF-AM); Rio Couira;	
2	Granitos de Porreiras	Granito alcalino de grão médio; Granito gnáissico; Granito granodiorito	Afloramentos rochosos	300-800	Montanha	Terra de Transição; Terra Temperada Fria	Pouco densa, temporária/ permanente e superficial	Matos e Incultos	Média	RAN; Cabeceiras de Linhas de Água; Caos de blocos graníticos;	
3	Planalto/Montes da Boalhosa e de Lamas	Complexo de xisto-migmático; Granito granodiorito; Granito calco-alcalino porfírido de grão grosseiro	Regossolos; Afloramentos rochosos	500-800	Planalto	Terra de Transição; Terra Temperada Fria	Pouco densa, permanente e superficial	Matos e Floresta	Média	RAN; Cabeceiras de Linhas de Água; Corredor Ecológico Rio Couira (PROF-AM); Caos de blocos graníticos; PCB; Rede Natura 2000;	
4	Encostas de Bico	Granito calco-alcalino porfírido de grão grosseiro	Antrossolos; Afloramentos rochosos	< 875	Montanha	Terra de Transição; Terra Temperada Fria	Densa, temporária e superficial	Floresta	Pequena	Cabeceiras de Linhas de Água; Corredor Ecológico Rio Couira e Mata Modelo (PROF-AM); Caos de blocos graníticos; PCB; Rede Natura 2000;	
5	Vila de Paredes de Couira	Granito calco-alcalino porfírido de grão grosseiro	Antrossolos; Afloramentos rochosos	300-500	Planalto	Terra de Transição; Terra Temperada Fria	Pouco densa, permanente e profunda	Urbano	Pequena	Corredor Ecológico Rio Couira (PROF-AM); Rede Natura 2000; Rio Couira;	
6	Lameiros do Couira	Granito calco-alcalino porfírido de grão grosseiro; Complexo xisto-migmático	Antrossolos; Cambissolos; Regossolos	300-600	Encostas amadas	Terra de Transição	Densa, permanente/ temporária, superficial	Agrícola	Extensa	RAN; Áreas de Máxima Infiltração; Corredor Ecológico Rio Couira (PROF-AM); PCB; Rede Natura 2000; Rio Couira;	
7	Serras do Lousado e do Formigoso	Complexo xisto-migmático	Afloramentos rochosos	200-500	Serra	Terra Temperada Atlântica	Densa, temporária e superficial	Matos e Floresta	Pequena	Cabeceiras de Linhas de Água; Corredor ecológico Rio Couira (PROF-AM); Risco de Erosão; Rio Couira;	
8	Montes de Rubiães, Infesta e Resende	Granito calco-alcalino porfírido de grão grosseiro; Granito alcalino de grão médio; Complexo xisto-migmático; Granito granodiorito	Antrossolos; Regossolos; Fluvissois; Afloramentos rochosos	200-600	Encostas	Terra Temperada Atlântica; Terra de Transição	Pouco densa, permanente e profunda	Agrofloresta	Média	RAN; Áreas de Máxima Infiltração; Corredor Ecológico Rio Couira (PROF-AM); Caos de blocos graníticos; Rede Natura 2000; Rio Couira;	
9	Vales Setentrionais Tributários do Rio Couira	Granito calco-alcalino porfírido de grão grosseiro; Granito granodiorito; Granito gnáissico	Antrossolos; Fluvissois; Cambissolos; Regossolos	200-600	Encostas	Terra Temperada Atlântica; Terra de Transição	Pouco densa, temporária e superficial	Agroflorestal	Extensa	RAN; Áreas de Máxima Infiltração; Zonas Ameaçadas pelas Cheias; Corredor Ecológico Rio Couira (PROF-AM); Rede Natura 2000; Rio Couira;	
10	Encostas Meridionais de P. Couira	Complexo xisto-migmático; Granito alcalino de grão médio; Filões de microdiorito quartzífero	Afloramentos rochosos	200-700	Serra	Terra Temperada Atlântica; Terra de Transição; Terra Temperada Fria	Densa, temporária/ permanente e superficial	Floresta e Matos	Média	Cabeceiras de Linhas de Água;	

1	Determinante	2	Importante	3	Complementar
---	--------------	---	------------	---	--------------



Bibliografia

- “*Portugaliae Monumenta Historica*”. Inquisitiones, vol. III.
- AMIGO, J., IZCO, J., GUITIÁN, J., & ROMERO, M.I. (1998). “*Reinterpretación del Robledal Termófilo Galaico-Portugués: Rusco aculeati-Quercetum roboris*”. *Lazaroa*, 19.
- AAP (Associação dos Arquitectos Portugueses) (1988). “*Arquitectura Popular em Portugal*” – 1º Volume. AAP.
- AGROCONSULTORES; GEOMETRAL (1999). “*Carta de Solos e Carta de Aptidão da Terra para a Agricultura para o Entre Douro e Minho. Memórias*”. Direcção Regional de Agricultura de Entre-Douro e Minho.
- ALARCÃO, Jorge de (1998). “*Paisagem Rural Romana e Alto-Medieval em Portugal*”. *Conimbriga: revista do Instituto de Arqueologia*, XXXVII. Univ. Coimbra.
- AMVM (Associação de Municípios do Vale do Minho) (2011). “*Roteiros Vale do Minho – Paredes de Coura*”. Ed. Associação de Municípios do Vale do Minho. Valença.
- ANDRADA, Eduardo de Campos (1982). “*80 Anos de Actividade na Correção Torrencial – Hidráulica Florestal – (1901-1980)*”. Direcção-Geral das Florestas, Lisboa.
- ARH (Administração da Região Hidrográfica do Norte) (2012). “*Plano de Gestão da Região Hidrográfica Minho Lima. Relatório de Base*.” ARH, Porto.
- BAGGIOLINI M.; BOLAY A.; BOVAY E.; CORBAZ R.; MATHYS G.; MEYLAN A.; MURBACH R.; PELET F.; SAVARY G.; TRIVELL G. (1979). “*La Défense des Plantes Cultivées*”. Éditions Payot Lausanne, Paris.
- BASTO, Filipe Theotonio P. X. de (1943). “*Torrencialidade. Significado de Torrente*”. Vol, X – Tomo I. Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Lisboa.
- BRANDÃO, Maria José da C. (1998). “*Efemérides de Coura*” 3ª edição. Ed. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.

- BRILHA, J. (2005). *“Património Geológico e Geoconservação – A conservação da Natureza na sua vertente geológica”*. Palimage Editores, Braga, 190 p
- CABRAL, João de Pina (1989). *“Filhos de Adão, Filhas de Eva – a visão do mundo camponesa no Alto Minho”*. D. Quixote.
- CALDAS, Eugénio de Castro (1998). *“A Agricultura na História de Portugal”*. E.P.N., Lda., Lisboa.
- CAPELA, José V. (2005). *“As Freguesias do Concelho de Paredes de Coura nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto Minho: Memória, História e Património”*. Ed. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CAPELO, J., MESQUITA, S., COSTA, J.C., RIBEIRO, S., ARSÉNIO, P., NETO, C., MONTEIRO-HENRIQUES, T., AGUIAR, C., HONRADO, J., ESPÍRITO-SANTO, D., & LOUSÃ, M. (2007). *“A Methodological Approach to Potential Vegetation Modeling Using GIS Techniques and Phytosociological Expert-Knowledge: Application to Mainland Portugal”*. *Phytocoenologia*, 37.
- CARCAVILLA, L.; LÓPEZ J.; DURÁN J. (2007). – *“Patrimonio geológico y geodiversidad: investigación, conservación, gestión y relación con los espacios naturales protegidos”*. Cuadernos del Museo Geominero, IGME, Madrid. ISBN 978-84-7840-710-1
- CCDRN (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte) (2006). *“Plano Regional de Ordenamento do Território para a Região do Norte. Termos de Referência”*. CCDRN, Porto.
- COSTA, J.C., AGUIAR, C., CAPELO, J., LOUSÃ, M., & NETO, C. (1999). *“Biogeografia de Portugal Continental”*. *Quercetea*, 0.
- COSTA, J.C., MONTEIRO-HENRIQUES, T., BINGRE, P., & ESPÍRITO-SANTO, M.D. (2015). *“Warm-Temperate Forests of Central Portugal: A Mosaic of Syntaxa. Warm-Temperate Deciduous Forests around the Northern Hemisphere”* (ed. by E.O. Box and K. Fujiwara), Springer, <http://www.springer.com/us/book/9783319012605>.
- COSTA, J.C., NETO, C., AGUIAR, C., CAPELO, J., ESPÍRITO-SANTO, M., HONRADO, J., PINTO-GOMES, C., MONTEIRO-HENRIQUES, T., SEQUEIRA, M., & LOUSÃ, M. (2012). *“Vascular Plant Communities in Portugal (Continental, The Azores and Madeira)”*. *Global Geobotany*, 2.

- CIBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos), (2007). “*O Plano Sectorial da Rede Natura 2000 e os Planos Directores Municipais no Vale do Minho*”. CIBIO, Universidade do Porto, Porto.
- CLAUDIO, Mário (2013). “*Coura uma Fotobiografia*”. Ed. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CMPC (Câmara Municipal de Paredes de Coura) (1987). “*Foral da Terra de Coura*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CMPC (Câmara Municipal de Paredes de Coura) (1995). “*Plano Director Municipal de Paredes de Coura*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CMPC (Câmara Municipal de Paredes de Coura) (2013). “*Aquilino Ribeiro em Terras de Coura. Comemorações do Cinquentenário da Morte de Aquilino Ribeiro*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CMPC/GABINETE DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO (1993/94). “*Cadernos de Arqueologia e Património 2/3*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CMPC/GABINETE DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO (1994). “*Monografias - 2. O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CMPC/GABINETE DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO (1995/97). “*Cadernos de Arqueologia e Património 4/6*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CORREIA, Alberto (2003). “*Viajar com.... Aquilino Ribeiro*.” Edições Caixotim.
- COSTA, J. E. Caldas da (Coment.) (1987). “*Foral da Terra de Coura – Leituras e Notas*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- CUNHA, Narcizo C. A. (1ª edição de 1909); ilustração de Bastos, Carlos, (Reedição de 2010). “*No Alto Minho. Paredes de Coura*”. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.

- DEPARTAMENTO DE TERRITORIO Y SOSTENIBILIDAD (2015). “*Catálogo de Paisaje de les Comarques Centrals - Memòria I*”. Generalitat de Catalunya. Catalunha.
- DGRF (Direcção-Geral dos Recursos Florestais), DRAEDM (Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho) e UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), (2006). “*Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alto Minho - Proposta de Plano*”.
- DINIS, António. P. (2001). “*O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*”. Monografias. Cadernos de Arqueologia da UAUM, Univ. Minho, Braga.
- DIRECÇÃO-GERAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO URBANO (DGOTDU) (2011). “*A Paisagem na Revisão dos PDM – Orientações para a Implementação da Convenção Europeia da Paisagem no Âmbito Municipal*”. DGOTDU, Lisboa.
- DIRECÇÃO-GERAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO URBANO (DGOTDU) (2004). “*Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*”, Volume I, Coleção Estudos 10, DGOTDU, Lisboa.
- DIRECÇÃO-GERAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO URBANO (DGOTDU) (2004). “*Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*”, Volume II, Coleção Estudos 10, DGOTDU, Lisboa.
- ERENA (2008). “*Plano de Ordenamento e Gestão da Paisagem Protegida de Corno do Bico. 2ª Fase – Diagnóstico*”. Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade.
- ERENA (2008). “*Plano de Ordenamento e Gestão da Paisagem Protegida de Corno do Bico. 1ª Fase – Caracterização. Parte1 Estudos de Base*”. Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade.
- ESPÍRITO-SANTO, M.D., RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ, P.M., & BINGRE, P. (2002). “*Amiais Paludosos de Portugal Continental*”. Quercetea, 3.
- FADIGAS, Leonel (2011). “*Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem*”. Sílabo, 2ª Edição, Lisboa.

- FARINHA, J. Carlos (Coord.) (2000). *“Percurso. Paisagens & Habitats de Portugal”*. Edição Assírio & Alvim.
- FERREIRA, Maria da Conceição F. (1998). *“O Linho na Tradição”*.
- Flora-On (online) *Flora Interactiva de Portugal*. Sociedade Portuguesa de Botânica, <http://www.flora-on.pt/>.
- FONTELO, Eduarda (2007). *“Plano de Acção da Colonia Agrícola de Chã de Lamas – Estratégia para a Salvaguarda da Paisagem”*. Setepés, Adriminho.
- FORTE, J. (2014). *“Avaliação quantitativa da geodiversidade: Desenvolvimento de instrumentos metodológicos com aplicação ao ordenamento do território”*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Minho, 286 p.
- GODJA, M. (2004). *“Landscape Archaeology. In: KNOWLEDGE FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT An Insight into the ENCYCLOPEDIA OF LIFE SUPPORT SYSTEMS”*. Volume I, (4), UNESCO Publishing-Eolss Publishers: Oxford.
- GRALHEIRO, Jaime (2002). *“Comentário à Nova Lei dos Baldios (Lei nº 68/93, 4 de Setembro)”*. Almedina, Coimbra.
- GRAY, M. (2004). *“Geodiversity – valuing and conserving abiotic nature”*. John Wiley & Sons, Inglaterra, 434 p.
- GRAY, M.; GORDON, J.; BROWN, E. (2013). *“Geodiversity and the ecosystem approach: the contribution of geoscience in delivering integrated environmental management”*. Proceedings of the Geologists Association, 124: 659-673. [Acedido em 1 de Abril de 2017].
- GUTIERRES, F.R., GABRIEL, L., EMÍDIO, A., MENDES, P., NETO, C., & REIS, E. (2015). *“Modelação Preditiva da Vegetação Natural Potencial do Concelho de Loures”*. Finisterra, 50.
- HONRADO, J. (2003). *“Flora e Vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês”*. PhD Thesis, Univ. do Porto, FCUP, Porto.
- HONRADO, J., ALVES, J., ALVES, H.N., & BARRETO CALDAS, F. (2004). *“A Vegetação do Alto Minho”*. Quercetea, 5.
- HONRADO, J., ALVES, P., ALVES, H.N., & BARRETO CALDAS, F. (2002a). *“Ten New Syntaxa from the Miniensean Biogeographic Subsector (Northwestern Portugal)”*. Silva Lusitana, 10.

- HONRADO, J., BARRETO CALDAS, F., PULGAR, Í., & ORTIZ, S. (2002b). "*Aspectos Geobotânicos do Parque Nacional da Peneda-Gerês*". *Quercetea*, 3.
- ICNB (Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade) (2006). "*Plano Sectorial da Rede Natura. Volume I – Relatório*". Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade. Lisboa.
- ICNB (Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade). (online). "*Ficha de Espécies. Plano Sectorial da Rede Natura 2000*". Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas.
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (Vários anos). "*Anuário Estatístico da Região Norte*". Instituto Nacional de Estatística, I.P. Lisboa.
- INE, (Instituto Nacional de Estatística) (1989/1999/2009). "*RGA - Recenseamento Geral Agrícola*". Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- INE, (Instituto Nacional de Estatística) (2001). "*Censos 2001 - Região do Norte*". Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- INE, (Instituto Nacional de Estatística). "*Censos 1981, 1991- Resultados Definitivos – Região do Norte*". Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- INGOL, T. (2011). "*Being Alive Essays on Movement, Knowledge and Description*". Routledge, Londres e Nova Iorque.
- INSTITUTO DA ÁGUA (2001). "*Plano da Bacia Hidrográfica do Rio Minho – Relatório Final*". Instituto da Água. Lisboa.
- INSTITUTO DE ESTUDOS DO TERRITÓRIO (2016). "*Catálogo das Paisaxes de Galicia*". Consellería do Medio Ambiente e Ordenación do Territorio, Xunta de Galicia. Galiza.
- INSTITUTO DE ESTUDOS DO TERRITÓRIO (2016). "*Catálogo paisaxístico da comarca de Deza – Memoria*". Consellería do Medio Ambiente e Ordenación do Territorio, Xunta de Galicia, Galiza.
- JOHANSSON, C.; ANDERSEN, S.; ALAPASSI, M. (1999). "*Geodiversity in the Nordic Countries*". *ProGeo Newsletter* 1: 1-3. [Acedido em 1 de Abril de 2017]. <http://www.sgu.se/hotell/progeo/news/1999/pgn199.pdf>
- JORGE, Vítor O. (1989). "*Arqueologia Social dos Sepulcros Megalíticos Atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais*". *Revista da Faculdade de Letras – Série de História, II Série, VI, FLUP, Univ Porto, Porto*.

- KIPPLE, Kenneth F. (2008). *“Uma História Saborosa do Mundo. Dez Milénios de Globalização Alimentar”*. Casa das Letras, Cruz Quebrada.
- MACHADO, Aquilino (2013). *“O território literário da Casa Grande de Romarigães”*.
- MARTINS, Manuela (1990). *“O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado”*. (Cadernos de Arqueologia, Monografias 5), Univ. Minho, Braga.
- MARTINS, Oliveira (1994). *“Fomento Rural e Emigração”*. Guimarães Editores, 3ª Edição, Lisboa.
- MACHADO, A. (1920). *““Briófitas” Colhidas no Concelho de Paredes de Coura”*. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 28.
- MESQUITA, S. (2005). *“Modelação Bioclimática de Portugal Continental”*. MSc Thesis, IST-UTL, Lisboa.
- MONTEIRO-HENRIQUES, T. (2010). *“Fitossociologia e Paisagem da Bacia Hidrográfica do Rio Paiva e das Bacias Contíguas da Margem Esquerda do Rio Douro, desde o Paiva ao Rio Tedo (Portugal)”*. PhD Thesis, Univ. Tecn. de Lisboa, ISA, Lisboa.
- MONTEIRO-HENRIQUES, T., MARTINS, M.J., CERDEIRA, J.O., SILVA, P.C., ARSÉNIO, P., SILVA, Á., BELLU, A., & COSTA, J.C. (2016). *“Bioclimatological Mapping Tackling Uncertainty Propagation: Application to Mainland Portugal”*. *International Journal of Climatology*, 36.
- NETO, C., COSTA, J.C., CAPELO, J., GASPAR, N., & MONTEIRO-HENRIQUES, T. (2007). *“Os Sobreirais da Bacia Ceno-Antropozóica do Tejo (Província Lusitano-Andaluza Litoral), Portugal”*. *Acta Botanica Malacitana*, 32.
- NETO, C., PEREIRA, E., REIS, E., COSTA, J.C., CAPELO, J., & HENRIQUES, C. (2008). *“Carta da Vegetação Natural Potencial de Caldas da Rainha”*. *Finisterra*, 43.
- NIETO, L. (2004). *“Aproximacion al concepto de geodiversidade”*. In: MONDEJAR, G; REMO, A. *El patrimonio geológico: Cultura, Turismo y Medio Ambiente*. Actas V Reunion Nacional de la Comision de Patrimonio Geológico. Madrid: 117- 123.

- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1983). "*Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Moagem*". Ed. INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- PACHECO, José A. (2012). "*Crónicas com Coura Dentro*". Ed. Azevinho. Paredes de Coura.
- PACHECO, José A. (2015). "*Tempos da Terra de Coyra*". Câmara Municipal de Paredes de Coura/Nova Veja, Paredes de Coura.
- PEREIRA, C.L. (1920). "A Flora do Concelho de Paredes de Coura". *Boletim da Sociedade Broteriana*, 28.
- PEREIRA, Benjamim; desenhos de GALHANO, Fernando; Costa, Manuela (1990). "*Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Serração de Madeiras*". Ed. INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- PEREIRA, Benjamim; RODRIGUES, Joana; ALMEIDA, Aníbal (s\l d). "*Evocações do Mundo Agrícola de Paredes de Coura*". Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- PINHO, A.J. Oliveira (1993). "*Compêndio de Ampelologia*". Vol. I. Figueirinhas, Lisboa.
- PINTO, J. Marcelo. M. (1995). "*O povoamento da bacia superior do rio Sousa: Da proto-história à romanização*". Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Actas do 1º congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. V, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.
- PORTELA, José (1993). "*Dois contributos para um livro branco sobre a agricultura e o meio rural*". Ministério da Agricultura, Lisboa.
- PORTELA-PEREIRA, E. (2013). "*Análise Geobotânica dos Bosques e Galerias Ripícolas da Bacia Hidrográfica do Tejo em Portugal*". PhD Thesis. Univ. de Lisboa, IGOT, Lisboa.
- REIS, Jaime (1979). "*A Lei da Fome: As Origens do Protecționismo Cerealífero(1889-1914)*". *Análise Social*, Vol. XV, 1997 – 4ª Edição.
- RIBEIRO, Aquilino (1957). "*A Casa Grande de Romarigães*". Livraria Bertrand.
- RIBEIRO, Orlando (1992). "*Geografia e Civilização*". Livros Horizonte, Lda., 2ª Edição, Lisboa.

- RIBEIRO, Orlando (1998). "*Portugal O Mediterrâneo e o Atlântico*". Livraria Sá da Costa, 7ª Edição, Lisboa.
- RIVAS-MARTÍNEZ, S., PENAS, A., DÍAZ GONZÁLEZ, T.E., DEL RIO, S., CANTÓ, P., HERRERO, L., PINTO-GOMES, C., & COSTA, J.C. (2014). "*Biogeography of Spain and Portugal*". Preliminary Typological Synopsis. *International Journal of Geobotanical Research*, 4.
- RIVAS-MARTÍNEZ, S., RIVAS-SAENZ, S., & PENAS, A. (2011). "*Worldwide Bioclimatic Classification System*". *Global Geobotany*, 1.
- RODRIGUES, Henrique (2009). "*Geografia da população emigrante do Noroeste de Portugal no século XIX - uma abordagem às actividades profissionais*." Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães - Do Absolutismo ao Liberalismo, vol. IV. Câmara Municipal de Guimarães.
- ROJAS, J. (2005). "*Los desafíos del estudio de la geodiversidad*". *Revista Geográfica Venezolana* 46, 1: 143-152. [Acedido em 2 de Abril de 2017]. <http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/24639/2/nota2.pdf>.
- ROSS, J. (1992). "*O registo cartográfico dos fatos geomorfológicos e a questão da taxonomia do relevo*". *Revista do Departamento de Geografia. São Paulo*, no 6: 17-29. [Acedido em 7 de Abril de 2017]. <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/245/224>.
- ROUGERIE, G. e BEROUTCHACHVILI, N.; (2001). "*Géosystèmes et Paysages. Bilan et Méthodes*". Ed. Armand Colin. Paris.
- SAMPAIO, G. (1920). "*“Líquenes” das Regiões de Paredes de Coura*". *Boletim da Sociedade Broteriana*, 28.
- SAMPAIO, Alberto (1979). "*As vilas do Norte de Portugal*". Documenta Histórica, Lisboa.
- SAMPAIO, Jorge P.; ROMÃO, Rui, L. (2007). "*A Sombra das Casas*". Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- SANTOS, Carlota M. F. (1999). "*Santiago de Romarigães, Comunidade Rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia (1640-1872)*". *Paredes de Coura: Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho/Câmara Municipal de Paredes de Coura*.
- SERRANO, S. & FLAÑO, P. (2007). "*Geodiversity: Concept, assessment and territorial application. The case of Tiermes-Caracena (Soria)*". *Boletín de la A.G.E. No 45: 389-393*. [Acedido em 2 de Abril de 2017]. <http://age.ieg.csic.es/boletin/45/19-geodiversity.pdf>

- SERÉN, Maria do Carmo (2010). *“Deambulações no Tempo. Retórica de uma Memória de Paredes de Coura”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- STRAHLER, A.N. (1957). *“Quantitative Analysis of Watershed Geomorphology”*. *Americ. Geophysical Union Transactions*, 38.
- STRAHLER, A. & STRAHLER, A. (2002). *“Physical Geography: Science and Systems of the Human Environment”*. Second Edition. John Wiley & Sons, Inc.
- SILVA, Carlos A. M. G.; ROMÃO, Rui L. (2007). *“Paredes de Coura nos Caminhos e Santiago”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- SILVA, Carlos A. M. G.; ROMÃO, Rui L. (2009). *“A Memória dos Templos”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- SILVA, Fátima M. (Coord.) (2007). *“Museu Regional de Paredes de Coura (catálogo)”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- SILVA, M. Fátima M. (2015). *“Montes, Pedras e Gente – A Ocupação Proto-Histórica do Vale Superior do Coura”*. Ed. Idioteque.
- SILVA, M. Fátima M.; SILVA Carlos A. M. G. (1998). *“O Povoado fortificado de Cossourado – Retractos de um Habitat da Idade do Ferro”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- SILVA, M. Fátima M.; SILVA, Carlos A. M. G. (2007). *“Carta Arqueológica de Paredes de Coura”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- SIMÕES, Maria Alexandra F. (2014). *“Os festivais de verão, o turismo em espaço rural e o desenvolvimento de territórios rurais: o caso de Paredes de Coura”*. Dissertação de Mestrado, UMinho, Braga.
- STOCKLER, C. (2000). *“Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral”, al-madan*, II série, 9, Almada.
- TELLES, Ribeiro. (2004). *“Pessoas e lugares, jornal de animação da rede portuguesa LEADER+”*. II Série, Nº 16; Janeiro/Fevereiro.
- VASTUS, Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda. (2004). *“Estudos de Caracterização do Território – PDM de Paredes de Coura”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.

- VASTUS, Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda. (2004). *“Linhas de Orientação Estratégicas - PDM de Paredes de Coura”*. Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- ZOIDO, Florencio, *et al* (2013). *“Diccionario de Urbanismo. Geografía Urbana y Ordenación del Territorio”*. Ediciones Cátedra. Grandes Temas. Madrid.

Equipa técnica

A equipa técnica é constituída por técnicos que integram as diversas entidades envolvidas, a saber:

Leiras do Carvalho, Lda

Coordenação	
Professora Doutora em Morfologia Urbana	Isabel Maria Matias
Geógrafo	Pascal de Moura Pereira
Planeamento Regional e Urbano	Susana Peixoto
Arquitecta Paisagista	
Mestre em Planeamento Regional e Urbano	Carla Gonçalves
Arquitecta Paisagista Estagiária	Paula Mendes
Arqueólogo	José Ribeiro
Arquitecto	Adriano Manuel Borges
Geógrafo	
Doutor em Ciências, especialidade de Geologia	João Forte
Geobotânico	
Doutor em Geografia Física	Estevão Portela-Pereira
Revisão de texto	Maria José Fontelo Carranca

Valminho Florestal

Presidente da Direcção	
Mestre em Desenvolvimento Local	Luís Alberto Brandão

Centro de Estudos Arnaldo Araújo

Investigadora Responsável	Maria Helena Maia
---------------------------	-------------------

Câmara Municipal de Paredes de Coura

Chefe de Divisão Urbanismo e Ambiente/Arquitecta	Eduarda Fontelo Martins
Assistente Técnico - Desenhador	Paulo Jorge Caldas
Assistente Técnico – Técnico de Ambiente	Mário Pedro Sousa
Fiscal Municipal	José Manuel Sousa

Anexo – Cartografia temática

A - Componentes Físicas Abióticos

A1 – Planta de Festos e Talvegues

A2 – Planta Hipsométrica

A3 – Planta das Sub-bacias Hidrográficas do Rio Coura

A4 – Planta de Declives

A5 – Planta de Orientação de Encostas

A6 – Planta Geológica

A7 – Planta das Unidades Geomorfológicas

A8 – Planta da Geodiversidade

B - Componentes Físicas Bióticos

B1 – Planta de Espaços Naturais protegidos e *Habitats*

B2 – Planta da Ocupação do Solo

C - Povoamento

C1 – Planta da Distribuição do Povoamento

C2 – Planta da Densidade Populacional por Subsecção Estatística

D - Actividades

D1 – Planta de Usos Florestais

D2 – Planta de Regime Florestal

E - Infra-estruturas

E1 – Planta da rede viária

E2 – Planta das redes de Infra-estruturas

F - Subunidades de Paisagem

F1 – Esboço das Subunidades de Paisagem